

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARINETE TAVARES CAPUTO SILVA

**A RECEPÇÃO LEITORA NAS DIVERSAS LINGUAGENS DE
O CAÇADOR DE PIPAS: DO ROMANCE À HQ E AO FILME**

GUARULHOS

2020

MARINETE TAVARES CAPUTO SILVA

**A RECEPÇÃO LEITORA NAS DIVERSAS LINGUAGENS DE
O CAÇADOR DE PIPAS: DO ROMANCE À HQ E AO FILME**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da EFLCH – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Unifesp – Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Ramazzina Ghirardi

GUARULHOS

2020

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

Caputo, Marinete

A recepção leitora nas diversas linguagens de *O caçador de pipas*: do romance, à HQ e ao filme

Marinete Tavares Caputo Silva – Guarulhos, 2020.

p. 217

Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2020.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Ramazzina Ghirardi

Título em inglês: Reader's reception of *The Kite Runner* in different languages: from novel to comic book to movie

1. Intermedialidade 2. recepção leitora 3. Ensino Médio 4. Sequência Didática 5. *O caçador de pipas*

Marinete Tavares Caputo Silva

**A recepção leitora nas diversas linguagens de *O caçador de pipas*:
do romance, à HQ e ao filme**

Aprovação: ____/____/____

Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Ramazzina Ghirardi

Presidente da Banca (orientadora)

Universidade Federal de São Paulo

Prof.^a. Dr.^a Vanda Maria Elias

Titular interno

Universidade Federal de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Ana Elvira Gebara

Titular externo

UNICSUL/FGV

Prof.^a Dr.^a Gloria Carneiro do Amaral

Suplente

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Dedico este trabalho ao meu marido Murilo, aos meus filhos Amanda e Vítor pelo amor e pelo incentivo de sempre. Aos meus pais que estariam orgulhosos. À minha orientadora que me incentivou desde o começo e aos alunos que fizeram parte da minha vida como educadora, os quais sempre me inspiraram profundamente.

AGRADECIMENTOS

Nesta minha trajetória, tenho muito a agradecer, especialmente, aos meus pais, que já não estão mais aqui para presenciar este momento. Duplamente à minha mãe, que teve um papel fundamental para que ele acontecesse: amava ouvir e contar histórias e sempre me incentivou no caminho da leitura.

Aos meus amores, Murilo, Amanda e Vítor, os quais, na jornada diária, me incentivaram, me apoiaram e estiveram sempre ao meu lado e souberam entender a minha ausência. Assim como aos meus familiares, parentes e amigos.

À minha orientadora, professora Doutora Ana Luiza Ramazzina Ghirardi, por quem tive o prazer de ser tão bem recebida na minha primeira disciplina cursada como Aluna Especial e quem serviu de inspiração para que este projeto se realizasse. Suas orientações foram mais que “sugestões” apenas, foram norteadoras para esta dissertação. Serei sempre grata!

Às professoras Doutoras Ana Elvira Gebara e Vanda Elias por terem aceitado compor a Banca e pela honra de terem me auxiliado com suas sugestões e com seus apontamentos tão precisos. Principalmente, por terem repartido comigo este enorme conhecimento que têm na área da Educação.

A todos os professores com os quais tive contato na Unifesp, por meio do Programa de Mestrado, especialmente ao professor Doutor Paulo Ramos, pelas suas aulas das quais participei pelo Programa de Aluno Especial e à professora Doutora Francine Fernandes Weiss Ricieri, a quem tive o prazer de conhecer por meio do Programa de Aperfeiçoamento Didático.

Aos meus colegas de Curso, especialmente ao Grupo de Orientandas da professora Ana Luiza, que muito contribuíram nos nossos encontros.

Ao Colégio Aparecida Rahal, especialmente à Coordenadora, professora Elaine Fulador, que sempre foi muito atenciosa e receptiva. Também à professora Marisa Milano Beserra do Nascimento, que gentilmente cedeu suas aulas para que a pesquisa fosse aplicada e à Diretora professora Silmara Fernandes Macedo. Bem como aos colegas de profissão que conheci ao longo da carreira.

A todos os alunos e a todas as alunas que aceitaram fazer parte da pesquisa e tiveram a paciência de colaborarem em todas as etapas de aplicação da Sequência Didática.

Enfim, agradeço a Deus pelo sopro de vida. Sem ambos, nenhuma história poderia ser contada.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar, por meio da análise dos dados obtidos em questionários, (aplicados em diferentes etapas do processo: Pré-leitura, Hábitos de Leitura e Entendimento do Texto), a recepção leitora das diversas linguagens derivadas do processo de intermedialidade entre o romance *O caçador de pipas* de Khaled Hosseini (2005), a HQ homônima (Hosseini, 2011) e o filme homônimo com direção de Marc Forster (2008). O público alvo leitor é formado por um grupo de estudantes do Ensino Médio (uma turma de 25 alunos do 2º ano de uma escola da rede pública estadual). Por meio da aplicação de uma Sequência Didática, pretende-se verificar como se dá o entendimento e a interpretação das diversas manifestações linguísticas características de cada mídia em questão. As artes e suas respectivas linguagens são apresentadas e tratadas de diversas maneiras no ambiente escolar e, cada vez mais, a intermedialidade entendida, neste caso, como um “cruzamento de fronteiras entre mídias” (CLÜVER, 2011) vem se consolidando como um dos recursos metodológicos aplicados em sala de aula. Através de novas mídias, busca-se atingir diferentes perfis de estudantes, os quais estão inseridos em um contexto de multiplicidade linguística e semiótica. Dessa maneira, a pesquisa estuda a recepção da leitura e seus efeitos, associando os aspectos da interpretação por meio de linguagem verbal e não verbal - da multimodalidade presente neste processo. Ao observar a diversificação de entendimento e de interpretação que resultaram do encontro do leitor/receptor com o romance, os quadrinhos e o filme, respectivamente, ressalta-se a importância deste processo para o ensino-aprendizagem, assim como a relevância dos efeitos intermediais para a Educação. A referência teórica tem como base os fundamentos da recepção leitora de Vincent Jouve (2002), questões de medialidade de Lars Elleström (2017), estudos sobre a competência leitora de Mainueneau (2013) e questões de intermedialidade de Clüver (2011).

Palavras-chave: Intermedialidade; recepção leitora; Ensino Médio; Sequência Didática; *O caçador de pipas*

ABSTRACT

Through the analysis of data gathered from surveys (done during different stages of Pre-reading, Reading Habits, and Reading comprehension), this research aims to analyze the reader's reception of the several languages coming from the inter-relation between the novel *The Kite Runner*, by Khaled Hosseini (2005), and the homonymous comic book (Hosseini, 2011), and movie (directed by Marc Forster, 2008). The reading audience is composed of a group of twenty-five 2nd year public high school students. The implementation of the Teaching Plan aims at understanding the interpretation strategies applied to the several linguistic manifestations associated to each medium. The languages of Art are variously introduced and studied in school today; as a consequence, intermediality, "a cross between different media"¹ (CLÜVER, 2011), has gained methodological importance as a classroom resource. The use of new media may allow to reach students used to a context of linguistic and semiotics multiplicity. This research will study the reception of the reading process and its effects when verbal and non-verbal language are associated, i.e. the multimodality present in this process. By observing the diverse forms of understanding and of interpretation which result from the encounter between reader/receiver and the novel, the comic book, and the movie, it is possible to observe not only the importance of intermediality for teaching and learning, but also the relevance of intermediality in educational institutions as a whole. The main theoretical references are Vincent Jouve's work (2002) on reader's reception; Lars Elleström's (2017) on mediality; Maingueneau's (2013) on reading competency; and Clüver's (2011) on intermediality.

Key-words: Intermediality; reader's reception, High School; Teaching Plan; *The Kite Runner*.

¹ Tradução livre.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modalidade das Mídias	25
Figura 2 – Organograma Linguagem do Romance	37
Figura 3 - Organograma Linguagem dos Quadrinhos	39
Figura 4 - Organograma Linguagem do Cinema	40
Figura 5 – Imagens das capas do romance, do filme e da HQ	52
Figura 6- Quadro da apresentação das mídias aos grupos.....	54
Figura 7 – Excerto da HQ – p. 59.....	59
Figura 8 – Excerto da HQ – p. 60.....	60
Figura 9 - cena - 43'51''do filme	61
Figura 10- cena - 43'52''do filme	61
Figura 11 - Com qual das mídias você mais se identificou?	73
Figura 12 - Depois de ter visto as passagens em três mídias diferentes, o(s) mesmo(s) trecho(s) citado(s) anteriormente que haviam chamado a sua atenção, seriam citados novamente como o(s) mais impactante(s) para você?	82
Figura 13 - Se você fosse recomendar esta história para um(a) amigo(a), qual mídia você indicaria? Por quê?	83
Figura 14 - Qual das três formas (romance, quadrinhos, filme) te envolveu e/ou emocionou mais?.....	84
Figura 15 - Você apreendeu alguma mensagem dos trechos lidos/vistos?	84
Figura 16 - A experiência fez você refletir ou mudar de postura em relação a alguma coisa na sua vida?	85
Figura 17 - Gráfico da pergunta: Você acha que vai gostar deste livro por quê?	106
Figura 18 - Gráfico da pergunta: Você gosta de ler?.....	113
Figura 19 - Gráfico da pergunta: Fora as leituras de aula, quanto tempo você destina à leitura por semana?	114
Figura 20 - Gráfico da pergunta: O que você prefere ler?.....	115
Figura 21 - Gráfico da pergunta: Você gostaria que seu professor o deixasse escolher algumas das leituras de sala de aula?	117
Figura 22 - Gráfico da pergunta: Após ter respondido a primeira parte do questionário, você pode dizer que se considera um leitor/a?.....	118
Figura 23 - Gráfico da pergunta: Você sente prazer quando lê?	119
Figura 24 - Gráfico da pergunta - O que você prefere?.....	120
Figura 25 - Gráfico da pergunta: Já leu ou viu <i>O caçador de pipas</i> ?	121

Figura 26 - Gráfico da pergunta: Se você tivesse que escolher um meio para conhecer uma história, você optaria por qual mídia?	121
Figura 27 - Gráfico da pergunta: Depois de ter visto as passagens em três mídias diferentes, o(s) mesmo(s) trecho(s) citado(s) anteriormente que haviam chamado a sua atenção, seriam citados novamente como o(s) mais impactante(s) para você? 132	
Figura 28 - Gráfico da pergunta: Depois de ter visto as passagens em três mídias diferentes, o(s) mesmo(s) trecho(s) citado(s) anteriormente que haviam chamado a sua atenção, seriam citados novamente como o(s) mais impactante(s) para você? 133	
Figura 29 - Gráfico da pergunta: Com qual das mídias você mais se identificou? 135	
Figura 30 - Gráfico da pergunta: Se você fosse recomendar esta história para um(a) amigo(a), qual mídia você indicaria? Por quê?	139
Figura 31 - Gráfico da pergunta: Qual das três formas (romance, quadrinhos, filme) te envolveu e/ou emocionou mais?	140
Figura 32 - Gráfico da pergunta: Você apreendeu alguma mensagem dos trechos lidos/vistos?	141
Figura 33 - Gráfico da pergunta: Você apreendeu alguma mensagem dos trechos lidos/vistos?	142
Figura 34 - Gráfico da pergunta: A experiência fez você refletir ou mudar de postura em relação a alguma coisa na sua vida?	143
Figura 35 - ANEXO B1 - Excerto da HQ - p. 5.....	161
Figura 36 - ANEXO B2 - Excerto da HQ - p. 6.....	162
Figura 37 - ANEXO B3 - Excerto da HQ - p. 23.....	163
Figura 38 - ANEXO B4 - Excerto da HQ - p. 24.....	164
Figura 39 - ANEXO B5 - Excerto da HQ - p. 26.....	165
Figura 40 - ANEXO B6 - Excerto da HQ - p. 27.....	166
Figura 41 - ANEXO B7 - Excerto da HQ - p. 28.....	167
Figura 42 - ANEXO B8 - Excerto da HQ - p. 29.....	168
Figura 43 - ANEXO B9 - Excerto da HQ - p. 30.....	169
Figura 44 - ANEXO B10 - Excerto da HQ - p. 36.....	170
Figura 45 - ANEXO B11 - Excerto da HQ - p. 37.....	171
Figura 46 - ANEXO B12 - Excerto da HQ - p. 38.....	172
Figura 47 - ANEXO B13 - Excerto da HQ - p. 39.....	173
Figura 48 - ANEXO B14 - Excerto da HQ - p. 40.....	174
Figura 49 - ANEXO B15 - Excerto da HQ - p. 41.....	175
Figura 50 - Anexo B16 - Excerto da HQ - p. 42.....	176

Figura 51 - ANEXO B17 - Excerto da HQ - p. 43.....	177
Figura 52 - ANEXO B18 - Excerto da HQ - p. 44	178
Figura 53 - ANEXO B19 - Excerto da HQ - p. 45	179
Figura 54 - ANEXO B20 - Excerto da HQ - p. 58	180
Figura 55 - ANEXO B21 - Excerto da HQ - p. 59	181
Figura 56 - ANEXO B22 - Excerto da HQ - p. 60	182
Figura 57 - ANEXO B23 - Excerto da HQ - p. 61	183
Figura 58 - ANEXO B24 - Excerto da HQ - p. 62	184
Figura 59 - ANEXO B25 - Excerto da HQ - p. 131.....	185
Figura 60 - ANEXO B26 - Excerto da HQ - p. 132.....	186
Figura 61 - ANEXO C1 - Trecho 1 do filme	187
Figura 62 - ANEXO C2 - Trecho 1 do filme	187
Figura 63 - ANEXO C3 - Trecho 1 do filme	187
Figura 64 - ANEXO C4 - Trecho 2 do filme	188
Figura 65 - ANEXO C5 - Trecho 2 do filme	188
Figura 66 - ANEXO C6 - Trecho 2 do filme	188
Figura 67 - ANEXO C7 - Trecho 3 do	189
Figura 68- ANEXO C8 - Trecho 3 do filme	189
Figura 69- ANEXO C9 - Trecho 3 do filme	189
Figura 70 - ANEXO C10 - Trecho 4 do filme	190
Figura 71- ANEXO C11 - Trecho 4 do filme	190
Figura 72- ANEXO C12 - Trecho 4 do filme	190
Figura 73- ANEXO C13 - Trecho 5 do filme	191
Figura 74 - ANEXO C14 - Trecho 5 do filme	191
Figura 75 - ANEXO C15 - Trecho 5 do filme	191
Figura 76 - ANEXO C16 - Trecho 6 do filme	192
Figura 77 - ANEXO C17 - Trecho 6 do filme	192
Figura 78 - ANEXO C18 - Trecho 6 do filme	192
Figura 79 - ANEXO C19 - Trecho 7 do filme	193
Figura 80 - ANEXO C20 - Trecho 7 do filme	193
Figura 81 - ANEXO C21 - Trecho 7 do filme	193
Figura 82 - ANEXO C22 - Trecho 8 do filme	194
Figura 83 - ANEXO C23 - Trecho 8 do filme	194
Figura 84 - ANEXO C24 - Trecho 8 do filme	194
Figura 85 - ANEXO C25 - Trecho 9 do filme	195

Figura 86 - ANEXO C26- Trecho 9 do filme	195
Figura 87 - ANEXO C27 - Trecho 9 do filme.....	195
Figura 88 - ANEXO C28 - Trecho 10 do filme.....	196
Figura 89 - ANEXO C29 - Trecho 10 do filme.....	196
Figura 90 - ANEXO C30 - Trecho 10 do filme.....	196
Figura 91 - ANEXO C31 - Trecho 11 do filme.....	197
Figura 92 - ANEXO C32 - Trecho 11 do filme.....	197
Figura 93 - ANEXO C33 - Trecho 11 do filme.....	197
Figura 94 - ANEXO C34 - Trecho 12 do filme.....	198
Figura 95 - ANEXO C35 - Trecho 12 do filme.....	198
Figura 96 - ANEXO C36 - Trecho 12 do filme.....	198
Figura 97 - ANEXO C37 - Trecho 13 do filme.....	199
Figura 98 - ANEXO C38 - Trecho 13 do filme.....	199
Figura 99 - ANEXO C39 - Trecho 13 do filme.....	199
Figura 100 - ANEXO C40 - Trecho 14 do filme.....	200
Figura 101 - ANEXO C41 - Trecho 14 do filme.....	200
Figura 102 - ANEXO C34 - Trecho 14 do filme.....	200
Figura 103 - ANEXO C42 - Trecho 15 do filme.....	201
Figura 104 - ANEXO C43 - Trecho 15 do filme.....	201
Figura 105 - ANEXO C44 - Trecho 15 do filme.....	201
Figura 106 - ANEXO C45 - Trecho 16 do filme.....	202
Figura 107 - ANEXO C46 - Trecho 16 do filme.....	202
Figura 108 - ANEXO C47 - Trecho 16 do filme.....	202

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	1
Capítulo 1. TEORIAS DA LEITURA E A PRÁTICA EM SALA DE AULA.....	10
1.1 A literatura e a intermedialidade na sala de aula	14
1.2. O perfil do leitor e novas mudanças no ensino de leitura.....	15
1.3. O ensino de Língua Portuguesa, os PCN e a BNCC para o Ensino Médio .	17
1.4. A recepção leitora e a intermedialidade	21
1.5 A Multimodalidade e os multiletramentos	26
Capítulo 2. TEORIA DE MÍDIA E MIDIALIDADE.....	28
2.1. Da linguagem verbal à linguagem multimodal	29
2.2. Adaptações – intermedialidade	30
2.3. A transposição	30
2.4. A modalidade semiótica e as mídias romance, HQ e filme	35
Capítulo 3. SEQUÊNCIA DIDÁTICA	43
3.1. Preparação da SD – atividades.....	44
3.2. Preparação da SD - Questionários	46
3.3. A aplicação efetiva – a escola e os alunos	47
3.4. A SD – Fases e etapas do contato com os alunos	48
3.5. Pré-leitura	48
3. 6. Hábitos de leitura	53
3.7. Entendimento do texto a partir de cada mídia.....	54
3.8. Entendimento do texto a partir de mídias diferentes.....	55
3.9. O último encontro	57
3.10. A SD – um exemplo do que foi aplicado	57
Capítulo 4. RESPOSTAS E ANÁLISES	64

4.1. Respostas dos questionários	64
4.2. Análise dos resultados	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
APÊNDICES	98
ANEXOS.....	144

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa nasceu como fruto de uma inquietação de muitos anos de contato com a leitura e a Educação. A paixão pela leitura surgiu antes mesmo de eu saber decifrá-la. Lembro-me da ansiedade em querer ter sete anos completos para poder entrar para a escola e aprender a ler e a escrever.

Quando isto aconteceu, passei a ler tudo o que via pela frente: placas, cartazes, letreiros de ônibus, bilhetes, cartas, dentre outros, até chegar aos livros. Foi paixão à primeira vista. O primeiro livro que li foi o que ganhei da minha primeira professora, inesquecíveis, os dois.

Depois disto, passei a ler muito e descobri que gostaria de seguir como uma profissional de Letras. Formei-me e lecionei por muitos anos. O contato com os alunos e com a Disciplina de Língua Portuguesa, fizeram com que eu valorizasse ainda mais o gosto pela leitura e, antes de mais nada, o saber ler.

As dificuldades de alguns alunos com a leitura escrita, fizeram-me, ao longo dos anos, desenvolver estratégias de leitura que pudessem incentivá-los. Desenvolvi projetos e atividades voltadas para despertar o interesse pela leitura. Com muitos alunos isto não era tão difícil, porém, com outros, chegava a ser uma missão impossível.

Nunca consegui aceitar o fato de um aluno entrar e sair de uma escola sem aprender o mínimo da leitura, e isto, infelizmente, acontecia. Lecionando para séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, deparei-me, lamentavelmente, com alunos e alunas que se recusavam a ler, tentando parecerem rebeldes ou tímidos, mas que, na verdade, não sabiam ler de forma fluente.

Tenho na memória, a expressão de alegria e de conquista que alunos e alunas, os quais tinham dificuldade de leitura e interpretação – faziam, ao ouvirem uma outra forma de explicação e entenderem o que estavam lendo. Ficavam satisfeitos e demonstravam uma autovalorização. Isto muito me confortava como professora.

Este foi um dos motivos que me fizeram escolher a temática deste trabalho e também foi o que definiu a escolha do livro *O caçador de pipas*. Abordar a questão da linguagem e da leitura, ou no caso, a falta dela, foram fatores que muito me motivaram.

O personagem Hassan, sua inocência e sua condição de analfabeto, emocionaram-me muito. A sua vontade de ouvir histórias e o encanto que demonstrava por elas eram contagiantes. Dessa forma, a escolha se deu, além de outras, pelo motivo de tentar ser este um livro que servisse para a reflexão dos alunos em relação à leitura. Às vezes, desvalorizamos o que temos e precisamos perceber a falta que aquilo faz para quem não tem.

Talvez esta tentativa tenha sido uma mera ilusão, pois, ao longo da aplicação da pesquisa, não percebi, por parte dos adolescentes, este retorno. No entanto, a metodologia aplicada, o fato de eles terem tido o conhecimento da história e de terem tido o contato com as três possibilidades de leitura, tudo isto serviu para uma reflexão crítica. O que valeu muito a pena.

Dessa forma, espero que não tenhamos Hassans nas nossas escolas. Que tenhamos estudantes leitores das diversas linguagens que nos rodeiam, da multimodalidade que está à nossa disposição, esperando para servir de ponte para o conhecimento de outras histórias.

Quando falamos em histórias, sabemos que existe um universo a ser desvendado, pois a necessidade de “contar” é própria do ser humano. Por meio de palavras, imagens, sons, gestos, diversas são as formas utilizadas para expressar sentimentos, ideias e pensamentos. A linguagem se multiplica e está presente em todos os momentos, em todas as situações as quais necessitamos nos comunicar.

Gerações e gerações deixaram como legado os relatos de suas experiências por meio de sinais, por meio de imagens e por meio da oralidade, contando suas histórias, suas memórias. A linguagem sempre foi constituída de maneira diversificada, constituída de suas variadas formas e tipos “Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita” (SAUSURRE, p. 17, 2006), atendendo às necessidades do seu tempo, do seu emissor e do seu receptor.

Diante desta demanda, o ser humano buscou formas variadas para se comunicar. Como afirma Rousseau (1999) em seu ensaio sobre a origem das línguas:

Desde que um homem foi reconhecido por um outro como um ser sensível, pensante e semelhante a ele próprio; o desejo ou a necessidade de comunicar seus sentimentos e pensamentos fizeram-no buscar meios para isso (ROUSSEAU, 1999, p. 259).

Para que esta comunicação seja possível, pressupõe-se uma interação neste ato. Bronckart (2003) explicita esta ideia:

Decorre da abordagem desenvolvida que a linguagem humana se apresenta, inicialmente, como uma produção interativa associada às atividades sociais, sendo ela o instrumento pelo qual os interactantes, intencionalmente, emitem pretensões à validade relativas às propriedades do meio em que essa atividade se desenvolve. A linguagem é, portanto, primariamente, uma característica da atividade social humana, cuja função maior é de ordem comunicativa ou pragmática (BRONCKART, 2003, p. 34 - apud DORETTO; BELOTTI 2011, p. 93)

No processo de comunicação, pode-se dizer que a recepção da linguagem, dentro de um possível quadro, sempre foi regida também pelo processo cognitivo dos seres envolvidos. Uma vez que há a necessidade de conhecimento do código, dos signos e suas representações para que haja o entendimento do que é transmitido.

O sucesso da transmissão de uma mensagem depende da recepção do público alvo e do modo como ela é transmitida. Ao longo do tempo, diferentes mídias foram utilizadas visando atender a uma demanda não apenas de época, mas também do conhecimento de mundo adquirido pelo receptor (pode-se verificar esse fenômeno desde as pinturas rupestres até os registros em livros²). Registros e meios de comunicação foram sendo alterados em meio a esse processo como indica Coelho (2009):

²Assim, antes de falar sobre o livro, é importante refletir sobre as circunstâncias que propiciaram o seu aparecimento, desde as primeiras representações gráficas, de que são exemplo as pinturas rupestres – existentes há aproximadamente 22.000 anos – e os petróglifos, desenhos gravados em pedra, que se encontram praticamente em toda parte, da Europa setentrional às ilhas do Pacífico. Esses sinais ainda não podem ser chamados de escrita, mas já se constituem numa tentativa de traduzir fatos e ocorrências do cotidiano, além, possivelmente, de ideias, crenças e desejos do autor e de seu grupo social. Em outras palavras: constituem-se nos primeiros esboços representativos da linguagem oral, dos quais, ao longo do tempo, se originaram as primeiras escritas. (MEREGE, 2009, p. 169)

Pode-se afirmar que, para se comunicar com seus pares, o ser humano sempre utilizou variadas formas de expressão: da linguagem oral à verbal, dos gestos e imagens aos textos e falas. Mas foi no exercício da interação social que a palavra tornou-se dominante. O processo civilizatório trouxe consigo a necessidade do registro escrito. Da escrita cuneiforme, desenvolvida pelos sumérios, há mais de três milênios a. C., ao alfabeto grego, datado do século VIII a. C., adotado atualmente, em quase todo o mundo; dos textos manuscritos à invenção da imprensa, no século XV, dando velocidade à reprodução dos textos escritos, a história retrata uma relação de inerência entre o homem e a palavra escrita. (COELHO, 2009, p. 39-40)

Esta demanda continua existindo na sociedade atual, pois as formas de comunicação vêm sofrendo mudanças significativas e, com a evolução dos meios de comunicação cada vez maior e a importância significativa da Internet, houve a inserção de diversificados meios, canais e mídias - cabe salientar que o conceito de mídia adotado neste estudo é o de Wolf (1999):

“[M]ídia” pode ser definida [...] como um meio de comunicação convencionalmente distinto, especificado não só por canais (ou um canal) de comunicação particular(es) mas também pelo uso de um ou mais sistemas semióticos que servem para transmitir mensagens culturais. (in. CLÜVER, 2006, p. 34)

Esta diversificação vem sendo explorada para atender às mudanças impostas à sociedade como um todo. Em estudos sobre a linguagem, Falabretti (2011), baseado em Rousseau (1999), explicita esta ideia, apontando para os desafios inerentes a este fato:

Os processos de nascimento e a expansão da linguagem são considerados concomitantemente ao movimento de transformação dos homens, que, em último caso, responde às circunstâncias engendradas pelo meio natural e constituídas historicamente. Se os obstáculos – naturais ou não – impõem mudanças à linguagem, principalmente em função da sua estrutura aberta, eles não deixam também de modificar o homem e, ainda, de oferecer novos desafios. ((FALABRETTI, 2011, p. 153)

Estes desafios tornam-se mais presentes no âmbito escolar - campo de objeto deste estudo - uma vez que é uma esfera na qual há a grande preocupação

de se desenvolver aspectos relacionados ao conhecimento, à linguagem³ em geral e à sua aprendizagem. Às habilidades e competências necessárias para o entendimento do seu código, e, conseqüentemente, sua interpretação.

Na escola, dentre os vários campos do conhecimento, especialmente, a disciplina de Língua Portuguesa tem como objetivo maior o desenvolvimento da linguagem em relação à escrita e à leitura. Em seus estudos sobre questões de leitura e ensino, Michelletti e Gebara corroboram com esta afirmação:

Como instituição, a escola assume a meta de ensinar saberes e fazeres. Entre os fazeres, está a leitura em sua acepção ampla, desde a leitura de mundo passando pela leitura de outros códigos até o que aceitamos mais comumente como leitura, aquela do texto escrito. (MICHELLETTI; GEBARA, 2012, p. 231)

A linguagem escrita é explorada sob diversos aspectos, conteúdos e gêneros, sofrendo alterações na sua constituição. Dessa forma, para este estudo, partimos do texto monomodal, sob a definição de Boutin (2012) “constituído unicamente do modo textual, portanto do seu ‘precioso’ código alfabético”⁴ (tradução nossa) para o texto multimodal, composto de linguagem verbal e não verbal, de diferentes recursos semióticos. Especialmente, no que diz respeito à área da leitura, envolvendo a arte literária. A literatura vem sofrendo mudanças, por conta das transformações do uso das linguagens para atender à demanda da tecnologia e das novas mídias em circulação na sociedade e que, diante disto, vem apresentando em seus livros inovações na estética e incluindo ilustrações, procurando adequar-se ao quadro atual e ao perfil do leitor (conceitos que serão abordados no próximo capítulo).

³ Considerar que a linguagem está presente, de maneira geral, em toda nossa vida, isto é, que nos constituímos como sujeitos na e pela linguagem, leva-nos a refletir sobre as diferentes concepções que nortearam e norteiam o ensino. Quando pensamos, ainda, no trabalho com a Língua Portuguesa, além da própria concepção de ensino e aprendizagem, a concepção de linguagem é de suma importância, uma vez que seu reflexo está presente em outros conceitos relacionados à educação, como, por exemplo, os de língua, gramática, sujeito, texto e sentido, leitura, produção textual, oralidade, variedade linguística, norma, entre outros, tornando-se, assim, um dos principais norteadores do trabalho docente. Isso porque o objeto de trabalho e estudo dessa disciplina é justamente a linguagem, em suas mais variadas possibilidades de manifestação. (DORETTO, BELOTI, 2011, p. 89/90)

⁴ « monomodal » (constitué du seul mode textuel, donc de son « cher » code alphabétique) (BOUTIN, 2012, p. 46)

O próprio conceito de texto⁵ ampliou-se, deixando de referir-se apenas ao texto escrito representado por meio da linguagem verbal, conseqüentemente, gerando mudanças nos processos de leitura. Mudanças estas que vêm ocorrendo de acordo com a evolução tecnológica e acabam por gerar novas formas de expressões artísticas, assim, adaptações são feitas em diversos sentidos, resultando em interações linguísticas e midiáticas.

Este fenômeno não ficou fora do ambiente escolar, trazendo à tona a necessidade da inclusão de outras linguagens e de outras mídias de uma forma mais equânime, englobando-as na sua multimodalidade. Fica claro que é preciso repensar os conteúdos a serem aplicados e as estratégias que devem ser utilizadas a fim de atingir o objetivo de preparar os alunos para esta diversidade, para um multiletramento que possibilite uma maior compreensão deste universo. Sobre este tema, Matsuda (2018), ao desenvolver uma pesquisa direcionada a estudantes com o objetivo de analisar a recepção dos recursos midiáticos (som, imagens e movimento) de uma obra literária digitalizada, contribui para reforçar esta afirmação.

A presença do digital na vida dos alunos é inegável, portanto há necessidade de repensar a formação do leitor do século XXI, esse leitor da geração midiática. A escola precisa acompanhar o avanço tecnológico e não há como fugir disso, caso contrário, não será um espaço que contribuirá na produção de aprendizagem dos anseios dos alunos e que os levem a se desenvolver como cidadão para poder atuar de maneira efetiva na sociedade da informação e comunicação. (MATSUDA, 2018, p.146)

Na procura de explorar a intermedialidade como “cruzamento de fronteiras entre mídias”- segundo o conceito de Clüver (2006, p.16) - em sala de aula e o possível impacto que este contato pode trazer para o educando, optou-se por abordar, neste estudo, um mesmo texto literário, neste caso, fragmentos do romance *O caçador de pipas* e suas transposições para outras mídias. A adaptação do romance resultou na HQ homônima e no filme homônimo . Por meio da aplicação de uma Sequência Didática para um público alvo leitor, formado por

⁵ Quero aqui apenas indicar que, sobretudo entre semioticistas, uma obra de arte é entendida como uma estrutura signífica – geralmente complexa -, o que faz com que tais objetos sejam denominados “textos”, independente do sistema sógnico a que pertençam. (CLÜVER, 2006, p. 15)

um grupo de estudantes do Ensino Médio, as três mídias foram exploradas em sala de aula.

Neste estudo, busca-se observar a recepção da leitura e seus efeitos, associando os aspectos da interpretação por meio de linguagem verbal e não verbal - da multimodalidade presente neste processo, ancorado na afirmação de Jouve: “A recepção é, em grande parte, programada pelo texto.” (JOUVE, 2002, p. 23-26).

Sob esta perspectiva, pretende-se observar a diversificação de interpretações e entendimento que resultaram do encontro do leitor com a linguagem multimodal, dessa forma, encontramos na Semiótica uma base teórica para nos apoiarmos, pois:

A semiótica desenvolveu e continua a construir uma proposta teórica e metodológica para o exame dos sentidos dos textos em geral. O percurso gerativo da significação apresentado metodologicamente para a construção dos sentidos do texto aplica-se aos textos verbais, orais ou escritos, aos textos não verbais (...) e aos textos sincréticos, que reúnem diferentes planos de expressão (uma peça de teatro, um filme, uma história em quadrinhos, uma publicidade, etc. (BARROS, 2016, p. 86).

Espera-se, ao observar a diversificação de entendimento e de interpretação que resultaram do encontro do leitor/receptor com o romance, os quadrinhos e o filme, respectivamente, ressaltar a importância deste processo para o ensino-aprendizagem, assim como a relevância dos efeitos intermediais para a Educação.

Ao analisar as adaptações dos quadrinhos e da mídia cinematográfica, que partiram do romance, tem-se o objetivo de levantar aspectos relacionados à “*fabula*”⁶ (tema/essência, a história como virtualidade pura), à mídia (o suporte expressivo, o veículo semiótico), à *syuzhet*/⁷*syuzheticização* (o que resulta do relacionamento entre narrativa e mídia), “[...] a mesma *fabula*, o mesmo substrato anedótico, é passível de sofrer várias *syuzheticizações* [...]” (GAUDREAU e MARION, 2012, p. 115).

⁶ Segundo Tomashevsky (??) - Chamamos de [*fabula*] o conjunto de eventos relacionados que é comunicado por anos em determinada obra. A *fabula* pode ser apresentada de um modo pragmático, seguindo a ordem natural, ou seja, a ordem cronológica ou causal dos eventos, independentemente da maneira como eles são ordenados e introduzidos na obra em si. (apud GAUDREAU e MARION, 2012 p. 113)

⁷ Segundo Gaudreault e Marion (2012, p. 115) a *syuzhet* seria o equivalente da fábula após o processo da midiaticização. Em outras palavras, a mesma *fabula*, o mesmo substrato anedótico, é passível de sofrer várias *syuzheticizações*.

Diversos teóricos e seus conceitos vão servir de base e de apoio para o desenvolvimento desta dissertação que será composta destas considerações iniciais que a contextualiza, de mais quatro capítulos, os quais têm a sua composição descrita a seguir, das considerações finais, dos apêndices, dos anexos e das referências.

No primeiro capítulo, serão abordados aspectos da recepção leitora e a prática em sala de aula. Tendo como base as teorias da leitura Jouve (2002), de Maingueneau (2013) e de Koch e Elias (2006), noções de literatura, da intermedialidade e o perfil do leitor atual com base nos conceitos de Clüver (2006) e Colomer (2003).

No segundo capítulo, o conceito de mídia e de midialidade é abordado com base nas teorias de Elleström (2017). Ainda, uma breve referência às adaptações, à intermedialidade, à transposição e à modalidade semiótica, segundo Elleström, Hutcheon (2013) e Stam (2006), relacionando às mídias romance, HQ e filme.

No terceiro capítulo, será apresentada a aplicação da Sequência Didática e, no quarto capítulo, o resultado dos Questionários aplicados, bem como suas respectivas análises.

Diante do exposto, esta pesquisa se apresenta com o objetivo de colocar em discussão a importância da aplicação efetiva na sala de aula de uma metodologia que não é nova na sua totalidade - pois muitos professores já atuam desta forma - levando em consideração o novo público e as mudanças sociais, tecnológicas e a linguagem – mas para se observar seu resultado, proporcionar olhares críticos e construtivos em relação a esta prática.

Portanto, a discussão sobre tal prática é de fundamental importância e relevância para o trabalho de Língua Portuguesa e sua relação com os processos de ensino e de aprendizagem. Dessa forma, esta dissertação espera trazer possíveis contribuições para que a linguagem multimodal e as novas mídias sejam cada vez mais exploradas e incorporadas à escola, pois os alunos estão cada vez mais conectados e cada vez mais interessados em soluções inovadoras e a escola, no papel do professor, pode trazer uma grande contribuição para que isto ocorra.

Pensando nisso, a escolha do romance *O caçador de pipas* também procurou por uma justificativa que não se limitasse ao fato de o livro ter sido um best-seller, mas, principalmente, pela sua temática atraente ao público jovem.

Uma vez que o romance traz temas que são de caráter universal como: a amizade, a fidelidade, a discriminação, a traição, a redenção, entre outros.

E, ainda, com a relevância de ter sido *O caçador de pipas* transposto para as duas outras mídias, proporcionando ao leitor o contato com outras linguagens diversas, as quais fazem parte do universo linguístico próprio de cada uma delas, sendo a História em Quadrinhos e o cinema.

No que se refere a adaptações, o romance *O caçador de pipas* conta com uma versão para o cinema, pelo diretor Marc Forster, e para a História em Quadrinhos, com ilustrações de Fábio Celoni e Mirka Andolfo. Há vários pontos em comum entre as três obras, no entanto, selecionamos trechos do romance, os quais encontram correspondência tanto no filme quanto na história em quadrinhos, para servirem de base ao nosso estudo e levantamento.

Ao fazermos esta análise, não pretendemos explorar o lado da crítica sobre as adaptações, mas sim, relacioná-la à recepção do leitor, ao modo como a intermedialidade vem afetando e atingindo o estudante atual.

Capítulo 1. TEORIAS DA LEITURA E A PRÁTICA EM SALA DE AULA

Conceituar o que é leitura parece prolixo, no entanto, faz-se necessário devido a todo o processo de mudança ocorrido nas formas de expressões ao longo dos anos. Olson (1997), em seus estudos sobre a história da leitura, afirma que:

Uma das contribuições importantes dos historiadores tem consistido em mostrar que a maneira de ler mudou ao longo do tempo, mudanças decorrentes tanto da estrutura dos próprios textos como das premissas adotadas a respeito do que eles significaram. (OLSON, 1997, p. 159).

Neste sentido, registros apontam que desde a Idade Média conceitos sobre texto e sua interpretação foram assuntos dos seus estudiosos, pois:

Os textos eram vistos como uma fonte ilimitada, da qual era possível extrair um suprimento inesgotável de significados; no seu final, o sentido de um texto estava ancorado com toda sobriedade na evidência textual, Esta última noção do sentido do texto permitiu distinguir firmemente o que o texto significa do que é nele encontrado pelos leitores excessivamente zelosos, e fez também com que se entendesse de modo novo a relação entre o que é dado objetivamente e o que é construído subjetivamente – o que era extraído erroneamente do texto. (OLSON, 1997, p. 10)

Estas inquietações provocaram mudanças, principalmente nas últimas décadas, gerando consequência no processo de leitura e de sua conceituação.

Koch e Elias (2006), neste sentido, apresentam uma definição que vem ao encontro da perspectiva abordada neste trabalho:

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 11)

A interação que se faz necessária no ato de ler envolve, a princípio, a própria predisposição do leitor, pois este precisa se permitir interagir, uma vez que o conteúdo textual depende do exercício do “papel do leitor enquanto construtor de sentido” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 13) para se revelar.

Nem sempre o ato da leitura foi visto sob este ponto de vista. Koch e Elias (2006) apontam que o texto era tido como um produto acabado, pertencendo ao

leitor um desempenho passivo, apenas com o propósito de captar o que o autor estava representando naquele produto.

No entanto, ainda segundo as autoras, o leitor passou a desempenhar um papel ativo neste processo interativo. Os estudos de Olson (1997) reforçam este apontamento, pois segundo o autor:

As mudanças conceituais que introduziram a modernidade, ou seja, aquelas que ocorreram entre a Idade Média e a Renasça, podem ser vistas como o aprendizado de uma nova forma de leitura. Tratava-se de abandonar a leitura das entrelinhas para ler o que estava nas linhas – atribuindo maior importância à informação representada explicitamente no texto. Novas maneiras de ler levaram a novas formas de escrita, e todas essas inovações provocaram o surgimento de novas maneiras de pensar sobre o mundo e a mente. (OLSON, 1997, p. 159).

Estas reflexões sobre o conceito de leitura nos rodeiam constantemente, o próprio questionamento sobre o ato de ler está presente no nosso dia a dia, principalmente no âmbito escolar, seja pelos professores, seja pelos estudantes. A leitura tem um papel fundamental na formação acadêmica e no desenvolvimento das nossas habilidades e competências como leitores. A leitura “é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções” (JOUVE, 2002, p. 17).

Vicent Jouve, em suas contribuições com estudos sobre leitura, vai se basear na visão semiótica da leitura, a qual também seguiremos por conter uma estreita relação com nosso trabalho. Dessa forma, entramos em contato com as principais abordagens apontadas por Thérien (1990), que nos ajudaram a refletir sobre o ato da leitura que, de acordo com o autor, consiste em um processo que possui cinco dimensões. Estas dimensões são subdivididas em: *processo neurofisiológico*, para o qual são necessários o funcionamento do aparelho visual e o funcionamento das diferentes funções do cérebro, representado pelas operações de percepção, identificação e memorização dos signos; um *processo cognitivo*, quando ocorre a tentativa de entendimento do que foi lido, após o código ter sido decifrado; um *processo afetivo*, que vai suscitar as emoções do leitor; um *processo argumentativo*, no qual há sempre o engajamento do autor em relação ao mundo, aos seres; e há também, o *processo simbólico*, no qual, ao se interagir com a cultura da época, tira-se um sentido da leitura (id, p. 1-4, apud JOUVE, 2002, p. 17 – 22).

Diversas esferas entram em questão quando se trata deste assunto, uma leitura pressupõe, minimamente, uma tríade: o narrador, o texto escrito e o sujeito leitor. E pressupõe-se também, desde uma subjetividade que envolve a interação, a disposição, a decifração, o conhecimento e a interpretação até o caráter mais objetivo que envolve a concretude deste ato.

O ato de leitura, quando se trata de um texto escrito, possui algumas condições que são geradas pela relação assimétrica entre emissor e receptor, uma vez que ambos estão afastados no tempo e no espaço, dessa forma, acarretando consequências no entendimento do texto. Podemos afirmar que “é fundamentando-se na estrutura do texto, isto é, no jogo de suas relações internas que o leitor vai reconstruir o contexto necessário à compreensão da obra” (JOUVE, 2002, p. 23). O caráter diferido traz, além da riqueza dos textos, uma possibilidade de interpretações plurais, devido às contribuições das experiências de cada leitor, sua cultura e seus valores.

Além das contribuições dadas por cada leitor em particular, Jouve (2002) nos apresenta três abordagens que influenciam na interpretação da leitura. Seguindo os conceitos de Barthes (1966, apud JOUVE, 2002), “uma leitura deve, para ser legítima, satisfazer o critério de coerência interna.” É preciso que estas interpretações obedeçam a critérios de validação, que são: a interpretação generalizável (de acordo com a obra), a lógica simbólica e seguir o mesmo sentido sempre, sendo uma validação autorizada pelo próprio texto.

Ricœur (1986) acrescenta ainda, o princípio da coerência externa “uma leitura não pode se opor a certos dados objetivos (biográficos, históricos ou outros) que se possui sobre o texto” (id, apud JOUVE 2002, p. 26). A terceira abordagem trata da semiótica, a qual a leitura “baseia-se na seguinte constatação: a recepção é, em grande parte, programada pelo texto” (JOUVE, 2002, p. 26). Jouve (2002) retoma a expressão de Eco (1985) para tratar do dever “filológico” que o leitor deve ter para interpretar um texto, seguindo as coordenadas do autor para não correr o risco de fazer decodificações que mudarão o seu sentido.

O ato de leitura da linguagem verbal e visual – possui algumas condições na atividade leitora que são geradas pela relação assimétrica entre emissor e receptor - uma vez que ambos estão afastados no tempo e no espaço acarretando, dessa forma, consequências, pois, “é fundamentando-se na estrutura do texto, isto é, no jogo de suas relações internas, que o leitor vai reconstruir o contexto

necessário à compreensão da obra” (JOUVE, 2002, p. 23). Assim, pode-se afirmar que o leitor sempre teve um papel fundamental sobre a prática da leitura.

Atualmente, há uma conscientização maior sobre isto, o que acarreta em algumas perspectivas diferentes como um espaço mais considerável no papel do leitor neste processo e a ideia de que o texto e sua constituição representam fatores essenciais para juntos construírem a relação de sentido. Ambos, texto e leitor vão ser motivos para análises sobre a recepção leitora, devido a importância da sua interação para a apreensão de sentidos em uma comunicação que se faz de forma diferida.

A leitura e a apreensão de sentidos, como não poderia deixar de ser, está presente nos conteúdos aplicados na sala de aula. A Literatura sempre serviu de base para os estudos da leitura e suas relações de sentido. No entanto, com a inserção das novas mídias, é perceptível que não se pode deixar de perceber as múltiplas linguagens que rodeiam os estudantes nos mais variados lugares e, conseqüentemente, este fenômeno reflete no ambiente escolar.

Ramazzina Ghirardi (2018) contribui neste sentido:

É possível presenciar uma passagem do processo de aprendizagem de uma perspectiva didática que privilegiava fortemente a escrita, para outra, mais afinada com as novas tecnologias midiáticas, que favorece elementos visuais (RAMAZZINA GHIRARDI, 2018, p. 81).

E em meio a estas mudanças no processo de aprendizagem, a escola se faz presente com suas contribuições, alterando práticas de ensino, no intuito de adequar-se às novas tendências. Dessa forma, possibilitando mudança no próprio sujeito, uma vez que o estimulará a tornar-se um aluno leitor.

Cabe ressaltar, diante do exposto, que estas novas práticas de ensino não diminuem a responsabilidade de a escola ter como função o ensino do processo da aquisição de leitura e de escrita da linguagem verbal. Segundo a LDB 2018 (art. 32, inciso I, p.22), tratando-se do Ensino Fundamental, a escola tem como objetivo “o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo” e ainda, em relação ao Ensino Médio, como consta no artigo 35, parágrafo terceiro:

O ensino da língua portuguesa e da matemática será obrigatório nos três anos do ensino médio, assegurada às comunidades indígenas, também, a utilização das respectivas línguas maternas. (LDB, 2018, p.25)

O documento prevê que o Ensino Médio deve ser o momento de consolidação e de aprofundamento do conhecimento adquirido. Dessa forma, ao proporcionar o contato com textos multimodais, explorando o entendimento e a interpretação, estes recursos metodológicos servirão de mediação para o desenvolvimento da habilidade da leitura escrita e da linguagem que abarca outros recursos além do texto escrito. Cabe citar dessa forma, que a LDB (2018, Artigo parágrafo, p. 25) considera que, após sua formação, o estudante demonstre “conhecimento das formas contemporâneas de linguagem”. Objetivo este que corrobora com nossa perspectiva.

1.1 A literatura e a intermedialidade na sala de aula

Muito se tem pesquisado sobre intermedialidade e multimodalidade, pois são inúmeras as obras literárias adaptadas nas mais diversas mídias; no entanto, neste momento, não iremos discutir acréscimos, informações, perdas nem deformações, mas sim, o quanto estas modificações podem trazer de mais concreto para uma possível aplicabilidade em sala de aula. Nosso intuito maior é o de tentar atender à demanda dos variados perfis de alunos, dos vários níveis de conhecimento e ainda mais da nova geração de leitores com práticas multi e hipertextuais.

Ao explorarmos linguagens diversificadas, que se confrontam, a circulação de sentidos produz formas sensoriais e cognitivas diferenciadas. Ao encontro desta expectativa, este estudo tem o objetivo de investigar o impacto na recepção, interpretação e percepção do romance adaptado nas duas outras formas de mídia: o cinema e a História em Quadrinhos, ressaltando aspectos de entendimento do tema, do enredo e do foco narrativo.

Para isto, faz-se necessário pensar na forma como a literatura tem sido tratada na sala de aula. Segundo Micheletti e Gebara (2016),

No Ensino Médio, a Literatura é um dos temas de língua portuguesa. Por vezes, as escolas a colocam como uma das disciplinas dessa área; o que, nem sempre, resulta em uma abordagem mais adequada. Dentre elas, a mais comum, de conteúdo tradicional, privilegia, quase que exclusivamente, os períodos – as escolas literárias. Nessa abordagem, observa-se um deslocamento da busca de sentidos do texto para o contexto de produção. Trata-se, portanto, de uma forma de explicar as obras literárias como reafirmação do que se encontra(va) na sociedade. Essa chave de compreensão do literário é relevante, mas não explicita o diálogo constante que as obras realizam com o passado e o futuro, em vetores de duas direções – aproximando tempos e espaços. (MICHELETTI e GEBARA, 2016, p. 88)

Concorda-se com as autoras quando ambas afirmam a relevância desta abordagem e também quando se afirma que o diálogo existente entre o texto literário e os alunos pode ser mais aprofundado. Não somente na aproximação que as obras literárias podem trazer ao dialogarem no tempo e no espaço, mas também na aproximação com as novas linguagens multimodais, por meio de adaptações, trazendo a intermedialidade para a sala de aula.

Ainda em Micheletti e Gebara (2016),

Na segunda metade dos anos 90, os PCN trouxeram, do ponto de vista de concepções e indicações de trabalho, avanços bastante significativos. Deslocava-se a apresentação de escolas literárias em períodos para um trabalho com as temáticas, indicando outras aproximações possíveis para o literário. (MICHELETTI e GEBARA, 2016, p. 89)

A utilização de textos literários por meio de outras mídias pode ampliar o diálogo com os alunos e levá-los a ter contato com a temática da obra, por meio das adaptações e das releituras, sem o objetivo de distanciá-los do próprio texto literário.

1.2. O perfil do leitor e novas mudanças no ensino de leitura

Em seu livro *A formação do leitor literário*, Colomer (2003) contribui com suas análises ao afirmar que a partir da década de 80, os estudos sobre a leitura voltada ao público infantil e juvenil apresentaram um crescimento e uma

consolidação. Este movimento repercutiu diretamente na escola e seu tratamento quanto ao ensino de literatura em relação ao perfil do leitor. A autora afirma que:

Os estudos da literatura infantil e a didática da literatura coincidiram aqui em um espaço comum, já que em ambos os campos interessa saber que livros “ensinam a ler” e que práticas de difusão dos livros ou da aprendizagem escolar permitem o progresso das crianças na interpretação das obras literárias. (COLOMER, 2003, p. 151)

Por meio de reflexões psicopedagógicas, passa-se a pensar sobre o perfil da criança, passando a haver uma consideração por ela. Dessa forma, algumas linhas foram delineadas, estabelecendo uma relação entre “o sistema literário, a literatura de tradição oral, o leitor, a sociedade e a instituição escolar.” (COLOMER, 2003, p. 152).

Dentre estas linhas, podemos citar uma das que nos serve para ilustrar a preocupação à adequação do texto em si, ao perfil do leitor. Segundo Colomer (2003),

Da consideração dos condicionamentos do público leitor baseada em forte empirismo ou em um esquema excessivamente simples e rápido sobre a evolução dos livros para as diferentes idades, iniciou-se uma descrição teórica sobre a forma de adequar-se os textos a crianças e jovens. (COLOMER, 2003, p. 153)

Esta adequação teve também como peso, o progresso nas ciências educacionais e nas formas de linguagem, o que levou a escola a rever o seu papel - nas palavras de Colomer (2003) - quanto à “leitura de livros destinados a jovens, na relação entre a biblioteca escolar e as atividades de aula, a seleção de textos entre a literatura de adultos e a literatura infantil e juvenil, etc.” (COLOMER, 2003, p. 154).

A ampliação nas formas de linguagem, fato que nos interessa nesta consideração, proporcionou a sua incorporação aos livros voltados para o público infantil e juvenil para fugir da literatura puramente escrita (voltada para os leitores adultos), fazendo a intercomunicação de elementos e modelos, utilizando a linguagem não-verbal, ampliando técnicas de ilustração, tipo de paginação, incluindo muitas vezes, volume, movimento, som, etc.; mudanças estas, movidas, principalmente, pela relação com os demais fenômenos culturais como a televisão, o cinema, as revistas em quadrinhos, os videogames, etc.

De acordo com Teresa Colomer (2003),

A criação de novos modelos literários poderia estar se produzindo diretamente no sistema literário infantil e juvenil, por causa de suas atuais relações com os demais sistemas culturais. Por exemplo, pela imprecisão da fronteira entre o romance juvenil e a literatura canônica de adultos ou pela existência e outros fenômenos culturais como a televisão, as revistas em quadrinhos, os videogames, etc. (COLOMER, 2003, p. 168).

Os novos modelos literários foram ganhando seu espaço, atendendo à demanda da inserção de novas mídias no âmbito social para poder atingir um público mais exigente em relação ao seu conteúdo, ao seu formato, à sua linguagem, dialogando com a cultura atual.

1.3. O ensino de Língua Portuguesa, os PCN e a BNCC para o Ensino Médio

O ensino de Língua Portuguesa para o Ensino Médio - uma das disciplinas fundamentais para o desenvolvimento da linguagem e suas características - segue as delimitações de normas da Educação Básica, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), dentre elas, as propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN - 2006) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC - 2018). Ambos os documentos apresentam orientações muito importantes que fundamentam teoricamente este nosso estudo. Estas orientações vão apresentar uma visão plural da linguagem e vão valorizar a sua diversidade, o que muito corrobora com a perspectiva defendida e abordada aqui. Assim, apresentamos alguns parâmetros nos quais nos apoiamos.

Segundo os PCN, o ensino de Língua Portuguesa vinha sendo tradicional, tanto na gramática, quanto na literatura. De acordo com a LDB/71, vinha dicotomizada em Língua e Literatura, propiciando até uma divisão entre gramática, estudos literários e redação. Visto o seu caráter transdisciplinar, houve uma mudança na forma como a disciplina deveria ser aplicada.

Esta mudança propôs a inclusão da disciplina no eixo de linguagens, pressupondo-se uma maior interação, assim a abordagem passou a ter um caráter mais amplo. Dessa forma, mesmo sendo a linguagem verbal a matéria-prima para o desenvolvimento da língua materna no campo didático, faz-se necessário refletir

sobre seu uso na vida e na sociedade. É preciso explorar a linguagem e utilizar-se dela em suas diversas manifestações e sua inter-relação com outras áreas.

A disciplina de Língua Portuguesa, na escola, deve proporcionar ao aluno o acesso a diferentes meios de expressões, diferentes gêneros, incluindo-se o texto literário à área de leitura, explorando uma visão ampliada das possibilidades de uso da linguagem.

Os PCN passaram a integrar a disciplina de Língua Portuguesa no grupo Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, sendo uma área básica para a formação de diversas outras. Nesta área podemos delimitar a linguagem verbal e não-verbal e seus cruzamentos verbo-visuais, audiovisuais, áudio-verbo-visuais, etc., incluindo o desenvolvimento do estudo da Linguística e da Literatura em geral.

De acordo com a proposta dos PCN, considera-se que a Literatura Brasileira deve ser privilegiada como base no Ensino Médio, não somente as obras de tradição literária, bem como outras obras contemporâneas de significados relevantes. Mais ainda, é desejável que obras de outras nacionalidades sejam selecionadas para fazerem parte do currículo.

Busca-se, por meio desta seleção e deste contato, adotar uma perspectiva multicultural, envolvendo a literatura e outras artes. Dessa forma, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006) propõem:

Também é desejável adotar uma perspectiva multicultural, em que a Literatura obtenha a parceria de outras áreas, sobretudo artes plásticas e cinema, não de um modo simplista, diluindo as fronteiras entre elas e substituindo uma coisa por outra, mas mantendo as especificidades e o modo de ser de cada uma delas (PCN, 2006, p.74).

É muito importante a manutenção das características próprias de cada arte e, ainda, suas especificidades. É preciso garantir que sejam exploradas sem perder suas identidades, ressaltando a importância, inclusive destas diferenças, pois dessa forma, respeita-se cada uma delas, valorizando ainda mais esta parceria.

A valorização da linguagem e suas diversas manifestações também estão ressaltadas na BNCC, que nos lembra:

As atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital. Por meio dessas práticas, as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais. Nessas interações, estão imbricados conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos. (BNCC, p. 61, 2018)

Nesta interação, pressupõe-se que “os estudantes se apropriem das especificidades de cada linguagem, sem perder a visão do todo no qual elas estão inseridas.”, conforme a BNCC (p. 61, 2018) nos indica. Os pressupostos nos quais se baseiam a referida Base levam em conta a integração dos eixos já contemplados na Área de Língua Portuguesa: o Eixo da Leitura, o Eixo da Produção de Textos, o Eixo da Oralidade e o Eixo da Análise Linguística/Semiótica, de forma que, por meio da interação nas práticas escolares, os estudantes possam desenvolver habilidades que lhes permitam ampliar suas reflexões e seus entendimentos quando do caráter multissemiótico da linguagem.

No que se refere à Leitura, o contexto abordado, reafirma a nossa posição, quando menciona que:

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. (BNCC, p. 70, 2018)

Este contexto vai ao encontro dos nossos objetivos em relação à recepção leitora, uma vez que reafirma que as práticas leitoras em situações de uso permeiam a “Reconstrução e reflexão sobre as condições de produção e recepção dos textos pertencentes a diferentes gêneros e que circulam nas diferentes mídias e esferas/campos de atividade humana.” (BNCC, p. 70, 2018). Ainda, pressupõe que as atividades de leitura no que se refere à aprendizagem, devem ir aumentando a sua complexidade de acordo com os anos de estudos, intensificando-se no Ensino Médio.

Observa-se, assim, a importância da contextualização do desenvolvimento das habilidades das práticas de leitura envolvendo “textos pertencentes a gêneros que circulam nos diversos campos de atividade humana” (BNCC, p. 73, 2018).

Também, há a contribuição com o nosso objetivo por meio das propostas de articulação das seguintes estratégias, entre outras:

- da diversidade dos gêneros textuais escolhidos e das práticas consideradas em cada campo;
- da complexidade textual que se concretiza pela temática, estruturação sintática, vocabulário, recursos estilísticos utilizados, orquestração de vozes e linguagens presentes no texto;
- do uso de habilidades de leitura que exigem processos mentais necessários e progressivamente mais demandantes, passando de processos de recuperação de informação (identificação, reconhecimento, organização) a processos de compreensão (comparação, distinção, estabelecimento de relações e inferência) e de reflexão sobre o texto (justificação, análise, articulação, apreciação e valorações estéticas, éticas, políticas e ideológicas);
- da consideração da diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas, a literatura infantil e juvenil, o cânone, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, as culturas juvenis etc., de forma a garantir ampliação de repertório, além de interação e trato com o diferente. (BNCC, p. 68, 2018)

A atividade de leitura, principalmente, ao se ter contato com mídias diversas, como no caso proposto por nós aos alunos, encontra respaldo na proposta básica, não somente pela possibilidade da ampliação do repertório, como também no que se refere à experiência leitora e à construção de sentido. Como aponta o texto:

Durante a leitura, as habilidades operam de forma articulada. Dado o desenvolvimento de uma autonomia de leitura em termos de fluência e progressão, é difícil discretizar um grau ou mesmo uma habilidade, não existindo muitos pré-requisitos (a não ser em termos de conhecimentos prévios), pois os caminhos para a construção dos sentidos são diversos. (BNCC, p. 74, 2018)

Esta construção de sentido diversificado, para a BNCC, pode ser estimulada por meio deste contato.

O interesse por um tema pode ser tão grande que mobiliza para leituras mais desafiadoras, que, por mais que possam não contar com uma compreensão mais fina do texto, podem, em função de relações estabelecidas com conhecimentos ou leituras anteriores, possibilitar entendimentos parciais que respondam aos interesses/objetivos em pauta. O grau de envolvimento com uma personagem ou um universo ficcional, em função da leitura de livros e HQs anteriores, da vivência com filmes e games relacionados, da participação em comunidades de fãs etc., pode ser tamanho que encoraje a leitura de trechos de maior extensão e complexidade lexical ou sintática dos que os em geral lidos. (BNCC, p. 74, 2018).

Ainda, em relação à construção de sentido, o documento ressalta a importância da utilização de práticas pedagógicas na disciplina de Língua

Portuguesa, que explorem recursos que abordem o caráter multissemiótico da linguagem, presente nos diversos gêneros e mídias que nos rodeiam, não somente dos textos escritos, mas também explorando a oralidade. Dessa forma, possibilitando ao aluno, conforme consta na Base:

Identificar e analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas de volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização, expressividade, gestualidade etc. e produzir textos levando em conta efeitos possíveis. (BNCC, p.77, 2018)

Todas estas considerações reafirmam serem os PCN e a BNCC fontes de grande informação e afirmação que vêm ao encontro da atividade desenvolvida com os alunos e da metodologia aplicada para atingir-se o objetivo desta pesquisa.

1.4. A recepção leitora e a intermedialidade

É possível fazermos uma associação direta com a perspectiva multicultural na sala da aula e a intermedialidade. Encontramos nos Estudos Interartes de Claus Clüver (2006) reforços para esta questão:

Se associam hoje aos Estudos Interartes o reconhecimento recente de que a intertextualidade sempre significa também intermedialidade – pelo menos em um dos sentidos que o conceito abrange. E isso vale não apenas para textos literários ou mesmo para textos verbais. Pelo menos quando se trata de obras que, seja lá em que forma, nas Artes Plásticas, na Música, na Dança, no Cinema, representam aspectos da realidade sensorialmente apreensível, sempre existe nos processos intertextuais de produção e recepção textual um componente intermediário – tanto para a Literatura quanto, frequentemente, nas outras artes (CLÜVER, 2006, p.14).

Segundo Clüver (2006), os componentes intermediários estão presentes no processo de produção e recepção textual nas obras que representam aspectos da realidade sensorialmente apreensíveis.

Ressalta-se, dessa forma, a importância de a intermedialidade ser explorada no que diz respeito à recepção leitora, uma vez que, constantemente, encontramos reflexos e diferenciações nas interpretações textuais ao se ter o contato com as diversas e múltiplas linguagens midiáticas.

O repertório que utilizamos no momento da construção ou da interpretação textual compõe-se de elementos textuais de diversas mídias, bem como, frequentemente, também de textos multimídias, mixmídias⁸ e intermídias⁹ (CLÜVER, 2006, p. 15).

Os estudos sobre a recepção leitora vêm ao encontro destes processos, pois nas últimas décadas houve uma mudança significativa, passou-se do estudo das obras ao estudo de todo o circuito comunicativo literário.¹⁰

Com a “teoria do leitor implícito” de Iser (JOUVE, 2002), de 1976, passamos a contar com o princípio de que o leitor é o pressuposto do texto. Segundo Jouve (2002), refere-se a mostrar como a organização e direção de uma obra tem relação com a reação do indivíduo-leitor e o plano cognitivo na leitura por meio dos percursos impostos pelo texto. Ainda conforme Jouve (2002), a estrutura textual vai representar um papel fundamental no processo da recepção ao direcionar, por meio da sua estrutura, a compreensão da obra.

Ao explorarmos a recepção leitora, por meio das três mídias, as quais fazem parte do universo narrativo, o romance e as transposições midiáticas para a HQ homônima (HOSSEINI, 2011) e o filme homônimo com direção de Marc Forster (2008), pretende-se colaborar com os estudos voltados aos efeitos de leitura que estão ligados, na sua maior parte, à linearidade característica deste gênero.

De acordo com Jouve (2002), temos:

Uma vez que muitos efeitos de leitura estão ligados à linearidade da obra, os pesquisadores – sem desprezar os outros gêneros – extraem a maior parte de seus exemplos do universo narrativo (JOUVE, 2002, p. 15).

⁸ Um texto multimídia compõe-se de textos separáveis e separadamente coerentes, compostos em mídias diferentes, enquanto que um texto mixmídia contém signos complexos em mídias diferentes que não alcançariam coerência ou auto-suficiência fora daquele contexto. (CLÜVER, 2006, p. 19)

⁹ “o texto intersemiótico ou intermídia recorre a dois ou mais sistemas de signos e/ou mídias de uma forma tal que os aspectos visuais e/ou musicais, verbais, cinéticos e performativos dos seus signos se tornam inseparáveis e indissociáveis”. . (CLÜVER, 2006, p. 20)

¹⁰ É a expansão da pragmática que vai levar os estudiosos da literatura a se interessar pelos problemas da recepção. Para descrever o funcionamento da linguagem, a linguística acrescentou aos dois ramos tradicionais – a “sintaxe” (relação dos signos entre si) e a “semântica” (relação dos signos como que eles significam) – a “pragmática” (relação dos signos com seus usuários). Essa tripartição é devida ao filósofo americano C. Morris (Fundamentos da teoria dos signos de 1938). De acordo com a etimologia (a palavra grega pragma significa “ação”), a pragmática analisa o que os locutores “fazem” com a linguagem (JOUVE, 2002, p. 12).

Porém, também dessa forma, partindo-se da Literatura e o uso exclusivo da linguagem verbal, ao se incluir as duas outras mídias, a saber, a HQ e o filme, encontramos correspondência sobre a importância da recepção leitora que envolve uma linguagem multimodal em diversificados tipos de suportes. Maingueneau (2013) contribui com nossos estudos a este respeito:

Vimos que é necessário reservar um lugar importante ao modo de manifestação material dos discursos, ao seu suporte, bem como ao seu modo de difusão: enunciados orais, no papel, radiofônicos, na tela do computador, etc. (MAINGUENEAU, 2013, p. 81).

Esta importância dar-se-á não somente pela estrutura narrativa, mas por meio do contato com a linguagem própria e característica de cada uma das mídias. Clüver (2006) nos afirma que:

As comunidades interpretativas, que determinam e autorizam quais códigos e convenções nós ativamos na interpretação textual, influenciam também o repertório textual e o horizonte de expectativa. Mas o repertório é, em última análise, parte dos contextos culturais nos quais se realizam a produção e a recepção textual. (CLÜVER, 2006, p.15)

É possível, dessa forma, fazer uma relação dos “Estudos Interartes” e o reconhecimento recente de que a intertextualidade sempre significa intermidialidade, especialmente em obras que representam aspectos da realidade sensorialmente apreensível, onde há processos intertextuais de produção e recepção textual a um componente intermediático e vale não apenas para textos literários, mas também para Artes Plásticas, Música, Dança, Cinema, etc., .

Claus Clüver (2006) afirma em seus estudos interartes:

Uma obra de arte é entendida como uma estrutura sígnica – geralmente complexa -, o que faz com que tais objetos sejam denominados “textos” independente do sistema sígnico a que pertençam. Portanto, um balé, um soneto, um desenho, uma sonata, um filme e uma catedral, todos figuram como “textos” que se “leem” (CLÜVER, 2006, p. 15).

Como sabemos, a leitura envolve diversos processos, dentre eles o que diz respeito aos signos. Jouve (2002) nos afirma que “Ler é, anteriormente a qualquer análise do conteúdo, uma operação de percepção, de identificação e de memorização de signos” (JOUVE, 2002, p. 17).

Entendendo-se a importância dos diferentes signos constituintes dos processos midiáticos em questão envolvendo a leitura, consideramos

convergentes os estudos de Elleström (2017) quando este nos propõe que é necessário que haja um novo modelo de comunicação - uma vez que a comunicação inclui não apenas a fala e outras formas verbais e, ainda, que algumas características que envolvem a comunicação precisam ser incorporadas. O autor utiliza-se da midialidade com o auxílio da semiótica.

Uma noção bem desenvolvida de mídia, que inclua traços pré-semióticos e semióticos, oferece a possibilidade de explicar como os vários tipos de significado podem ser comunicados, e por que eles nem sempre são compreendidos (ELLESTRÖM, 2017, p. 17).

E também, de acordo com Elleström (2017), a mediação vai influenciar na “criação de sentidos nos atos perceptivos e cognitivos da recepção” (id, 2017, p. 182), causando uma forma de interpretação. Ambas as definições citadas acima são de interesse deste estudo, pois encontra-se nelas uma relação com a recepção leitora das diferentes mídias que compõem o corpus da nossa pesquisa e, dessa forma, poderão servir como justificativas para os possíveis resultados encontrados.

Ainda com base nos estudos de Elleström (2017), o autor apresenta um modelo de comunicação no qual ressalta a importância das modalidades das mídias. Para ele, elas são compostas por quatro tipos de traços básicos que podem contribuir para a análise dos produtos de mídia, classificadas como: modalidade material, modalidade sensorial, modalidade espaçotemporal e modalidade semiótica.

Elas são os fundamentos essenciais de todas as mídias, sem os quais a midialidade não pode ser compreendida e que, juntos, constroem um complexo midiático que integra a materialidade, a percepção e a cognição (ELLESTRÖM, 2017, p. 58).

Por possuir uma importante relação de sentido com a nossa visão, optou-se por se fazer um breve resumo destas modalidades e suas principais características em relação às mídias utilizadas neste estudo.

Figura 1 - Modalidade das Mídias

MODALIDADES	MÍDIAS
MATERIAL Consiste na interface corpórea latente da mídia	ROMANCE/ HQ – textos escritos - superfície plana, aparência da superfície não se modifica. FILME - superfície mais ou menos plana com imagens em movimento combinadas com ondas sonoras
SENSORIAL São os atos físicos e mentais de perceber, através dos órgãos dos sentidos (visão, audição, tato, paladar e olfato), a interface presente da mídia.	ROMANCE/ HQ: visão, audição, tato FILME: visão, audição Observação: (tanto no filme, quanto no romance, os demais sentidos também podem ser estimulados.)
ESPAÇOTEMPORAL Consiste em estruturar a percepção dos dados sensoriais da interface material em experiências e concepções de espaço e de tempo.	ROMANCE – As narrativas verbais criam vários tipos de espacialidade virtual na mente do leitor. O tempo virtual na narração verbal se dá pelas “ilusões” de tempo sequencial parcialmente fixo. HQ – O espaço virtual formado pelas dimensões de largura, altura e pela ilusão de profundidade das imagens. O tempo virtual – uma série de acontecimentos por meio de imagens. FILME: apresenta três dimensões - largura, altura, tempo (sequencial fixo) e a ilusão de profundidade.
SEMIÓTICA Envolve a criação de significado na mídia concebida de forma espaçotemporal por meio de diferentes tipos de raciocínio e de interpretações de signos simbólicos (convenção), icônicos (semelhança) e indiciais (contiguidade).	ROMANCE: Textos escritos – as funções signícas simbólicas das letras e das palavras dominam o processo de significação. HQ: as imagens visuais são geralmente dominadas por signos icônicos. FILME: Sequência fixa de imagens em movimento e de sons. Superfície plana, com qualidades visuais combinadas com ondas sonoras criam um efeito de espaço virtual. Apresenta signos simbólicos, icônicos e indiciais.

(CAPUTO, 2019. Criado a partir da tabela disponibilizada no livro *Midialidade* – ELLESTRÖM, 2012, p. 95)

Em especial, iremos tratar mais especificamente da modalidade semiótica proposta por Elleström (2017) "A modalidade semiótica - envolve a criação de

significado na mídia concebida de forma espaçotemporal por meio de diferentes tipos de raciocínio e interpretações de signos” (ELLESTRÖM, 2017, p. 95).

O teórico baseia-se na tricotomia de Peirce (1897 apud ELLESTRÖM, 2017, p. 71): ícone, índice e símbolo, quando este afirmou que os signos representam objetos e possuem uma relação com os interpretantes que estão na mente do preceptor.

Ainda, segundo Peirce (1897, apud ELLESTRÖM, 2017, p. 71), o aspecto determinante de todos os signos está “na mente” de quem os interpreta. Os três modos de significação estão sempre misturados, mas podemos dizer que um deles é dominante.

1.5 A Multimodalidade e os multiletramentos

A multimodalidade tão presente na atualidade, por meio do acesso aos mais variados tipos de mídias e suas linguagens, abre um espaço investigativo, principalmente no campo da Educação, por apresentar inúmeras possibilidades de reflexos na aprendizagem.

Um deles é abordar o papel que a inserção das novas mídias e suas multimodalidades exerce sobre os leitores, em especial (neste estudo) sobre o estudante. Este papel traz a necessidade de se falar em letramento e em multiletramentos¹¹ como práticas na sala de aula.

A noção de letramento torna-se ampliada a partir do momento que se pensa em leitura de textos multimodais. De acordo com Dionísio (2006),

A noção de letramento como habilidade de ler e escrever não abrange todos os diferentes tipos de representação do conhecimento existentes em nossa sociedade. Na atualidade, uma pessoa letrada deve ser uma pessoa capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem bem como ser capaz de produzir mensagens, incorporando múltiplas fontes de linguagem. (DIONÍSIO, 2006, p. 131)

¹¹ O conceito de multiletramentos aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente as urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO, 2012, p. 13)

Nesse contexto, estudiosos da multimodalidade ressaltam que - nas palavras de Dionísio - “os conceitos de escrita e de leitura também precisam ser revisitados, bem como as práticas pedagógicas que lhes são decorrentes” (DIONISIO, 2006, p. 132).

A autora, sendo esta também a nossa visão, reitera a necessidade da convivência harmoniosa entre os textos e suas linguagens, não se pressupondo uma supremacia de uma em detrimento de outra, mas sim, a observação dos reflexos causados por este convívio.

As práticas pedagógicas, por meio da aproximação com o educando, podem contribuir para que se obtenham respostas que resultam deste encontro, pois estes reflexos precisam ser delineados.

De acordo com estudos sobre Multimodalidade, Ramazzina Ghirardi (2014) chama a atenção no sentido da necessidade de se aprofundar em estudos voltados para a recepção leitora e as novas mídias:

(...) é preciso investigar, de um lado, o modo como os atuais leitores se apropriam do texto escrito e, de outro, as formas pelas quais tais textos vão sendo reconfigurados a partir das novas condições tecnológicas e sociais. Isso é, importa refletir sobre o impacto que as novas mídias representam nesse universo de inovações e o papel que a imagem exerce no imaginário dos leitores (RAMAZZINA GHIRARDI, 2014, p.435).

Diante disto, a escola, por ser um agente primordial nesta questão, não pode deixar de proporcionar o contato com atividades e o desenvolvimento de práticas que levem o aluno a saber explorar estes conteúdos como agente ativo, a ponto de adquirir autonomia em relação a eles e a adotar uma postura crítica para a concepção de entendimento e de interpretação.

No intuito de se estreitar esta relação, este estudo foi desenvolvido, objetivando investigar possíveis processos e estratégias de leitura que abarcam o encontro desta variedade midiática e suas distintas linguagens com os alunos leitores em questão, estudantes do Ensino Médio.

Capítulo 2. TEORIA DE MÍDIA E MIDIALIDADE

Abordar a questão sobre o conceito de mídia é um território muito amplo, no entanto, para esta pesquisa, importa o sentido já exposto anteriormente, de que a mídia nos serve como um sistema que se utiliza de signos semióticos para transmitir mensagens culturais. E estas mensagens, ao serem recebidas, podem gerar novas possibilidades de entendimento e interpretação.

A teoria de Claus Clüver (2011) vem ao encontro da expectativa deste estudo. O autor afirma que “as mídias são diferentes e semelhantes e que a intermidialidade deve ser compreendida como uma ponte entre diferenças midiáticas” (CLÜVER, 2011, p. 51) e ainda, que as condições de uma mídia implicam em operações de percepção e de interpretação dos seus receptores. Dessa forma, não fala apenas da sua materialidade, amplia este conceito ao tratar dos aspectos teóricos¹² que compõem a mídia e a midialidade. Segundo Clüver (2011),

Para os fins a que me proponho, definições de mídias que tratem apenas dos aspectos físicos da midialidade são muito limitadas (...). Nesse sentido, enfatizarei o encontro crítico do material, do perceptivo e do social. (...) Quero tratar a midialidade sob um ponto de vista hermenêutico. (CLÜVER, 2011, p. 52)

Elleström (2017) colabora também com esta investigação, ao abordar a questão da hermenêutica em relação às mídias e focalizar a percepção, a concepção e a interpretação, principalmente quando recai sob os aspectos estruturais de modalidade e modo¹³, ao envolver a multimodalidade e o estudo das linguagens. Suas colaborações se ampliam para este estudo quando o autor classifica as “modalidades das mídias” (ELLESTRÖM, 2017, p. 58), o que será abordado ao falarmos das modalidades e as mídias: romance, HQ e cinema, especificamente.

¹² Ao longo de minha argumentação farei a distinção entre “mídias básicas”, “mídias qualificadas” e “mídias técnicas”. Mídias básicas e mídias qualificadas são categorias abstratas que nos ajudam a entender como os tipos de mídia são formados por qualidades muito diferentes, ao passo que mídias técnicas são recursos tangíveis necessários à materialização de instâncias de tipos de mídias. (CLÜVER, 2011, p. 52)

¹³ Um “modo” é uma forma de ser ou de fazer as coisas. (ELLESTRÖM, 2017, p. 55)

2.1. Da linguagem verbal à linguagem multimodal

Partindo-se da literatura e o uso exclusivo da linguagem verbal, encontramos correspondência sobre a importância da recepção também das demais mídias, pois suas formas de se apresentarem podem trazer um retorno diferenciado, de acordo com a sua própria constituição.

Maingueneau (2013) ressalta as possibilidades das imposições características de cada mídia, “Deve-se levar em conta que “o médium” não é um simples “meio” de transmissão do discurso, mas que ele impõe coerções sobre seus conteúdos” (MAINGUENEAU, 2013, p. 81), o que pode refletir na própria recepção, uma vez que a comunicação passa pelos processos que vão da expressão por meio do enunciador ao encontro com o destinatário.

Estudos sobre a multimodalidade vêm aperfeiçoando esta ideia, uma vez que tem ocorrido uma maior inserção de outras linguagens nas mídias em circulação, principalmente a visual. Estudiosos como Kress e van Leeuwen (2006), partindo do conceito de Halliday (1994) em relação às funções da linguagem verbal, sistematizaram a Gramática Visual, pois acreditam que as formas de representações também estão presentes na modalidade visual. Esta afirmação baseia-se em Nascimento, Bezerra e Heberle (2011):

Tanto a linguagem verbal como a visual permitem construir representações de mundo (função de representação), atribuir papéis aos participantes representados – pessoas, objetos, instituições – e estabelecer diferentes relações entre os participantes no texto, bem como entre esses e o leitor (função de interação), e ainda organizar esses sentidos na forma de um todo que entendemos por texto (função composição). Tais funções da linguagem verbal foram descritas por Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004), e adaptadas por Kress e van Leeuwen (2006) para a linguagem visual, com vistas a informar a análise de textos multimodais. (NASCIMENTO, BEZERRA, HEBERLE, 2011, p. . 534)

A multimodalidade das mídias HQ e cinema envolvidas neste estudo, as quais fazem parte de mídias narrativas, vão, portanto, apresentar a *fabula* presente na mídia original – o romance – por meio de suas especificidades. Explorando esta visão, reitera-se o que se pretende aqui: investigar o processo de recepção leitora de estudantes do Ensino Médio que resultou do encontro do leitor

ou do espectador com o romance, com os quadrinhos ou com o filme, respectivamente.

Esta pesquisa, portanto, busca investigar o processo da recepção leitora de estudantes do Ensino Médio, e, ao usar como mídia o romance *O caçador de pipas*, compactua com as teorias que pretendem se aplicar no campo de abordagens sobre a leitura de textos literários.

2.2. Adaptações – intermedialidade

Percebe-se uma convergência entre as teorias que envolvem a linguagem, a literatura, as mídias, a intermedialidade e o ensino, conforme o que foi exposto até o momento. Dessa forma, reforça-se o papel das adaptações literárias e a sua presença nos conteúdos escolares.

Para Hutcheon (2013), a adaptação é:

Uma transposição anunciada e extensiva de uma ou mais obras em particular. Essa “transcodificação” pode envolver uma mudança de mídia (de um poema para um filme) ou gênero (de épico para um romance), ou uma mudança de foco, e, portanto, de contexto: recontar a mesma história de um ponto de vista diferente, por exemplo, pode criar uma interpretação visivelmente distinta (HUTCHEON, 2013, p. 29)

As transposições midiáticas são contempladas nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006, p. 65), nas quais encontramos: “O polo da leitura, fluido e variável, configura-se como espaço potencial indispensável no processo de compreensão da criação artística de qualquer natureza, quer essa se manifeste como texto verbal ou não”.

Reforça-se desta forma, o papel da disciplina de Língua Portuguesa, colocando à disposição novas linguagens e novos meios para se atingir a aprendizagem e o interesse do educando.

2.3. A transposição

A transposição tem sido um tema muito discutido no âmbito da Literatura, da Linguística e da Intermedialidade devido a sua grande importância nos processos

de adaptação. Dessa forma, as considerações de alguns estudiosos se fazem necessárias, uma vez que vêm ao encontro da nossa abordagem.

A transposição também pode ser considerada uma transcodificação, conforme HUTCHEON (2013), no que se refere à passagem de uma mídia para outra, no tocante ao seu conteúdo temático. Também significa a "transposição intersemiótica" em todas as suas manifestações e procedimentos paralelos de adaptação e transformação" (CLÜVER, 2006, p.15). Clüver (2006) afirma ainda:

Os estudos sobre esses processos se ocupam, em primeiro lugar, da representação linguística de textos não-verbais e da transposição de textos literários para outras artes e mídias (ilustrações, filmagem, musicalização como poema sinfônico e não como canção, etc.), mas percebe-se que esses procedimentos também acontecem entre mídias não-verbais. Em todos os casos de transposição intersemiótica, trata-se, pois, da mudança de um sistema de signos para outro e, normalmente, também de uma mídia para outra – conforme o que se entende por mídia. (CLÜVER, 2006, p. 17)

Dessa forma, estas duas vertentes serão exploradas no que se segue, uma vez que este estudo parte do processo da adaptação do romance para as duas outras mídias em questão.

No que se refere à adaptação e intermedialidade, quando se pensa no núcleo narrativo, especificamente em relação à *fabula*, pode-se afirmar que há uma interligação entre *fabula* (tema), a mídia e a *syuzhet*. No entanto, esta ligação não ocorre de forma semelhante, uma vez que a relação de dependência entre elas apresenta-se divergente. De acordo com Gaudreault e Marion,

Fabula e mídia são completamente independentes uma em relação à outra, enquanto que a *syuzhet* media um tipo de relacionamento entre as duas, ou seja, um produto resultante da encarnação de um substrato narrativo em mídia (GAUDREULT E MARION, 2012,, p. 117).

A independência midiática está diretamente relacionada à materialidade da sua constituição, pois, conforme afirmam os autores supra citados (2012),

Cada mídia, de acordo com os modos como explora, combina e multiplica materiais de expressão "familiares" – ritmo, movimento, gestos, música, discurso, imagem, escrita (em termos antropológicos nossa "primeira" mídia) – cada mídia, para recapitular, possui sua própria energética comunicativa. (GAUDREULT E MARION, 2012, p. 120).

Ambos os estudiosos chamam a atenção para o processo de "transemiotização" (ao se substituir um texto por outro), ocorrido no momento das

adaptações midiáticas e as restrições técnicas, dando como um dos exemplos a representação do tempo em cada uma das mídias.

Estas colocações reafirmam a importância de se averiguar o quanto as adaptações desenvolvem o núcleo narrativo, reconstruindo-o e ou ressignificando-o em relação ao texto original. Bem como (no caso deste estudo) se dá a recepção leitora, invocando a *syuzhet*. Principalmente, quando partimos da afirmação feita por Gaudreault e Marion (2012) que:

Obviamente, quando alguém pensa em narrativas, espontaneamente pensa nelas em termos da materialização “natural” da linguagem verbal. Mas, mesmo nesse nível, pense por um momento em um aspecto diferente, e mesmo num significado diferente, de uma história, ou mais precisamente da *syuzhet*, quando ela é expressa oralmente em oposição a quando é expressa por meio da escrita. E essas diferenças proliferam muito mais quando a *syuzhet* emerge dentro de mídias complexas como o cinema, a televisão e a história em quadrinhos. (GAUDREULT, MARION, 2012, p. 119-120)

Considerando-se a especificidade de cada uma das obras e suas características e particularidades estruturais e/ou estéticas, tivemos a “*fabula*” presente nos outros dois hipertextos (GENETTE, 2010).

As adaptações de romances surgem como transmodalidade (GENETTE, 2010), partindo de um texto fonte e possibilitando que a obra seja recriada, tornando-se independente e passando a fazer parte de um novo universo.

Estas adaptações recebem a denominação de “hipertextos”, segundo Genette (2010), a hipertextualidade é toda relação que une um texto B (hipertexto) a um texto anterior A (hipotexto), uma noção geral de texto de segunda mão ou texto derivado de outro texto preexistente.

Sobre as transposições, Genette (2010) considera,

A transformação séria, ou transposição, é sem nenhuma dúvida, a mais importante de todas as práticas hipertextuais, principalmente (...) pela importância histórica e pelo acabamento estético de certas obras que dela resultam. (GENETTE, 2010, p. 63)

A transposição pode reproduzir na íntegra, pode reduzir/amputar ou acrescentar trechos e informações da obra fonte. Essas alterações editoriais já fazem parte da prática literária e apoia-se em (e por sua vez reforça) uma prática

da leitura, no sentido radical, isto é, de escolha da atenção por parte do leitor, principalmente dos jovens leitores.

Segundo Genette (2010, p. 79) “Ler é bem (ou mal) escolher, e escolher é abandonar. Toda obra é mais ou menos amputada desde seu verdadeiro nascimento, quero dizer, desde sua primeira leitura.” Há muitos leitores que leem rapidamente alguns trechos das obras, voltando sua atenção mais exclusivamente para trechos da trama narrativa, para o enredo central da obra, desprezando ou abandonando outros trechos inseridos pelo autor para compor a sua narrativa.

Pode-se dizer que seja uma forma de atender a uma demanda, tanto de leitura quanto de leitores. De acordo com Genette (2010, p. 80), o público juvenil vem inspirando tais simplificações e, a meu ver, e ao que tudo indica, a transposição de obras literárias para o cinema e para a história em quadrinhos vem ao encontro desta tendência, reforçando-a e valorizando-a.

A utilização de diversificados meios midiáticos para levar o educando ao contato com o conhecimento literário encontra suporte nas Orientações Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o Ensino Médio (2006, p.18) que preveem que a área de Linguagem, Código e suas Tecnologias deve “levar o aluno à construção gradativa de saberes sobre os textos que circulam socialmente, recorrendo a diferentes universos semióticos”. Neste mesmo sentido, a Base Nacional Comum Curricular (2018) apresenta como proposta que:

No Ensino Médio, o foco da área de Linguagens e suas Tecnologias está na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações; na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais e no uso criativo das diversas mídias. (BNCC, 2018, p. 471)

Ao se utilizar de diversificações midiáticas por meio das adaptações de obras literárias como uma outra forma de metodologia aplicada na sala de aula, procura-se levar o aluno a estabelecer um maior contato com a literatura, como ampliar seu conhecimento por meio de outras artes, partindo-se do princípio do texto, ou sendo, da própria narrativa. Reitera-se, assim, as devidas propostas.

Neste aspecto, reforça-se a consideração da importância das três mídias em questão, principalmente por considerá-las importantes no ponto de que uma

completa a outra, ajudando o(a) aluno(a) leitor(a) quanto ao entendimento e quanto à formação de sentido do texto.

De acordo com Robert Stam (2006),

Sob uma perspectiva cultural, a adaptação faz parte de um espectro de produções culturais niveladas e, de forma inédita, igualitária. Dentro de um mundo extenso e inclusivo de imagens e simulações, a adaptação se torna apenas um outro texto, fazendo parte de um amplo contínuo discursivo. (STAM, 2006, p. 24)

As produções culturais contemporâneas, ao serem exploradas na escola, contribuem para que o educando valorize esta prática, percebendo a interação dos conteúdos escolares com o que vem ocorrendo ao seu redor.

Ainda, sobre a importância da narrativa no universo escolar, podemos nos basear na afirmação de Stam (2006):

A narratologia, uma forte tendência dentro dos estudos do cinema desde os anos 1970, enquanto isso, concede centralidade cultural à narrativa em geral, em oposição à narrativa literária isoladamente. Para a narratologia, os seres humanos usam as histórias como sua principal forma de fazer sentido das coisas, não apenas nas ficções escritas, mas o tempo todo, e em todos os níveis. (STAM, 2006, p. 24).

Dessa forma, pode-se afirmar também que esta contribuição serve para levar o educando a refletir sobre sua própria realidade por meio das narrativas, não somente com a visão literária ou do texto escrito, mas valorizando as características presentes nas demais mídias que o rodeiam.

Os narratologistas reafirmam esta ideia quando falam do núcleo ou do substrato narrativo que existe "abaixo" de mídias específicas. Sobre este tema, temos ainda a considerar, novamente o que apresenta Stam (2006):

A narrativa é protéica, assumindo uma variedade de formas, das narrativas pessoais da vida quotidiana até as miríades de forma de narrativa pública - quadrinhos, histórias, comerciais de TV, as notícias da noite e, claro, o cinema. (STAM - 2006 – p. 24).

Reforça-se assim, a aproximação do estudante com esta prática como uma outra possibilidade de seu contato com as variadas formas de narrativas que o cercam.

Ainda pode-se ressaltar a relação do gênero narrativo com a tendência de meios de estudos e formação para as novas gerações, assunto debatido no Fórum Desafios da Educação em 2013, com matéria publicada na revista Guia Geração

da Internet (2016, p.31): “Narrativa: Ensinar por meio de histórias – o chamado storytelling - é uma forma eficiente de instigar alunos totalmente conectados ao mundo visual”.

De acordo com Sayers (2007, apud Guia Geração da Internet 2016) em seus estudos, as Gerações são classificadas como: as gerações Y (geração multimídia), Z (nativos digitais) e Alpha (que tem ao seu redor: um universo de cores, formas e informação em tempo integral). Dessa forma, considera-se muito importante lançar novo olhar para a atual geração, uma vez que são frutos de mudanças tecnológicas.

Ressalta-se que já são estas as gerações de estudantes do Ensino Médio. Acostumados com modernidade, buscam por soluções inovadoras, tecnologia e métodos avançados para permanecerem interessados.

Daí reforça-se, novamente, a inclusão da intermedialidade multimodal, a importância de uma observação no resultado de toda esta mescla de signos e linguagens que estão sendo colocados à disposição da sociedade e, conseqüentemente, à disposição da Educação.

Não se quer, contudo, afastar o educando do texto escrito, do letramento do texto; procura-se ampliar horizontes, ofertar um maior número de possibilidades para que o estudante do Ensino Médio vá adquirindo autonomia e uma visão crítica por meio do conhecimento.

Dessa maneira, pretende-se, também, atender a uma expectativa dos estudantes, tornando a leitura na escola e por meio dela, um universo com maiores possibilidades e com uma maior aproximação do mundo multimodal e intermediário no qual eles estão inseridos.

2.4. A modalidade semiótica e as mídias romance, HQ e filme

As três mídias analisadas neste estudo possuem características comuns por serem constituídas de um caráter narrativo. No entanto, cada uma delas apresenta-se de forma específica e típica em sua formação, tendo em sua constituição uma linguagem própria. Dessa forma, faz-se necessário uma apresentação destas especificidades. Para Jauss (1970):

Toda obra literária pertence a um gênero, o que implica afirmar pura e simplesmente que toda obra supõe o horizonte de uma expectativa, ou seja um conjunto de regras preexistentes para orientar a compreensão do leitor (do público) e permitir-lhe uma recepção apreciativa (JAUSS, (1970 apud VIGNER, 1988, p. 32).

Para nós, estas informações são essenciais, uma vez que nos interessa, em especial, pela própria possibilidade de diversificação do seu entendimento e impacto na forma de recepção. Travaglia (2004), em artigo publicado sobre tipologias textuais, reafirma esta ideia:

Tanto os estudos linguísticos quanto os literários, atualmente, acreditam que se tem de trabalhar a questão dos elementos tipológicos, seja para caracterização, seja para o julgamento de boa formação ou para os julgamentos de valoração, levando em conta tanto a produção dos textos/obras, quanto à recepção dos mesmos (TRAVAGLIA, 2004, p. 151).

Levando em conta a “produção dos textos/obras” e suas especificidades, julga-se aqui necessário, fazer uma breve passagem sobre as três mídias envolvidas nesse processo. Ainda que as três mídias aqui tratadas tenham em comum um caráter narrativo, cada uma apresenta formas e características únicas em sua constituição. Desse modo, considera-se oportuno, apresentar uma síntese da linguagem que as constitui, por meio dos organogramas que serão apresentados a seguir.

O romance, aqui nesse trabalho configurado como mídia fonte, é considerado uma das manifestações do gênero narrativo, o qual é uma variante do gênero épico¹⁴, sendo escrito em prosa. O romance (segundo uma concepção resumida, bastante utilizada didaticamente) pode ser definido, segundo José de Nicola (1998), da seguinte forma:

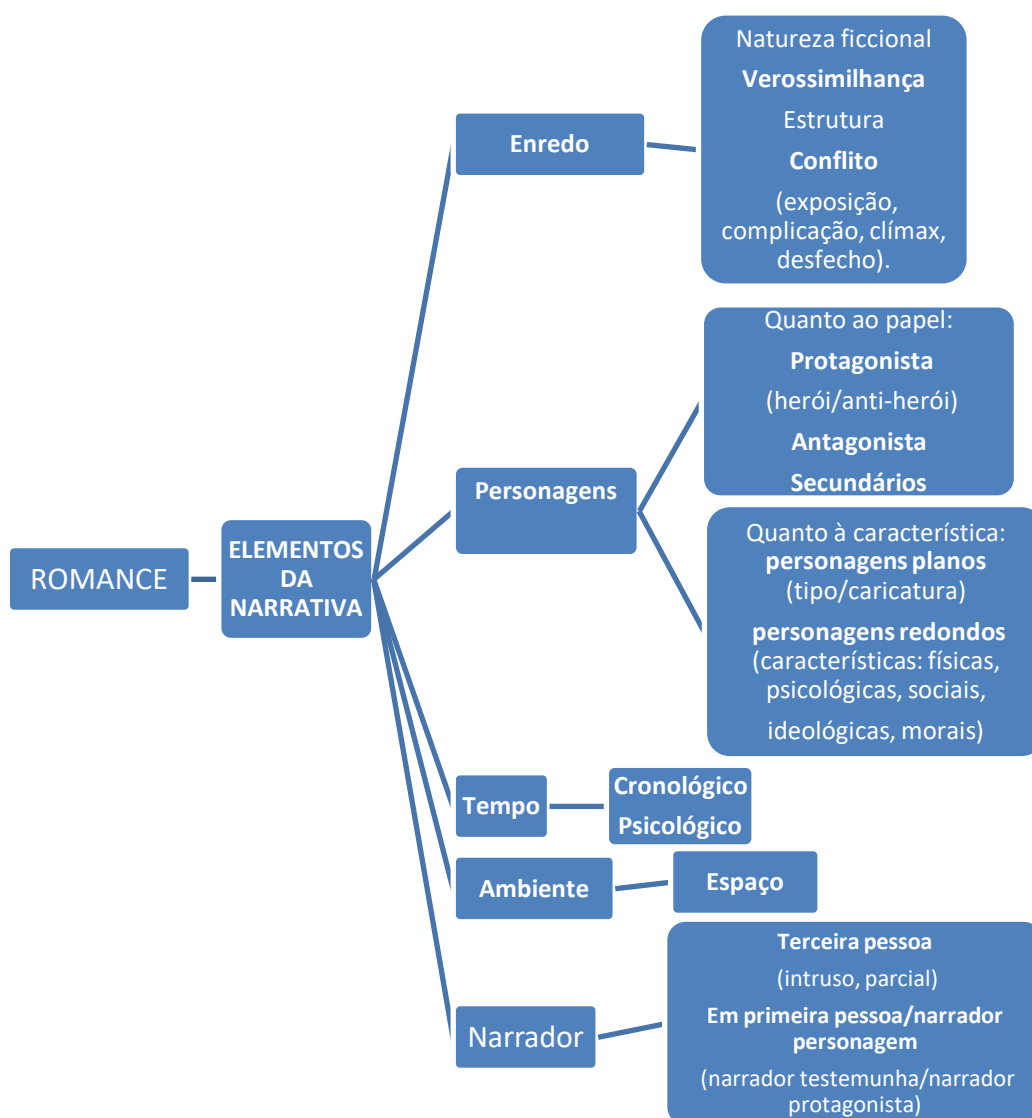
Romance – narração de um fato imaginário, mas verossímil, que representa quaisquer aspectos da vida familiar e social do homem. Comparado à novela, o romance apresenta um corte mais amplo da vida, com personagens e situações mais densas e complexas, com passagem mais lenta do tempo. Dependendo da importância dada ao personagem ou à ação ou, ainda, ao espaço, podemos ter romance de costumes, romance psicológico, romance policial, romance regionalista, romance de cavalaria, romance histórico, etc. (DE NICOLA, 1998, p. 38)

¹⁴ A palavra epopeia vem do grego *épos*, “verso”, + *poieô*, “faço”, e se refere à narrativa, em forma de versos, de um fato grandioso e maravilhoso que interessa a um povo. É uma poesia objetiva, impessoal, cuja característica maior é a presença de um narrador falando do passado (os verbos aparecem no pretérito). O tema é, normalmente, um episódio heroico da história de um povo. (DE NICOLA, 1998, p. 37)

O romance utiliza-se da linguagem literária e a sua estrutura é composta pelos elementos da narrativa. Estes elementos são responsáveis pelo encadeamento da trama da história e vão se apresentando ao leitor por meio de uma linguagem verbal representativa, de forma a compor o todo narrativo. Na visão de Bakhtin (1990),

Todo romance, em maior ou menor escala, é um sistema dialógico de imagens das linguagens, de estilos, de concepções concretas e inseparáveis da língua. A língua do romance não só representa, mas ela própria é objeto de representação. (BAKHTIN, 1990, p. 371, apud, DE MELO, 2010, p. 990)

Figura 2 – Organograma Linguagem do Romance

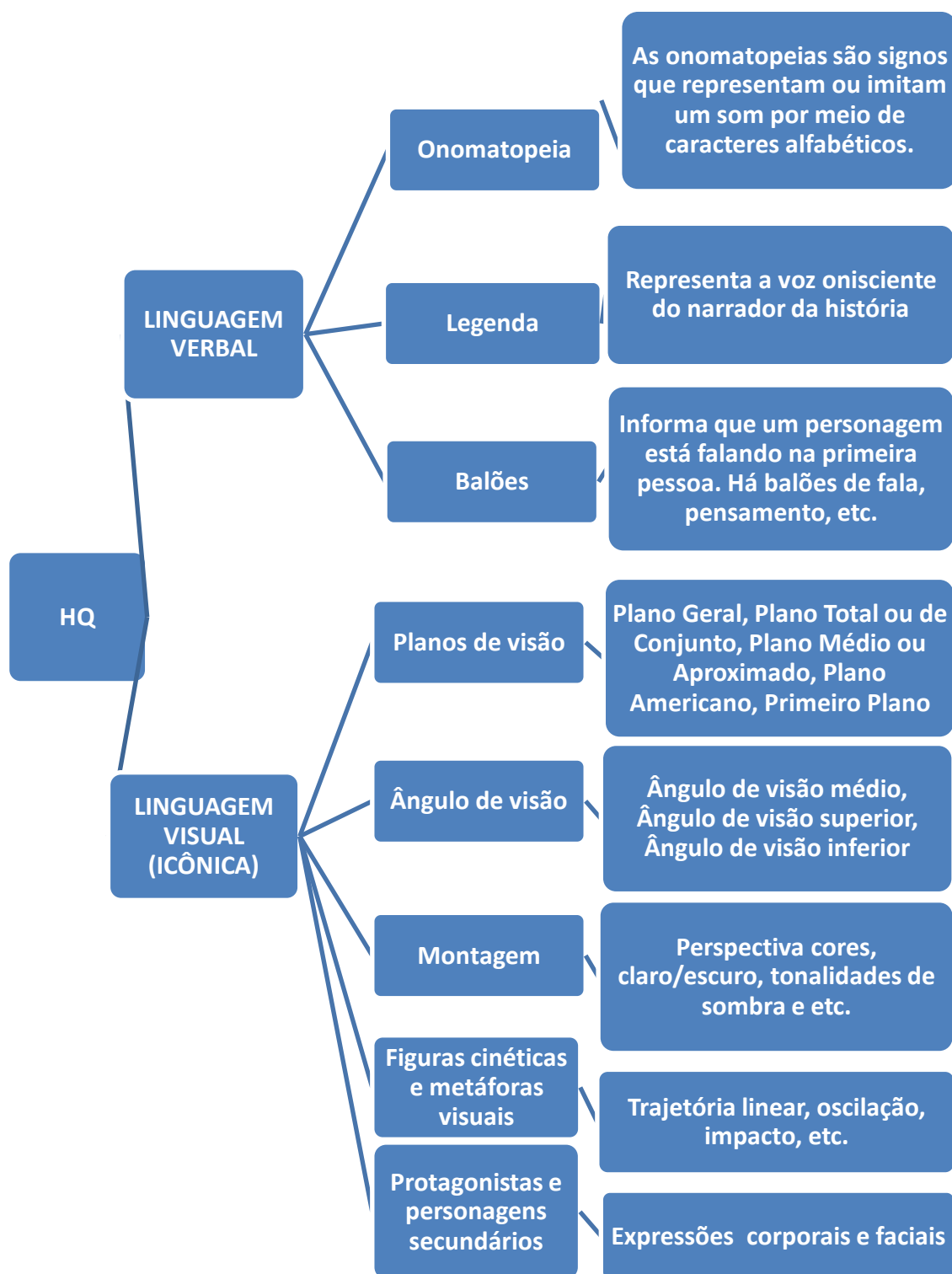


A segunda mídia aqui tratada é a HQ que representa uma adaptação da mídia fonte. Para trabalharmos o conceito de HQ, consideramos como definição a proposta de Cagnin (1975) “a história em quadrinhos é um sistema narrativo formado de dois códigos de signos gráficos: - a imagem, obtida pelos desenhos; - a linguagem escrita” (CAGNIN, 1975, p. 25). Dessa forma, temos a definição dos elementos que compõem uma história em quadrinhos: seus dois códigos, o verbal e o visual e também a estrutura narrativa.

Pode-se afirmar que a leitura e o entendimento das mensagens e dos conteúdos transmitidos por meio deste tipo de narrativa são feitos a partir da interação entre a linguagem verbal e a linguagem visual.

A linguagem dos quadrinhos foi sendo constituída ao longo do tempo, ora com criações próprias, ora com adaptações de outras formas de linguagem, acabando por adquirir uma linguagem específica do seu gênero, própria do seu universo. Sua linguagem verbal e visual podem ser definidas com suas características expostas no quadro da página seguinte, formulado a partir das informações retiradas do livro *Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula*, especificamente o que apresenta Vergueiro (2005) sobre o assunto:

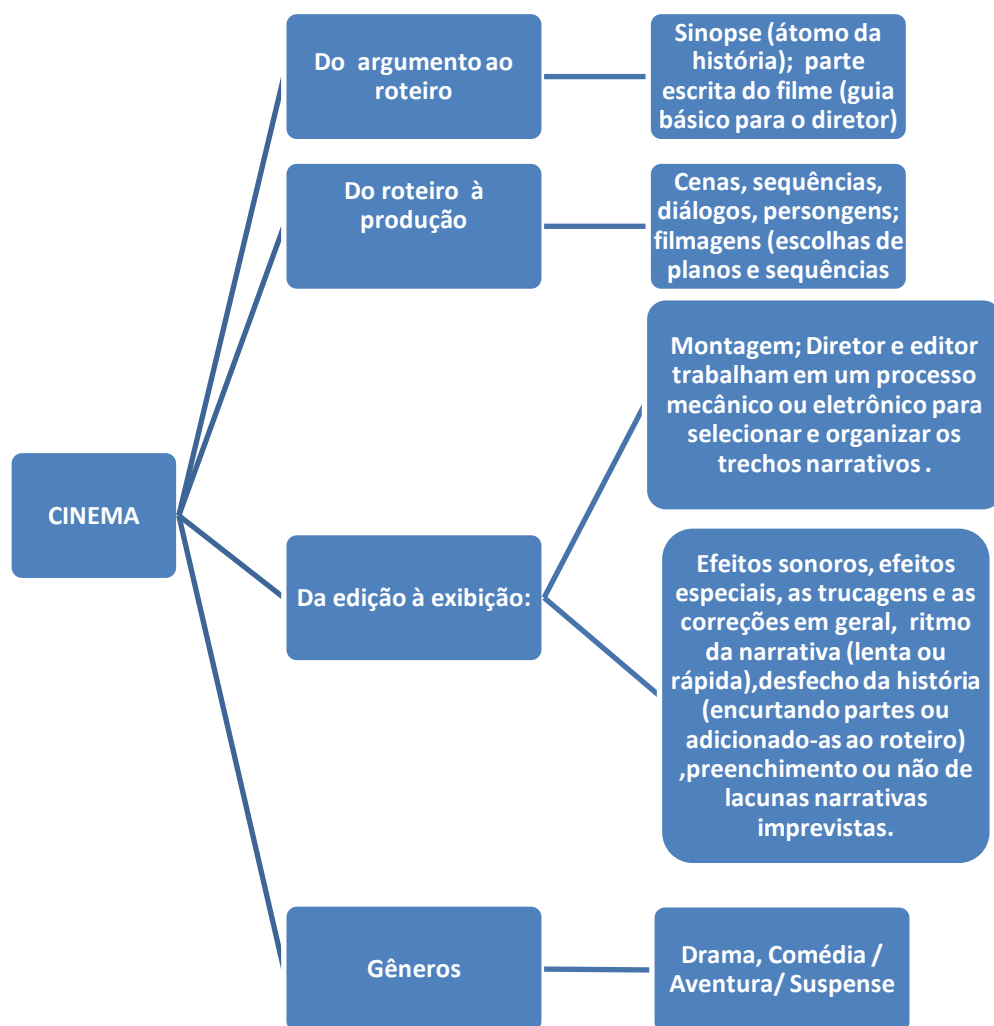
Figura 3 - Organograma Linguagem dos Quadrinhos



CAPUTO (2019) – baseado em *Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula* (VERGUEIRO, 2005).

Finalmente, a última mídia aqui tratada é a versão cinematográfica que também representa uma adaptação da mídia fonte, o romance. A linguagem do cinema pode ser definida com suas características expostas no quadro abaixo, formulado a partir das informações retiradas do livro *Como usar o cinema na sala de aula*, Napolitano (2011).

Figura 4 - Organograma Linguagem do Cinema



CAPUTO (2019) – baseado em *Como usar o cinema na sala de aula* (NAPOLITANO, 2011).

Como se pode observar na tabela acima, o texto fílmico apresenta-se com uma linguagem específica que, na sua totalidade, por meio de imagem, som, gestos, é sobrecarregada de significados. Metz (1971) explicita esta afirmação:

O cinema não é uma língua, sem dúvida nenhuma, mas pode ser considerado como uma linguagem, na medida em que ordena elementos significativos no seio de combinações reguladas, diferentes daquelas praticadas pelos idiomas e que tampouco decalcam a realidade. Assim, sendo uma linguagem, permite uma escrita, isto é, o texto fílmico. (METZ, [1971] 1980, p. 338, apud CUNHA, 2013, p.83).

Dessa forma, a mídia cinema permite que o texto fílmico ganhe uma representação dinâmica ao adaptar o que fora expresso no modo escrito para as encenações por meio de imagens, gestos, sons e falas. Essa dinâmica, característica dessa mídia, consegue aproximar de forma diferente o espectador/leitor da narrativa ao criar a sensação de que o que ele está assistindo é real.

Expostas as características das linguagens específicas das três mídias, pode-se afirmar que há uma interação de modos em sua própria constituição, no entanto, cada mídia vai atribuir um maior destaque a um modo específico ou, ainda, vai explorá-lo simultaneamente.

Retomamos aqui o que Elleström (2017) considera que as mídias possuem e o que ele classifica como modalidades “eu as chamo de modalidade material, modalidade sensorial, modalidade espaçotemporal e modalidade semiótica” (ELLESTRÖM, 2017, p. 58) e que, como sendo seus fundamentos, fazem com que elas sejam percebidas de diferentes maneiras, principalmente, no que se referem à questão da materialidade, da percepção e da cognição. Dessa forma, como este estudo está voltado mais especialmente para a recepção no que envolve o entendimento e interpretação de sentidos, a modalidade semiótica é a que mais nos interessa no momento.

Para as três mídias utilizadas neste estudo, reiteramos as considerações de Elleström (2017) em relação à modalidade semiótica, pois servirão de base para as considerações e análises dos questionários aplicados aos alunos.

Em relação à modalidade semiótica, no romance, temos “Textos escritos – as funções sígnicas simbólicas das letras e das palavras dominam o processo de significação.” (ELLESTRÖM, 2017, p. 71). Já em relação à HQ, podemos considerar que temos “(...) todos os tipos de imagens visuais (desenhos, números, tabelas e fotografias, por exemplo) são geralmente dominados por signos icônicos” (ELLESTRÖM, 2017, p. 71).

No que diz respeito à produção cinematográfica e sua modalidade semiótica, temos imagem em movimento combinada com ondas sonoras, trazendo signos icônicos. De acordo com Elleström, 2017, “cinema como uma mídia qualificada multifacetada” (ELLESTRÖM, 2017, p. 76)

Num primeiro momento, importa ressaltar e reafirmar a concepção de que as diferentes modalidades em questão podem gerar mudanças nos processos cognitivos, perceptivos e receptivos. E isto é o que pretendemos observar por meio da Sequência Didática que foi aplicada e por meio dos resultados obtidos.

Dessa forma, o próximo capítulo aborda a metodologia utilizada, os conceitos aplicados e os resultados obtidos.

Capítulo 3. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

As etapas descritas a seguir fizeram parte do nosso projeto de pesquisa “A recepção leitora nas diversas linguagens de *O caçador de pipas*: do romance, à HQ e ao filme” desenvolvido no programa de Pós-graduação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP. Para tanto, foi desenvolvida uma sistematização metodológica que teve como base a estrutura de uma Sequência Didática¹⁵ (doravante mencionada SD), a qual foi aplicada a um grupo de estudantes do 2º ano do Ensino Médio, como meio para a obtenção dos dados necessários para esta pesquisa.

Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) a SD “procura favorecer a mudança e a promoção dos alunos ao domínio dos gêneros e das situações de comunicação” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97, apud ARAÚJO, 2013, p. 322-334). Dessa forma, focou-se, principalmente por meio da promoção do contato com as mídias diferentes, explorar variadas situações de comunicação. Situações estas que foram utilizadas como uma importante ferramenta para a obtenção dos nossos objetivos específicos, em relação à recepção leitora das diversas linguagens das mídias em questão, especialmente no que se refere à temática, aos elementos da narrativa e à fábula.

Cabe ressaltar neste momento que, para fins de uma maior adequação do nosso objetivo e para sua melhor aplicabilidade, foram feitas adaptações quanto à estrutura da SD proposta pelos autores de Genebra.¹⁶ Dessa maneira, contamos com uma etapa inicial de apresentação, com a aplicação das atividades divididas em módulos e, como produção final, consideramos as respostas dos questionários aplicados, uma vez que as respostas dos alunos servirão para avaliação e análise. Assim, a definição de Araújo (2013, p. 323) vem ao encontro do que foi aplicado “De modo simples e numa resposta direta, sequência didática [...] é um modo de

¹⁵ Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97) (...) “sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” (apud ARAÚJO, 2013, p. 322-334)

¹⁶ Modelo/esquema de SD – Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004,): Apresentação da situação/Produção inicial/Módulo 1/ Módulo 2/ Módulo N/ Produção final. (apud ARAÚJO, 2013, p. 323)

o professor organizar as atividades de ensino em função de núcleos temáticos e procedimentais.” Essa perspectiva corrobora com nosso conceito, quando reafirma o que os próprios autores genebrinos dizem sobre a SD ser um modelo incompleto, ainda aberto, no qual é possível integrar outros elementos linguísticos.

Esta SD foi aplicada em um período total de 16 aulas, contando inicialmente com 25 estudantes, mas por haver faltas de alunos em alguns dias, não conseguimos obter toda esta quantidade de questionários aplicados em todas as etapas. Nos questionários iniciais – Pré-leitura, Hábitos de Leitura e Entendimento do Texto - contamos com os grupos em sua quase totalidade; no entanto, o número para o questionário final foi de 12 alunos. Embora tenha ocorrido uma diminuição, a quantidade foi satisfatória, representou um material riquíssimo para nossa pesquisa e contribuiu muito para o alcance do nosso objetivo.

Na sequência, nos subitens a seguir, explicitamos cada etapa realizada.

3.1. Preparação da SD – atividades

Mediante a definição dos objetivos a serem atingidos, os quais foram previamente mencionados, iniciamos a preparação da SD para que fosse aplicada aos alunos. Sua elaboração se deu por meio de uma seleção de trechos dos capítulos do romance, procurando-se, a princípio, obedecer a critérios de escolha que procurassem garantir um contato com o enredo¹⁷ principal.

Em referência ao enredo, torna-se oportuno apresentarmos uma sinopse da história, a qual segue transcrita:

O caçador de pipas narra a história de Amir e Hassan, dois meninos que são amigos e vivem no Afeganistão no ano de 1970. Ambos são de etnias, sociedades e religiões diferentes, mas possuem um forte laço de amizade e desfrutam da infância sempre juntos. No entanto, vários acontecimentos vão modificar este cenário, dentre eles um episódio marcante no qual Amir demonstra ser fraco e não corresponder à fidelidade de Hassan. Também, a invasão da União Soviética no país contribui para que os dois amigos se separem. Amir, anos depois, volta ao Afeganistão para tentar se redimir da culpa que o perseguiu por ter

¹⁷ ENREDO- é uma sequência de fatos que ocorrem com determinados personagens, em um determinado lugar ou, por um outro lado, é o esqueleto da narrativa, aquilo que dá sustentação à história, é o desenrolar dos acontecimentos. (Grossi, 2012, p. 58)

sido infiel com Hassan. (CAPUTO, 2019 – baseado em *O caçador de pipas*, HOSSEINI, 2005)

Fazendo referência à citação de Grossi (2012, p. 58/59) “Aristóteles, em *A Poética*, nos diz que o enredo “é a composição de atos (ações) feitos pelas personagens””. “Portanto, o enredo pressupõe um nexos de causalidade entre os acontecimentos.” (GROSSI, 2012, p. 59). Dessa forma, procuramos manter, por meio das nossas escolhas e seleções, trechos que justificassem a coerência e o nexos da trama narrativa imposta pelo romance.

Também foi motivo de preocupação, durante o processo de recortes e seleção, a tentativa de procurar manter os trechos que explorassem as temáticas mais relevantes, no intuito de tentar se fazerem presentes os temas universais que a história traz.

A temática universal, abordada neste romance, mostra-se reconhecida por críticos literários, como nos indica Pinto (2010) em sua dissertação:

O segundo artigo, escrito por Adson Boaventura, para a revista eletrônica *Paradoxo*, em dezembro de 2005, denomina-se “*O caçador de pipas: uma amizade e um drama no Afeganistão*” (...). No título, mais uma vez, o destaque para a perspectiva sentimental da história, trazendo palavras como amizade e drama. (...) O último parágrafo traz dados sobre a opinião da crítica internacional, o sucesso de vendagem, a importância de conhecer e vencer preconceitos sobre a cultura afegã, além da ênfase aos temas como amizade e amor (PINTO, 2010, p. 56).

Temas que, de certa forma, estão presentes no cotidiano dos jovens estudantes. Em sua dissertação, Pinto (2010), reforça:

Outra atitude que marca a prática de leitura, dos leitores selecionados, é a escolha dos livros pelo tema, que ficou evidente no questionário de múltipla escolha e foi reforçado no questionário aberto, pois muitos leitores responderam que um dos motivos da atração ou da curiosidade pelo livro, *O Caçador de Pipas*, foi o tema. Com este grupo de leitores foi recorrente mais uma prática relacionada ao ato da leitura, a saber, levar em consideração a opinião de mediadores como amigos e parentes e da mídia representada por resenhas, críticas, listas dos mais vendidos, entre outros (PINTO, 2010, p. 98).

Um critério observado também foi no sentido de escolhas de trechos os quais possuíam correspondência nas duas outras mídias. Dessa forma, foi apresentado aos alunos o total de seis trechos do romance, envolvendo parcialmente a história, a saber: páginas 09 e 10 - capítulo UM, páginas 34 a 36 - capítulo QUATRO, páginas 46 a 49 - capítulo CINCO, páginas 72 a 84 - capítulo

SETE, página 106 a 112 – Capítulo NOVE e páginas 360 a 365 - capítulo VINTE E CINCO, os quais se apresentam transcritos nos anexos, juntamente com os trechos correspondentes nas duas outras mídias para as quais a história foi adaptada.

Após esta seleção, procedeu-se com a elaboração dos Questionários, os quais serão explicados oportunamente.

3.2. Preparação da SD - Questionários

Quanto aos questionários, foram utilizadas orientações teóricas de Fourtanier, Langlade e Mazauric (2006). Os autores nos orientam quanto aos dispositivos de leitura, por meio de atividades voltadas para uma situação escolar com uma perspectiva didática: “Estamos interessados na relação estética (no primeiro sentido), isto é, na maneira como um leitor é afetado por uma obra e na maneira como a obra é afetada por uma leitura (tradução nossa)¹⁸. As questões foram baseadas no sentido de explorarmos a reação do leitor, a coerência apreendida e seu entendimento sobre o assunto.

Seguimos exemplos baseados nos trabalhos de Claudette Cornaire (1991) na intenção de atingirmos as etapas do entendimento e da interpretação textual. Segundo a autora, a compreensão da leitura se faz por meio da seleção de um esquema¹⁹ feito pelo leitor na sua interação com o texto. Dessa forma, buscou-se explorar este processo com perguntas que procurassem garantir o que Cornaire (1991, 28) considera como os três fatores que podem influenciar na compreensão leitora: ‘1) o contexto em que o texto se insere; 2) as características do texto; e 3) o conhecimento do leitor (CORNAIRE, 1991, p. 28 - tradução nossa).’²⁰

¹⁸ Nous intéresse la relation esthétique (au sens premier), c'est-à-dire la façon dont un lecteur est affecté par une œuvre et la façon dont, en retour l'œuvre est affectée par une lecture. FOURTANIER, LANGLADE e MAZURIC (2006, p. 04).

¹⁹ Le schème est un groupement structuré de connaissances qui représentent un concept particulier, par exemple un objet, une perception, une situation, un événement, une série d'actions, etc. (CORNAIRE, 1991, p. 25) – “o esquema é um grupo estruturado de conhecimento que representa um conceito particular, por exemplo, um objeto, uma percepção, uma situação, um evento, uma série de eventos e assim por diante.” (tradução nossa)

²⁰ 1) le contexte dans lequel s'insère le texte; 2) les caractéristiques du texte; et 3) les connaissances du lecteur (CORNAIRE, 1991, p. 28).

Os questionários foram elaborados para serem aplicados em etapas que contaram com: Pré-leitura, Questões sobre Hábitos de Leitura, Questões sobre o Entendimento do Texto Parte 1 (após o contato com apenas uma das mídias) e a Parte 2 (após terem tido contato com as três mídias). Ressalta-se que estas questões e suas respectivas respostas estarão mais amplamente abordadas em subitem específico.

3.3. A aplicação efetiva – a escola e os alunos

A escola selecionada para a aplicação da pesquisa foi a Escola Estadual Professora Aparecida Rahal, situada em São Paulo. Com o consentimento da direção da unidade, da coordenação e da professora titular de Língua Portuguesa da turma, o primeiro contato se deu com a explicação do devido Projeto, com a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)²¹ e do Termo de Assentimento²² e, posteriormente, com o início das atividades.

Os alunos participantes faziam parte de uma turma do segundo ano do Ensino Médio, com idade média aproximada de 13 a 14 anos. A princípio, após a minha primeira visita à sala de aula para a exposição da ideia do projeto, nem todos os alunos tinham se disponibilizado, mas no dia seguinte houve adesão de 99% dos alunos - um aluno recusou-se a participar (e nem quis saber sobre o que se tratava), tentamos conversar com ele, mas ele se mostrou bem resistente, então a professora da sala ficava dando aula apenas para ele, uma vez que se recusou a nos acompanhar.

²¹Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - documento no qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante e/ou de seu responsável legal, de forma escrita, devendo conter todas as informações necessárias, em linguagem clara e objetiva, de fácil entendimento, para o mais completo esclarecimento sobre a pesquisa a qual se propõe participar; (Resolução Nº 466, DE 12 de dezembro de 2012. Plataforma Brasil)

²²II.24 - Termo de Assentimento - documento elaborado em linguagem acessível para os menores ou para os legalmente incapazes, por meio do qual, após os participantes da pesquisa serem devidamente esclarecidos, explicitarão sua anuência em participar da pesquisa, sem prejuízo do consentimento de seus responsáveis legais; (Resolução Nº 466, DE 12 de dezembro de 2012. Plataforma Brasil)

3.4. A SD – Fases e etapas do contato com os alunos

No nosso primeiro contato, levei os alunos para a sala de leitura, apresentei-me, expliquei o projeto, li o termo de aceite e entreguei-o para que eles levassem para os pais/responsáveis assinarem. Após ir à escola duas vezes para pegar as autorizações, consegui iniciar a atividade efetivamente, já com o início da aplicação da SD.

Fase inicial:

- 1) explicação sobre o projeto e a pesquisa
- 2) primeiro contato com a obra
- 3) a atividade da pré-leitura
- 4) questionário sobre Hábitos de leitura (partes 1 e 2).

Nesta fase, todos participaram em conjunto, ainda sem a divisão em grupos, uma vez que se tratava de uma atividade direcionada a todos os participantes e que não necessitava de uma divisão prévia.

Fase de desenvolvimento (questionários):

- 5) Entendimento do texto a partir de cada mídia
- 6) Entendimento do texto a partir de mídias diferentes
- 7) Último encontro e a finalização com uma autoavaliação.

A seguir, apresentaremos os Questionários e como foram usados em suas respectivas etapas.

3.5. Pré-leitura

Produção inicial - Pré-leitura

A nossa atividade de pré-leitura teve como base as orientações de Cuq (2005) que nos indica:

Para restituir um mínimo de autenticidade da escolha de um livro para ler e, sobretudo, para criar condições favoráveis à recepção de um texto, é, às vezes, muito judicioso, antes da leitura, interrogá-lo analisando seu título, observando sua apresentação icônica, sua fisionomia tipográfica para notar sua estrutura, seu tipo de discurso, o gênero ao qual pertence; confrontar essas informações colhidas na capa, na quarta capa, no prefácio, em julgamentos críticos da imprensa, em dados sócio-históricos,

em suma, em todo o aparelho para-textual e /ou em um quadro contextual que mostram ou despertam o imaginário, já sugere um Programa. (CUQ, 2005, p. 421, apud RAMAZZINA GHIRARDI, 2018, p. 84).

De acordo com estas indicações, e tratando-se de alunos do segundo ano do Ensino Médio, partimos do pressuposto de que já tinham tido contato com a disciplina de Literatura e já conheciam os gêneros em questão. Assim, para tentarmos partir do universo prévio do conhecimento de mundo²³ deles, foram elaboradas questões bem generalizadas e que exploraram o que Jauss (1978, apud JOUVE, 2002, p.27) nomeia como horizonte de expectativa²⁴.

Como estratégia utilizada para explorar e observar as expectativas dos alunos e como forma de apresentação da obra para eles, de maneira a inseri-los no contexto e motivá-los à leitura, foi proporcionado o primeiro contato com a obra: os três grupos tiveram a experiência de folhear o romance. Neste momento inicial, a orientação foi que apenas folhassem, olhassem, tivessem uma aproximação tátil e visual com esta mídia escrita.

Num primeiro momento, os alunos e as alunas se detiveram a isto somente, mas alguns foram um pouco além e já começaram a ler alguns trechos dos capítulos (precisei fazer intervenção para que pudéssemos continuar com a atividade, sem avançarmos naquele momento, para manter a integridade do processo).

Continuando com a estratégia de pré-leitura, foi realizado um brainstorming:

- *Qual a sua primeira impressão ao ter contato com o livro?*
- *De acordo com o título você acha que o texto fala sobre o quê?*
- *Até que ponto este livro desperta o seu interesse?*
- *Você acha que vai gostar de ler este livro? Por quê?*
- *Vocês conhecem este autor?*
- *Você já ouviu falar do Afeganistão?*
- *O que é etnia?*

²³Conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo – Refere-se a conhecimentos gerais sobre o mundo – uma espécie de thesaurus mental – bem como a conhecimentos alusivos a vivências pessoais e eventos espaço-temporalmente situados, permitindo a produção de sentidos (KOCH; ELIAS, 2006, p. 42).

²⁴ Normas essencialmente estéticas: o conhecimento que o público tem a respeito do gênero a que pertence a obra, a experiência literária herdada de leituras anteriores (que familiarizam o público com certas formas e certos temas) e a distinção vigente entre linguagem poética e linguagem prática. (JOUVE, 2002, p. 27-28).

- *O que é preconceito?*
- *O que é amizade para você?*

Estas perguntas foram feitas oralmente. Procurou-se, dessa forma, estabelecer um diálogo para inserirmos a obra no contexto da atividade. Depois pedi para que eles registrassem por escrito para que pudéssemos ter este material documentado. Neste primeiro momento, pude perceber desde o interesse maior de alguns à indiferença de outros. Os alunos, ao saírem da sala de aula convencional para irem para a sala de leitura, já ficaram com uma predisposição, aparentemente positiva, por associarem a uma atividade diferenciada. Na sala, sentaram-se em grupos de quatro a seis pessoas e, claro, com seus respectivos colegas de sempre.

Por se conhecerem e estarem em grupos, tive que fazer algumas intervenções, solicitando que fizessem a leitura sem se dispersar. Reforcei a importância daquele procedimento e daquele momento, o qual envolvia a participação efetiva de cada um deles. Procurei sempre estabelecer um diálogo amigável.

- *Quais romances você conhece?*
- *Com quais autores você já teve contato?*
- *Como você define um filme? Você já viu filme na escola?*
- *Todos conhecem História em Quadrinhos? Já leu alguma na escola?*

De acordo com a interação e com as respostas, fui orientando-os e dando definições e exemplos dos gêneros mencionados.

É importante ressaltar aqui que, diferentemente do nosso pressuposto, uma grande parte dos alunos demonstrou não ter conhecimento exato do que seria um “romance”, sendo que o mesmo não ocorreu em relação à HQ e ao filme. Em conversa com um dos grupos quando estavam lendo o livro, uma aluna comentou “Eu ainda não vi o romance aqui.”, então perguntei “O que é um romance para você?”. Ela respondeu: “Romance é o que tem sentimento”, “Romance tem que ter amor”, “A palavra já diz”; outros alunos disseram que “Não parece um romance”, “É um romance meio não romance”, “Romance é uma história feliz”;

então, expliquei o que significa o gênero romance. Falei sobre suas características e suas classificações.

Podemos apontar desta forma, uma carência quanto ao contato com este gênero textual, demonstrando uma dificuldade quanto ao conhecimento superestrutural, podendo vir a comprometer a própria leitura e, conseqüentemente, a sua compreensão.

De acordo com Koch e Elias (2006),

Conhecimento superestrutural ou conhecimento sobre gêneros textuais – Permite a identificação de textos como exemplares adequados aos diversos eventos da vida social. Envolve também conhecimentos sobre as macrocategorias ou unidades globais que distinguem vários tipos de textos, bem como sobre a ordenação ou sequenciação textual em conexão com os objetivos pretendidos (KOCH; ELIAS, 2006, p. 54).

Entende-se que, neste caso, o comprometimento se dá porque a própria leitura pode acabar não acontecendo. Alguns alunos mencionaram que não queriam ler porque se tratava de um romance e eles não gostavam de romances.

O fato de associarem “romance” à história de amor, tanto afastou, quanto atraiu num primeiro momento. Pois ao descobrirem que a história não correspondia à expectativa criada, gerava-se ora um abandono, ora uma aproximação.

Na sequência, foram feitas perguntas mais relacionadas ao meu objeto de estudo, utilizando estratégias para a contextualização²⁵ da obra, para proporcionar um maior contato e provocar a construção de sentido, como nos orientam Koch e Elias (2006):

Nossa atividade de leitores ativos em interação com o autor e o texto começa com antecipações e hipóteses elaboradas com base em nossos conhecimentos sobre o autor do texto, o meio de veiculação do texto, o gênero textual, o título – elemento constitutivo do texto cuja função é, geralmente, chamar a atenção do leitor e orientá-lo na produção de sentido, a distribuição e configuração de informações no texto (KOCH; ELIAS, 2006, p. 13).

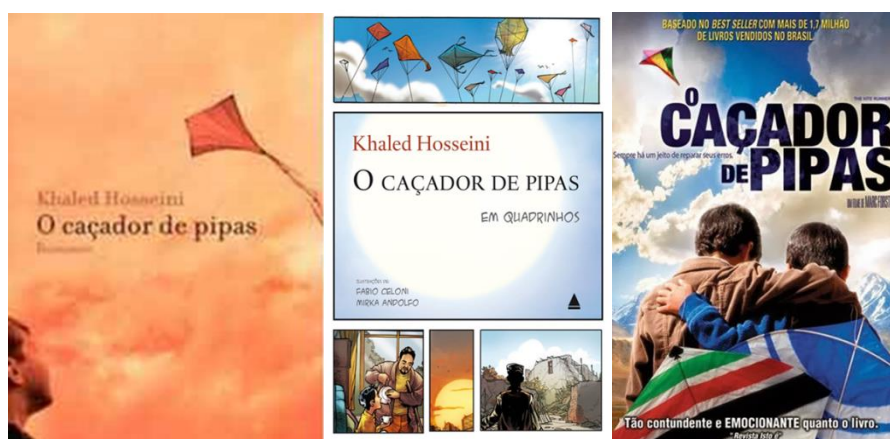
²⁵ A contextualização é feita pela descrição das condições de produção que envolvem o gênero, o suporte, a época, o contexto mais próximo (se for uma notícia de jornal, em qual caderno aparece, etc.), o escritor e outros dados que o professor julgar pertinentes. O objetivo dessa aproximação é informar, posicionar e principalmente tentar seduzir o aluno para o trabalho com a leitura e o texto. (MICHELETTI E GEBARA, p. 238, 2012)

Dessa forma, para chamar a atenção dos alunos, foram feitas perguntas como:

- “Vocês conhecem o livro *O caçador de pipas*?”
- “Vocês o conhecem de alguma outra forma?”
- (para ver se já conheciam o filme ou a HQ)
- “Vocês conhecem o autor *Khaled Hosseini*?”

Para as quais os alunos responderam, respectivamente: não terem nenhum conhecimento do romance, não o conhecerem de outra forma e a grande maioria mencionou também não conhecerem o autor. Estas respostas levaram-me a explorar um pouco mais este momento de conhecimento prévio. Dessa maneira, no encontro seguinte, fomos à sala de vídeo – CIC – projetei para eles as imagens das capas das três mídias, conforme as ilustrações abaixo:

Figura 5 – Imagens das capas do romance, do filme e da HQ



HOSSEINI, Khaled. – *O caçador de pipas* romance e *quadrinhos* – Nova Fronteira, 2005/2011 (respectivamente) e FORSTER, Marc. – *O caçador de pipas* (filme), 2007

Por meio do contato visual com as capas, instiguei-os a falarem sobre o que mais havia chamado a atenção em cada uma delas. E, dessa forma, fui colhendo as observações que eles foram fazendo oralmente sobre a impressão que tiveram. Essas impressões serão expostas oportunamente no próximo capítulo, quando forem apresentadas as respostas dadas por eles.

3. 6. Hábitos de leitura

Módulo 1 /Hábitos de Leitura

As questões sobre hábitos de leitura foram divididas em duas partes, sendo que na primeira, fizemos abordagens por meio de questões abertas, nas quais os alunos tinham a possibilidade de expressarem seu entendimento de forma livre e espontânea. E também contamos com questões fechadas²⁶, de múltipla escolha, havendo na maioria das vezes, espaço para respectivas justificativas.

HÁBITOS DE LEITURA - PARTE I

- *Você gosta de ler? (escolha uma resposta)*
- *Fora as leituras de aula, quanto tempo você destina à leitura por semana?*
- *O que você prefere ler?*
- *Por que você prefere essa leitura ou esse tipo de livro?*
- *O que você leu nessas duas últimas semanas? Cite o(s) título(s):*
- *“Você gostaria que seu professor o deixasse escolher algumas das leituras de sala de aula?” Por quê?*

Na segunda parte, as perguntas foram abertas, deixando os alunos se expressarem mais livremente. Após terem respondido à primeira parte do questionário, puderam responder estas outras questões:

HÁBITOS DE LEITURA - PARTE II

- *Você pode dizer que se considera um leitor/a?*
- *Você sente prazer quando lê? Por quê?*
- *O que você prefere?*
- *Se você tivesse que escolher um meio para conhecer uma história, você optaria por qual mídia?*

²⁶ Apresentam uma série de possíveis respostas, abrangendo várias facetas do mesmo assunto. (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 103, apud. PINTO, 2010, p. 63)

3.7. Entendimento do texto a partir de cada mídia

Módulo 2 - Entendimento do texto

Neste módulo, após a etapa individual, dividimos a sala em três grupos (sendo dois com oito alunos e um com nove alunos), pois cada grupo iria iniciar as leituras por uma mídia diferente, até todos terem contato com as três – o romance, a HQ e o filme.

O quadro a seguir explicita a ordem pela qual os grupos tiveram contato com as três mídias:

Figura 6- Quadro da apresentação das mídias aos grupos

Grupo	Sequência da leitura de mídias		
1	HQ	Romance	Filme
2	Romance	Filme	HQ
3	Filme	HQ	Romance

(Criado por RAMAZZINA, 2019)

Esta divisão foi aleatória, embora alguns alunos quisessem manter-se com seus pares e grupos já de costume (o que na medida do possível foi atendido, não havendo maiores problemas em relação a isto naquele momento).

Cada grupo foi direcionado para iniciar a atividade com uma das mídias e, por questão de dinâmica, iam para a sala de leitura os grupos que iriam ler o romance e os que iriam ler a HQ. O grupo que iria assistir ao filme, ficava na sala de aula com a professora responsável pela turma. Havia a necessidade de agendamento para a utilização da sala de vídeo, dessa forma, fomos fazendo esta alternância até que os três grupos tivessem tido a oportunidade de conhecer a história por meio das três mídias.

Após a formação dos grupos, foi pedido que cada aluno lesse os trechos selecionados e, posteriormente, fizesse uma apresentação, expondo o que leu no capítulo referido. Concomitantemente, foi solicitado que houvesse um redator em cada grupo para que registrasse os principais elementos da narrativa em questão (narrador, personagens, lugar, tempo, enredo e clímax de cada capítulo). Após esta etapa, cada subgrupo fez sua apresentação.

Na sequência, foi aplicada a primeira parte do questionário sobre “*Quanto aos trechos de O caçador de pipas*” (em anexo), identificando com qual mídia o/a aluno/a tinha acabado de ter contato.” Depois, as perguntas e as respostas do

Questionário da Parte 1 do entendimento foram aplicadas de acordo com o término da leitura de cada uma das formas/mídias.

Dentre as várias questões aplicadas - as quais estão presentes no Apêndice desta dissertação - optou-se, neste momento, por se elencar aquelas que serviram de diretrizes do que foi considerado parâmetro para podermos apresentar nosso estudo sobre a recepção leitora.

Quanto aos trechos de *O caçador de pipas*

- Questões relacionadas à temática da narrativa “*fabula*” (tema/essência, a história como virtualidade pura) e aos personagens:

- *Qual temática é desenvolvida no enredo?*
- *Qual/quais o(s) trecho(s) chamou (chamaram) mais a sua atenção? Por quê?*
- *Qual (quais) personagem (personagens) te interessou mais? Por quê?*

- “Pretendendo-se, ainda, elencar os elementos invariáveis que foram selecionados para continuarem compondo a história nos processos intermediários, sua permanência e representatividade além da linguagem verbal”, foram feitas as seguintes questões:

- *Qual/quais o(s) trecho(s) chamou (chamaram) mais a sua atenção? Por quê?*
- *O que acontece de principal?*
- *Quanto às personagens: Quem participa deste trecho?*
- *É possível dar detalhes de características físicas/psicológicas de algum (alguns) deles? Cite:*
- *Onde o referido trecho se passa?*
- *Quando ele acontece?*

3.8. Entendimento do texto a partir de mídias diferentes

Módulo 3 - Depois do contato com as três mídias

Após a etapa exposta anterior, aplicamos o último questionário que se tratava da parte II das **Questões sobre o entendimento de *O caçador de pipas*** (em anexo) depois de eles terem tido contato com as três mídias.

- Questões voltadas: à mídia (o suporte expressivo, o veículo semiótico) utilizada.

- *Você utilizou alguma maneira que o deixou mais confortável para percorrer a leitura (estratégia de leitura)? Como foi esse processo para entender a história?*
- *Com qual das mídias você mais se identificou?*
- *Qual deixou você mais confortável com a história? Por quê?*
- *A diferença de mídia causou um impacto diferente em você em relação ao mesmo trecho?*

- As questões a seguir foram elaboradas com o objetivo de investigar como se daria a recepção em relação à *syuzhet/syusheticização*²⁷ (o que resulta do relacionamento entre narrativa e mídia):

- *O que mais chamou sua atenção em relação aos trechos vistos em cada um das mídias pela qual você teve contato com a história?*
- *Você percebeu a história de modo diferente por causa do modo como ela foi veiculada? Explique (Detalhadamente)*
- *Ao entrar em contato com cada uma das linguagens de cada mídia, houve um impacto diferente do seu entendimento da história? Explique.*

Ainda, as questões que seguem neste bloco, atenderam ao levantamento da seguinte proposta:

- Questões que foram direcionadas mais para o aspecto pessoal, individual do aluno em relação à sua percepção e recepção:

- *Depois de ter visto as passagens em três mídias diferentes, o(s) mesmo(s) trecho(s) citado(s) anteriormente que haviam chamado a sua atenção, seriam citados novamente como o(s) mais impactante(s) para você?*
- *Se você fosse recomendar esta história para um(a) amigo(a), qual mídia você indicaria? Por quê?*

²⁷ Como já mencionado anteriormente: “[...] a mesma *fabula*, o mesmo substrato anedótico, é passível de sofrer várias *syuzheticizações* [...]” (GAUDREAU e MARION, 2012, p. 115).

- *Qual das três formas (romance, quadrinhos, filme) te envolveu e/ou emocionou mais?*
- *Você apreendeu alguma mensagem dos trechos lidos/vistos?*
- *A experiência fez você refletir ou mudar de postura em relação a alguma coisa na sua vida?*

3.9. O último encontro

Como forma de finalização, no nosso último encontro, reuni os alunos, falamos sobre as principais diferenças e ou semelhanças que eles encontraram entre o romance e a adaptação para a HQ e também para a adaptação fílmica. Procurei levá-los a uma reflexão sobre todo o processo pelo qual haviam passado e sugeri que fizessem uma avaliação (por escrito) sobre a atividade da qual participaram. Embora tenha recebido uma quantidade pequena de avaliações em relação ao número de participantes, elas serviram para dar um parâmetro positivo do nosso trabalho num primeiro momento. Agradei muito a participação e a colaboração de todos eles e deixei para a biblioteca da escola alguns exemplares dos livros utilizados na SD (romance e HQ), tendo sido muito bem aceito por eles, os quais disseram que iriam procurar lê-los, agora na íntegra.

Cabe afirmar que, ao longo do desenvolvimento da atividade, a grande maioria dos alunos mostrou-se bem interessada em participar e demonstrou ter um bom relacionamento entre eles e todos o tiveram para comigo também. As atividades transcorreram dentro da normalidade, dentro do esperado e não houve nenhuma ocorrência negativa que precisasse ser relatada.

3.10. A SD – um exemplo do que foi aplicado

Com o intuito de utilizarmos como exemplo e explorarmos as considerações pragmáticas e teóricas que fazem parte deste estudo, elencamos, a seguir, um exemplo do trecho com os quais os alunos tiveram contato, de acordo com as três mídias. Os demais trechos selecionados estarão anexados a esta dissertação.

No ROMANCE - Transcrição de trecho do Capítulo 9 (HOSSEINI, 2005, p. 109) – cabe ressaltar que este trecho corresponde a 2 páginas do romance que possui um total de 368 páginas):

Acabei deixando o livro na pilha de presentes do canto do quarto. Mas não conseguia tirar os olhos dele. Decidi, então, escondê-lo debaixo de tudo. Naquela noite, antes de ir dormir, perguntei a *baba* se ele tinha visto o meu relógio novo em algum lugar.

NA MANHÃ SEGUINTE, FIQUEI ESPERANDO no quarto até que Ali tivesse acabado de tirar a mesa do café na cozinha. Esperei que terminasse de lavar a louça e secar a bancada.

Fiquei na janela para ver quando ele e Hassan sairiam para fazer as compras no *bazaar*, empurrando o carrinho vazio.

Então, fui até a pilha de presentes e peguei alguns envelopes com dinheiro e o meu relógio de pulso. Saí do quarto pé ante pé. Parei diante da porta do escritório de meu pai e fiquei à escuta. Ele tinha passado a manhã toda ali dentro, dando uns telefonemas. Nesse momento, estava falando com alguém sobre um carregamento de tapetes que devia chegar na próxima semana. Desci a escada, atravessei o quintal e entrei na casa de Ali e Hassan, perto da nespereira. Levantei o colchão de Hassan e pus ali debaixo o meu relógio novo e um punhado de notas de afeganes.

Esperei mais uma meia hora. Depois, bati à porta do escritório e disse o que esperava que fosse a última de uma longa lista de mentiras vergonhosas.

PELA JANELA DO MEU QUARTO, vi Ali e Hassan empurrando o carrinho carregado de carne, *naan*, frutas e legumes pela alameda de entrada. Vi meu pai saindo de casa e caminhando para ir ao encontro deles. Vi suas bocas se mexendo, dizendo palavras que eu não conseguia ouvir. *Baba* apontou para a casa e Ali assentiu com um gesto de cabeça. Separaram-se. *Baba* entrou em casa novamente enquanto Ali seguia Hassan até a cabana do quintal.

Minutos depois, meu pai veio bater à porta do meu quarto.

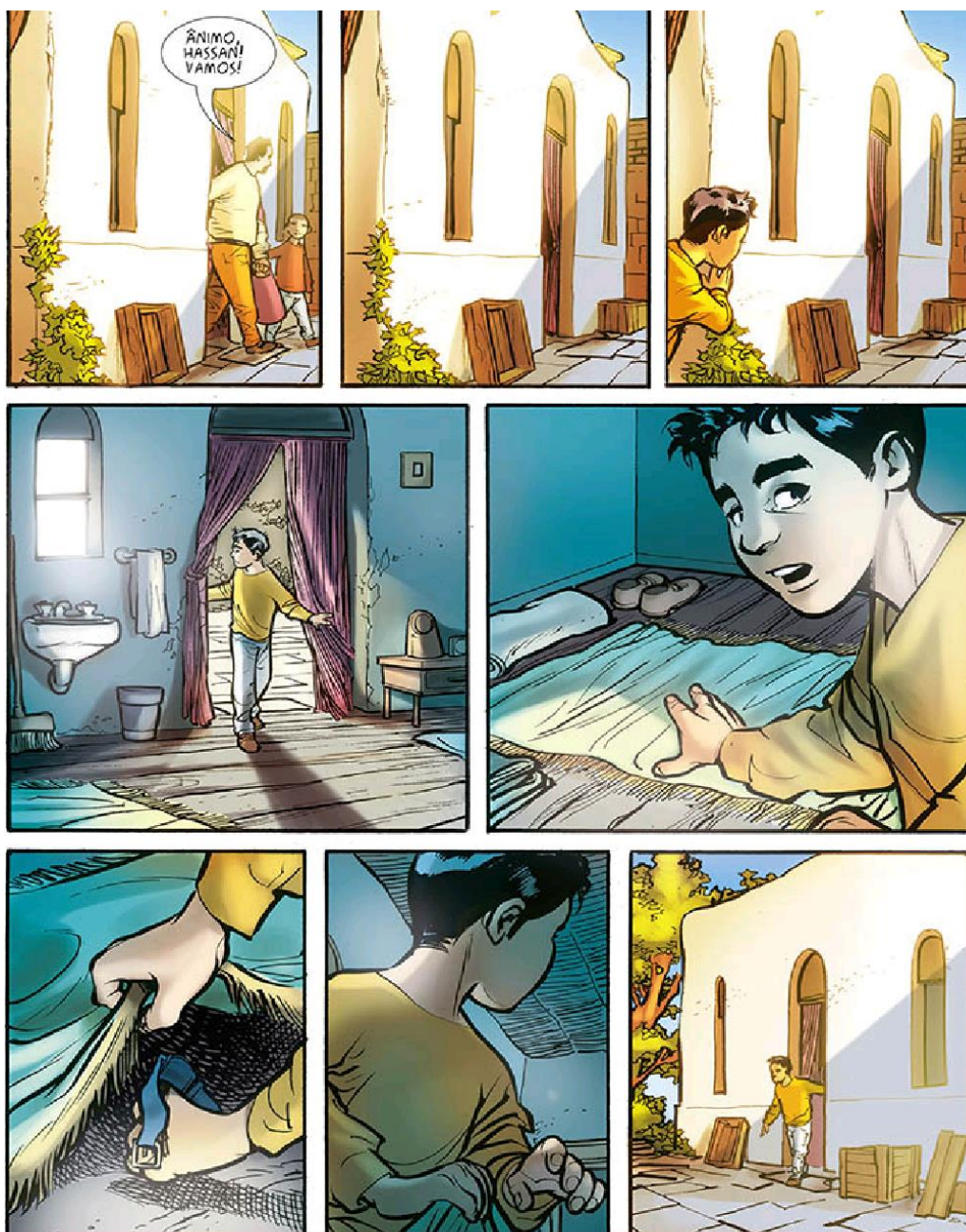
— Venha até o meu escritório — disse ele. — Vamos sentar e resolver essa história de uma vez.

Fui para o escritório e sentei em um dos sofás de couro. Em meia hora, ou mais, Hassan e Ali vieram ao nosso encontro.

Na HQ (figura 7) esta passagem do romance ganhou um bom espaço em páginas (a HQ é composta por 136 páginas no seu total) e detalhes de imagens, fazendo com que a ação fosse valorizada na narrativa, sendo demonstrado por meio dos detalhes sequenciais. A trama começa a ser apresentada quando Baba, o pai de Amir, vai até o seu quarto para convidá-lo para jantar e o menino diz que estava chateado por causa do relógio (página 58 até a página 62), quando o criado e seu filho vão embora, deixando a casa de vez. Este trecho da trama ocupa, então, 5 páginas na história, sendo formado na sua maior parte apenas por imagens. As falas são poucas, sendo muito próximas das falas apresentadas no discurso direto presente no romance.

Há uma inversão na questão de que é o pai de Amir que o procura e o menino diz que estava chateado por causa do relógio. Mas as demais cenas seguem muito próximas do que foi narrado no romance.

Figura 7 – Excerto da HQ – p. 59



O caçador de pipas (HOSSEINI, 2011).

Figura 8 – Excerto da HQ – p. 60



O caçador de pipas (HOSSEINI, 2011).

No FILME

Figura 9 - cena - 43'51''do filme

*O caçador de pipas (FORSTER, 2007).*

Figura 10- cena - 43'52''do filme

*O caçador de pipas (FORSTER, 2007).*

Descrição²⁸ do mesmo trecho no filme (que possui um total de 122 minutos), a cena inicia-se aos 42'53", sendo constituída de 4 minutos aproximadamente:

Logo após o término da festa que foi na noite anterior, mostrando já o dia seguinte, com Hassan varrendo o quintal. Na sequência a câmera mostra Amir em seu quarto olhando o relógio que ganhara de seu pai. Em seguida, ele observa pela janela do quarto, Ali e Hassan saindo com um carrinho para irem às compras.

Logo depois, vai até o escritório do seu pai e pergunta: "Baba, você viu o meu relógio?"

O pai, que estava olhando uns papéis, pergunta: "O que eu comprei pra você?"

"Não me diga que perdeu?", levantando os olhos, dirigindo-se a Amir, mas logo voltando a atenção ao que estava fazendo. Amir responde: "Não, eu tenho certeza que coloquei no meu quarto." O pai, dando mais atenção aos documentos, sem olhar para ele, responde: "Vai aparecer." Na sequência aparece o quintal da casa, Amir olha ao redor para ver se ninguém estava chegando e entra na casa que estava com a porta aberta. A câmera desloca-se para a janela que estava aberta para dar um zoom e mostrar o momento em que Amir coloca o relógio embaixo do travesseiro de Hassan. Logo depois já mostra Amir subindo as escadas em direção ao escritório do pai e batendo na porta. Ele entra com um olhar triste, para diante da mesa em que o pai estava e fica com a cabeça baixa. Nesta mídia, seu pai lhe dá mais atenção, para o que estava fazendo, olha para ele e pergunta: "O que foi?" A câmera focaliza Amir que está com um olhar meio enigmático e triste e já passa a focalizar Ali e Hassan chegando com o carrinho cheio de compras. Baba já está indo ao encontro deles, eles param para ouvi-lo: "Ali, quando terminar o trabalho, entre com Hassan." Ali responde: "sim, agha sahib" e Hassan está ao lado, olhando a conversa. Baba volta-se em direção a sua casa e Ali segue com o carrinho. Mostra Amir saindo da janela por onde estava olhando esta cena. Há um corte que já mostra Ali e Hassan no escritório de baba e este pergunta para ele, que antes estava com a cabeça baixa, só levantando os olhos na hora da pergunta "Você roubou o relógio de Amir?"

Hassan olha para Amir que abaixa a cabeça. Hassan também faz o mesmo gesto e responde: "Roubei". Mostram Ali também baixando a cabeça e Amir levantando os olhos e logo baixando-os novamente. Baba olha seriamente para ele e engole seco e diz: "Eu perdoei você". Neste momento, Amir levanta a cabeça e olha bem a situação. Hassan continua com a cabeça baixa. Ali com a cabeça baixa diz "Estamos indo embora agha sahib." Baba levanta a cabeça e o olhar para Ali. "O quê?"

Não podemos mais viver aqui – responde Ali. Baba: O quê? Mas eu já perdoei ele. Você não ouviu?

Ali levanta a cabeça e fala olhando para Baba: "A vida aqui é impossível pra nós agora, agha Sahib" Vamos embora, com o braço no ombro de Hassan que continua com os olhos e a cabeça abaixados. Baba diz (soando apenas a voz, a câmera está em Hassan:

"O relógio não importa, Eu não entendo porque está fazendo isso?"

Nesse momento focaliza-se Amir que olha diretamente para o pai, observando sua reação.

Ali - "Desculpe senhor, nossas malas estão prontas. Tomamos a decisão".

Continua com os braços no ombro de Hassan, que está ainda com a cabeça baixa (na cena somente os dois), então se viram, dando as costas para baba.

²⁸ Como os alunos tiveram contato diretamente com o filme e devido à impossibilidade material de sua exposição por este meio, por questões metodológicas, optou-se pela transcrição do referido trecho.

Baba, em cena - "Ali, eu não tenho olhado pra você? Não tenho sido bom pra você e Hassan?"

Amir olhando, quieto.

Ali e Hassan saindo e Baba andando atrás, lentamente. "Ao menos me diga por quê? Eu proíbo que faça isto. Está me ouvindo? Eu proíbo que faça isto."

Neste momento Ali para e Hassan também, voltando-se para baba que diz; "Com todo respeito, senhor; não pode me proibir de nada. Não trabalhamos mais para o senhor." Ali abre a porta e os dois se retiram. A câmera foca em baba que está com as mãos cruzadas e olha para trás. Logo depois já mostra os dois saindo pelo portão, com suas coisas nas costas, e baba indo fechar o portão aparece Amir olhando da janela, por trás de uma cortina, enquanto os dois atravessam uma ponte de madeira sobre um rio. Hassan olha para trás e Amir se esconde. (CAPUTO, 2019)

Após cada aluno ter tido contato com os respectivos trechos, houve a aplicação das atividades que fizeram parte da composição desta metodologia.

Capítulo 4. RESPOSTAS E ANÁLISES

4.1. Respostas dos questionários

No capítulo anterior, fizemos a exposição dos Questionários que foram aplicados aos alunos, demonstrando cada uma das etapas e suas respectivas perguntas, fazendo a associação com o que foi considerado como parâmetros para este estudo. Dessa forma, por questões de adequação à proposta aqui apresentada, as análises serão feitas por meio deste recorte.

Neste capítulo, seguem as respostas apenas das principais questões utilizadas para fazerem parte do universo investigativo, neste caso, sobre a recepção leitora das diversas linguagens das mídias romance, HQ e filme em relação à temática, aos elementos da narrativa e à *fabula*.

Cabe ressaltar, no entanto, que todas as etapas foram importantes para o processo e que seus dados podem contribuir para uma análise mais profunda e detalhada para outras possíveis hipóteses. Por este motivo, todas as demais respostas estão expostas por meio de tabelas e/ou de seus respectivos gráficos nos Anexos.

Parte-se aqui, da etapa do desenvolvimento na qual foram aplicadas questões sobre o Entendimento do texto a partir de cada mídia. Por uma questão metodológica, reapresentamos os parâmetros e as questões pertinentes, seguidas de suas respostas e análises:

- Questões relacionadas à temática da narrativa “*fabula*” (tema/essência, a história como virtualidade pura) e aos personagens:

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">• <i>Qual/quais o(s) trecho(s) chamou (chamaram) mais a sua atenção? Por quê?</i>• <i>Qual temática é desenvolvida no enredo?</i>• <i>Qual (quais) personagem (personagens) te interessou mais? Por quê?</i> |
|--|

RESPOSTAS:**TRECHOS PARTE 1 GERAL****QUANTO AOS TRECHOS DE *O CAÇADOR DE PIPAS*: GRUPO 1 HQ**

Qual/quais o(s) trecho(s) chamou (chamaram) mais a sua atenção? Por quê?

1) Você acabou de ler (x) HQ

3/ "Do romance a parte que o Ali e o Hassan vão embora, porque realmente mostra que o Baba gostava deles, pois ele até chorou."

5/ "Foi quando o dono de uma mercearia, meio que jugou (sic) Amir por ser amigo e Hassan uma pessoa pobre."

9/ "Os trechos que chamaram mais a minha atenção foram todos em que o Amir deixou ou fez o Hassan na mão."

12/ "A revelação do nome de Sorab, já que, o nome vem de um livro que Amir lia para Hassan e que demonstra lealdade e amizade até o final da vida."

13/ "Os detalhes, as palavras, o contexto que difere muito, porque fica até mais ágil de entender."

14/ "A parte em que Hassan assume a culpa pelo relógio e ele e Ali decidem ir embora da casa de Amir, é muito triste."

18/ "A parte em que ao decorrer-se do tempo ele teve a sua inesperada cirurgia de pesente. E a parte em que teve uma turturação entre alguns homens, mas acabou superando seus medos."

1) Você acabou de ler (x) romance

1/ (leu apenas um trecho)

1/ "Trecho da página 1, porque foi o que fez com que eu começasse a entender a história."

2/ "Me chamou a atenção a parte que ele colocou o relógio e o dinheiro embaixo do travesseiro do menino, mostrando que ele era mal também."

7/ "Nenhum."

10/ "Na hora que o Hassan vai atrás da pipa, é um trecho muito animado e te prende, você fica curioso para ver o final."

15/ "A parte da barraca da feira e da parte do presidente, pois são gostos pessoais, a feira relembra a infância e o presidente debates atuais."

17/ "Nenhum, pois não consegui ler direito."

19/ "Nem um, pois não me entereço por leitura."

20/ "No trecho que Amir coloca o dinheiro e o relógio (sic) nas coisas de Hassan e quando ele deixa ele apanhar e não faz nada, para impedir achei uma injustiça."

21/ "O primeiro trecho, pois ele fala dos amigos, os principais personagens e o sentimento que o autor sente por esses personagens."

1) Você acabou de assistir ao (x) filme

4/ "A parte que o menino apanha e sofre agressão (sic) sexual por causa da lealdade que ele teve com o amigo."

6/ "Quando o menino foi abusado, vi que um deles considerava muito o amigo e que o outro não fez nada para ajuda-lo."

8/ "Quando estavam juntos empinando pipa e quando ele sofria preconceito por não ser do país."

16/ "A parte em que o garoto é estuprado e seu amigo viu e não fez nada."

E a briga que com o cara para salvar o garoto."

22/ "Quando o menino foi estuprado por causa de intolerância, e a parte da festa quando o menino corta o último pipa, mostra o quão é diferente a cultura de um outro país."

Cite o que você lembra dos elementos abaixo, em relação à passagem mencionada:

Qual temática é desenvolvida no enredo?

1) Você acabou de ler (x) HQ - Grupo 1

- 3/ "Sobre amizade, lealdade."
- 5/ "Romance intrigante."
- 9/"Fala sobre o estupro e sobre o medo das pessoas intervir quando ve algo de errado acontecendo."
- 12/ "O quanto Hassan é leal e guarda Amir consigo até o fim."
- 13/ "Romance emocionante."
- 14/ "A amizade sincera, Hassan leal de um lado e do outro Amir traícoeiro e egoísta."
- 18/"Sobre suas característica dialogado dia-a-dia."

1) Você acabou de ler (x) romance - Grupo 2

- 1/ "Fala de um homem que vê sua vida mudar e percebe que precisa mudar também."
- 2/ Não respondeu
- 7/ "No beco."
- 10/ "Fala de um lugar, uma ação ocorrendo."
- 15/ "De uma discussão sobre um adulto e uma criança."
- 17/ " Ele olhava para as pipas e lembrava dos amigos dele, quando eles se divertiam."
- 19/"Ele lembrou dos amigos depois que ele viu as pipas."
- 20/ Não respondeu.
- 21/"Lembranças."

1) Você acabou de assistir ao (x) filme - Grupo 3

- 4/ "Uma brincadeira que acabou em tragédia por intolerância."
- 6/ "Campeonato de pipas."
- 8/ "Ele sofria preconceito e não queria entregar a pipa que cortou para os meninos."
- 16/ "Após uma brincadeira com pipas."
- 22/ "O torneio de pipas e a amizade dos dois meninos."

Qual (quais) personagem (personagens) te interessou mais? Por quê

1) Você acabou de ler (x) HQ

- 3/ "O Hassan, porque me identifico com ele por ser protetor."
- 5/ "Hassan por ser um ótimo garoto."
- 9/"O personagem que mais me interessou foi o HASSAN, porque ele sempre esta ao lado de se amigo ele é corajoso."
- 12/ "Sorab, mesmo aparecendo no final, ele explica muito sobre a lealdade de Hassan."
- 13/ "Todos, porque eles foram bem sinceros, ainda mais o narrador."
- 14/"Hassan e Ali, pela sua lealdade e honestidade."
- 18/"Hassan, porque independente de tudo fez um personagem forte e lutou contra todo seu medo."

1) Você acabou de ler (x) romance

- 1/ "O protagonista até o momento."
- 2/ Não respondeu
- 7/ "Narrador"

10/ "Amir por ver seu amigo apnhar, para pegar a pipa para ele , e ele não fazer nada, somente ficar escondido olhando."

15/ "O menino que está na barraca da feira."

17/Não respondeu.

19/Não respondeu.

20/"Hassan, porque..." - inacabado

21/ "Hassan, por ele ter se importado com o amigo."

1) Você acabou de assistir ao (x) filme

4/ "Hassan por sua lealdade."

6/ "O "azar" (sic) (Hassan), gostei pelo o que ele faz pelo amigo, a lealdade, sim que ele pagou preço por isso, mas o que ele sentia pelo outro sera verdadeiro."

8/ "Hassan por ser o personagem principal."

16/ "O amigo de Hassan. Porque depois de bom tempo ele foi salvar o filho de seu amigo."

As três questões anteriores foram elaboradas com o intuito de levar o educando a refletir sobre a própria história, sobre o enredo, sobre a temática dos trechos lidos sobre os personagens que os envolveram mais.

Quanto ao trecho que mais chamou a atenção, tivemos uma variedade de escolhas, pois são posicionamentos pessoais; no entanto, pôde-se perceber, pela maioria das respostas, que houve um aumento no número de alunos que não responderam a esta questão em relação à leitura dos trechos do romance.

Quanto à temática, suas respostas puderam contribuir para observarmos que ela foi entendida por uma grande maioria, pois algumas menções dadas por eles confirmam esta afirmação.

De um modo geral, analisando as respostas de todos os alunos dos três grupos, pôde-se observar que aqueles que leram por meio da HQ e que viram por meio do filme apresentaram respostas mais próximas do conteúdo exposto e da pergunta feita (tema – amizade, lealdade, egoísmo, medo, intolerância, preconceito). Tivemos duas respostas nas quais os alunos limitaram-se a adjetivar o romance, mas a grande maioria deu respostas coerentes do ponto de vista da interpretação e entendimento.

Quanto ao grupo que iniciou pelo romance, percebe-se uma maior dificuldade ao se expressarem, obtivemos respostas menos diretas (não houve menção direta aos temas abordados nos trechos), mais generalizadas e tivemos

dois alunos que não responderam, e também uma resposta que levou ao lugar da narrativa: Aluno 7- "No beco.", não à sua temática. E uma resposta que nos leva à ação – aluno 10 - "Fala de um lugar, uma ação ocorrendo." Com essa resposta, pode-se perceber que o acréscimo de elementos multimodais à linguagem escrita colaborou para o entendimento final da mensagem (no que diz respeito à estratégia aplicada em que apenas trechos da obra foram utilizados).

Pode-se perceber também, uma diferença quanto à fixação em relação aos nomes dos personagens envolvidos (embora não fosse este o foco da questão), pois no grupo que iniciou pela HQ tivemos dois alunos que mencionaram os nomes das personagens principais, já nos outros dois grupos – romance e filme, utilizaram “meninos”, “criança”, “amigos”, “homem”, “adulto”.

Quanto à abordagem sobre os **elementos da narrativa**, pertencentes às três mídias:

- “Pretendendo-se, ainda, elencar os elementos invariáveis que foram selecionados para continuarem compondo a história nos processos intermediários, sua permanência e representatividade além da linguagem verbal”, foram feitas as seguintes questões:

- *Qual/quais o(s) trecho(s) chamou (chamaram) mais a sua atenção? Por quê? (Questão já explicitada anteriormente e aqui elencada por ser a base das próximas perguntas.)*
- *O que acontece de principal?*
- *Quanto às personagens: Quem participa deste trecho?*
- *É possível dar detalhes de características físicas/psicológicas de algum (alguns) deles? Cite:*
- *Onde o referido trecho se passa?*
- *Quando ele acontece?*

Respostas:

TRECHOS PARTE 1 GERAL

Cite o que você lembra dos elementos abaixo, em relação à passagem mencionada:

O que acontece de principal?

1) Você acabou de ler (x) HQ

- 3/ "Mesmo não sendo o Hassan que roubou o relógio, ele continuou sendo fiel (amigo) do Amir, coisa que o Amir fingiu ser amigo do Hassan."
- 5/ "Amir pergunta ao dono da mercearia se viu Hassan e o homem foi muito preconceituoso ao responder."
- 9/ "Para mim o que acontece de principal nas partes que li foi o Amir ter deixado o Hassan ser estuprado."
- 12/ "A lealdade de Hassan a Amir e sua covardia."
- 13/ "Amir ganha o campeonato e trai Hassan, e depois eles se recomeçam a amizade novamente."
- 14/ "Hassan assume a culpa de algo que não fez. Mostrando o quão fiel e amigo é a Amir."
- 18/ "Hassan foi ameaçado diversas vezes por algumas pessoas e Hassan acabou ganhando seu inesperado presente."

1) Você acabou de ler (x) romance

- 1/ "Ele está atrás de uma parede vendo um beco."
- 2/ Não respondeu
- 7/ "Eu me tornei o que sou hoje aos doze anos, em um dia nublado e ?? Do inverno de 19?? Em que isto aconteceu."
- 10/ "Hassan indo atrás da pipa, e Amir procurando ele, e depois Hassan apanha de outros garotos, e Amir vendo tudo sem fazer nada."
- 15/ "Uma discussão."
- 17/ "As pipas do parque."
- 19/ "Eu entendi que ele estava procurando alguma coisa no beco escuro."
- 20/ Não respondeu.
- 21/ "O principal são as lembranças dele."

1) Você acabou de assistir ao (x) filme

- 4/ "Hassan é estuprado."
- 6/ "Eles estão em um campeonato de pipas, e o outro vai atrás de um pipa para dá-lo de presente."
- 8/ "Hassan ter sido agredido."
- 16/ "O garoto é estuprado por simplesmente não ser da mesma religião que os garotos."
- 22/ "Mostra a intolerância do afegão com pessoas que não são de origem do mesmo."

Quanto às personagens:

Quem participa deste trecho?

1) Você acabou de ler (x) HQ

- 3/ "Hassan, Amir, Ali, Baba."
- 5/ "Amir e o dono da mercearia."
- 9/ "Hassan, Amir, Assef e mais dois amigos dele."
- 12/ "Amir, Hassan, Ali, Baba, Assef."
- 13/ "Amir, Hassan, das pg. 9, 10, 34, 36, 46, 49, 72, 84, 106, 112, 360, 365."
- 14/ "Amir, Baba, Hassan e Ali."
- 18/ "Hassan e Amir."

1) Você acabou de ler (x) romance

- 1/ "O protagonista e seu amigo."
- 2/ "Hassan, Amir, Baba, Sohrab"
- 7/ "Narrador, Rahim"
- 10/ "Hassan e Amir."
- 15/ "2 personagens"
- 17/ "Não lembro, só lembro do homem."
- 19/ "Hassan, Rahim Kham"
- 20/ "Hassan, Amir, Alef, Wali, Kamal."
- 21/ "Autor, Hassan e Kahim."

1) Você acabou de assistir ao (x) filme

- 4/ "Os violentadores, o abusado sexualmente e seu amigo."
 6/ "três musumanos, e o americano e o amigo dele." (sic)
 8/ "Hassan, os meninos que bateram nele e o amigo."
 16/ "Os garotos que são do Afeganistão e o Hassan."
 22/ "Hassan e o amigo dele."

É possível dar detalhes de características físicas/psicológicas de algum (alguns) deles?

Cite:

1) Você acabou de ler (x) HQ

- 3/ "Hassan (leal, protetor). Amir (frio, cruel, "sem coração.""
 5/ "Amir estava de jaqueta de couro e calça jeans. O dono da mercearia tem uma mente muito preconceituosa."
 9/ "Sim: Amir - Rico, medroso e bom com pipas. Hassan - Pobre, corajoso, bom amigo e bom em pegar pipas."
 12/ "Hassan tem lábios e nariz diferente das pessoas do local."
 13/ "Sim, no livro fala sobre lábios, sorrisos, nariz."
 14/ "Amir é egoísta, Baba é generoso, Hassan é fiel e Ali honesto."
 18/ "Hassan era um homem que fez um papel de pai para Amir contador de história. Amir era um menino mais novo e cheio de dúvidas."

1) Você acabou de ler (x) romance

- 1/ "Não"
 2/ "Baba deve ser um homem de idade com barba branca."
 7/ "Não"
 10/ "Hassan pegando sua pipa para seu amigo e lutando por ela, e Amir somente olhando sem fazer nada."
 15/ "Não"
 17/ "As lembranças que ele falava que vijiava o deserto."
 19/ Não respondeu.
 20/ "Hassan era um garoto de lábios leporinos que gostava de cassar pipas."
 21/ "Hassan era um garoto sentimental e que se importava com seu amigo."

1) Você acabou de assistir ao (x) filme

- 4/ "Hassan e seu amigo apesar de morarem em um intolerante não perdem a alegria."
 6/ "Parece ser três meninos mais velhos musumanos, e os outros dois amigos inseparáveis."
 8/ "Hassan era o mais entre os que bateram nele."
 16/ "Os dois meninos que não eram do Afeganistão pareciam ter os olhos puxadinhos."
 22/ "O Hassan é muito fiel, já o outro não muito."

Onde o referido trecho se passa?

1) Você acabou de ler (x) HQ

- 3/ "Na casa do Amir."
 5/ "Em uma rua à tarde."
 9/ "Ele se passa em um beco escuro."
 12/ "Em Cabul."
 13/ "Cabul"
 14/ "Na casa de Baba."
 18/ "O acontecido foi em um beco escuro."

1) Você acabou de ler (x) romance

- 1/ "Em uma rua."
- 2/ Não respondeu
- 7/ "No benco perto de um riacho" (sic)
- 10/ "Na cidade e em um lugar abandonado."
- 15/ "Numa feira"
- 17/Não respondeu.
- 19/Não respondeu.
- 20/"Em um lixão."
- 21/"No primeiro trecho."

1) Você acabou de assistir ao (x) filme

- 4/ "No subúrbio do Afeganistão."
- 6/ "Em uma rua deserta."
- 8/ "Em um beco."
- 16/ "Logo no começo."
- 22/ "Afeganistão, em alguma cidade que não sei o nome."

Quando ele acontece?

1) Você acabou de ler (x) HQ

- 3/ "Na parte da tarde (eu acho)."
- 5/ "Em uma rua."
- 9/"Logo depois em que o Hassan pega a pipa azul para o Amir."
- 12/ "Enquanto a invasão soviética acontece."
- 13/"1975"
- 14/ "De tarde."
- 18/"Quando faltava alguns dias para aniversário de Hassan."

1) Você acabou de ler (x) romance

- 1/ "Em um dia de manhã."
- 2/ Não respondeu
- 7/ "Em um dia nublado de 1975."
- 10/ "No momento que a pipa caía e Hassan vai atrás dela, e Amir vai atrás de Hassan."
- 15/ "Numa barraca de legumes"
- 17/Não respondeu.
- 19/Não respondeu.
- 20/Não respondeu.
- 21/"Na primeira parte do livro."

1) Você acabou de assistir ao (x) filme

- 4/ "Na infância deles."
- 6/ "Depois de um campeonato de pipas."
- 8/ "Após ele cortar a pipa."
- 16/ "Após uma cena de crianças brincando com pipas."
- 22/ "Na infância de Hassan."

As questões anteriores nos dão o parâmetro das respostas referentes aos elementos da narrativa que foram compondo a história nas três mídias. De um modo geral, pode-se afirmar que houve uma continuidade de correspondência e semelhança de suas identidades nas três obras e que a grande maioria dos alunos empreendeu este sentido. As respostas foram bem coerentes na maioria das vezes, no entanto, no grupo que leu os fragmentos do romance escrito, houve

alunos que não responderam algumas questões, principalmente, uma maior incidência na pergunta referente ao tempo “Quando ele (o fato) acontece?”.

Esta ocorrência pode indicar que não houve mesmo a leitura dos trechos escritos ou ainda, que não houve o seu entendimento, uma vez que diversos alunos alegaram ter dificuldade para ler. Dessa forma, torna-se possível afirmar que o contato com a linguagem multimodal pode ter facilitado o entendimento do elemento temporal na narrativa.

Quanto ao entendimento do texto a partir de mídias diferentes (depois do contato com as três mídias)

- Questões voltadas: à mídia (o suporte expressivo, o veículo semiótico) utilizada.

- *Você utilizou alguma maneira que o deixou mais confortável para percorrer a leitura (estratégia de leitura)? Como foi esse processo para entender a história?*
- *Com qual das mídias você mais se identificou?*
- *Qual deixou você mais confortável com a história? Por quê?*
- *A diferença de mídia causou um impacto diferente em você em relação ao mesmo trecho?*

Respostas:

Você utilizou alguma maneira que o deixou mais confortável para percorrer a leitura (estratégia de leitura)? Como foi esse processo para entender a história?

Você acabou de ler (x) HQ

3/ "Nenhuma, foi tranquilo, gostei da história e prestei bastante atenção. - Eu li até a pg. 363."

5/" Prestei muita atenção, porém não consegui ler o livro todo, pois comecei a ficar com sono e li umas 5 páginas."

9/"A forma que eu utilizei para entender melhor a história foi ouvir música enquanto lia."

12/ "Não, a leitura é de fácil entendimento."

13/ "Concentração, foco, analisar detalhes."

14/"Escutar música e prestar atenção nos detalhes."

18/"Prestando atenção dentro de cada parte ocorrida na historia."

Você acabou de ler (x) romance

1/ "Eu li e reli, para entender perfeitamente o que cada trecho dizia e em determinado momento eu escrevia os pontos fortes para eu não me esquecer."

2/ "Eu achei mais fácil ler e imaginar a cena, isso se torna mais fácil de ler e entender."

7/ "Não"

10/ "Usar a imaginação."

15/ "Se sentir como se estivesse em casa."

17/ Não respondeu.

19/ Não respondeu.

20/ "Não."

21/ "Ler duas vezes o trecho."

Observação "Li as páginas 9/10/34"

Você acabou de assistir ao (x) filme

4/ "Atenção ao filme e ajuda da professora."

6/ "A ajuda da professora facilitou demais o entendimento."

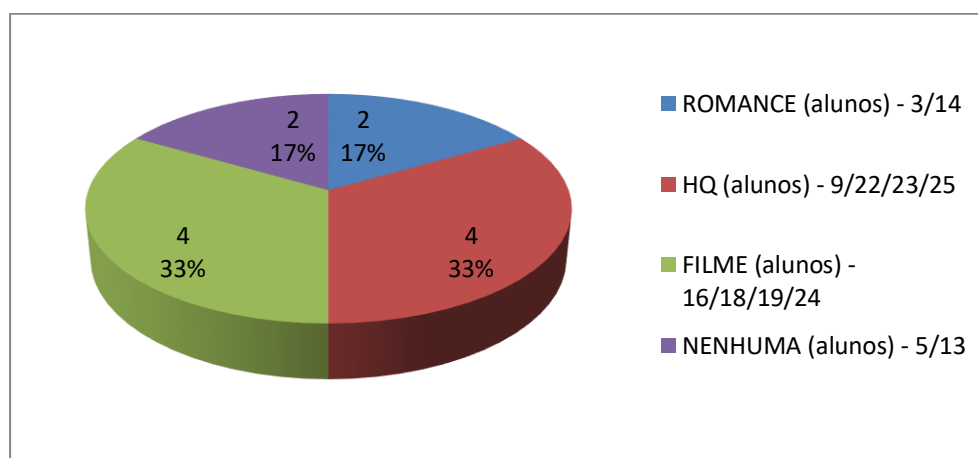
8/ "No começo as cenas estavam confusas devido aos cortes, após o debate com a professora e os demais alunos consegui compreender melhor a história."

16/ "Apenas uni as partes que vi e consegui entender."

22/ "O modo de pensar de cada personagem, consegui entender um pouco como cada um pensa."

Com qual das mídias você mais se identificou?

Figura 11 - Com qual das mídias você mais se identificou?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

Qual deixou você mais confortável com a história? Por quê?

Grupo 1 – HQ

3/"O romance, porque é mais detalhista e tem mais entendimento (para mim)."

5/"Nenhum, por que em todas os sentidos acontece a mesma coisa."

9/"Foi a HQ porque eu gosto muito, e sempre que se trata de HQ eu sou muito rápido para ler."

13/"O filme, por que é resumido muito com a HQ."

14/"Livro. Os detalhes prendem o leitor."

18/"O filme porque foi algo mais surpreendente, pude detalhar mais o entendimento do filme."

Grupo 2 – romance

19/"O filme pois é simples e rápido."

23/"A HQ, porque a HQ explica mais e tem imagens."

24/"O filme, porque mostra tudo o que fala na HQ."

25/"HQ, pois é mais fácil de entender e realista."

Grupo 3 - filme

16/"O filme porque eu me concentro mais do que ler."

22/"HQ, porque você não perde tanto a historia e não tem o trabalho de imaginar boa parte da história."

A diferença de mídia causou um impacto diferente em você em relação ao mesmo trecho?

GRUPO 1 HQ**No romance -**

3/"É feito de uma forma mais detalhista."

5/"Não."

9/"Não."

13/"Não."

14/"O romance explica de forma melhor e usa a imaginação."

18/"Eu não tenho lido, mas pelo fato de entender que romance tem varios tipos formal, passa a identificar a leitura novamente."

Na HQ -

3/"A forma dos desenhos, nos ajuda a conseguir entender de forma diferente."

5/"Não."

9/"Não."

13/"Não."

14/"Na HQ é tudo bem detalhado e os desenhos ajudam no entendimento."

18/"Não, pois a HQ poderia ser algo mais suportado quanto o filme."

No filme -

3/"Mostra as partes "mais detalhado" do que a gente já leu."

5/"Não."

9/"Sim, na cena do estupro foi mais leve do que as ultimas midias."

13/"Não."

14/"O filme é muito mais facil entender, porém perde alguns detalhes essenciais que aparecem no livro."

18/"O filme tem sido uma forma mais identificada."

GRUPO 2 - ROMANCE

No romance -

19/"Não li."

23/"Não, porque não li muito."

24/"Ao assédio (estupro)."

25/"Não lembro."

Na HQ -

19/"Algumas partes a mais."

23/"Sim, porque eu me interessei mais."

24/"Ao assédio (estupro)."

25/"O estupro é mais violento."

No filme -

19/"Algumas partes a menos, mas nada que interfere na história."

23/"Mais ou menos, porque eu não entendi muito o filme."

24/"Ao assédio (estupro)."

25/" O estupro é menos violento."

GRUPO 3 - FILME

No romance -

16/"A falsidade de Amir com Hassan."

22/"Não"

Na HQ -

16/"A crueldade dos garotos por fazerem aquilo."

22/"Não"

No filme -

16/"A briga foi feia de tirar sangue e tudo, e no final o garoto salvou o Ali."

As quatro questões anteriores referem-se à investigação em relação a cada uma das mídias, exigindo-se, por parte dos alunos, uma determinada comparação, uma vez que, nesta etapa, já tiveram contanto com fragmentos da obra apresentada nas três mídias em questão.

Pode-se notar que não há unanimidade nas respostas, principalmente em relação à mídia preferida e também ao impacto sentido em determinados trechos, quando do contato com elas. Quanto à preferência, há um maior número de escolhas para o filme, no entanto, há a menção das três. Fato que pode ser considerado positivo e reflete a própria diversidade do perfil dos leitores.

Em relação à menção do impacto em alguns trechos, percebe-se uma diversidade nas respostas de alguns alunos que são bem significativas, uma vez que demonstram desde a afirmação de não se lembrar de nenhum deles por meio de determinada mídia - portanto, não ter memorizado ou de até não ter tido contato com nenhum trecho sequer da história - até a percepção de que um trecho específico tenha sido apresentado com maior ou menor violência. Como foi o caso do aluno “25”, entre outros, demonstrado no quadro acima: No romance – “Não lembro.”, na HQ: /"O estupro é mais violento", no filme: /"O estupro é menos violento."

Estas afirmações nos trazem indícios de que a recepção leitora sofre mudanças de acordo com a mídia pela qual a obra é veiculada e recebida pelo receptor. Mudanças estas que, por mais sutis que sejam, acabam gerando uma diferença significativa para o leitor/estudante na compreensão da fábula. Esta percepção pôde ser percebida, devido à investigação que se seguiu ao tornar possível para o aluno, o contato com as diferentes linguagens. Este contato proporcionou ao leitor a utilização de outras habilidades, além das exigidas na linguagem verbal – como aquelas de leituras de imagens e desenvolvimento das habilidades auditivas, usufruindo desta interação.

Dessa forma, valendo-se das diversas especificidades de cada uma das linguagens e suas respectivas mídias, o aluno conseguiu fazer reflexões, associações e críticas em relação ao que havia lido. Pode-se afirmar que este processo ampliou não somente o entendimento, como também a criticidade em relação ao que foi apreendido.

Em relação à *syuzhet*:

- As questões a seguir foram elaboradas com o objetivo de investigar como se daria a recepção em relação à *syuzhet/syusheticização*²⁹ (o que resulta do relacionamento entre narrativa e mídia):

- *O que mais chamou sua atenção em relação aos trechos vistos, em cada um das mídias pela qual você teve contato com a história?*
- *Você percebeu a história de modo diferente por causa do modo como ela foi veiculada? Explique (Detalhadamente)*
- *Ao entrar em contato com cada uma das linguagens de cada mídia, houve um impacto diferente do seu entendimento da história? Explique.*

Respostas:

O que mais chamou sua atenção em relação aos trechos vistos, em cada um das mídias pela qual você teve contato com a história?

Grupo 1 - HQ

No romance-

3/"O estupro, tem mas detalhes sobre a "cena"."

5/"A parte do preconceito do vendedor."

9/"A parte do estupro."

13/"O estupro."

14/"O estupro, é uma parte rica em detalhes, mais do que nos outros."

18/"No romance tenho percebido que a palavra e o significado romance não é apenas amor."

Na HQ -

3/ "A amizade dos dois (Hassan e Amir)"

5/"Quando o garoto foi estropado no beco."

9/"A parte do estupro."

13/"O estupro."

14/"A amizade. Como Hassan é fiel e leal, é muito bem retratado."

18/"Na HQ pude entender que teve uma oportunidade maior de me preencher em continuar a leitura."

No filme -

3/"O estupro também, pois mostra a parte melhor para se entender."

²⁹ Como já mencionado anteriormente: "[...] a mesma *fabula*, o mesmo substrato anedótico, é passível de sofrer várias *syuzheticizações* [...]" (GAUDREAU e MARION, 2012, p. 115).

5/"Quando Amir vai buscar o filho de Hassan."
 9/"A parte da fuga com o filho de Hassan."
 13/"O estupro."
 14/"O final é "emocionante". Mostra a preocupação e a mudança de Amir, e como ele se redimiui."
 18/"Acredito que no filme eu tenho uma oportunidade a mais de ter um entendimento maior."

GRUPO 2 - ROMANCE

No romance-

19/"Não li o romance por falta de interesse."
 23/"O que mais me chamou atenção foi quando Amir ganha o festival de pipa."
 24/"O preconceito."
 25/"Não lembro."

Na HQ -

19/"Como é mais fácil de entender."
 23/"Me chamou muita atenção como Hassan se sacrificou por Amir."
 24/"O preconceito."
 25/"É mais real e mais claro."

No filme -

19/"Como é simples de entender, mais que na HQ."
 23/"Quando Amir fala que pelo filho de Hassan faz tudo."
 24/"O campeonato, o assédio contra Hazard, o preconceito e o final onde Amir repete a frase de Hazard ao filho de Hazard."
 25/"É mais claro, porém menos realista, eu diria que mais oculto (menos violento.)"

GRUPO 3 - FILME

No romance-

16/"Amir que colocou o relógio debaixo do tapete para culpar Hassan."
 22/"Foi mais impactante a parte da amizade, mostrou ser bem fiel."

Na HQ -

16/"Hassan quando é estuprado."
 22/"A todas as partes."

No filme -

16/"A briga de Ali e Assef."
 22/"A parte do estupro."

Você percebeu a história de modo diferente por causa do modo como ela foi veiculada? Explique (Detalhadamente)

GRUPO 1 HQ

3/"Sim, no filme houve parte de que eu não tinha lido, e pra parte em que eu li não tinha a parte do livro."

5/"No livro é bem detalhado, na HQ foi mais explicado com as imagens, e no filme foi mais fácil de entender."

9/"Sim, por que sempre que algo é tirado de um livro acaba perdendo ou pulando partes importantes."

13/"Sim, por que ela foi veiculada de três modos diferentes teve o romance (livro) a HQ e o filme. Nisso teve uma diferença no entendimento."

14/"Bom, o final é o mesmo para todos os modos, porém no filme o entendimento é melhor e mais fácil de se compreender, mas a mensagem que é passada é a mesma."

18/"A única diferença em que eu tive foi pode ter mais entendimento após ver o filme, pois suas personalidade e suas estruturas foi algo mais atuante dentro do entendimento de cada um dos personagens."

GRUPO 2 - ROMANCE

19/"Algumas partes não aparecem no filme, mais nada que interfira na história."

23/"No romance e entendi que Hassan e Amir eram muito amigos, no filme entendi que Amir so era amigo de Hassan, porque Hassan era corajoso e na HQ entendi que Hssan se sacrificou e se sacrificaria por Amir e Amir não faria o mesmo."

24/"Não porque é a mesma história."

25/"Não, só na parte do estupro, no filme é menos violento, e na HQ é mais violento, sendo que no filme devia ser mais realista."

GRUPO 3 - FILME

16/"Não, porque tudo que vi em um eu vi nos outros dois."

22/"Na HQ eu percebi tudo por causa da leitura e das imagens, assim não deixando nenhuma duvida."

Ao entrar em contato com cada uma das linguagens de cada mídia, houve um impacto diferente do seu entendimento da história? Explique.

Grupo 1 HQ

3/"Sim, porque cada um tem sua forma de se mostra mais, nem sempre todas são iguais."

5/"Sim, por que no romance na HQ e no filme, explicam um pouco de maneiras diferente."

9/"Não, porque mesmo pulando algumas partes as três mídias seguem pelo mesmo caminho."

13/"Sim, por que a HQ resume o romance (livro) e o filme é resume também o livro. Por meio do desenhos, escrituras com desenho, escrituras e imagens com áudio (filme)."

14/"Sim. O livro é muito mais detalhado, enquanto o filme não cita alguns trechos e a HQ é completa mais do que o filme."

18/"Eu não tenho participado de todas as leituras mas a historia te de um jeito identificado o meu entendimento dentro de suas qualidades de cada parte sendo ela no romance HQ ou o filme."

Grupo 2 - romance

19/"Ler não é meu forte, mais o filme da pra entender de boa."

23/"Na HQ o impacto diferente foi os quadrinho os balões e a cor.

No romance o impacto diferente são as falas e a leituras.

No filme as falas e imagem."

24/"Porque cada um conta de forma diferente, por exemplo o romance é mais detalhado, já o filme é mais completo, real."

25/"Não, pois as três falam da mesma história e só que com intensidade diferentes."

Grupo 3 - filme

16/"Não."

22/"Foi o mesmo, só que com diferentes tempos para entender."

Esta série de questões voltadas para a recepção em relação à *syuzhet* (o que se percebe quanto ao entendimento e à essência da história) aponta para uma diferenciação maior em relação à forma como o leitor percebeu o conteúdo apreendido. De acordo com as respostas, embora não se perceba uma unanimidade, fica nítida a atenção dada a determinados trechos da história, como por exemplo, a grande incidência à menção à cena do estupro. Esta observação reforça a ocorrência de impactos diversificados causados no aluno leitor, os quais foram influenciados de acordo com o contato com cada tipo de mídia e percebidos por meio do contato com as três, especificamente. Quanto

ao impacto causado, percebe-se que, para alguns, a mudança representou um efeito no entendimento e para outros, não, pois há os que alegam não haver “sentido nenhum impacto diferente”; porém, em uma análise mais detalhada, percebe-se sempre a referência a algum detalhe quanto à mídia que parece ter *influenciado no impacto*. Pode-se citar como exemplo: as menções “aos diferentes tempos para entender”, “cada uma tem sua forma de mostrar”, “intensidades diferentes”, “o romance é mais detalhado”, “o filme é mais completo, real.”

Esta possível mudança no impacto da recepção, fica difícil de ser aferida, principalmente, quando a própria colocação gera esta dúvida, conforme exemplificado acima; no entanto, as mesmas respostas permitem a afirmação que, de qualquer maneira, o contato com a história por meio de diferentes mídias acaba impactando, se não na história, no enredo em si, numa possível relação mais pessoal entre o leitor e a obra.

É possível, ainda, arriscar uma relação mais prazerosa da leitura. A princípio, este impacto parece trazer uma relação mais positiva entre o que foi lido e a forma como se deu esta leitura. Esta recepção da leitura, de acordo com as respostas obtidas, parece demonstrar um leitor mais consciente do seu papel, um leitor que demonstra um olhar mais crítico em relação ao que foi lido e entendido.

Esta criticidade se demonstra por meio dos detalhes feitos nos comentários presentes nas respostas. Às vezes, de uma forma mais generalizada, porém, em alguns momentos, percebe-se uma comparação - reflexo de uma visão mais crítica e um olhar mais atencioso e detalhado para a leitura e, conseqüentemente, para a recepção e percepção dos fatos narrados. Dessa maneira, novamente, é possível afirmar a importância do contato com a diversidade midiática e suas respectivas linguagens.

Quanto a uma visão mais pessoal do aluno:

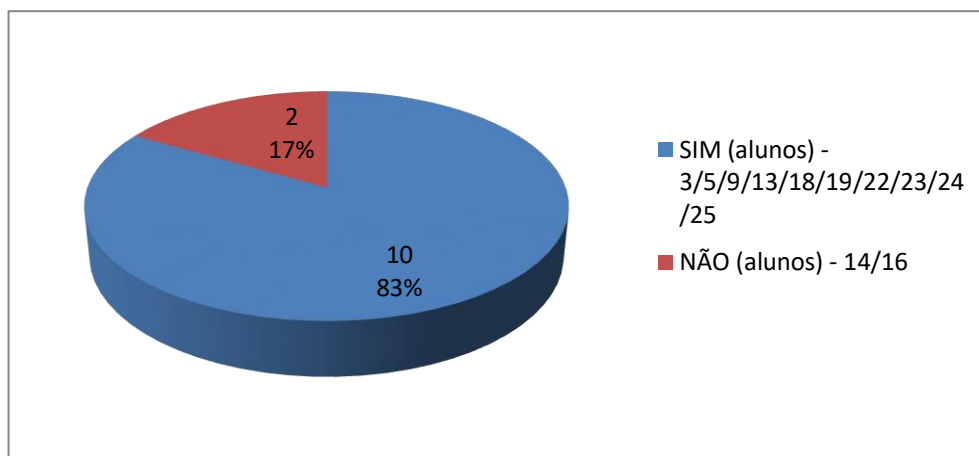
- Ainda, algumas questões foram direcionadas mais para o aspecto pessoal, individual do aluno em relação à sua percepção e recepção:

- *Depois de ter visto as passagens em três mídias diferentes, o(s) mesmo(s) trecho(s) citado(s) anteriormente que haviam chamado a sua atenção, seriam citados novamente como o(s) mais impactante(s) para você?*
- *Se você fosse recomendar esta história para um(a) amigo(a), qual mídia você indicaria? Por quê?*
- *Qual das três formas (romance, quadrinhos, filme) te envolveu e/ou emocionou mais?*
- *Você apreendeu alguma mensagem dos trechos lidos/vistos?*
- *A experiência fez você refletir ou mudar de postura em relação a alguma coisa na sua vida?*

Respostas:

Depois de ter visto as passagens em três mídias diferentes, o(s) mesmo(s) trecho(s) citado(s) anteriormente que haviam chamado a sua atenção, seriam citados novamente como o(s) mais impactante(s) para você?

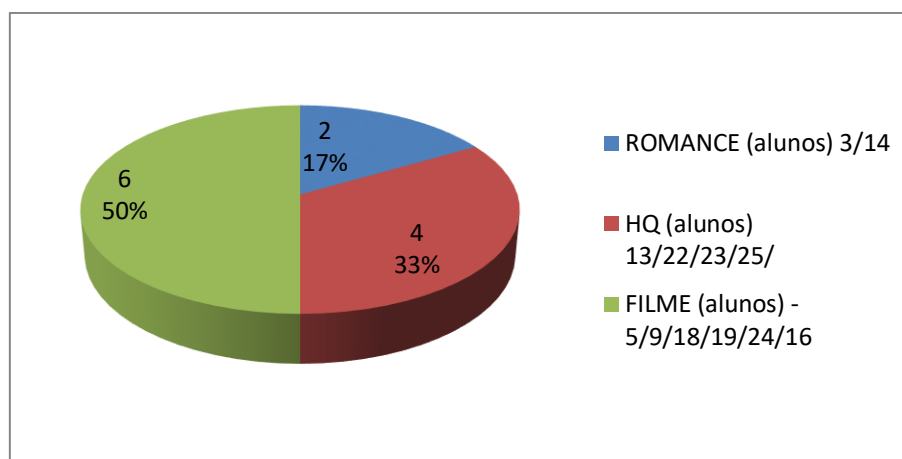
Figura 12 - Depois de ter visto as passagens em três mídias diferentes, o(s) mesmo(s) trecho(s) citado(s) anteriormente que haviam chamado a sua atenção, seriam citados novamente como o(s) mais impactante(s) para você?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

Se você fosse recomendar esta história para um(a) amigo(a), qual mídia você indicaria?

Figura 13 - Se você fosse recomendar esta história para um(a) amigo(a), qual mídia você indicaria? Por quê?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

Por quê?

Grupo 1 – HQ

3/" O romance porque é mais detalhista."

5/"Filme, pois é mais detalhado."

9/"Eu indicaria o filme, por que é uma forma da pessoa gostar mais e se se interessa podera ler os livros."

13/ "A HQ, por que é mais práticos de endenter o romance (livro)."

14/"Livro. Pela facilidade de entendimento e a riqueza em detalhes."

18/"O filme porque seria algo mais surpresa, algo que a pessoa entenderia melhor."

Grupo 2 - romance

19/"O filme, porque e rapido e mais interessante."

23/"Indicaria a HQ porque ela esclarece mais quanto nos quadrinhos quanto nas falas."

24/"O filme, porque é o que dar para entender melhor."

25/ "HQ, por ser mais claro."

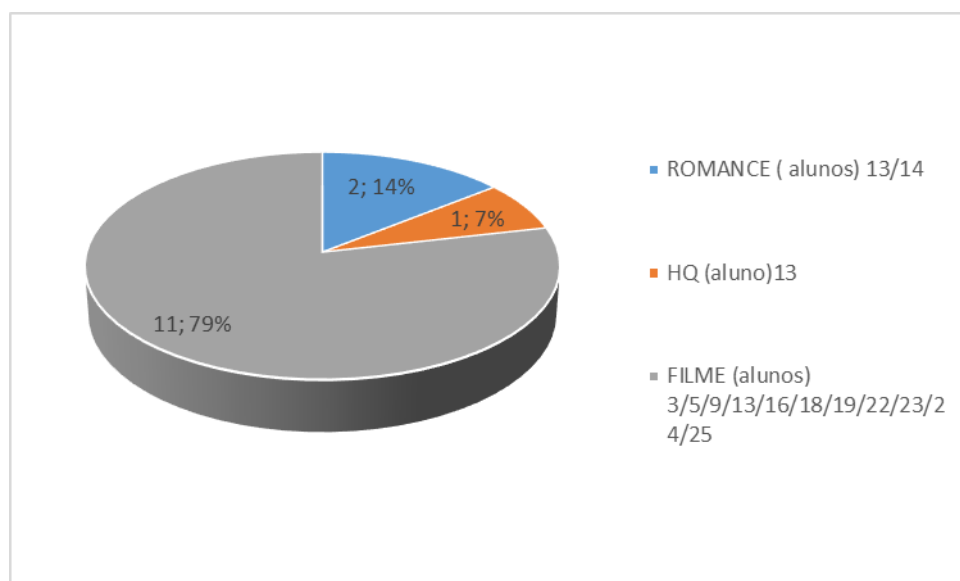
Grupo 3 - filme

16/"O filme porque tem mais detalhes e imagens da para entender melhor."

22/"HQ."

Qual das três formas (romance, quadrinhos, filme) te envolveu e/ou emocionou mais?

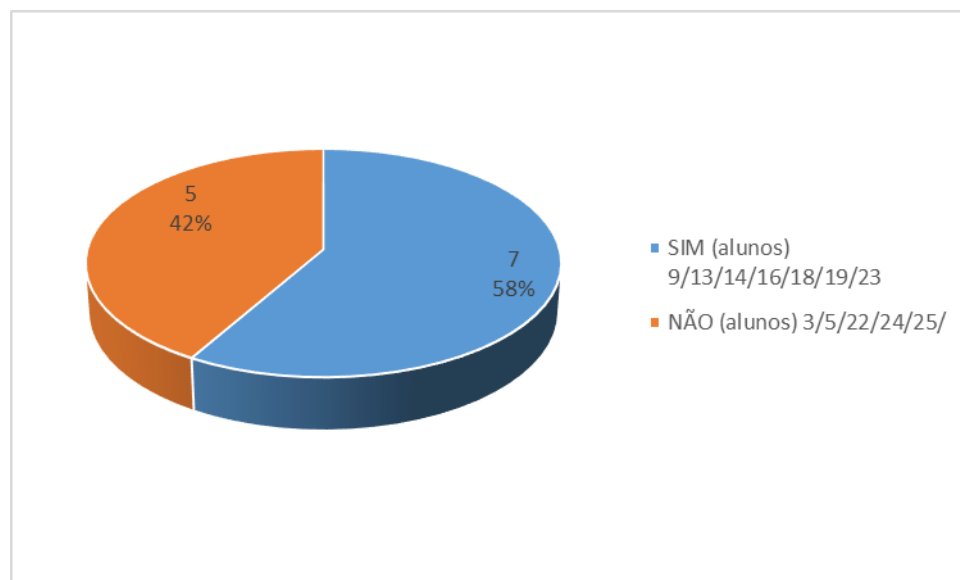
Figura 14 - Qual das três formas (romance, quadrinhos, filme) te envolveu e/ou emocionou mais?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

Você apreendeu alguma mensagem dos trechos lidos/vistos?

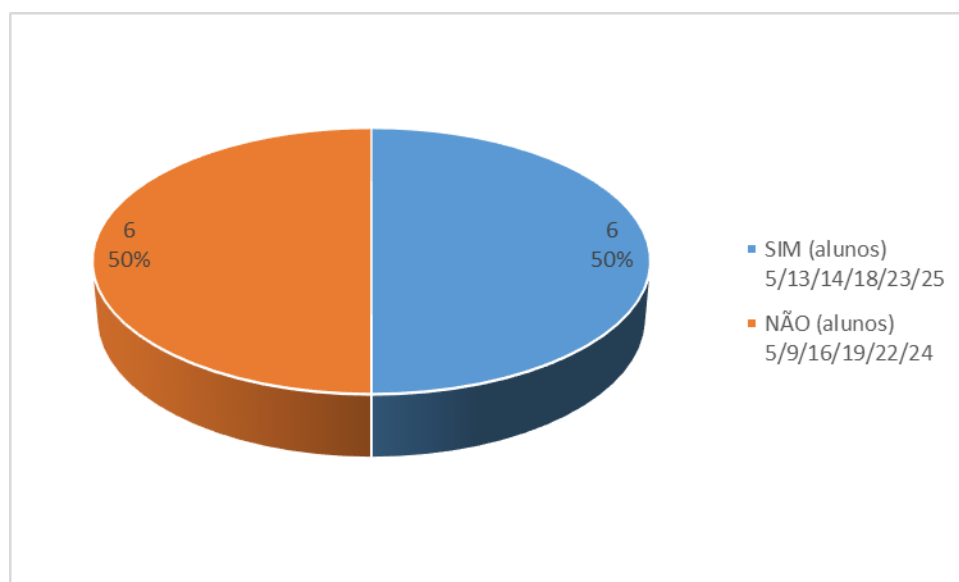
Figura 15 - Você apreendeu alguma mensagem dos trechos lidos/vistos?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

A experiência fez você refletir ou mudar de postura em relação a alguma coisa na sua vida?

Figura 16 - A experiência fez você refletir ou mudar de postura em relação a alguma coisa na sua vida?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

Explique:

Grupo 1 HQ

3/"Porque, ver/ ou ler essa história o que se passa nela não é mais novidade."

5/"Em relação a amizade, nunca devemos abandonar os nosso amigos na hora que ele mais precisar da gente."

9/"Por que tudo o que foi mostrado eu já tinha noção."

Fez refletir, por que agente tem conhecer a pessoa para poder confiar."

14/"Sempre há tempo para se redimir com os erros do passado. Somos quem somos, pelos nossos erros."

18/"A saber lhe dar com as pessoas. Aprender a se entender com qualquer tipo de postura."

Grupo 2 - romance

19/"Mas eu acho interessante eles abrirem a mente de alguns

23/"Sim, porque o que se pode fazer hoje não se deixa pra amanhã."

24/ Não respondeu.

25/"A não confiar em todas as pessoas."

Grupo 3 - filme

16/"Não, porque nunca desvalorizei pessoas que estavam comigo muito menos fui falsa com alguém."

22/"Aconteceu coisas que eu já tenho convivência que existia."

Esta última etapa, voltada para uma abordagem mais pessoal - a qual teve o objetivo de captar respostas mais ligadas à preferência do estudante em relação à mídia lida e à sua adequação ao processo de leitura - está aqui representada pelas seis questões anteriores e suas respostas, neste caso, seus respectivos gráficos e justificativas.

Assim como nas etapas anteriores, da mesma forma, tivemos diferença na preferência dos alunos (sobre a questão da identificação pessoal com alguma das mídias): o romance ficou com um número menor e a HQ e o filme, empatados. Ainda que dois alunos tenham respondido "Nenhuma", estes mesmos alunos fizeram opção por uma delas e até pelas três (no caso do aluno número 13) quando perguntado com qual das mídias ficou mais envolvido. É importante ressaltar que todas as três mídias foram citadas, não houve a rejeição completa a nenhuma delas.

A não rejeição e, novamente, o fato de os alunos terem refletido a respeito das características de cada mídia, reforçam a importância da presença de novos suportes que motivem a leitura do aluno na sala de aula, dentre eles a multimodalidade. Reforçam mesmo a necessidade desta ampliação, de uma abrangência maior de mídias e de suas respectivas linguagens, sem mérito ou demérito de uma em detrimento de outra.

4.2. Análise dos resultados

De acordo com o objetivo proposto por este estudo e as respostas dadas pelos alunos, para as análises em questão, resgatamos a teoria mencionada no Capítulo 1 desta dissertação sobre a recepção leitora e a visão semiótica da leitura abordada por Thérien (1990) - com base nos processos da leitura dimensionados

pelo referido autor, a saber: neurofisiológico, cognitivo, afetivo, argumentativo e simbólico. O resultado obtido por meio dos questionários aplicados aos alunos que tiveram contato com as variadas linguagens - as quais foram lidas no romance, na HQ e no filme - nos permite afirmar que as cinco dimensões da leitura foram exercidas, havendo a necessidade de uma interação por conta da importância de cada uma delas, e ainda, é possível dizer que não há uma escala de maior ou menor importância, necessariamente.

Pode-se afirmar, por outro lado, que o que ocorre é uma relação de dependência entre elas, por exemplo, o processo neurofisiológico é fundamental para que os signos sejam apreendidos, independentemente de qualquer uma das três mídias. Porém, com respostas como: "O filme porque eu me concentro mais do que ler." / "O filme porque tem mais detalhes e imagens para entender melhor." , dadas pelo mesmo aluno (16) ao ser questionado sobre qual mídia o deixou mais confortável com a história e qual mídia indicaria para alguém, respectivamente, nos levam a refletir que, possivelmente, a linguagem visual imagética - fator relevante na sociedade atual - exerce uma maior atração sobre ele, justificando a sua preferência. Em relação ao processo cognitivo, ao tentar entender a história por meio dos signos que a compõem, o leitor estará mobilizando seus conhecimentos tanto nas representações escritas (romance/HQ), quanto nas sonoras (filme/HQ) e nas imagéticas (HQ/filme): será aplicado um esforço em relação à abstração necessária para o entendimento.

A resposta "HQ, porque você não perde tanto a história e não tem o trabalho de imaginar boa parte da história.", dada pelo aluno 22 ao ser questionado sobre por qual mídia sentiu-se mais confortável para entender a história, reforça a relação pessoal neste processo. Segundo Jouve (2002, p.18), "O leitor, totalmente preocupado em chegar ao fim, concentra-se então no encadeamento dos fatos: a atividade cognitiva serve-lhe para progredir rapidamente na intriga." No caso deste aluno, percebe-se que as imagens estáticas da HQ contribuíram para o seu entendimento de uma forma mais significativa que a linguagem das duas outras mídias, possibilitando uma leitura mais fluida, menos trabalhosa, segundo o leitor.

Ressalta-se a importância do processo cognitivo, independentemente da mídia em questão; no entanto, percebe-se pelas respostas, que esta exigência parece ser maior quanto à leitura do romance, uma vez que obtivemos afirmativas

que atestam uma maior dificuldade quanto à concentração, quanto ao autoestímulo para a leitura do texto escrito. Dessa forma, é perceptível nos alunos que demonstraram esse desconforto, uma maior dificuldade no entendimento das passagens da história, quando estes se permitiram fazer a leitura escrita. Também, ressalta-se que alguns outros alunos, mesmo sendo expostos ao contato com o texto escrito, não se permitiram ler. Assim, nem tomaram conhecimento dos fatos narrados.

O processo afetivo mostrou-se muito importante para a leitura desta história por parte dos alunos, independentemente da mídia; no entanto, pelas posturas assumidas durante a aplicação da SD e também por algumas respostas, percebe-se que a predisposição a rejeitar a leitura do romance, fecha as possibilidades para que o processo afetivo se estabeleça.

Esta rejeição acarretou em um número menor de leitores do romance e, conseqüentemente, a obra por este meio conseguiu atingir um número menor de alunos. Conclui-se que, se não houvesse a história nas demais mídias que foram apresentadas, além do romance escrito, uma grande parte dos alunos não teria tido o conhecimento dela, por não terem aceitado fazer a leitura do texto escrito.

Assim, nota-se claramente que, devido a dificuldades, seja de concentração, seja de entendimento, seja por dificuldade de assimilação, ou mesmo por causa da indisposição ou “preguiça” de assumir uma leitura puramente verbal (como alguns mencionaram), o aluno adota uma postura negativa frente à leitura do texto verbal. Fica difícil de distinguir qual processo, o cognitivo ou o afetivo interferiu no outro. Porém, fica muito claro que há uma convergência negativa entre eles no sentido de que parece haver uma predisposição a rejeitar a mídia que apresenta esta linguagem.

Talvez, por dificuldades cognitivas, o aluno distancia-se da leitura escrita/verbal, gerando uma falta de interesse, prejudicando o processo afetivo para com a obra; no entanto, também é possível afirmar o oposto: o interesse, ou melhor, o desinteresse vem da dificuldade de manter-se atento, de conseguir ir compondo a história por este meio, de atribuir sentido a ela.

Algumas respostas, como: "Não li o romance por falta de interesse." / "Ler não é meu forte, mais o filme da pra entender de boa." / "Não li." / "Não, porque não li muito.",

entre outras, nos permite perceber que houve uma escolha, diante do conhecimento prévio do leitor em relação a cada uma das mídias.

Pode-se fazer uma associação ao que Jouve (2012) chama de “pacto da leitura”, pressupõe-se, dessa forma, uma certa expectativa do leitor em relação ao modelo de leitura que terá que enfrentar para conhecer o conteúdo da obra.

Dessa maneira, podemos associar que a reação de alguns alunos que não conseguiram ler o romance escrito, viria da não concretização deste pacto. O aluno já conheceria como se daria este formato e não aceitou esta leitura. Esta postura negativa viria antes mesmo da possibilidade de o aluno poder descobrir se gostaria ou não da leitura e da história. Isto ficou perceptível ao longo da aplicação da atividade, pois foi possível perceber que há uma resposta meio uníssona por parte de alguns alunos ao dizerem que “não gostam de ler”. Não esboçando nem a possível expectativa de se deparar com o contrário.

Esta falta de expectativa pode ser que seja fruto de um desconhecimento. Uma vez que é possível dizermos que na intercorrência citada sobre a questão do *gênero romance*, quanto à ideia por parte de alguns alunos de se tratar de uma história de amor, houve uma quebra de expectativa nesse sentido. Ao saberem que leriam um romance, estavam esperando que fossem ler sobre o amor romântico entre os personagens. A fala das alunas confirma esta afirmação e demonstra um conhecimento equivocando sobre o conceito deste gênero o que, consequentemente, refletiu na recepção da leitura, gerando uma expectativa que não se concretizou.

No plano do pacto da leitura, pode-se associar a um problema com o mau entendimento do *incipit*, neste caso. Esta confusão de definição, gerou um certo desconforto na leitura, pois esperava-se um tipo de história e este encontro não ocorreu.

Quanto ao processo argumentativo, por sua vez, percebe-se que a intenção suposta por Jouve (2002) no processo narrativo fez-se presente, independentemente da mídia, à exceção dos casos que não seriam lidos (tratando-se apenas do romance escrito). Quanto a isto, o que se pode afirmar é que, a partir do momento que o aluno teve contato com a história, o processo

argumentativo foi eficaz, pois as respostas dadas reafirmam esta ideia. Este dado é um ponto importante para se observar, uma vez que este pode ser considerado um dos maiores intuitos da própria experiência da leitura, seja ela indicada ou escolhida pelo próprio leitor.

Pelas respostas, pôde-se perceber que este processo - o simbólico -, também é atingido nas três mídias, uma vez que encontramos respostas desenvolvidas nas mídias HQ e filme e também no romance; no entanto, tivemos, em relação ao romance escrito, um aluno que não respondeu. Dessa forma, cabe reforçar a questão da importância do contato com as variadas linguagens, uma vez que, por meio apenas da escrita, talvez este aluno não tivesse o conhecimento da história e não apreenderia nenhum valor simbólico que pudesse ser significativo para ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações intermediáticas representam hoje um campo de grande extensão que atinge os mais diversos espaços, entre eles o ambiente da escola. O ensino no século XXI encontra-se em um momento em que a mídia escrita já não consegue mais preencher as expectativas dos estudantes, pois são incontáveis as formas de acesso aos mais variados meios midiáticos com os quais eles podem se deparar, permitindo que o público leitor faça a sua opção de acordo com seus perfis e com sua maior habilidade.

Estas habilidades esbarram no conhecimento prévio, na predisposição e, principalmente, no perfil do público leitor. Sabe-se, também, que elas podem ser desenvolvidas por meio de formas distintas de aprendizagem, como a visual, a auditiva e a sinestésica, e ainda, por meio da junção delas. Assim, quanto maior a exposição a que o aluno for colocado, maior será a chance do seu envolvimento e, conseqüentemente, da sua aprendizagem.

Esta reflexão pode ser associada aos processos envolvidos na leitura, especialmente, em relação aos abordados neste estudo: neurofisiológico, cognitivo, afetivo, argumentativo e simbólico. Pode-se supor que, embora no processo de leitura eles estejam intrinsecamente relacionados, dois deles, os processos afetivos e cognitivos, são primordiais para que os demais sejam atingidos.

Este fato ocorre porque, uma vez que não haja, por parte do aluno, a (pre)disposição para um tipo de leitura, especialmente à leitura do texto escrito - seja pela dificuldade de assimilação, seja pela falta de conseguir concentração, ou ainda, pela “preguiça” (como muitos alunos mencionaram) - haverá a não ocorrência das demais dimensões. Com isto, ocorrerá dificuldade na recepção e, conseqüentemente, mais obstáculos no desenvolvimento das habilidades.

Por este estudo, pôde-se perceber que, ao ter contato com as três mídias e suas variadas linguagens, o aluno/leitor pôde fazer escolhas para construir o seu processo de aquisição. Vale ressaltar que esta atividade utilizou apenas fragmentos da narrativa o que pode, de algum modo, influenciar ainda mais essa construção de sentido. E este, quando não se interessou em ter o conhecimento da história por uma forma das mídias, sentiu-se atraído por uma das duas outras, tendo assim, contato com a narrativa. Dessa forma, ocorreu o desenvolvimento de uma habilidade específica relacionada à linguagem presente na mídia lida.

O aluno que não conseguiu ler o romance escrito, mas leu a HQ ou o filme, pôde exercer a sua habilidade leitora por meio da opção que mais se adequava ao seu perfil. Independentemente da mídia pela qual tenha ocorrido acesso à obra, o leitor teve a oportunidade de conhecê-la e, por meio de qualquer uma das mídias, foi levado a passar por todos os estágios dos quatro processos da recepção leitora.

Foi possível observar também, que tivemos alunos que se sentiram atraídos pelas três mídias. Uma boa parte deles alegou que houve uma complementação na sua compreensão a respeito do que foi lido, quando pôde ler a mesma passagem pelas três mídias às quais foram expostos por meio deste estudo.

Algumas outras considerações que obtivemos com as respostas dos alunos deixam claro que uma postura mais crítica por parte deles, só foi possível por terem sido instigados a refletir sobre o entendimento, isto, após o contato com mídias diferentes. Dessa forma, abriu-se a possibilidade de o próprio aluno se questionar a respeito da sua compreensão e também de fazer escolhas de leitura, uma vez que estava ciente de que poderia conhecer a história de outra forma, por outro meio, em contanto com outras linguagens. Diante desta constatação, o estudo confirma nossas expectativas de que uma diversificação de mídias em relação ao objeto apresentado em sala de aula incrementa a construção do fazer literário e possibilita que a polissemia do texto seja explorada.

Sabe-se, conforme já mencionado neste trabalho, que o ambiente escolar já conta com variadas práticas educativas. Também não se discute a escassez de recursos com os quais nos deparamos no dia a dia de uma escola. No entanto, espera-se que esta estratégia, além de ser aplicada para a investigação, como se deu por meio desta pesquisa, possa vir a ser utilizada como um processo a ser aplicado na sala de aula, como prática de leitura. As linguagens diversificadas enriqueceriam este ato e também contribuiriam para o desenvolvimento de outras habilidades leitoras, além da cultura escrita, como a leitura de imagens e a linguagem oral.

Dessa maneira, estas práticas de leituras, por meio de mídias diversificadas e suas linguagens específicas, teriam como uma das possibilidades atrair o público leitor. Assim, seria possível levar esse leitor ao contato com as habilidades necessárias para que as competências, as quais permeiam os textos

multissemióticos, fossem desenvolvidas no processo da experiência leitora, dentro da escola e não somente fora dela. Isto ocorrendo, haveria uma maior aproximação do meio midiático, o qual circunda o aluno, com o ambiente escolar.

Na Sequência Didática aplicada para a pesquisa, foram utilizadas mídias que estão mais presentes no cotidiano escolar, por conta do fácil acesso a elas, na maioria das vezes. Ressalta-se, porém, que da mesma forma que se partiu de uma adaptação de um romance para a HQ e um filme, é possível explorar outras formas de adaptações e, ainda, outros meios midiáticos.

A tecnologia possibilitou o fácil acesso às mais variadas formas de mídias, com isto, as opções são vastas e facilitadas. A escola precisa aproximar-se destas inovações e inseri-las no seu ambiente. Contudo, não se deve deixar de lado a mídia escrita, nem perder de vista a prioridade da sua leitura. A intermedialidade e a multimodalidade estão presentes no dia a dia e não devem ficar fora da sala de aula. Estas ferramentas tão importantes devem seguir com o objetivo plural de diversificação, para atingir os mais diferentes perfis estudantis e transmitir os conteúdos tão ricos que temos a disseminar, cruzando as fronteiras do conhecimento, da arte e da linguagem.

O conhecimento é um dos maiores bens que se pode adquirir, e a linguagem se faz necessária para que ele aconteça, seja ela do modo que for. Importa, neste sentido, que haja cada vez mais uma maior interação e uma maior compreensão do que foi apreendido. A recepção leitora, foco deste estudo, revela-se como uma peça-chave para que sejam desvendadas as essências do universo narrativo, independentemente da mídia por qual se tenha tido acesso a elas. Pois, foi possível, por meio das análises feitas, perceber que ao ter contato com as múltiplas linguagens midiáticas, a recepção leitora apresenta alterações quanto à interpretação, reafirmando que as múltiplas linguagens podem gerar um impacto diferente para cada leitor.

Esta percepção nos faz reafirmar que a recepção leitora sofre reflexos da estrutura textual, a qual possui um papel fundamental neste processo e também nos chama a atenção quanto ao papel que as modalidades midiáticas exercem nos processos cognitivos, perceptivos e receptivos, reafirmando assim, uma das hipóteses apontadas neste estudo.

Dessa forma, reforça-se a importância da escola neste processo de interação entre a intermedialidade, a leitura e o aluno-leitor. Este diálogo revela-se muito promissor no sentido de se romper as fronteiras midiáticas em prol de um maior número de leituras e de perfis de leitores. Assim, os multiletramentos se fazem necessários para que cada vez mais a recepção leitora seja atingida e explorada no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros e artigos

- ARAÚJO, Denise Lino de. *O que é (e como faz) sequência didática?* Entrepalavras. Fortaleza – ano 3, v. 3, n. 1, p. 322-334, jan/jul 2013.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Sobre o sentido II: Ensaios semióticos*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin/Edusp. p. 11-16., 2016
- BOUTIN. J. F. De la paralittérature à la littérature médiatique multimodale: une évolution épistémologique et idéologique du champ de la bande dessinée. In: LEBRUN, M., LACELLE, N., BOUTIN. J. La littérature médiatique multimodale. Québec: Presses d'Université du Québec, 2012.
- CAGNIN, Antonio L. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.
- COELHO, João Batista. PROLER - Um estudo sobre sua implantação. In: *Anais da Biblioteca Nacional* – Vol. 129, R. J., 2009.
- COLOMER, Teresa – *A formação do Leitor Literário, Narrativa infantil e juvenil atual*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- CORNAIRE, Claudete; GERMAIN, Claude. *Le point sur la lecture* Didactique des langues étrangères. Collection dirigée par Robert Galisson. Paris: CLE International, 1991.
- CLÜVER, Claus. – *Intermedialidade* - In PÓS - Belo Horizonte, vol. 1, n. 2, p. 8-23, nov. 2011
- _____. Inter Textos/Inter Artes/Inter Media – Aletria, 2006 – jul.-dez., disponível em: <http://www.lwtras.ufmg.br/poslit>
- CUNHA, João Manuel dos Santos. *Da literatura ao cinema, traduzindo sobre restos de linguagens*. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 23, 2013. Disponível em: <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/download/313/317>
- DE NICOLA, José. *Literatura Brasileira – das origens até os nossos dias*. São Paulo: Scipione, 1998.
- DIONISIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARXOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). Gêneros textuais: reflexão e ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p.131-144.
- DORETTO, Shirlei Aparecida; BELOTTI, Adriana. *Concepções de linguagem e conceitos correlatos: A influência no trato da língua e da linguagem*. Revista Encontros de Vista – 8ª edição. P. 89 – 103. ISSN 1983-828X, 2011. Disponível em: http://www.econcontrosdevista.com.br/normas_p.php.
- ELLESTRÖM, Lars – *Midialidade – ensaios sobre comunicação, semiótica e intermedialidade* – DOMINGOS, Ana Cláudia Munari; KLAUCK, Ana Paula; MELO, Maria Guiné de (org.). Porto Alegre – EDIPUCRS, 2017.
- FALABRETTI, Ericson. A linguística de Rousseau. A estrutura aberta e a potência criadora da linguagem. Analytica, Rio de Janeiro, vol. 15. Nº 2, p. 147-198, 2011
- FOURTANIER, Marie-José; LANGLADE, Gêrarde; MAZAURIC, Catherine : Dispositifs de lecture et formation des lecteurs. 7èmes Rencontres des chercheurs en Didactique de la Littérature, IUFM de Montpellier, 6 au 8 avril 2006
- GANCHO, Cândida Vilares. *Como Analisar Narrativas*. São Paulo: Ática, 1991. Disponível em: <http://groups.google.com.br/group/digiralsource/>
- GAUDREAULT, A., MARION, P. . *Transescritura e midiática narrativa: Questões de intermedialidade*. Tradução de Brunilda T. Reichmann e Anna Stegh Camarati. In: DINIZ, T. F. N. (org.). *Intermedialidade e estudos interartes. Desafios da arte contemporânea*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2012. p. 107-128.

- GENETTE, Gérard. *Palimpsestos, a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.
- GROSSI, Elvair. Articulando o texto narrativo. In: A prática de produção de textos em sala de aula. Eleandra A. Lelli (et. al.); SIMKA, Sérgio; JÚLIO, Marcos (org.) Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.
- HOSSEINI, Khaled. – *O caçador de pipas em quadrinhos*; Ilustração: Fábio Celoni e Mirka Andolfo - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2011.
- _____. – *O caçador de pipas* (romance); tradução Maria Helena Rouanet. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2005.
- HUTCHEON, L. *Uma teoria da adaptação*. Tradução: André Cechinel. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.
- JOUE, Vincent – *A leitura* – tradução Brigitte Herval, São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos da comunicação*. Tradução de Maria Cecília Souza-e-Silva e Décio Rocha, São Paulo: Cortez, 2013.
- MATSUDA, Alice Atsuko. *Alice inanimada: análise voltada à geração do século XXI*. Guará, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 136 – 148, jul./dez.2018.
- MEREGE, Ana Lúcia. *A história da escrita: uma introdução*. In: Anais da Biblioteca Nacional – Vol. 129, 2009. R. J, 2011
- MICHELETTI, Guaraciaba; GEBARA, Ana Elvira L. *Questões de leitura e ensino: ler e saber/ Reading and teaching aspects: to read and to know*. Linha d'Água, n. 25 (2), p. 227-246, 2012.
- _____. *Memória literária, leitura e ensino Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 85-102, jun. 2016.
- NASCIMENTO, R. G.; BEZERRA, F. A. S.; HEBERLE, V. M. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.14, n.2, p.529-552, 2011
- NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula* (recurso eletrônico). São Paulo: Contexto, 2011.
- OLSON, David R.. *O mundo no papel – As implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita* – Tradução de Sérgio Bath, São Paulo, Editora Ática, 1997
- RAMAZZINA GHIRARDI, Ana Luiza, *Multimodalidade e novas perspectivas da leitura: Ferrandez e a reconstrução HQ de L'étranger*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, vol. 10. N. 2 (2014).
- _____. *Intermedialidade e transdisciplinaridade na formação de um leitor proficiente*. TODAS AS LETRAS, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 80-92, jan./abr. 2018 <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6914/letras.v.20.n1.p.80-92>
- ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. São Paulo: Parábola, 2012.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Ensaio sobre a origem das línguas*. Tradução: Lourdes Santos Machado. S. Paulo: Nova Cultural, 1999 d. (Coleção Os Pensadores; Vol. I)
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Ferdinand de Saussure; BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert (org.). Tradução: Antônio Chelini; José Paulo Paes; Izidoro Blikstein. 27. Ed. São Paulo. Cultrix. 2006.
- STAM, Robert. *Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade*. Ilha do desterro, Florianópolis, nº 51, p. 19 – 53, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos, *Tipologias textuais literárias e linguísticas*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 1460-1587, 1º sem. 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro. *A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária*. In: *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula* [registro eletrônico]. RAMA, Ângela; RAMOS, Paulo. VERGUEIRO, Waldomiro (org.). São Paulo: Contexto, 2005.

VIGNER, G. Intertextualidade, norma e legibilidade. In: GALVES, C.; ORLANDI, E. P.; OTONI, P. (Orgs.). *O texto: escrita e leitura*. Campinas: Pontes, 1988.

Documentos consultados:

BNCC - BRASIL . Base Nacional Comum Curricular. Ensino Médio. Brasília: MEC. Versão entregue ao CNE em 03 de abril de 2018. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp->

IBC – Instituto Brasileiro de Cultura Ltda. – *Guia Geração da Internet*, 1 ed, São Paulo, On Line, 2016.

LDB : Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – 2. ed. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018. 58 p. https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_2ed.pdf

Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias MEC/SEB, 2006 – Volume 1.

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Língua Portuguesa. Ensino Médio. MEC/SEB, 2006.

Dissertações e teses

MELO, Címaria Valim de. *O lugar do romance na literatura brasileira contemporânea*. 2010, 278 f. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

PINTO, Marcela Dias. *Leitor comum escolarizado e a leitura do “Caçador de pipas”*, de Khaled Hosseini. 2010. 122 f. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (Mestrado em Letras). Maringá. PR.

Filmografia

FORSTER, Marc. – *O caçador de pipas (filme)*, 2008 – Baseado no romance de Khaled Hosseini.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIOS

APÊNDICE A1 - QUESTIONARIO APLICADO AOS ALUNOS SOBRE “A RECEPÇÃO LEITORA NAS DIVERSAS LINGUAGENS DE *O CAÇADOR DE PIPAS*: DO ROMANCE, À HQ E AO FILME”

Questões sobre hábitos de leitura - Parte I

1) você gosta de ler? (escolha uma resposta)

() muito () um pouco () não muito

Se você escolheu “não muito”, você pode dizer por quê? _____

2) Fora as leituras de aula, quanto tempo você destina à leitura por semana? (escolha uma resposta): () uma hora () duas horas () mais que isso – Quanto? _____

3) O que você prefere ler?

() HQ () romances () livros ou revistas científicas () revistas () outros (cite) _____

Por que você prefere essa leitura ou esse tipo de livro? _____

4) O que você leu nessas duas últimas semanas? (cite o ou os títulos) _____

5) Você gostaria que seu professor o deixasse escolher algumas das leituras de sala de aula?

- () sim () não - Você pode dizer por quê? _____

Parte II

1) Após ter respondido a primeira parte do questionário, você pode dizer que se considera um leitor/a? () Sim () Não - Justifique sua resposta anterior. _____

2) Você sente prazer quando lê? () Sim () Não () Mais ou menos

() Só lê por causa da escola. Por quê? _____

3) O que você prefere? - () Ler um livro () Ler uma revista/um jornal

() Ver um filme () jogar videogame () Nenhum dos anteriores - Por quê? _____

4) Já leu ou viu *O caçador de pipas*? () Sim () Não

5) Se você tivesse que escolher um meio para conhecer uma história, você optaria por qual mídia? () ler o romance () ler a HQ () ver o filme

APÊNDICE A3

Nome: _____

Quanto aos trechos de *O caçador de pipas*:

1) Você acabou de () ler o romance () ler a HQ () assistir ao filme

2) Qual/quais o(s) trecho(s) chamou (chamaram) mais a sua atenção? Por quê? _____

3) Faça um resumo do que percebeu desta parte? (Escreva em primeira pessoa – o uso do “eu”) – _____

Cite o que você lembra dos elementos abaixo, em relação à passagem mencionada:

4) O que acontece de principal? _____

5) Qual temática é desenvolvida no enredo? _____

Quanto às personagens:

6) Quem participa deste trecho? _____

7) É possível dar detalhes de características físicas/psicológicas de algum (alguns) deles? Cite: _____

8) Qual (quais) personagem (personagens) te interessou mais? Por quê?

9) Onde o referido trecho se passa? _____

10) Quando ele acontece? _____

11) Você se identificou com algum personagem da história ou com alguma situação ocorrida? () Sim () Não

Se sim, poderia explicar o por quê? _____

12) Você utilizou alguma maneira que o deixou mais confortável para percorrer a leitura (estratégia de leitura)? Como foi este processo para você entender a história? _____

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES DE IDADE

Caro Responsável/Representante Legal:

Gostaríamos de obter o seu consentimento para o menor _____, participar como voluntário da pesquisa intitulada **“A recepção leitora nas diversas linguagens de *O caçador de pipas*: do romance à HQ e ao filme”** que se refere a um projeto de Letras na disciplina de Língua Portuguesa.

O motivo que nos leva a estudar a questão é considerarmos importante, no processo educacional, as diversas abordagens linguísticas, principalmente, a possibilidade do desenvolvimento das inúmeras habilidades e competências relacionadas ao aprendizado e ao desenvolvimento intelectual do aluno.

Temos como ponto de partida deste projeto, o romance *O caçador de pipas* – de Khaled Hosseini e suas adaptações para história em quadrinhos e para o cinema. Serão desenvolvidas atividades utilizando o romance e suas adaptações, sendo leitura do romance e da HQ e a exibição do filme e, posteriormente, será aplicado um questionário. Com isso, pretende-se observar e investigar a forma como se dá esta recepção nas diversas linguagens. Estima-se o prazo, aproximadamente, de 12 (doze) aulas aplicadas nas dependências da escola e durante o horário de aula, normalmente.

São esperados os seguintes benefícios da participação: por meio deste estudo, espera-se, adotar uma perspectiva multicultural, envolvendo a literatura e outras artes, olharmos mais para a atual geração que, acostumados com modernidade, buscam por soluções inovadoras, tecnologia e métodos avançados para permanecerem interessados. Daí ressaltar novamente, a importância de irmos observando o resultado de toda esta mescla de signos e linguagens que estão à disposição da Educação.

O nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa o que garante o anonimato e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Não será cobrado nada, não haverá gastos decorrentes de sua participação, se houver algum dano decorrente da pesquisa, o participante será indenizado nos termos da Lei.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta pesquisa o risco pode ser avaliado como: mínimo, pois não se trata de nenhum método invasivo.

Gostaríamos de deixar claro que a participação é voluntária e que poderá deixar de participar ou retirar o consentimento, ou ainda descontinuar a participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo de qualquer natureza.

Em caso de dúvidas quanto à ética do estudo, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo, sito à Rua Botucatu, 572, 1o. andar, Conjunto 14, CEP: 04023-061 São Paulo/SP, tel: (11) 5571-1062 fax: (11) 5539-7162, , poderá ser consultado.

Desde já, agradecemos a atenção e a da participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com pesquisador principal.

Eu, _____ (nome do responsável ou representante legal), portador do RG nº: _____, confirmo que Marinete Tavares Caputo Silva explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para participação do menor _____ (nome do participante da pesquisa menor de idade) também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para o menor participar como voluntário desta pesquisa.

Local e data: _____, de _____ de 20 ____.

(Assinatura responsável ou representante legal)

Marinete Tavares Caputo Silva (pesquisadora)

Nome Pesquisadora: Marinete Tavares Caputo Silva	Cargo/Função: Professora
Instituição: Universidade Federal de São Paulo – Guarulhos	
Endereço: Estr. do Caminho Velho, 333 - Jardim Nova Cidade, Guarulhos - SP, 04021-001	
Telefone: (11) 5576-4848	

PÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa intitulada **“A recepção leitora nas diversas linguagens de *O caçador de pipas*: do romance à HQ e ao filme”** que se refere a um projeto de Letras na disciplina de Língua Portuguesa.

O motivo que nos leva a estudar a questão é considerarmos importante, no processo educacional, as diversas abordagens linguísticas, principalmente, a possibilidade do desenvolvimento das inúmeras habilidades e competências relacionadas ao aprendizado e ao desenvolvimento intelectual do aluno.

Temos como ponto de partida deste projeto, o romance *O caçador de pipas* – de Khaled Hosseini e suas adaptações para história em quadrinhos e para o cinema. Serão desenvolvidas atividades utilizando o romance e suas adaptações, sendo leitura do romance e da HQ e a exibição do filme e, posteriormente, será aplicado um questionário. Com isso, pretende-se observar e investigar a forma como se dá esta recepção nas diversas linguagens. Estima-se o prazo, aproximadamente, de 12 (doze) aulas aplicadas nas dependências da escola e durante o horário de aula, normalmente.

São esperados os seguintes benefícios da participação: por meio deste estudo, espera-se, adotar uma perspectiva multicultural, envolvendo a literatura e outras artes, olharmos mais para a atual geração que, acostumados com modernidade, buscam por soluções inovadoras, tecnologia e métodos avançados para permanecerem interessados. Daí ressaltar novamente, a importância de irmos observando o resultado de toda esta mescla de signos e linguagens que estão à disposição da Educação.

Seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa o que garante o anonimato e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Não será cobrado nada, não haverá gastos decorrentes de sua participação, se houver algum dano decorrente da pesquisa, o participante será indenizado nos termos da Lei.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta pesquisa o risco pode ser avaliado como: mínimo, pois não se trata de nenhum método invasivo.

Gostaríamos de deixar claro que a participação é voluntária e que poderá deixar de participar ou retirar o consentimento, ou ainda descontinuar a participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo de qualquer natureza.

Desde já, agradecemos a atenção e a participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações. Em caso de dúvidas quanto à ética do estudo, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo, sito à Rua Botucatu, 572, 1o. andar, Conjunto 14,, CEP: 04023-061 São Paulo/SP, tel: (11) 5571-1062 fax: (11) 5539-7162, , poderá ser consultado.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com pesquisador principal.

Eu, _____, portador(a) do RG nº: _____, confirmo que Marinete Tavares Caputo Silva explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em participar como voluntário (a) desta pesquisa.

Local e data: _____, de _____ de 20 ____.

(Assinatura do (a) participante)

Marinete Tavares Caputo Silva (pesquisadora)

Nome Pesquisadora: Marinete Tavares Caputo Silva	Cargo/Função: Professora
Instituição: Universidade Federal de São Paulo - Guarulhos	
Endereço: Estr. do Caminho Velho, 333 - Jardim Nova Cidade, Guarulhos - SP, 04021-001	
Telefone: (11) 5576-4848	

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

_____ (nome do aluno) _____

Este é um convite especial para você participar voluntariamente do estudo: “A RECEPÇÃO LEITORA NAS VÁRIAS LINGUAGENS DE *O CAÇADOR DE PIPAS*: DO ROMANCE, À HQ E AO FILME”.

Seu papel é muito importante, pois este projeto tem o objetivo geral de investigar o impacto na recepção, interpretação e percepção do romance citado, nas duas outras formas de mídia para as quais foi adaptado. Para isto você terá que responder um questionário, após ler trechos do romance, da HQ e de ver o filme. Estes procedimentos acontecerão nas aulas de Língua Portuguesa, dentro do seu horário normal de aula, com a duração, aproximadamente de 16 aulas.

Sua participação é voluntária e você poderá deixar de participar ou retirar o consentimento, ou ainda descontinuar a participação se assim o preferir, a qualquer momento. Seus pais foram informados e autorizaram este procedimento. Você concorda em participar desta pesquisa?

() Sim // Não ()

São Paulo, _____ de _____ de _____.

Aluno _____ RG _____

Pesquisador _____ RG _____

APÊNDICE E – GRÁFICOS – QUESTIONÁRIOS

PRÉ-LEITURA

1- *QUAL A SUA PRIMEIRA IMPRESSÃO AO TER CONTATO COM O LIVRO?*

- 1/ "Muito grande."
- 2/ "Eu não senti nada ao ler."
- 3/ "É diferente sobre outros livros que já li."
- 4/ Não respondeu
- 5/ "Achei ele diferente, o material."
- 6/ "Senti interesse."
- 7/ "Achei bem antigo e deve ser bem divertido de ler."
- 8/ "Seu aspecto velho, porém, bonito."
- 9/ "Minha impressão do livro é que ele é muito grande, velho, mas interessante por causa do título que chama atenção."
- 10/ Não respondeu.
- 11/ "Fiquei impressionado com a espessura do livro, parece ser diferente, pois é o primeiro livro que eu vejo sobre pipa."
- 12/ "O livro é velho e médio."
- 13/ "De ler o livro."
- 14/ "Achei interessante, nunca tinha visto antes."
- 15/ "Não gosto de romance."
- 16/ "Primeira reação: Muito grande, porém bonito."
- 17/ "Minha impressão é que ele é muito grande."
- 18/ "Minha primeira impressão sobre o livro foi. Uma pessoa que fica a procura de um pipa."
- 19/ "Muito grande e é de romance."
- 20/ "Parece ser muito interessante."
- 21/ "Enorme."
- 22/ "Nenhuma."
- 23/ "Eu não senti nada."
- 24/ "Não senti nada."
- 25/ "Não senti nada."

PRÉ-LEITURA

2- DE ACORDO COM O TÍTULO VOCÊ ACHA QUE O TEXTO FALA SOBRE O QUÊ?

- 1/ "Sobre um menino que caçava pipas."
- 2/ "Sobre sua infância com pipas."
- 3/ "Sobre um homem que caçava pipas."
- 4/ Não respondeu.
- 5/ "Sobre *o caçador de pipas*, sobre um garoto/homem que amava pipas."
- 6/ "Sobre pipas."
- 7/ "Sobre *o caçador de pipas*, o menino que amava pipas."
- 8/ "Parece conter uma história comovente e marcante sobre a vida do protagonista, a busca por algo seja um sonho/amor)."
- 9/ "De acordo com o título e com um pouco que lê acho que o livro fala sobre duas crianças de se divertirem de varias formas e uma deles é empinar pipa."
- 10/ Não respondeu.
- 11/ "Um romance; mais eu não sei se é sobre pipa ou sobre um casal."
- 12/ "Uma vida fracassada."
- 13/ "Ele conta uma história de romance com a personagem e o pipa, que ele se apaixona com os pipa."
- 14/ "Sobre um romance, estou em dúvida ainda."
- 15/ "Sobre amor."
- 16/ "Pelo título: Sobre um homem que gostava de pipa."
- 17/ "Fala sobre o menino que caçava pipas."
- 18/ "De uma pessoa que cresceu a procura de pipas."
- 19/ "Sobre um menino sonhador."
- 20/ "Sobre um garoto que casava pipa."
- 21/ "Amor."
- 22/ "Romance."
- 23/ "Conta de pipas e que ele admirava muito."
- 24/ "É sobre um romance."
- 25/ "É sobre um romance."

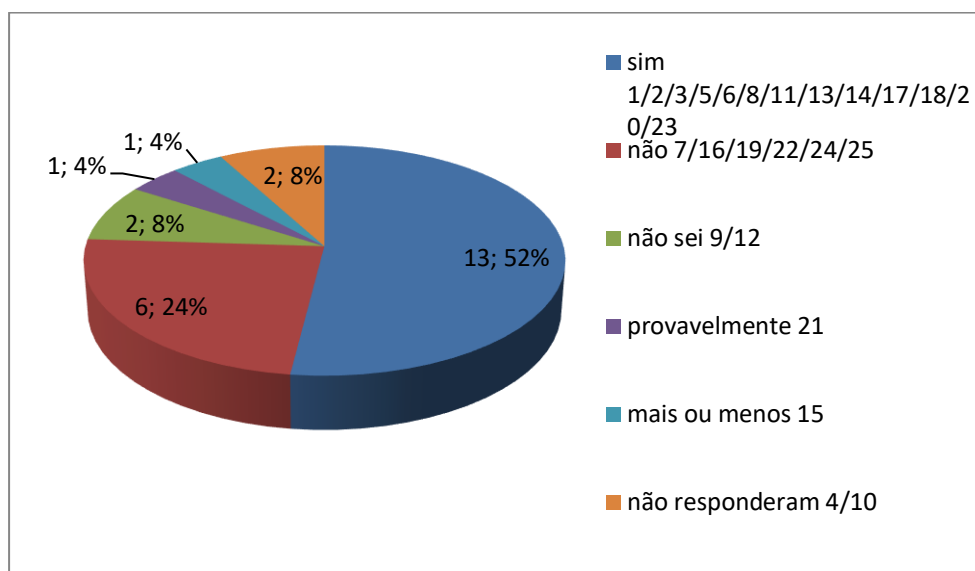
PRÉ-LEITURA***ATÉ QUE PONTO ESTE LIVRO DESPERTA O SEU INTERESSE?***

- 1/ "Até eu ver o tamanho dele."
- 2/"Não, por que eu nem cheguei a ler por conta dos meus colegas."
- 3/ "Parece ser chato por conta do título."
- 4/ Não respondeu.
- 5/"Até a capa, porque ele é muito grande e não sou muito fã de ler."
- 6/"Não, parece ser até interessante, mas não chama minha atenção."
- 7/"Eu não gosto de romance e o assunto não me interessa muito."
- 8/"A capa e a ilustração."
- 9/"Sim, porque o título é bem chamativo e eu meio que gosto de pipas."
- 10/ Não respondeu.
- 11/"Sim, eu gostei pelo título e pela a capa, um livro sobre pipa, não é sempre que a gente vê."
- 12/"Até a capa, até ela é interessante."
- 13/"Sim, porque ele conta a história dele, que é bim, para que ler por que pode se identificar."
- 14/"Li apenas um capítulo, não sei definir ainda."
- 15/"Pouco, odeio romance. Mas interessante por abranger amor entre pais, filhos e deuses."
- 16/"Até que ponto. A capa, o título e o tamanho dele."
- 17/"Nenhum ponto, pq eu não gosto de ler."
- 18/"Sim, até entender a grande motivação deste caçador."
- 19/"Até quem é (sic) pipa."
- 20/"Até eu ler a sinopsia dele achei muito interessante."
- 21/"Após ler o gênero."
- 22/"Nenhum."
- 23/"Sim, porque na capa fala que é de romance e isso me chamou atenção."
- 24/"Nenhum, porque não li."
- 25/"Nenhum, porque não o li."

PRÉ-LEITURA

VOCÊ ACHA QUE VAI GOSTAR DE LER ESTE LIVRO?

Figura 17 - Gráfico da pergunta: Você acha que vai gostar deste livro por quê?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

POR QUÊ?

- 1/ "Acho que sim! Porque parece interessante."
- 2/"Sim, por que diz ser de romance."
- 3/"Sim, porque olhando por cima tem cara de ser interessante."
- 4/ e 10 – Não responderam.
- 5/"Eu acho que sim, gostei do título."
- 6/"Parece ser interessante, talvez eu gostaria sim."
- 7/"Não vou gostar, pois o livro não me interessa."
- 8/"Sim, pois parece ser uma história marcante."
- 9/"Não sei, porque só vou descobrir se começar a ler."
- 11/"Sim eu gosto de livros de romance."
- 12/"Não sei, apenas me decido depois da leitura."
- 13/"Sim, porque tem contexto interessante."
- 14/"Sim, gosto de romances, acho que despertaria o meu interesse."
- 15/"Mais ou menos, por abranger amor de varias formas."
- 16/"Se gostaria: Não muito por ser de pipas por mais que seja romance."
- 17/"Não sei, mas acho que sim porque gosto de pipas e o título chamo minha atenção."
- 18/"Sim, pois o título torna-se algo que me tras interesse."
- 19/"Não, porque não gosto muito de ler."
- 20/"Sim, por que eu gosto muito de ler e parece ser muito interessante."
- 21/"Provavelmente. Parece do meu interesse."
- 22/"Não, porque não leio."
- 23/"Sim, porque logo que comecei a ler me interessei."
- 24/"Não, porque não gosto de romance."
- 25/"Não, porque não gosto de romance."

PRÉ-LEITURA***VOCÊS CONHECEM ESTE AUTOR?***

- 1/ "Nunca nem vi."
- 2/Não respondeu.
- 3/"Não."
- 4/Não respondeu.
- 5/"Não."
- 6/ Não respondeu.
- 7/"Não."
- 8/"Não conheço o autor."
- 9/"Não."
- 10/Não respondeu.
- 11/ Não respondeu.
- 12/"Não."
- 13/"Não respondeu."
- 14/"Não."
- 15/"Não."
- 16/"Autor: Não conheço."
- 17/"Não."
- 18/"Não."
- 19/"Não."
- 20/"Não."
- 21/"Não."
- 22/"Não."
- 23/Não respondeu.
- 24/Não respondeu.
- 25/Não respondeu.

PRÉ-LEITURA

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR DO AFGANISTÃO?

- 1/ "Sei sobre o Afeganistão, que é um país de guerra."
- 2/"Eu sei que há muita guerra."
- 3/"Tiro, porrada e bomba."
- 4/ Não respondeu.
- 5/"Sim, pois é um país."
- 6/"Sei que é o país que está enfrentando muitas crises."
- 7/"Sim, conheço, pois tem muitas notícias na televisão de ataque e homem bomba."
- 8/"Um país onde as guerras são frequentes."
- 9/"Eu sei que lá está tendo muitos bombardeio."
- 10/Não respondeu.
- 11/"Guerras, a morte do Bin Laden, As melhores armas."
- 12/"O Afeganistão é pura guerra."
- 13/"Que o Afeganistão tem muita morte, e violência mais tem seus lados bons e ruins." 14/"Guerras."
- 15/"Já, há muitas guerras."
- 16/"O Afeganistão só tem guerra, bombas."
- 17/"É muita guerra."
- 18/"Nunca ouvi falar."
- 19/"É muita guerra."
- 20/"Sei que é um país que tem muita guerra e violência e ataques terrorista."
- 21/"Não me recordo."
- 22/"Sim."
- 23/"Sei que acontece muita guerra."
- 24/"Afeganistão, sei que tem muita guerra."
- 25/"Afeganistão que tem muita guerra."

PRÉ-LEITURA

O QUE É ETNIA?

- 1/ "diversidade cultural."
- 2/"Preconceito é a pessoa ser negra, magra, etc."
- 3/"Não me lembro."
- 4/ Não respondeu.
- 5/"Eu não sei."
- 6/"Não sei."
- 7/"Não conheço."
- 8/"Etnia distribuição das raças."
- 9/"Não sei."
- 10/Não respondeu.
- 11/"Não"
- 12/"Educação."
- 13/"Uma dança, não sei."
- 14/"Esqueci."
- 15/"Diversidades cultural."
- 16/"O que é preconceito. Você se achar melhor que o outro por ser de classe social alta ou algo assim."
- 17/"Não sei."
- 18/"Não sei."
- 19/"Não sei."
- 20/"Não me recordo do que seja."
- 21/"Diversidade"
- 22/"Diversidade cultural."
- 23/"Não, eu não sei o que é etnia."
- 24/"Não sei."
- 25/"Não sei."

PRÉ-LEITURA

O QUE É PRECONCEITO?

- 1/ "é ter um pré-conceito sobre alguém."
- 2/"Amizade é tudo."
- 3/"Zoar pessoas sem ela gostar, ignorancia, et."
- 4/ Não respondeu.
- 5/"Sim, preconceito, é você não aceitar o que ela é."
- 6/"São pessoas que não aceitam as diferenças dos outros."
- 7/"Preconceito é não gostar de algo normal."
- 8/"Preconceito e julgar equivocadamente alguém pela aparência, roupas, "cor", raça." 9/"Preconceito é você não aceitar a pessoa do jeito que ela é."
- 10/ Não respondeu.
- 11/"Sim, preconceito é como se fosse uma discriminação."
- 12/ "Racismo, idiota e ignorância."
- 13/"O preconceito, nada mais é que, pode ser usado de várias formas principalmente om racismo, falar mal da cor da pele de outra pessoa."
- 14/"Ignorância, racismo, homofobia, xenofobia."
- 15/"Pré-conceito é ter uma pré-opinião sem fundamento."
- 16/"O que é amizade: fim."
- 17/"Quando você não aceita a pessoa do jeito que ela é."
- 18/"Preconceito é considerar a pessoa da maneira em que ela não é."
- 19/"É você ter um pré conseito de uma pessoa."
- 20/"É você ter um modo diferente de pensar sobre tais pessoas e não aceita-las como são verdadeiramente."
- 21/"Rotular uma pessoa de maneira incorreta."
- 22/"Não aceita a presença."
- 23/"Preconceito pra mim é quando alguém discrimina alguém."
- 24/"Discriminação."
- 25/"Discriminação."

PRÉ-LEITURA

O QUE É AMIZADE PARA VOCÊ?

- 1/ "É não ser falsa, e ter união."
- 2/ Não respondeu.
- 3/ "Uma afinidade, um fato de amor, confiança, e carinho com o próximo."
- 4/ Não respondeu.
- 5/ "Amizade é não ser falsa, ser sempre compreensivo, conversar e não descuidar e ter paciência."
- 6/ "É a união de pessoas verdadeira."
- 7/ "Amizade é irmandade ser ela ao amigo, independente da alegria e tristeza."
- 8/ "É cativar alguém e torna-lo especial diferente dos outros."
- 9/ "Amizade é união ter alguém em que você pode confiar o tempo todo."
- 10/ Não respondeu.
- 11/ "Amizade é como se fosse uma confiança em outra pessoa sobre tudo."
- 12/ "Livros sem romance."
- 13/ "Amizade é um grupo de amigos que contaria tudo um para o outro."
- 14/ "Laço criado por duas pessoas que envolve fidelidade, amor, confiança e parceria."
- 15/ "Ser unido com alguém."
- 16/ "Não respondeu."
- 17/ "Amizade é quando uma pessoa fica com você lado a lado."
- 18/ "Amizade é a união que se conduz através de pessoas que trabalham com verdades."
- 19/ "Sim, é aquela pessoa que você confia."
- 20/ "União, afeto."
- 21/ "União."
- 22/ "Não."
- 23/ "Amizade pra mim é muito importante, porque tem que ter confiança sobre tudo."
- 24/ "É ter com quem contar."
- 25/ "É ter com quem contar."

PRÉ-LEITURA

PELA CAPA, QUAL VOCÊ ESCOLHERIA PARA CONHECER A HISTÓRIA? (Foram apresentadas, respectivamente: romance/filme/HQ)

1/ Não fez a atividade.

2/"Eu me interessei pela segunda capa pelo fato que me chamou a atenção e que é colorido." 3/"(Capa do filme) - A impressão foi que, parece ser emocionante e chamou um pouco da atenção por ser uma "capa colorida."

4/ Não respondeu.

5/"Eu escolheria a capa do filme, que é a segunda que me chamou mais atenção./ A pipa me transmite liberdade, felicidade"

6/"Vejo uma criança e uma pipa, a criança parece estar olhando para a pipa que para mim tem o significado de liberdade."

7/"Eu escolho a dois pois essa imagem me mostra união e diversão, gostei muito."

8/"Escolhi a HQ devido às ilustrações, pois não conheço a história e cosegui ter uma breve noção do que o mesmo relata. Apesar do romance também ter me chamado atenção devido ao garoto que fitava uma pipa no céu, mostrando ar de liberdade.

9/ "Eu escolho o número 3 porque como eu disse eu gosto de HQ e isso sempre chama a minha intenção."

10/ Não respondeu.

11/"1, porque tem nuvens e pipas laranjas." (o livro)

12/"A do romance, porque é bonito."

13/ "O 1º quadro chamou minha atenção por que = Porque, expressa um sentimento entre uns personagem, que passa por uma liberdade de algo."

14/"Filme - atrativo e interessante, chama mais atenção que as outras , bem colorida."

15/"Gostei apenas da capa em quadrinhos, pois simboliza a infância."

16/"A primeira capa laranja, romance. Por ser mais interessante. A primeira capa romance que chamou atenção o laranja e eu achei mais interessante que as outras."

17/Eu prefiro o segundo, a capa do filme parece mais interessantes."

18/ "Em minha opinião escolheria a capa 2, por tanto dentro de uma só foto pude interpretar a grandeza do romance em uma linda união formada por duas pessoas amigáveis."

19/"Eu prefiro o segundo, a capa do filme parece mais interessante."

20/ Não respondeu.

21/"O desenho da pipa me lembra liberdade. O HQ e a capa do filme."

22/"Eu preferi a capa HQ, porque eu não sou fã de livro, e HQ parece não fugir tanto da história do livro e é uma forma (sic) não preferi o filme porque tem a aparência que foge bastante da historia original e também porque foi outra pessoa que produziu."

23/"Na minha opinião a capa 2 porque chamou minha atenção e porque é colorido."

24/"A segunda, porque parece ser mais interessante."

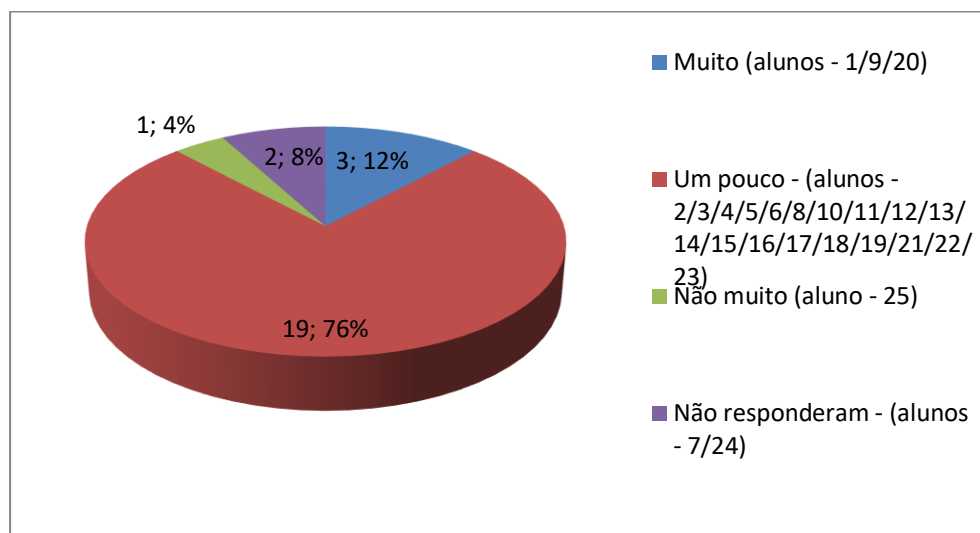
25/"Terceira capa, porque é mais chamativo."

QUESTIONÁRIO – HÁBITOS DE LEITURA

QUESTÕES SOBRE HÁBITOS DE LEITURA - PARTE I

Você gosta de ler? (escolha uma resposta)

Figura 18 - Gráfico da pergunta: Você gosta de ler?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

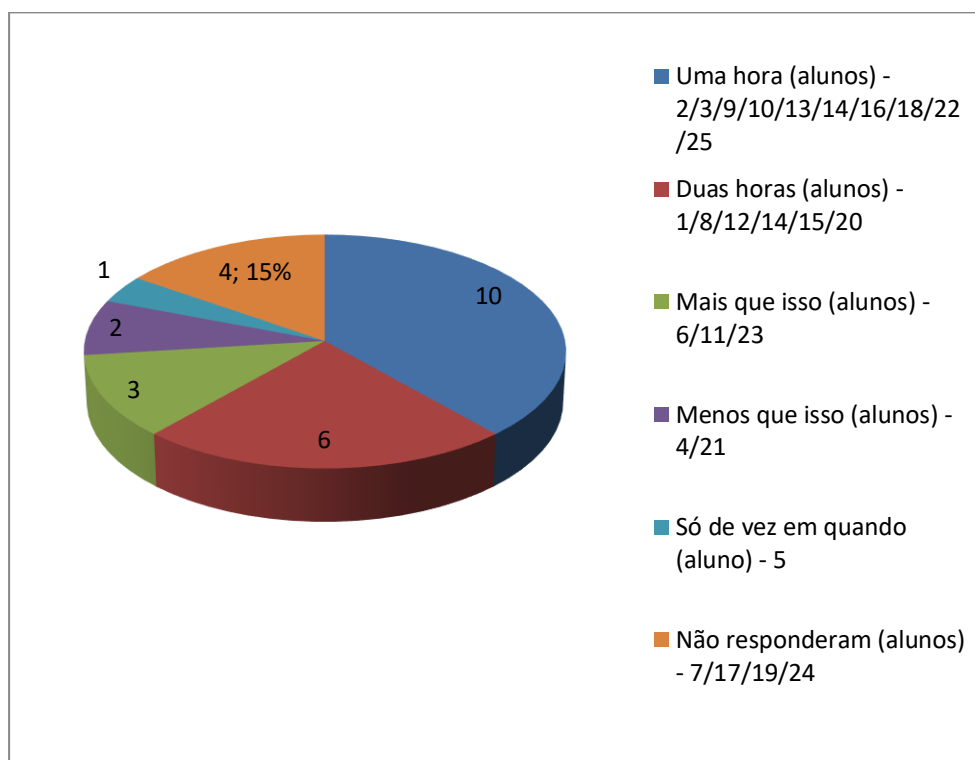
Se você escolheu "não muito", você pode dizer por quê?

- 1 "Eu gosto muito de ler." (muito)
- 2 "Porque eu não sou fã." (um pouco)
- 9 "Gosto muito de ler só se for mangá." (muito)
- 11 "Eu gosto um pouco de ler, pois distrai a mente um pouco." (um pouco)
- 13 "Não tenho muito hábito para leitura." (um pouco)
- 14 "Imaginar a cena é ótimo." (um pouco)
- 18 "Porque muitas das vezes acho necessário e outras não." (um pouco)
- 23 "Porque não tenho paciência de ler." (um pouco)
- 25 "Acho que porque sou preguiçoso." (não muito)

QUESTÕES SOBRE HÁBITOS DE LEITURA - PARTE I

Fora as leituras de aula, quanto tempo você destina à leitura por semana? (escolha uma resposta):

Figura 19 - Gráfico da pergunta: Fora as leituras de aula, quanto tempo você destina à leitura por semana?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

Mais que isso - Quanto?

6 "8 horas"

11 "Todos os dias eu leio."

17 "Nenhuma hora, só as mensagens do Whats, às vezes."

19 "Nenhuma hora."

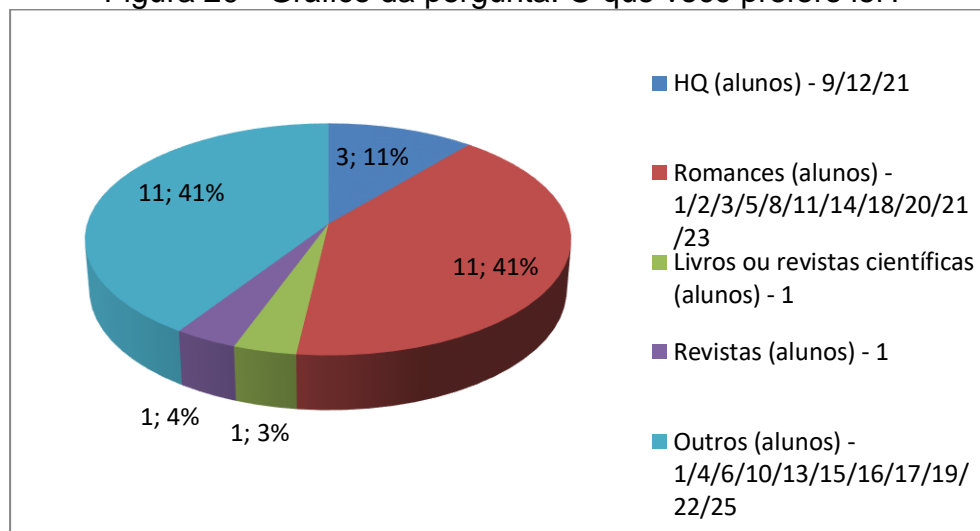
21 "10 horas"

23 "O tempo todo."

QUESTÕES SOBRE HÁBITOS DE LEITURA - PARTE I

O que você prefere ler?

Figura 20 - Gráfico da pergunta: O que você prefere ler?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

Cite (outros)

1 Redes sociais em geral
 4 Sites informativos
 6 São muitos
 Não citaram - 10
 Bíblia 13/22/
 14 Matérias, entrevistas
 15 Finanças, empreendedorismo
 17 Mensagens
 21 São mais de um, (notícias no Facebook).
 25 Publicações

Por que você prefere essa leitura ou esse tipo de livro?

Bíblia – 13 "Porque é interessante e um bom livro." / 22 "Para achar resposta."

HQ – 9 "Porque é um desenho em forma de livro. Com imagens muito bem desenhadas."// 12 "Porque é mais interativo e fantasioso."

Matérias/entrevistas – 14 "É um tipo de tema que me prende mais, gosto de ler até o fim."

Mensagens – 17 "É mais interessante."

Notícias no Facebook – 21 "Pois é o que me interessa no momento."

Outros - 10 "Outros tipos de livros."// 15 "Estudos e planos futuros."// 16 "Porque é mais interessante e dá mais vontade de ler particularmente//19 - "É mais interessante."

Publicações – 25 "Porque fico no celular."

Redes sociais – 1 - Porque tem informações

Romances – 2 "Porque eu gosto"// 3 "Eu me interesso mais e acho legal."//

8 "Pois as histórias são sempre marcantes e nos ensinam algo."// 11 "Eu gosto de amor, coisas carinhosas."// 18 "Porque me interessa."// 23 "Porque eu gosto de amor."

Sites – 4 "Porque me envolvem com o que está acontecendo na sociedade. São muitos - Muitas notícias e informação."

QUESTÕES SOBRE HÁBITOS DE LEITURA - PARTE I**O que você leu nessas duas últimas semanas? (Cite o ou os títulos)**

1 Facebook e WhatsApp

2 Whats, jornais, insta, youtube

3 "E se eu ficar" - (é um livro de romance)

4 "Adolescência política" - Márcio Fabri dos Anjos

5 "Sonho de uma noite de verão"

6 Muitas redes sociais

8 "Quando o amor transpõe o oceano" e "Meu pé de laranja lima".

Não responderam -

9 Mangá - Nanatsu no Taizei ???

10 "Notícias sobre esportes, Redes sociais, músicas."

11 "WhatsApp, Facebook, Instagram, notícias na TV, Youtube, exercícios na escola."

12 "Letras musicais."

13 "O Livro de Gênesis."

14 "Faz tempo que não leio livros."

15 "100 graus de ebulição" e "Os segredos da mente milionária"

16 "Notícias em site, Facebook."

17 "Só mensagens e posts no Face."

18 "Mensagens no celular."

19 "Eu não li nada."

20 "Eu fico loko"

21 "Turma da Mônica e Romance de Facebook"

22 "Bíblia."

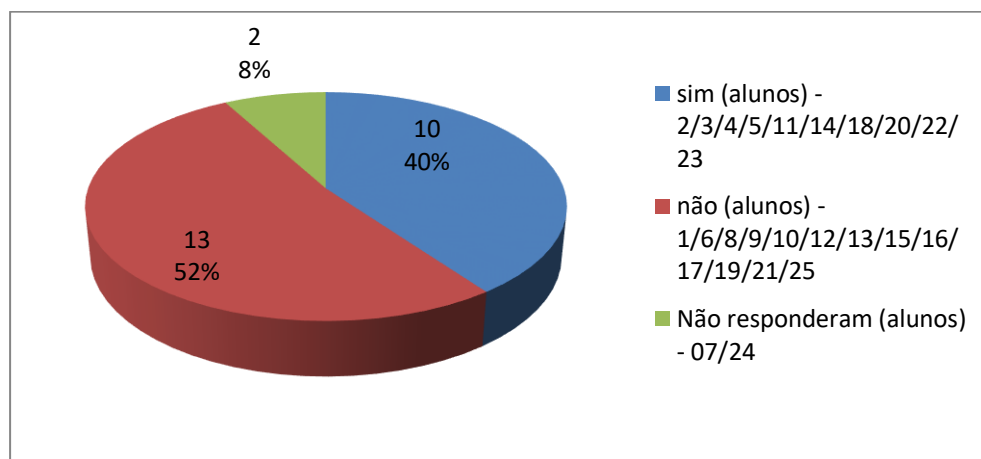
23 "WhatsApp, Facebook, Instagram"

25 "Publicações no Face e status de WhatsApp."

QUESTÕES SOBRE HÁBITOS DE LEITURA - PARTE I

Você gostaria que seu professor o deixasse escolher algumas das leituras de sala de aula?

Figura 21 - Gráfico da pergunta: Você gostaria que seu professor o deixasse escolher algumas das leituras de sala de aula?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

Você pode dizer por quê?

1N - "Ele sabe o que faz."

3S - "Porque às vezes a pessoa não está interessada sobre."

4S - "Porque seria mais impulsionado por nós do que pelo professor."

5S - "Porque a aula seria mais dinâmica e a maioria iria participar."

6N - "Porque não tem cabimento."

S - Não justificaram - x

8N - "Pois a maioria/nem todos gostam deste gênero."

N - Não justificaram

9N - "Porque imagino que poucos ou ninguém gostaria dos meus livros."

10N - "Porque não é interessante."

11S - "Porque iríamos ler algo que queríamos e não o que vocês querem."

12N - "Gosto de buscar leitura na internet."

13N - "Não gosto de ler em público."

14S - "Desde que fosse de romance."

15N - "Pois são gostos pessoais."

16N - "Porque eu escolheria um livro que os outros não iriam gostar."

17N - "Não conheço nenhum livro."

18S - "Sim, porque algumas das vezes me interesse em alguns livros."

19N - "O professor que (sic) O que passar (sic)"

20S - "Porque eu gosto de ler e tem vários livros de variados assuntos interessantes para se ler em sala de aula."

21N - "Pois não gosto de me expor."

22S - "Gosto de escolher o que desperta interesse em mim."

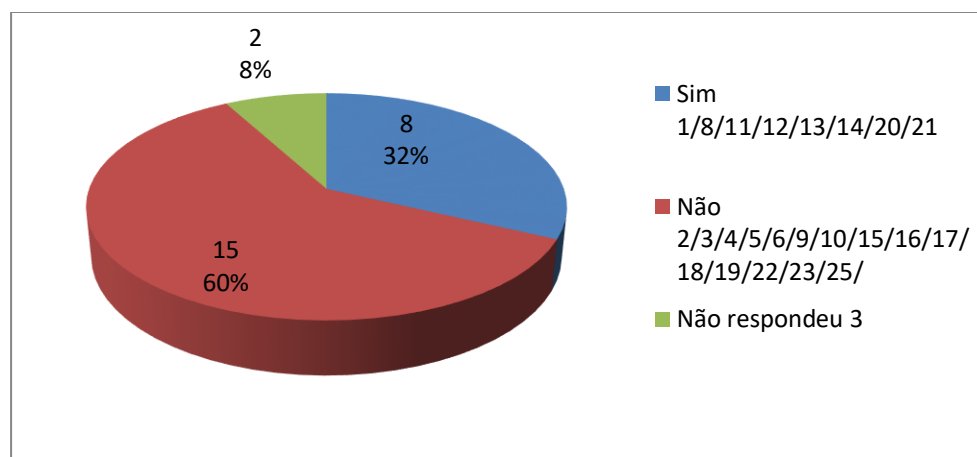
23S - "Sim, porque tem coisas que os professores leem que não me interessam e acabo não prestando atenção."

25N - "Não conheço livros."

QUESTÕES SOBRE HÁBITOS DE LEITURA - PARTE II

Após ter respondido a primeira parte do questionário, você pode dizer que se considera um leitor/a?

Figura 22 - Gráfico da pergunta: Após ter respondido a primeira parte do questionário, você pode dizer que se considera um leitor/a?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

Justifique sua resposta anterior.

SIM

- 1"Poís eu leio e isto já me torna um leitor."
- 8"Poís leio com frequência."
- 11"Eu me considero um leitor, pois sempre que posso, eu tô lendo, independente do que seja."
- 14"Leio matérias diariamente, mas ler livros, raramente."
- 12"Leio bastante nos tempos livres."
- 20"Poís leio nmuitos livros diariamente."
- 21"A partir do momento que você se interessa em um livro e lê ele, você já pode considerar um leitor."

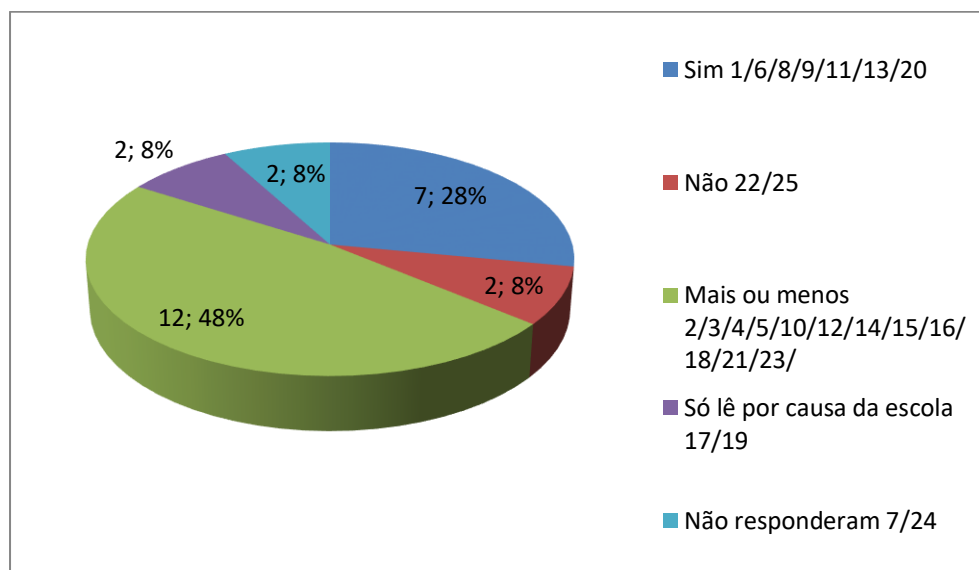
NÃO

- 2"Porque eu não leio muito."
- 3"Porque não sou de ler muito."
- 4"Leio porque acho necessário para o intelecto."
- 5"Não, porque, para mim, um leitor lê todos os dias e eu não."
- 6"Poís não sou de ler frequentemente coisas interessantes."
- 9"Porque um leitor, pra mim, significa ler um pouco de tudo."
- 15"Poís não leio com frequência."
- 16"Na verdade, mais ou menos, porque não gosto de livro tanto assim, me desconcentro muito rápido."
- 17"Não sou muito fã de ler."
- 10"Porque eu não leio muito."
- "Porque eu não passo a ler diariamente."
- 18"Porque não leio diariamente."
- 19/23"Porque eu não leio diariamente."
- 22/ "Continuo sem vontade de ler"
- 25"Porque não leio."

Questões sobre hábitos de leitura - Parte II

Você sente prazer quando lê?

Figura 23 - Gráfico da pergunta: Você sente prazer quando lê?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

Por quê?

Sim

- 1 "Porque é muito legal e não me deixa no tédio, e me interessa."
- 6 "Me interesse demais."
- 8 "Pois amplo meu vocabulário e vivo uma nova história a cada livro."
- 9 "Porque sempre tem um pouco de mistério que te deixa ansioso ou algo assim."
- 11 "Eu acho bom ler, a gente aprende muita coisa lendo."
- 13 "Porque, ?? Depende do livro."
- 20 "Porque gosto muito e aprendo muitas coisas."

Não

- 22 "Não é a mesma emoção pra mim."
- 25 "Porque não leio."

Mais ou menos

- 2 "Depende do livro."
- 3 "Porque às vezes não tenho paciência."
- 4 "Somente se for interessante para mim."
- 5 "Porque quando leio demais, fico com dor de cabeça."
- 14 "Atualmente, não são muitas leituras que me interessam."
- 16 "Perco a concentração muito rápido."
- 15 "Pois só leio livros de estudos."
- 10 "Depende do livro e o que eu estou lendo."
- 12 "18/ "Depende da leitura." / "Depende do livro."
- 21 "Porque existem assuntos que não me interessam e não me dão a mínima vontade de ler."
- 23 "Depende do assunto do livro."

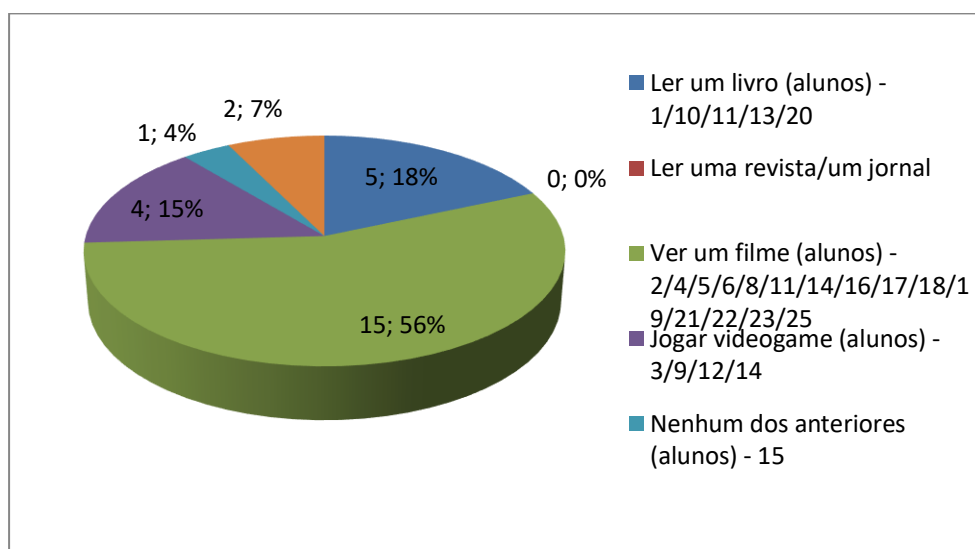
Só lê por causa da escola

- 17 "Também não sei."
- 19 "Pra ganhar nota, e só pra passar o tempo."

Questões sobre hábitos de leitura - Parte II

O que você prefere?

Figura 24 - Gráfico da pergunta - O que você prefere?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

Por quê?

Ler um livro

- 1 "Porque tem uma história atrás, e isso me prende."
- 3 "É mais interessante, às vezes não tenho paciência." (sic)
- 13 "Porque você pode conhecer uma vida, uma história e contar o que ela se trata."
- 10 "Ler um livro, mas do meu gosto, seria mais interessante, e bom para mim."
- 20 "Porque parece que eu entro dentro do livro, como se vivesse junto aos personagens."

Ver um filme

- 2 "Porque tem imagens, é mais fácil de entender."
- 4 "É prezeroso como se tivesse em contato com o assunto."
- 5 "Não tenho muita paciência de ler e não sou muito de jogar videogame."
- 6 "Filmes me prendem mais."
- 8 "Pois as cenas mais evidentes, apesar do livro ter mais detalhes."
- 11 "Eu acho bom assistir um filme, só desenho enoja."
- 16 "Entendo melhor."
- 17 "É mais divertido."
- 18 "Porque através do filme passo a entender melhor."
- 19 "É mais interessante."
- 21 "Mais prático."
- 22 "Gosto de filmes legendados, gosto de inglês."
- 23 "Porque eu posso entender melhor."
- 25 "Filmes são mais interessantes."

Videogame/ Ver filme/Jogar videogame

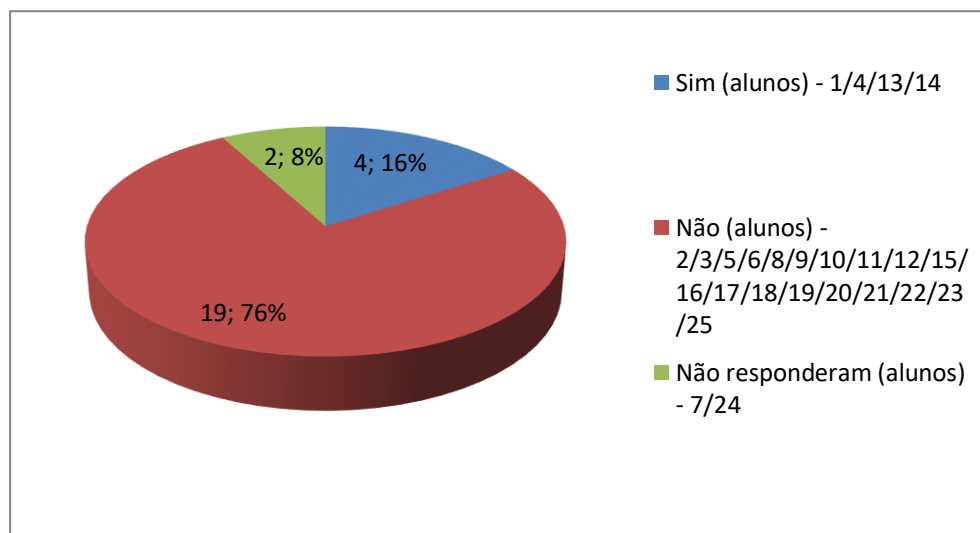
- 3 "É mais interessante, às vezes não tenho paciência."
- 9 "Porque é muito mais empolgante e divertido."
- 12 "É mais interessante e você se sente na pele do protagonista."
- 14 "Essas atividades me prendem por mais tempo."

Nenhum dos anteriores

- 15 "Prefiro ouvir música"

Questões sobre hábitos de leitura - Parte II
Já leu ou viu *O caçador de pipas*?

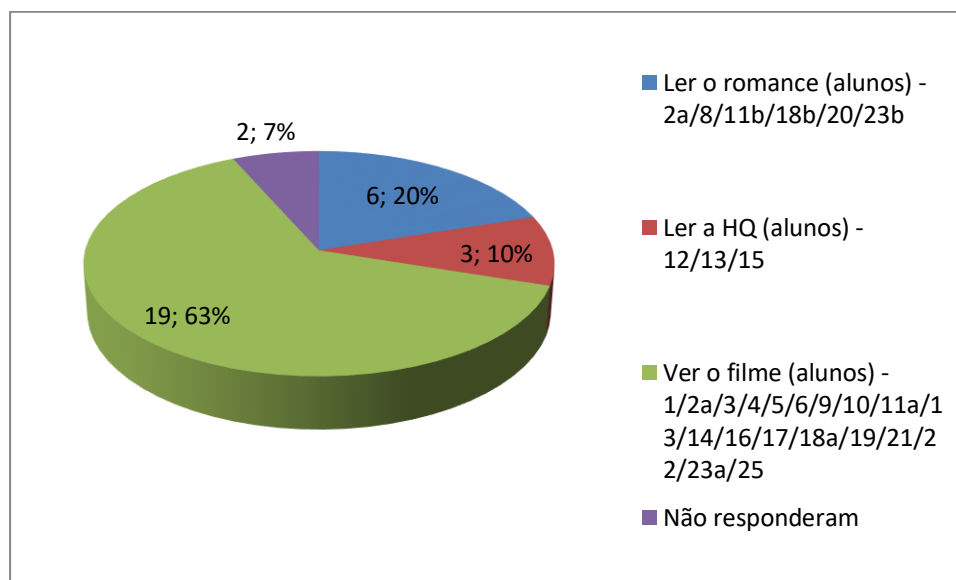
Figura 25 - Gráfico da pergunta: Já leu ou viu *O caçador de pipas*?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

Se você tivesse que escolher um meio para conhecer uma história, você optaria por qual mídia?

Figura 26 - Gráfico da pergunta: Se você tivesse que escolher um meio para conhecer uma história, você optaria por qual mídia?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

TRECHOS PARTE 1 GERAL

Quanto aos trechos de *O caçador de pipas*: Grupo 1 HQ

Qual/quais o(s) trecho(s) chamou (chamaram) mais a sua atenção? Por quê?

1) Você acabou de ler (x) HQ

3/ "Do romance a parte que o Ali e o Hassan vão embora, porque realmente mostra que o Baba gostava deles, pois ele até chorou."

5/ "Foi quando o dono de uma mercearia, meio que jogou (sic) Amir por ser amigo e Hassan uma pessoa pobre."

9/ "Os trechos que chamaram mais a minha atenção foram todos em que o Amir deixou ou fez o Hassan na mão."

12/ "A revelação do nome de Sorab, já que, o nome vem de um livro que Amir lia para Hassan e que demonstra lealdade e amizade até o final da vida."

13/ "Os detalhes, as palavras, o contexto que difere muito, porque fica até mais ágil de entender."

14/ "A parte em que Hassan assume a culpa pelo relógio e ele e Ali decidem ir embora da casa de Amir, é muito triste."

18/ "A parte em que ao decorrer-se do tempo ele teve a sua inesperada cirurgia de pesente. E a parte em que teve uma turturação entre alguns homens, mas acabou superando seus medos."

1) Você acabou de ler (x) romance

1/ (leu apenas um trecho)

1/ "Trecho da página 1, porque foi o que fez com que eu comesse a entender a história."

2/ "Me chamou a atenção a parte que ele colocou o relógio e o dinheiro embaixo do traveseiro do menino, mostrando que ele era mal também."

7/ "Nenhum."

10/ "Na hora que o Hassan vai atrás da pipa, é um trecho muito animado e te prende, você fica curioso para ver o final."

15/ "A parte da barraca da feira e da parte do presidente, pois são gostos pessoais, a feira relembra a infância e o presidente debates atuais."

17/ "Nenhum, pois não consegui ler direito."

19/ "Nem um, pois não me entereço por leitura."

20/ "No trecho que Amir coloca o dinheiro e o relógio (sic) nas coisas de Hassan e quando ele deixa ele apanhar e não faz nada, para impedir achei uma injustiça."

21/ "O primeiro trecho, pois ele fala dos amigos, os principais personagens e o sentimento que o autor sente por esses personagens."

1) Você acabou de assistir ao (x) filme

4/ "A parte que o menino apanha e sofre agressão (sic) sexual por causa da lealdade que ele teve com o amigo."

6/ "Quando o menino foi abusado, vi que um deles considerava muito o amigo e que o outro não fez nada para ajuda-lo."

8/ "Quando estavam juntos empinando pipa e quando ele sofria preconceito por não ser do país."

16/ "A parte em que o garoto é estuprado e seu amigo viu e não fez nada."

E a briga que com o cara para salvar o garoto."

22/ "Quando o menino foi estuprado por causa de intolerância, e a parte da festa quando o menino corta o ultimo pipa, mostra o quão é diferente a cultura de um outro país."

TRECHOS PARTE 1 GERAL

Faça um resumo do que percebeu desta parte. (Escreva em primeira pessoa - o uso do "eu").

1) Você acabou de ler (x) HQ

3/ "O Amir foi muito falso, cruel com o Hassan. Colocou o relógio nas coisas dele , e ele sempre foi leal a ele . Essa pra mim, foi uma das partes mais marcantes, porque na HQ não tem essa clareza."

5/ "Eu percebi muito preconceito vindo da parte do dono da mercearia."

9/"Nessa parte o Amir estava empinando pipa com o Hassan, teve uma hora que o Amir cortou um pipa azul e o Hassan foi pegar, quando ele pegou apareceu os valentões que estruparam Hassan e o Amir viu que ele estavam em perigo e não fez nada. Sinceramente o Jamir é um pessimo amigo chorão."

12/ "Hassan ficou muito traumatizado, mas ??? Deixa sua lealdade ao amigo. (Não pude ler todas as páginas, mas as que li, em torno de 30, me deixou com muita vontade de ler todo o livro."

13/ "Eu entendi que um romance pode ser várias situações, e não é só falar de amor e final feliz."

18/"Após uma grande e inesperada leitura pude identificar os seguintes formas de compreensão, o prazer e a vontade que me trás interesse, ao saber a produção de atos e efeitos que vem através destas paginas."

1) Você acabou de ler (x) romance

1/" Ele vê o beco e recebe uma ligação de um amigo e ele percebe que precisa mudar de vida e nesse momento , ele vê uma pipa no céu o que mudará sua vida."

2/ "Ele percebi (sic) que ele não queria ser o mau (sic) da história, queria mostrar que o menino bonzinho também poderia ser mau."

7/ "Eu li 4 páginas, pois estou muito cansado e com dor de cabeça."

10/ "Nessa parte eu entendi que a pipa estava caindo, e ela era muito importante para Amir, então Hassan que é seu amigo vai atrás dela. Amir perde Hassan de visão, e vai atrás dele, quando ele acha o Hassan, ele estava brigando com os três meninos por causa da pipa, e apanhou muito, e Amir não fez nada para defende-lo (sic) e Hassan pega a pipa para Amir."

15/ "Eu percebi que o livro retrata infância de muitas crianças."

17/"Eu não entendi o que eu li, não consegui me concentra."

19/"Não entendi muito, porque eu me confundo todo."

20/"Eu percebi que Hassan fazia de tudo por Amir, e ele nem se quer fez nada quando Hassan apanhou de Alef por causa da pipa e nem assumiu que foi ele que colocou o dinheiro e o relógio nas coisas de Hassan."

21/"Percebi que ele sente falta da infância e principalmente do seu amigo, nesse trecho ele lembra das coisas que ele fazia na epoca, más também lembra de como tudo mudou."

1) Você acabou de assistir ao (x) filme

4/ "Eu acho que ele mesmo sabendo da intolerancia que tinha no paquistão com pessoas de outros lugares, ele não teve medo e se deixou ser abusado sexualmente por seu amigo."

6/ "Eu percebi que eles conseguiram cortar todos os pipas, e um deles para agrada o amigo, foi em busca de um pipa para da a ele, mais eles tinham inimigos, o amigo protegeu o pipa, e foi abusado por isso, e outro ficou olhando e não fez nada."

8/ " Eles foram empinar pipa depois quando o agaroto foi pegar a mesma que havia cortado com seu amigo, os meninos o cercaram e bateram nele, seu amigo observou tudo de longe e não fez nada para ajudar, acredito que estava com medo."

16/ "A parte que o garoto é estuprado mexeu bastante comigo por serem umas crianças ajudando um a estuprar o garoto, e também o amigo dele que viu e nem se quer foi buscar ajudar."

22/ "Eu percebi que o menino era leal a amizade, ao ponto de ser estuprado."

TRECHOS PARTE 1 GERAL

**Cite o que você lembra dos elementos abaixo, em relação à passagem mencionada:
O que acontece de principal?**

1) Você acabou de ler (x) HQ

- 3/ "Mesmo não sendo o Hassan que roubou o relógio, ele continuou sendo fiel (amigo) do Amir, coisa que o Amir fingiu ser amigo do Hassan."
- 5/ "Amir pergunta ao dono da mercearia se viu Hassan e o homem foi muito preconceituoso ao responder."
- 9/ "Para mim o que acontece de principal nas parte que li foi o Amir ter deixado o Hassan ser estuprado."
- 12/ "A lealdade de Hassan a Amir e sua covardia."
- 13/ "Amir ganha o campeonato e trai Hassan, e depois eles se recomeça as amizade novamente (sic)."
- 14/ "Hassan assume a culpa de algo que não fez. Mostrando o quão fiel e amigo é a Amir."
- 18/ "Hassan foi ameaçado diversas vezes por algumas pessoas e Hassan acabou ganhando seu inesperado presente."

1) Você acabou de ler (x) romance

- 1/ "Ele está atrás de uma parede vendo um beco."
- 2/ Não respondeu
- 7/ "Eu me tornei o que sou hoje aos doze anos, em um dia nublado e ?? Do inverno de 19?? Em que isto aconteceu."
- 10/ "Hassan indo atrás da pipa, e Amir procurando ele, e depois Hassan apanha de outros garotos, e Amir vendo tudo sem fazer nada."
- 15/ "Uma discussão."
- 17/ "As pipas do parque."
- 19/ "Eu entendi que ele estava procurando alguma coisa no beco escuro."
- 20/ Não respondeu.
- 21/ "O principal são as lembranças dele."

1) Você acabou de assistir ao (x) filme

- 4/ "Hassan é estuprado."
- 6/ "Eles estão em um campeonato de pipas, e o outro vai atrás de um pipa para da-lo de presente." (sic)
- 8/ "Hassan ter sido agredido."
- 16/ "O garoto é estuprado por simplesmente não ser da mesma religião que os garotos."
- 22/ "Mostra a intolerância do afeganião com pessoas que não são de origem do mesmo." (sic)

TRECHOS PARTE 1 GERAL

Cite o que você lembra dos elementos abaixo, em relação à passagem mencionada:

Qual temática é desenvolvida no enredo?

1) Você acabou de ler (x) HQ

3/ "Sobre amizade, lealdade."

5/ "Romance intrigante."

9/ "Fala sobre o estupro e sobre o medo das pessoas intervir quando ve algo de errado acontecendo."

12/ "O quanto Hassan é leal e guarda Amir consigo até o fim."

13/ "Romance emocionante."

14/ "A amizade sincera, Hassan leal de um lado e do outro Amir traicoeiro e egoísta."

18/ "Sobre suas característica dialogado dia-a-dia."

1) Você acabou de ler (x) romance

1/ "Fala de um homem que vê sua vida mudar e percebe que precisa mudar também."

2/ Não respondeu

7/ "No beco."

10/ "Fala de um lugar, uma ação ocorrendo."

15/ "De uma discussão sobre um adulto e uma criança."

17/ " Ele olhava para as pipas e lembrava dos amigos dele, quando eles se divertiam."

19/ "Ele lembrou dos amigos depois que ele viu as pipas."

20/ Não respondeu.

21/ "Lembranças."

1) Você acabou de assistir ao (x) filme

4/ "Uma brincadeira que acabou em tragédia por intolerância."

6/ "Campeonato de pipas."

8/ "Ele sofria preconceito e não queria entregar a pipa que cortou para os meninos."

16/ "Após uma brincadeira com pipas."

22/ "O torneio de pipas e a amizade dos dois meninos."

TRECHOS PARTE 1 GERAL**QUANTO ÀS PERSONAGENS:****Quanto às personagens****Quem participa deste trecho?****1) Você acabou de ler (x) HQ**

- 3/ "Hassan, Amir, Ali, Baba."
- 5/ "Amir e o dono da mercearia."
- 9/"Hassan, Amir, Assef e mais dois amigos dele."
- 12/ "Amir, Hassan, Ali, Baba, Assef."
- 13/ "Amir, Hassan, das pg. 9,10, 34, 36, 46, 49, 72, 84, 106, 112, 360, 365."
- 14/ "Amir, Baba, Hassan e Ali."
- 18/"Hassan e Amir."

1) Você acabou de ler (x) romance

- 1/ "O protagonista e seu amigo."
- 2/ "Hassan, Almir, Baba, Sohrab"
- 7/ "Narrador, Rahim"
- 10/ "Hassan e Amir."
- 15/ "2 personagens"
- 17/ "Não lembro, só lembro do homem."
- 19/"Hassan, Rahim Kham"
- 20/"Hassan, Amir, Alef, Wali, Kamal."
- 21/ "Autor, Hassan e Kahim."

1) Você acabou de assistir ao (x) filme

- 4/ "Os violentadores, o abusado sexualmente e seu amigo."
- 6/ "três musumanos, e o americano e o amigo dele." (sic)
- 8/ "Hassan, os meninos que bateram nele e o amigo."
- 16/ "Os garotos que são do Afeganistão e o Hassan."
- 22/ "Hassan e o amigo dele."

TRECHOS PARTE 1 GERAL

QUANTO ÀS PERSONAGENS:

**É possível dar detalhes de características físicas/psicológicas de algum (alguns) deles?
Cite:**

1) Você acabou de ler (x) HQ

- 3/ "Hassan (leal, protetor). Amir (frio, cruel, "sem coração.""
- 5/ "Amir estava de jaqueta de couro e calça jeans. O dono da mercearia tem uma mente muito preconceituosa."
- 9/" Sim: Amir - Rico, medroso e bom com pipas. Hassan - Pobre, corajoso, bom amigo e bom em pegar pipas."
- 12/ "Hassan tem lábios e nariz diferente das pessoas do local."
- 13/ "Sim, no livro fala sobre lábios, sorrisos, nariz."
- 14/ "Amir é egoísta, Baba é generoso, Hassan é fiel e Ali honesto."
- 18/"Hassan era um homem que fez um papel de pai para Amir contador de história. Amir era um menino mais novo e cheio de dúvidas."

1) Você acabou de ler (x) romance

- 1/ "Não"
- 2/ "Baba deve ser um homem de idade com barba branca."
- 7/ "Não"
- 10/ "Hassan pegando sua pipa para seu amigo e lutando por ela, e Amir somente olhando sem fazer nada."
- 15/ "Não"
- 17/"As lembranças que ele falava que viziava o deserto."
- 19/Não respondeu.
- 20/"Hassam era um garoto de lábios leporinos que gostava de cassar pipas."
- 21/" Hassan era um garoto sentimental e que se importava com seu amigo."

1) Você acabou de assistir ao (x) filme

- 7) É possível dar detalhes de características físicas/psicológicas de algum (alguns) deles? Cite:
- 4/ "Hassan e seu amigo apesar de morarem em um intolerante não perdem a alegria."
- 6/ "Parece ser três meninos mais velhos musumanos, e os outros dois amigos inseparáveis."
- 8/ "Hassan era o mais entre os que bateram nele."
- 16/ "Os dois meninos que não eram do Afeganistão pareciam ter os olhos puxadinhos."
- 22/ "O Hassan é muito fiel, já o outro não muito."

TRECHOS PARTE 1 GERAL

QUANTO ÀS PERSONAGENS:

Qual (quais) personagem (personagens) te interessou mais? Por quê?

1) Você acabou de ler (x) HQ

- 3/ "O Hassan, porque me identifico com ele por ser protetor."
- 5/ "Hassan por ser um ótimo garoto."
- 9/"O personagem que mais me interessou foi o HASSAN, porque ele sempre esta ao lado de se amigo ele é corajoso."
- 12/ "Sorab, mesmo aparecendo no final, ele explica muito sobre a lealdade de Hassan."
- 13/ "Todos, porque eles foram bem sinceros, ainda mais o narrador."
- 14/"Hassan e Ali, pela sua lealdade e honestidade."
- 18/"Hassan, porque independente de tudo fez um personagem forte e lutou contra todo seu medo."

1) Você acabou de ler (x) romance

- 1/ "O protagonista até o momento."
- 2/ Não respondeu
- 7/ "Narrador"
- 10/ "Amir por ver seu amigo apnhar, para pegar a pipa par aele , e ele não fazer nada, somente ficar escondido olhando."
- 15/ "O menino que está na barraca da feira."
- 17/Não respondeu.
- 19/Não respondeu.
- 20/"Hassan, porque..." - inacabado
- 21/ "Hassan, por ele ter se importado com o amigo."

1) Você acabou de assistir ao (x) filme

- 4/ "Hassan por sua lealdade."
- 6/ "O "azar" (sic) (Hassan), gostei pelo o que ele faz pelo amigo, a lealdade, sim que ele pagou preço por isso, mas o que ele sentia pelo outro sera verdadeiro."
- 8/ "Hassan por ser o personagem principal."
- 16/ "O amigo de Hassan. Porque depois de bom tempo ele foi salvar o filho de seu amigo."

TRECHOS PARTE 1 GERAL**Onde o referido trecho se passa?****1) Você acabou de ler (x) HQ**

- 3/ "Na casa do Amir."
- 5/ "Em uma rua à tarde."
- 9/ "Ele se passa em um beco escuro."
- 12/ "Em Cabul."
- 13/ "Cabul"
- 14/ "Na casa de Baba."
- 18/ "O acontecido foi em um beco escuro."

1) Você acabou de ler (x) romance

- 1/ "Em uma rua."
- 2/ Não respondeu
- 7/ "No benco perto de um riacho" (sic)
- 10/ "Na cidade e em um lugar abandonado."
- 15/ "Numa feira"
- 17/ Não respondeu.
- 19/ Não respondeu.
- 20/ "Em um lixão."
- 21/ "No primeiro trecho."

1) Você acabou de assistir ao (x) filme

- 4/ "No subúrbio do Afeganistão."
- 6/ "Em uma rua deserta."
- 8/ "Em um beco."
- 16/ "Logo no começo."
- 22/ "Afeganistão, em alguma cidade que não sei o nome."

TRECHOS PARTE 1 GERAL

Você se identificou com algum personagem da história ou com alguma situação ocorrida?

Se "SIM", poderia explicar por quê?

1) Você acabou de ler (x) HQ

Sim – 3/5/9/14 // Não – 12/13/18

3/ "Me identifiquei com o Hassan, porue sempre independente da situação ele sempre está sendo fiel às pessoas que ele gosta."

5/ "Hassan, pois também faço de tudo pelos meus amigos."

9/ "Me identifiquei com Hassan pelo fato dele sempre proteger o seu amigo de "verdade"

14/ "Apenas com o Hassan, por proteger tanto seus amigos."

1) Você acabou de ler (x) romance

Sim – 3/15 // Não – 1/5/7/8/10/12/13/14/19

10/ Não - "Não me identifiquei com nenhum."

15/ "Pois já trabalhei na feira."

1) Você acabou de assistir ao (x) filme

Sim – 22 // Não – 4/6/8/16

Observação: Alunos não mencionados aqui, não responderam à questão e ainda, mesmo tendo respondido **sim** – alguns não justificaram.

TRECHOS PARTE 1 GERAL

Você utilizou alguma maneira que o deixou mais confortável para percorrer a leitura (estratégia de leitura)? Como foi esse processo para entender a história?

1) Você acabou de ler (x) HQ

- 3/ "Nenhuma, foi tranquilo, gostei da história e prestei bastante atenção. - Eu li até a pg 363."
- 5/ "Prestei muita atenção, porém não consegui ler o livro todo, pois comecei a ficar com sono e li umas 5 páginas."
- 9/ "A forma que eu utilizei para entender melhor a história foi ouvir música enquanto lia."
- 12/ "Não, a leitura é de fácil entendimento."
- 13/ "Concentração, foco, analisar detalhes."
- 14/ "Escutar música e prestar atenção nos detalhes."
- 18/ "Prestando atenção dentro de cada parte ocorrida na historia."

1) Você acabou de ler (x) romance

- 1/ "Eu li e reli, para entender perfeitamente o que cada trecho dizia e em determinado momento eu escrevia os pontos fortes para eu não me esquecer."
 - 2/ "Eu achei mais fácil ler e imaginar a cena, isso se torna mais fácil de ler e entender."
 - 7/ "Não"
 - 10/ "Usar a imaginação."
 - 15/ "Se sentir como se estivesse em casa."
 - 17/ Não respondeu.
 - 19/ Não respondeu.
 - 20/ "Não."
 - 21/ "Ler duas vezes o trecho."
- Observação "Li as páginas 9/10/34"

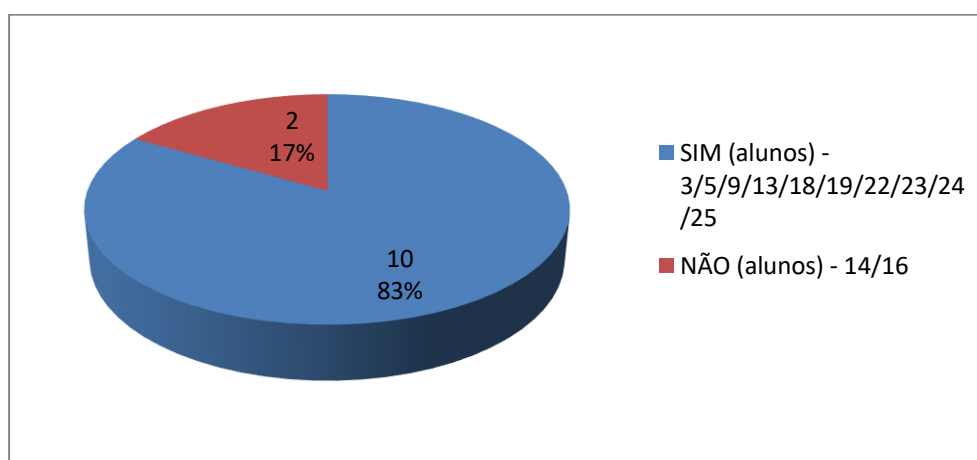
1) Você acabou de assistir ao (x) filme

- 4/ "Atenção ao filme e ajuda da professora."
- 6/ "A ajuda da professora facilitou demais o entendimento."
- 8/ "No começo as cenas estavam confusas devido aos cortes, após o debate com a professora e os demais alunos consegui compreender melhor a história."
- 16/ "Apenas uni as partes que vi e consegui entender."
- 22/ "O modo de pensar de cada personagem, consegui entender um pouco como cada um pensa."

QUANTO AOS TRECHOS DE O CAÇADOR DE PIPAS

Depois de ter visto as passagens em três mídias diferentes, o(s) mesmo(s) trecho(s) citado(s) anteriormente que haviam chamado a sua atenção, seriam citados novamente como o(s) mais impactante(s) para você?

Figura 27 - Gráfico da pergunta: Depois de ter visto as passagens em três mídias diferentes, o(s) mesmo(s) trecho(s) citado(s) anteriormente que haviam chamado a sua atenção, seriam citados novamente como o(s) mais impactante(s) para você?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

GRUPO 1 HQ

SIM - 3/5/9/13/18 // NÃO - 14

GRUPO 2 – ROMANCE

SIM - 19/23/24/25 // NÃO - zero

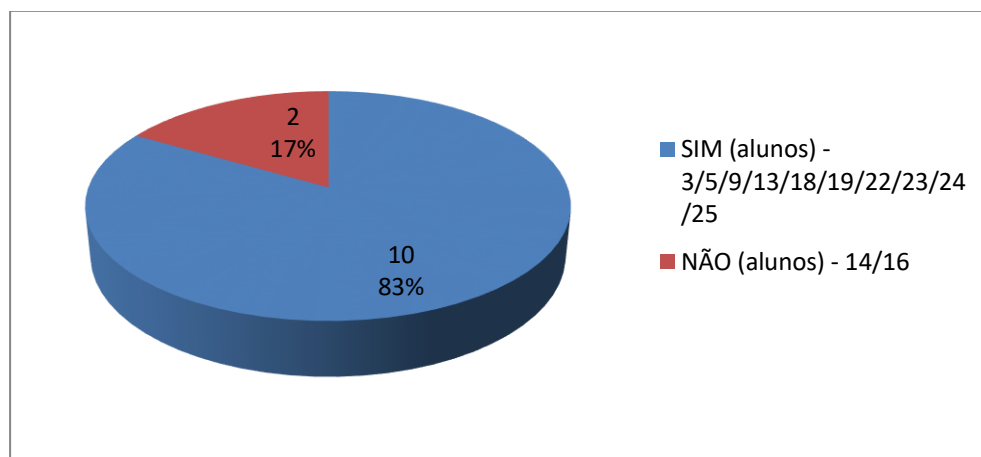
GRUPO 3 – FILME

SIM – 22 // NÃO - 16

QUANTO AOS TRECHOS DE O CAÇADOR DE PIPAS

Depois de ter visto as passagens em três mídias diferentes, o(s) mesmo(s) trecho(s) citado(s) anteriormente que haviam chamado a sua atenção, seriam citados novamente como o(s) mais impactante(s) para você?

Figura 28 - Gráfico da pergunta: Depois de ter visto as passagens em três mídias diferentes, o(s) mesmo(s) trecho(s) citado(s) anteriormente que haviam chamado a sua atenção, seriam citados novamente como o(s) mais impactante(s) para você?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

GRUPO 1 HQ - SIM - 3/5/9/13/18 // NÃO - 14
GRUPO 2 – ROMANCE - SIM - 19/23/24/25 // NÃO - zero
GRUPO 3 – FILME - SIM – 22 // NÃO - 16

Por qual motivo?

GRUPO 1 HQ

3/"Porque, em todas passagens tem uma forma de se destacar."

5/"Por que é bem nítido."

9/"Por que não importa como você veja uma cena sempre continua sendo impactante, ainda mais quando você vê o livro e depois o filme aquela cena fica ainda mais forte."

13/"Que ele Hassan foi estrupado no beco."

14/"Bom, pelas três mídias diferentes, o entendimento que eu tive foi o mesmo."

18/"Porque dentro de tudo que eu tenho lido, tanto no romance quanto na HQ tem mostrado em um jeito mais formal no filme."

GRUPO 2 - ROMANCE

19/"Porque é uma coisa que acontece todo dia, mas você não vê todo dia."

23/"Sim, porque o que mais me chama atenção na HQ é a parte que Amir faz de tudo para Hassan sair da casa dele."

24/"O preconceito com Hazard"

25/"Por ser mais fácil de entender."

GRUPO 3 - FILME

16/"Porque são coisas que já tinha visto em outra mídia ou em outras situações."

22/"Por causa do controle em si, independente da mídia é importante."

QUANTO AOS TRECHOS DE *O CAÇADOR DE PIPAS*

O que mais chamou sua atenção em relação aos trechos vistos, em cada um das mídias pela qual você teve contato com a história?

GRUPO 1 - HQ

No romance- 3/"O estupro, tem mas detalhes sobre a "cena".

5/"A parte do preconceito do vendendor."

9/"A parte do estupro."

13/"O estupro."

14/"O estupro, é uma parte rica em detalhes, mais do que nos outros."

18/"No romance tenho percebido que a palavra e o significado romance não é apenas amor."

Na HQ - 3/ "A amizade dos dois (Hassan e Amir)"

5/"Quando o garoto foi estuprado no beco."

9/"A parte do estupro."

13/"O estupro."

14/"A amizade. Como Hassan é fiel e leal, é muito bem retratado."

18/"Na HQ pude entender que teve uma oportunidade maior de me preencher em continuar a leitura."

No filme - 3/"O estupro também, pois mostra a parte melhor para se entender."

5/"Quando Amir vai buscar o filho de Hassan."

9/"A parte da fuga com o filho de Hassan."

13/"O estupro."

14/"O final é "emocionante". Mostra a preocupação e a mudança de Amir, e como ele se redimiou."

18/"Acredito que no filme eu tenho uma oportunidade a mais de ter um entendimento maior."

GRUPO 2 - ROMANCE

No romance- 19/"Não li o romance por falta de interesse."

23/"O que mais me chamou atenção foi quando Amir ganha o festival de pipa."

24/"O preconceito."

25/"Não lembro."

Na HQ - 19/"Como é mais fácil de entender."

23/"Me chamou muita atenção como Hassan se sacrificou por Amir."

24/"O preconceito."

25/"É mais real e mais claro."

No filme - 19/"Como é simples de entender, mais que na HQ."

23/"Quando Amir fala que pelo filho de Hassan faz tudo."

24/"O campeonato, o assédio contra Hazard, o preconceito e o final onde Amir repete a frase de Hazard ao filho de Hazard."

25/"É mais claro, porém menos realista, eu diria que mais oculto (menos violento.)

GRUPO 3 - FILME

No romance- 16/"Amir que colocou o relógio debaixo do tapete para culpar Hassan."

22/"Foi mais impactante a parte da amizade, mostrou ser bem fiel."

Na HQ - 16/"Hassan quando é estuprado."

22/"A todas as partes."

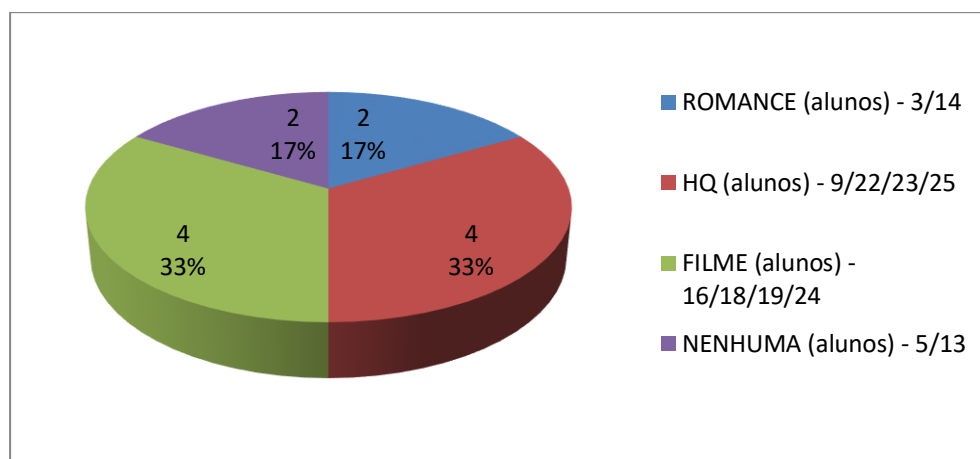
No filme - 16/"A briga de Ali e Assef."

22/"A parte do estupro."

QUANTO AOS TRECHOS DE *O CAÇADOR DE PIPAS*

Com qual das mídias você mais se identificou?

Figura 29 - Gráfico da pergunta: Com qual das mídias você mais se identificou?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

GRUPO 1 - HQ -

Romance - 3/14 // HQ - 9 // Filme - 18 // Nenhum - 5/13

GRUPO 2 - ROMANCE

Romance - zero // HQ - 23/25 - Filme - 19/24

GRUPO 3 - FILME

Romance - zero // HQ - 22 - Filme - 16

Qual deixou você mais confortável com a história? Por quê?

GRUPO 1 - HQ

3/"O romance, porque é mais detalhista e tem mais entendimento (para mim)."

5/"Nenhum, por que em todas os sentidos acontece a mesma coisa."

9/"Foi a HQ porque eu gosto muito, e sempre que se trata de HQ eu sou muito rápido para ler."

13/"O filme, por que é resumido muito com a HQ."

14/"Livro. Os detalhes prendem o leitor."

18/"O filme porque foi algo mais surpreendente, pude detalhar mais o entendimento do filme."

GRUPO 2 - ROMANCE

4) Qual deixou você mais confortável com a história? Por quê?

19/"O filme pois é simples e rápido."

23/"A HQ, porque a HQ explica mais e tem imagens."

24/"O filme, porque mostra tudo o que fala na HQ."

25/"HQ, pois é mais fácil de entender e realista."

GRUPO 3 - FILME

4) Qual deixou você mais confortável com a história? Por quê?

16/"O filme porque eu me concentro mais do que ler."

22/"HQ, porque você não perde tanto a história e não tem o trabalho de imaginar boa parte da história."

QUANTO AOS TRECHOS DE *O CAÇADOR DE PIPAS*

Você percebeu a história de modo diferente por causa do modo como ela foi veiculada? Explique (Detalhadamente)

GRUPO 1 HQ

3/"Sim, no filme houve parte de que eu não tinha lido, e pra parte em que eu li não tinha a parte do livro."

5/"No livro é bem detalhado, na HQ foi mais explicado com as imagens, e no filme foi mais fácil de entender."

9/"Sim, por que sempre que algo é tirado de um livro acaba perdendo ou pulando partes importantes." (sic)

13/"Sim, por que ela foi veiculada de três modos diferentes teve o romance (livro) a HQ e o filme. Nisso teve uma diferença no entendimento."

14/"Bom, o final é o mesmo para todos os modos, porém no filme o entendimento é melhor e mais fácil de se compreender, mas a mensagem que é passada é a mesma."

18/"A única diferença em que eu tive foi pode ter mais entendimento após ver o filme, pois suas personalidade e suas estruturas foi algo mais atuante dentro do entendimento de cada um dos personagens."

GRUPO 2 - ROMANCE

19/"Algumas partes não aparecem no filme, mais nada que interfira na história."

23/"No romance e entendi que Hassan e Amir eram muito amigos, no filme entendi que Amir so era amigo de Hassan, porque Hassan era corajoso e na HQ entendi que Hssan se sacrificou e se sacrificaria por Amir e Amir não faria o mesmo."

24/"Não porque é a mesma história."

25/"Não, só na parte do estupro, no filme é menos violento, e na HQ é mais violento, sendo que no filme devia ser mais realista."

GRUPO 3 - FILME

16/"Não, porque tudo que vi em um eu vi nos outros dois."

22/"Na HQ eu percebi tudo por causa da leitura e das imagens, assim não deixando nenhuma duvida."

QUANTO AOS TRECHOS DE *O CAÇADOR DE PIPAS*

GRUPO 1 HQ

A diferença de mídia causou um impacto diferente em você em relação ao mesmo trecho?

No romance - 3/"É feito de uma forma mais detalhista."

5/"Não."

9/"Não."

13/"Não."

14/"O romance explica de forma melhor e usa a imaginação."

18/"Eu não tenho lido, mas pelo fato de entender que romance tem varios tipos formal, passa a identificar a leitura novamente."

Na HQ - 3/"A forma dos desenhos, nos ajuda a conseguir entender de forma diferente."

5/"Não."

9/"Não."

13/"Não."

14/"Na HQ é tudo bem detalhado e os desenhos ajudam no entendimento."

18/"Não, pois a HQ poderia ser algo mais suportado quanto o filme."

No filme - 3/"Mostra as partes "mais detalhado" do que a gente já leu."

5/"Não."

9/"Sim, na cena do estupro foi mais leve do que as ultimas midias."

13/"Não."

14/"O filme é muito mais facil entender, porém perde alguns detalhes essenciais que aparecem no livro."

18/"O filme tem sido uma forma mais identificada."

GRUPO 2 - ROMANCE

No romance - 19/"Não li."

23/"Não, porque não li muito."

24/"Ao assédio (estupro)."

25/"Não lembro."

Na HQ - 19/"Algumas partes a mais."

23/"Sim, porque eu me interessei mais."

24/"Ao assédio (estupro)."

25/"O estupro é mais violento."

No filme - 19/"Algumas partes a menos, mas nada que interfere na história."

23/"Mais ou menos, porque eu não entendi muito o filme."

24/"Ao assédio (estupro)."

25/"O estupro é menos violento."

GRUPO 3 - FILME

No romance - 16/"A falsidade de Amir com Hassan."

22/"Não"

Na HQ - 16/"A crueldade dos garotos por fazerem aquilo."

22/"Não"

No filme - 16/"A briga foi feia de tirar sangue e tudo, e no final o garoto salvou o Ali."

22/"Não"

QUANTO AOS TRECHOS DE *O CAÇADOR DE PIPAS*

Ao entrar em contato com cada uma das linguagens de cada mídia, houve um impacto diferente do seu entendimento da história? Explique.

GRUPO 1 HQ

- 3/"Sim, porque cada um tem sua forma de se mostra mais, nem sempre todas são iguais."
 5/"Sim, por que no romance na HQ e no filme, explicam um pouco de maneiras diferente."
 9/"Não, porque mesmo pulando algumas parts as três midias seguem pelo menso caminho."
 13/"Sim, por que a HQ resume o romance (livro) e o filme é resume também o livro. Por meio do desenhos, escrituras com desenho, escrituras e imagens com áudio (filme)."
 14/"Sim. O livro é muito mais detalhado, enquanto o filme não cita alguns trechos e a HQ é completa mais do que o filme."
 18/"Eu não tenho participado de todas as leituras mas a historia te de um jeito identificado o meu entendimento dentro de suas qualidades de cada parte sendo ela no romance HQ ou o filme."

GRUPO 2 - ROMANCE

- 19/"Ler não é meu forte, mais o filme da pra entender de boa."
 23/"Na HQ o impacto diferente foi os quadrinho os balões e a cor.
 No romance o impacto diferente são as falas e a leituras.
 No filme as falas e imagem."
 24/"Porque cada um conta de forma diferente, por exemplo o romance é mais detalhado, já o filme é mais completo, real."
 25/"Não, pois as três falam da mesma história e só que com intensidade diferentes."

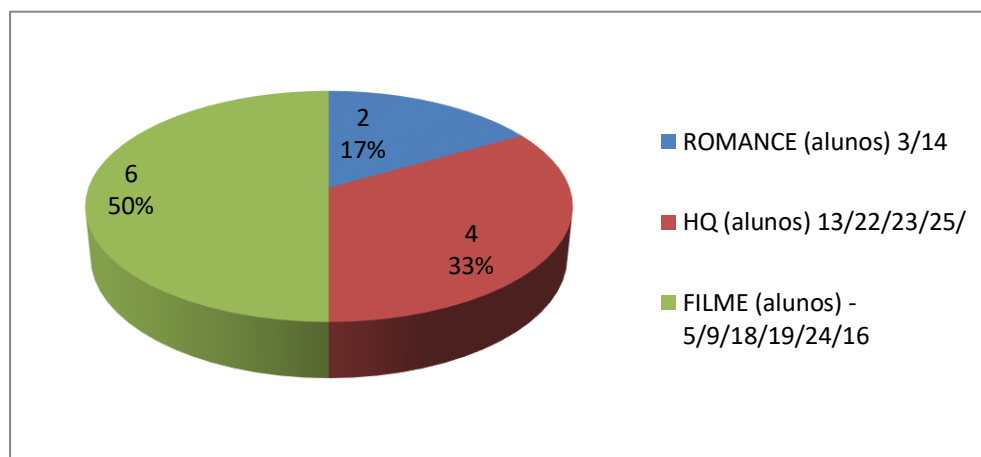
GRUPO 3 - FILME

- 16/"Não."
 22/"Foi o mesmo, só que com diferentes tempos para entender."

QUANTO AOS TRECHOS DE *O CAÇADOR DE PIPAS*

Se você fosse recomendar esta história para um(a) amigo(a), qual média você indicaria?

Figura 30 - Gráfico da pergunta: Se você fosse recomendar esta história para um(a) amigo(a), qual média você indicaria? Por quê?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

Por quê?

Grupo 1 – HQ

3/" O romance porque é mais detalhista."

5/"Filme, pois é mais detalhado."

9/"Eu indicaria o filme, por que é uma forma da pessoa gostar mais e se se interessa podera ler os livros."

13/ "A HQ, por que é mais práticos de endenter o romance (livro)."

14/"Livro. Pela facilidade de entendimento e a riqueza em detalhes."

18/"O filme porque seria algo mais surpresa, algo que a pessoa entenderia melhor."

GRUPO 2 - ROMANCE

19/"O filme, porque e rapido e mais interessante."

23/"Indicaria a HQ porque ela esclarece mais quanto nos quadrinhos quanto nas falas."

24/"O filme, porque é o que dar para entender melhor."

25/ "HQ, por ser mais claro."

GRUPO 3 - FILME

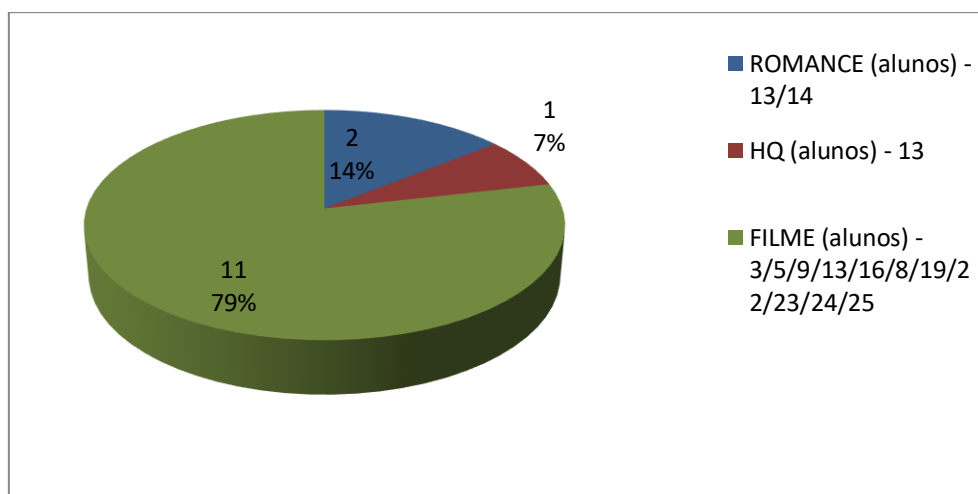
16/"O filme porque tem mais detalhes e imagens da para entender melhor."

22/"HQ."

QUANTO AOS TRECHOS DE *O CAÇADOR DE PIPAS*

Qual das três formas (romance, quadrinhos, filme) te envolveu e/ou emocionou mais?

Figura 31 - Gráfico da pergunta: Qual das três formas (romance, quadrinhos, filme) te envolveu e/ou emocionou mais?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

GRUPO 1 – HQ -

Romance – 13/14 // HQ – 13 // FILME – 3/5/9/13/18

GRUPO 2 - ROMANCE

Romance – zero // HQ – zero // FILME – 19/23/24/25

GRUPO 3 – FILME

Romance – zero // HQ – zero // FILME – 16/22

POR QUÊ? (Descreva detalhadamente, por favor.)

GRUPO 1 - HQ

3/"Porque no filme, você meio que vive o que está se passando, ou, vivendo."

5/"Porque no filme apresenta falas e imagens reais."

9/"Por que o filme é algo sempre mais divertido e envolve um pouco mais de emoção."

14/"O livro conta até os mínimos detalhes, é muito interessante não há como não entender."

18/"O filme eutenho a perceber que após o passado, presente e futuro de Hassan foi algo totalmente mais detalhado no filme."

GRUPO 2 - ROMANCE

19/"Porque como eu disse, é mais fácil de entender então você se emociona ao passar no filme."

23/"Porque o filme mostra a cena em que Hassan é violentamente estrupado."

24/"porque já tinha assistido antes, já me identifiquei mais."

25/"O filme, por que é menos violento e acho que envolve mais o personagem, a história dele."

GRUPO 3 - FILME

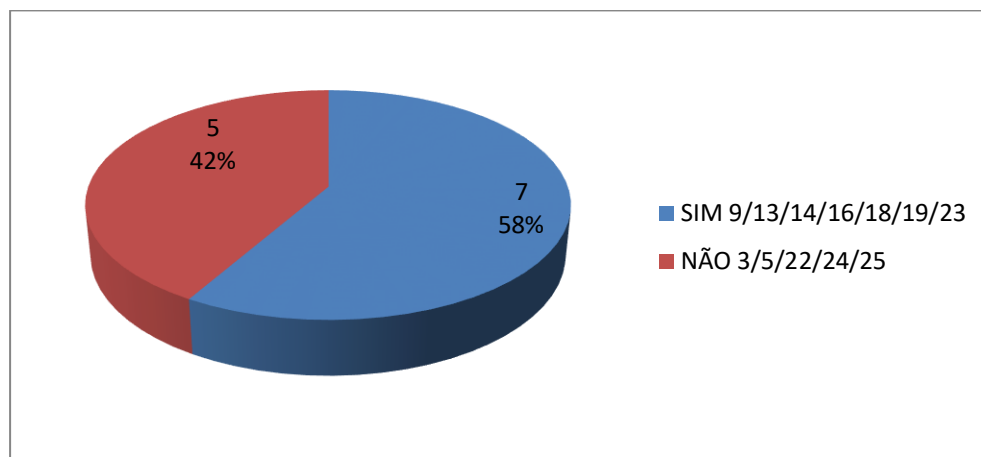
16/"Porque eu vi, entendi melhor."

22/"Por causa da amizade fiel deles dois, e tudo que passaram."

QUANTO AOS TRECHOS DE *O CAÇADOR DE PIPAS*

Você apreendeu alguma mensagem dos trechos lidos/vistos?

Figura 32 - Gráfico da pergunta: Você apreendeu alguma mensagem dos trechos lidos/vistos?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

GRUPO 1 HQ

Sim – 9/13/14/18 // Não – 3/5

GRUPO 2 – ROMANCE

Sim – 19/23 // Não – 24/25

GRUPO 3 – FILME

Sim – 6 // Não 22

12) Se sim, cite qual/quais foi/foram.

GRUPO 1 HQ

3/"Porque a gente deve ter passado por algo parecido na vida."

5/Não respondeu.

9/"Nunca deixe um amigo para trás. E não importa se um é dos EUA e o outro do Afeganistão somos todos iguais."

13/"A parte quando o Amir não faz nada para proteger o amigo, e serve de aprendizado quando agente confia em quem bate nas nossas costas e se diz ser amigo."

14/"amizade, fidelidade. Mudança, fazer algo bom, pelos seus erros do passado."

18/"Que romance tem varias formas de se entender."

GRUPO 2 - ROMANCE

19/"Eu não aprendi, mas vi uma das coisas que acontecem na vida por outro ângulo."

23/"Que amizade é lealdade e o que podemos fazer hoje não se pode deixar para amanhã."

24/ Não respondeu.

25/ Não respondeu.

GRUPO 3 - FILME

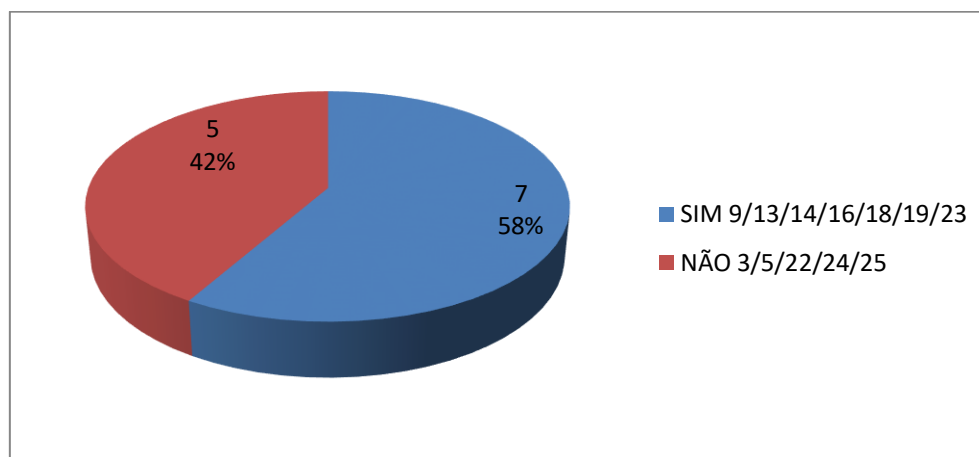
16/"A importância da amizade e da confiança."

22) Não respondeu.

QUANTO AOS TRECHOS DE *O CAÇADOR DE PIPAS*

Você apreendeu alguma mensagem dos trechos lidos/vistos?

Figura 33 - Gráfico da pergunta: Você apreendeu alguma mensagem dos trechos lidos/vistos?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

GRUPO 1 HQ

Sim – 9/13/14/18 // Não – 3/5

GRUPO 2 – ROMANCE

Sim – 19/23 // Não – 24/25

GRUPO 3 – FILME

Sim – 6 // Não 22

12) Se sim, cite qual/quais foi/foram.

GRUPO 1 HQ

3/"Porque a gente deve ter passado por algo parecido na vida."

5/Não respondeu.

9/"Nunca deixe um amigo para trás. E não importa se um é dos EUA e o outro do Afeganistão somos todos iguais."

13/"A parte quando o Amir não faz nada para proteger o amigo, e serve de aprendizado quando agente confia em quem bate nas nossas costas e se diz ser amigo." (sic)

14/"amizade, fidelidade. Mudança, fazer algo bom, pelos seus erros do passado." (sic)

18/"Que romance tem varias formas de se entender." (sic)

GRUPO 2 - ROMANCE

19/"Eu não aprendi, mas vi uma das coisas que acontecem na vida por outro ângulo." (sic)

23/"Que amizade é lealdade e o que podemos fazer hoje não se pode deixar para amanhã."

24/ Não respondeu.

25/ Não respondeu.

GRUPO 3 - FILME

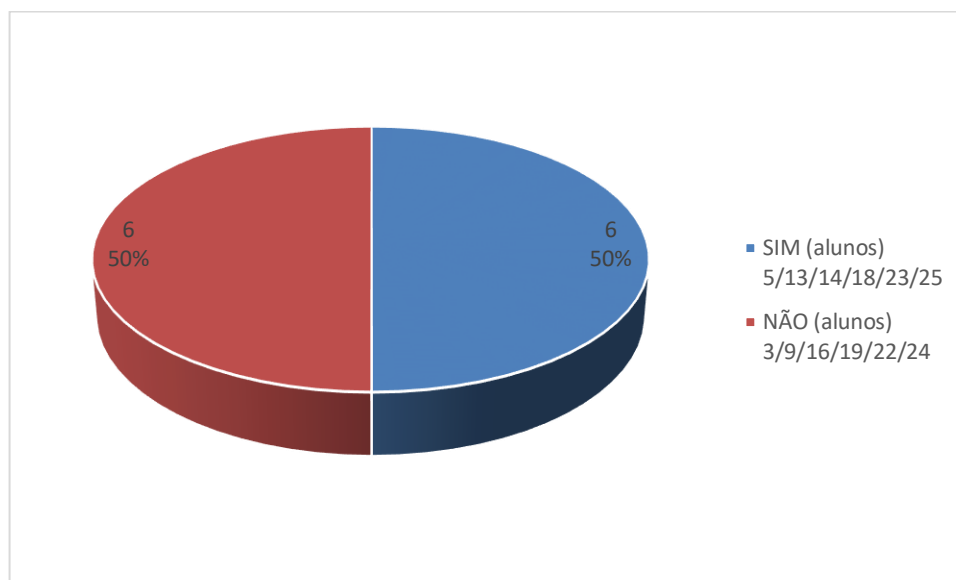
16/"A importância da amizade e da confiança."

22) Não respondeu.

QUANTO AOS TRECHOS DE *O CAÇADOR DE PIPAS*

A experiência fez você refletir ou mudar de postura em relação a alguma coisa na sua vida? Explique:

Figura 34 - Gráfico da pergunta: A experiência fez você refletir ou mudar de postura em relação a alguma coisa na sua vida?



Fonte: CAPUTO (2019) – baseado nas respostas dos(as) alunos(as)

GRUPO 1 HQ

Sim – 5/ 13/14/18 // **Não** – 3/9

3/"Porque, ver/ ou ler essa história o que se passa nela não é mais novidade."

5/"Em relação a amizade, nunca devemos abandonar os nosso amigos na hora que ele mais precisar da gente."

9/"Por que tudo o que foi mostrado eu já tinha noção."

Fez refletir, por que agente tem conhecer a pessoa para poder confiar."

14/"Sempre há tempo para se redimir com os erros do passado. Somos quem somos, pelos nossos erros."

18/"A saber lhe dar com as pessoas. Aprender a se entender com qualquer tipo de postura."

GRUPO 2 - ROMANCE

Sim – 23/25 // **Não** – 19/24

19/"Mas eu acho interessante eles abrirem a mente de alguns ???

23/"Sim, porque o que se pode fazer hoje não se deixa pra amanhã."

24/ Não respondeu.

25/"A não confiar em todas as pessoas."

GRUPO 3 - FILME

Sim – zero // **Não** – 16/22

16/"Não, porque nunca desvalorizei pessoas que estavam comigo muito menos fui falsa com alguém."

22/"Aconteceu coisas que eu já tenho convivência que existia."

ANEXOS

ANEXO A - TRANSCRIÇÕES DOS TRECHOS DO ROMANCE

ANEXO A1

Trecho do romance *O caçador de pipas* – Kaled Hosseini - Capítulo UM (páginas 09 e 10)

Dezembro de 2001

Eu ME TORNEI o QUE sou HOJE aos doze anos, em um dia nublado e gélido do inverno de 1975. Lembro do momento exato em que isso aconteceu, quando estava agachado por detrás de uma parede de barro parcialmente desmoronada, espiando o beco que ficava perto do riacho congelado. Foi há muito tempo, mas descobri que não é verdade o que dizem a respeito do passado, essa história de que podemos enterrá-lo. Porque, de um jeito ou de outro, ele sempre consegue escapar. Olhando para trás, agora, percebo que passei os últimos vinte e seis anos da minha vida espiando aquele beco deserto.

Um dia, no verão passado, meu amigo Rahim Khan me ligou do Paquistão. Pediu que eu fosse vê-lo. Parado ali na cozinha, com o fone no ouvido, sabia muito bem que não era só Rahim Khan que estava do outro lado daquela linha. Era o meu passado de pecados não expiados. Depois que desliguei, fui passear pelo lago Spreckels, na orla norte do parque da Golden Gate. O sol do início da tarde cintilava na água onde navegavam dezenas de barquinhos em miniatura, impulsionados por um ventinho ligeiro. Olhei então para cima e vi um par de pipas vermelhas planando no ar, com rabiolas compridas e azuis. Dançavam lá no alto, bem acima das árvores da ponta oeste do parque, por sobre os moinhos, voando lado a lado como um par de olhos fitando San Francisco, a cidade que eu agora chamava de lar. E, de repente, a voz de Hassan sussurrou nos meus ouvidos: "Por você, faria isso mil vezes!" Hassan, o menino de lábio leporino que corria atrás das pipas como ninguém.

Sentei em um banco do parque, perto de um salgueiro. Pensei em uma coisa que Rahim Khan disse um pouco antes de desligar, quase como algo que lhe houvesse ocorrido no último minuto. "Há um jeito de ser bom de novo." Ergui os olhos para as pipas gêmeas. Pensei em Hassan. Pensei em *baba*. Em Ali. Em Cabul. Pensei na vida que eu levava até que aquele inverno de 1975 chegou para mudar tudo. E fez de mim o que sou hoje.

ANEXO A2

Trecho do romance *O caçador de pipas* – (HOSSEINI, 2005) - Capítulo QUATRO (páginas 34 a 36)

(...) Depois da aula, Hassan e eu passávamos a mão em um livro e corríamos para uma colina arredondada que ficava bem ao norte da propriedade de meu pai em Wazir Akbar Khan. Havia ali um velho cemitério abandonado, com várias fileiras de lápides com as inscrições apagadas e muito mato impedindo a passagem pelas aléias. Anos e anos de chuva e neve tinham enferrujado o portão de grade e deixado a mureta de pedras claras em ruínas. Perto da entrada do cemitério havia um pé de romã. Em um dia de verão, usei uma das facas de cozinha de Ali para gravar nossos nomes naquela árvore,

"Amir e Hassan, sultões de Cabul." Essas palavras serviram para oficializar o fato: a árvore era nossa. Depois da aula, Hassan e eu trepávamos em seus galhos e apanhávamos as romãs encarnadas. Depois de comer as frutas e limpar as mãos na grama, eu lia para Hassan.

Sentado ali, com as pernas cruzadas e o jogo de sol e sombra da folhagem do pé de romã no rosto, Hassan arrancava distraído pedacinhos de grama do chão enquanto eu ia lendo as histórias que ele não podia ler sozinho. Pois Hassan cresceria analfabeto como Ali e a maioria dos hazaras: isto já estava decidido desde o minuto em que nasceu, talvez até mesmo desde o instante em que foi concebido no útero nada receptivo de Sanaubar — afinal, para que um criado precisaria da palavra escrita? Mas, apesar de ser analfabeto, ou quem sabe até por isso mesmo, Hassan era atraído pelo mistério das palavras, seduzido por um mundo secreto cujo acesso lhe era vedado. Lia para ele poemas e histórias, às vezes enigmas — embora sempre parasse de ler estes últimos quando percebia que ele tinha muito mais facilidade que eu para decifrá-los. Lia então coisas menos arriscadas, como as desventuras do vaidoso mulá Nasruddin e seu burro. Passávamos horas sentados debaixo daquela árvore, até que o sol começasse a se pôr, e, mesmo assim, Hassan insistia dizendo que ainda havia luz suficiente para eu ler uma outra história, um outro capítulo.

O que eu mais gostava, nessas horas em que estava lendo para Hassan, era quando esbarrávamos com uma palavra que ele não conhecia. Eu implicava com ele, exibia a sua ignorância. Uma vez, quando estava lendo uma história do mulá Nasruddin, ele me interrompeu.

— O que quer dizer essa palavra?

— Qual? — Imbecil. — Você não sabe o que significa?

— indaguei eu com um sorriso largo.

— Não sei não, Amir agha.

— Mas é uma palavra tão comum!

— Mesmo assim, não conheço.

Se tinha percebido meu tom de deboche, seu rosto sorridente não deixava transparecer nada.

— Ora, todo mundo na escola sabe o que é isso — disse eu. Deixa ver. Imbecil quer dizer esperto, inteligente. Vou fazer uma frase com essa palavra para você: "Quando o assunto é vocabulário, Hassan é um imbecil."

— Ah! — exclamou ele, fazendo que sim com a cabeça.

Depois de um episódio como esse, sempre me sentia meio culpado. Tentava então compensar o que tinha feito dando-lhe uma das minhas camisas velhas ou um brinquedo quebrado. Dizia a mim mesmo que era o bastante para reparar uma brincadeira inofensiva.

O livro favorito de Hassan era o Shahnamah, a epopéia dos antigos heróis persas do século X. Gostava de todos os capítulos, os shahs do passado, Feridoun, Zal e Rudabeh. Sua história favorita, porém, e minha também, era "Rostam e Sohrab", um conto sobre o grande guerreiro Rostam e seu cavalo velocíssimo, Rakhsh. Durante uma batalha, Rostam fere mortalmente seu valente adversário, Sohrab, e acaba descobrindo que o rapaz é, na verdade, o filho que tinha perdido há muito tempo.

Atormentado pela dor, Rostam ouve as últimas palavras do filho moribundo: Se sois efetivamente meu pai, então manchastes vossa espada com o sangue de vosso filho. E fizestes isto por vossa própria obstinação. Pois procurei convertê-lo ao amor e implorei chamando o vosso nome, já que julguei encontrar em vós as qualidades de que minha mãe tanto falava. Mas foi em vão que apelei para vosso coração, e, agora, é tarde demais para qualquer aproximação...

— Leia outra vez, por favor, Amir agha — dizia Hassan. Às vezes, ficava com os olhos cheios de lágrimas enquanto eu lia a passagem e, nessas horas, sempre me perguntei por quem ele estaria chorando: seria pelo sofrimento de Rostam, que rasga as próprias roupas e cobre a cabeça com cinzas, ou pelo moribundo Sohrab, que só desejava o amor do pai? Eu, pessoalmente, não era capaz de perceber a tragédia do destino de Rostam. Afinal de contas, todos os pais, no fundo de seu coração, não abrigam o desejo de matar os filhos? (...)

ANEXO A3

- Trecho do romance *O caçador de pipas* – (HOSSEINI, 2005)

Capítulo CINCO (páginas 46 a 49)

Ficaram parados na nossa frente: aqueles três sujeitos altos, usando camiseta e calça *jeans*. Pairando muito acima de nós, Assef cruzou os braços musculosos diante do peito, com uma espécie de sorriso selvagem nos lábios. Não foi a primeira vez que me passou pela cabeça que ele não era inteiramente normal. Também me passou pela cabeça a sorte que eu tinha por ser filho de *baba*, o único motivo, creio eu, para que Assef quase sempre evitasse me atormentar demais. Esticou o queixo, apontando para Hassan.

— Ei, nariz achatado! — exclamou ele. — Como vai *Babalu*?

Hassan não disse nada e deu mais um passo para trás.

— Ouviram as notícias, meninos? — prosseguiu ele, ainda com aquele sorriso nos lábios. — O rei já era. E já vai tarde! Vida longa para o presidente! Meu pai conhece Daoud Khan, sabia, Amir?

— O meu também — disse eu. Para ser sincero, não tinha a menor idéia se aquilo era verdade ou não.

— O meu também — repetiu Assef me imitando, com uma vozinha chorosa.

Kamal e Wali riram em uníssono. E eu desejei que *baba* estivesse ali.

— E, Daoud Khan jantou lá em casa no ano passado — acrescentou Assef. — O que você acha disso, Amir?

Perguntei a mim mesmo se alguém nos ouviria gritar, aqui nesse terreno isolado.

A casa de *baba* ficava bem a um quilômetro de distância. Adoraria que não tivéssemos saído...

— Sabe o que vou dizer a Daoud Khan da próxima vez que ele for jantar lá em casa? — indagou Assef. — Vou ter uma conversinha com ele, de homem para homem, *mard* para *mard*. E vou lhe dizer o que disse para minha mãe. Sobre Hitler. Aquilo, sim, é que era um líder. Um grande líder. Um homem de visão. Vou dizer a Daoud Khan que se tivessem deixado Hitler terminar o que começou, o mundo hoje seria um lugar muito melhor.

— *Baba* diz que Hitler era louco, que mandou matar um monte de gente inocente — me ouvi dizendo antes que tivesse tempo de tapar a boca com a mão. Assef deu uma risadinha.

— Parece até minha mãe, e olhe que ela é alemã... Não devia cair nessa... Mas acontece que eles querem que vocês acreditem nisso, não é? Não querem que saibam a verdade. Não fazia a mínima idéia de quem seriam esses "eles", ou que verdade era essa que estariam escondendo, mas também não fazia a mínima questão de saber. Tudo o que queria era não ter dito nada. E mais uma vez, desejei levantar os olhos e dar com *baba* subindo a colina.

— Mas a gente tem que ler os livros que nos dão na escola prosseguiu ele.

— Eu li. E isso me abriu os olhos. Agora, tenho uma posição, e vou dividi-la com nosso novo presidente. Sabe o que isso significa? Fiz que não com a cabeça. De um jeito ou de outro, ele ia dizer mesmo. Assef sempre respondia às perguntas que ele próprio fazia.

Seus olhos azuis se moveram rapidamente, voltando-se para Hassan.

— O Afeganistão é a terra dos pashtuns. Sempre foi e sempre será. Nós é que somos os verdadeiros afegãos, os afegãos puros, e não esse "nariz achatado" aqui. Essa gente polui a nossa terra, o nosso *watan*. Sujam o nosso sangue. — Fez um gesto bem amplo com as mãos. — O Afeganistão para os pashtuns, é isso aí! Essa é a minha posição.

Voltou a olhar para mim. Parecia alguém acordando de um sonho.

— Para Hitler, é tarde demais — disse ele. — Para nós, não. — Apanhou alguma coisa no bolso de trás do *jeans*. — Vou dizer ao presidente para fazer o que o rei não teve *quwat* de fazer. Livrar o Afeganistão de todos esses hazaras nojentos, *kasseef*!

— Deixe a gente ir, Assef — disse eu, com ódio ao ver que minha voz tremia. —

Não estamos atrapalhando você...

— Mas claro que estão — retrucou ele.

E o meu coração quase parou quando vi o que ele tinha apanhado no bolso. É

lógico. O soco-inglês de aço inoxidável reluzia ao sol.

— Estão me atrapalhando muitíssimo. Na verdade, você me aborrece muito mais que esse hazara aí. Como pode falar com ele, brincar com ele, deixar que ele toque em você?

— perguntou com a voz cheia de repulsa. Wali e Kamal assentiram com a cabeça e com um grunhido. Assef apertou os olhos. Abanou a cabeça.

Quando voltou a falar, sua voz soou tão espantada quanto parecia o seu rosto.

— Como pode chamá-lo de "amigo"?

"Mas ele não é meu amigo!" foi o que quase deixei escapar. "É meu empregado!"

Será que tinha realmente pensado isso? Não. Claro que não. Sempre tratei Hassan muito bem, como um amigo; talvez até melhor, como um irmão. Mas, então, por que será que quando os amigos de *baba* vinham nos visitar com os filhos, eu nunca incluía Hassan nas nossas brincadeiras? Por que só brincava com ele quando não tinha mais ninguém por perto?

Assef enfiou o soco-inglês na mão. E me lançou um olhar glacial.

— Você é parte do problema, Amir. Hoje em dia, já estaríamos livres dessa gente se idiotas como você e seu pai não os acolhessem. Todos teriam apodrecido em Hazarajat, que é o lugar deles. Você é uma desgraça para o Afeganistão.

Olhei para os seus olhos enlouquecidos e vi que estava falando sério, que *realmente* pretendia me atacar. Assef ergueu o punho e partiu para cima de mim.

Percebi um movimento rápido às minhas costas. Com o canto do olho, vi Hassan se abaixar e voltar a se erguer bem depressa. Os olhos de Assef avistaram algo atrás de mim e se arregalaram de espanto. Vi o mesmo olhar perplexo no rosto de Kamal e de Wali quando também se deram conta do que estava acontecendo.

Virei e dei de cara com o estilingue de Hassan. A tira elástica estava toda esticada para trás. Na lingüeta, uma pedra do tamanho de uma noz. Hassan estava mirando bem no meio do rosto de Assef. Sua mão tremia com o esforço para manter a tira retesada e gotas de suor banhavam a sua testa.

— Por favor, deixe-nos em paz, *agha* — disse ele com voz impassível. Chamou

Assef de "*agha*" e, por um segundo, me perguntei como deveria ser levar uma vida assim, com uma noção tão entranhada de qual é o lugar que lhe cabe em uma hierarquia.

Assef cerrou os dentes.

— Baixe isso, seu hazara sem mãe!

— Por favor, deixe a gente em paz, *agha* — insistiu Hassan.

Assef sorriu.

— Talvez você não tenha notado, mas somos três, e vocês, apenas dois.

Hassan deu de ombros. Para alguém que não o conhecesse, não parecia estar com medo. Mas aquele rosto era a minha lembrança mais remota e eu conhecia cada uma das suas nuances mais sutis, cada contração ou estremecimento que porventura se desenhasse ali. E *vi* que estava com medo. Com muito medo mesmo.

— Tem razão, *agha*. Mas talvez você não tenha notado que sou eu estou segurando o estilingue. Se fizer o mínimo movimento, terá trocar o apelido de Assef, o "Comedor de Orelhas", para Assef, o "Caolho", pois esta pedra está apontada para o seu olho esquerdo.

Disse isto de um jeito tão tranquilo que até eu tive de fazer um esforço para perceber o medo que sabia estar escondido por baixo daquela calma.(...)

— Sou um cara muito paciente. Isto não vai ficar assim, pode acreditar no que estou dizendo. — E acrescentou, virando-se para mim. — Isso vale para você também, Amir. Algum dia vou fazer você me enfrentar e vai ser só entre nós dois.

Assef deu um passo atrás. Seus discípulos o seguiram.

— O seu hazara cometeu um grande erro hoje, Amir — disse ele. Os três viraram então as costas e foram embora. Fiquei olhando enquanto desciam a colina, até que desapareceram atrás de um muro.

Hassan estava tentando enfiar o estilingue na cintura com as mãos trêmulas. Sua boca se contorceu fazendo algo que, supostamente, pretendia ser um sorriso tranquilizador. Só na terceira tentativa é que conseguiu prender o estilingue no cordão da calça. Temerosos, nenhum de nós disse praticamente nada no caminho até em casa, pois podíamos jurar que Assef e seus amigos estariam emboscados em cada esquina. Mas não estavam, e deveríamos ter ficado um pouco mais tranquilos. Mas não ficamos. Não mesmo.

ANEXO A4

Trecho do romance *O caçador de pipas* – (HOSSEINI, 2005)

Capítulo SETE (páginas 72 a 84)

(A passagem completa inicia-se na página 66, mas optamos por subtrair seu início)

Então, chegou a hora. Fechei os olhos e afrouxei a pegada na linha. Cortei os dedos novamente quando o vento arrastou a minha pipa. E aí... não precisei ouvir os gritos da multidão para saber. Também não precisei ver nada. Hassan estava gritando e tinha passado o braço pelo meu pescoço.

— Bravo! Bravo, Amir *agha*!

Abri os olhos e o que vi foi a pipa azul rodopiando loucamente como um pneu que se solta de um carro em alta velocidade. Pisquei várias vezes, tentei dizer alguma coisa. Não saiu som nenhum. De repente, eu estava flutuando no ar, vendo a mim mesmo lá embaixo. Casaco de couro preto, cachecol vermelho, calça *jeans* desbotada.

Um menino magricela, um tanto pálido e meio baixinho para alguém de doze anos.

Com ombros estreitos e círculos escuros que se insinuavam em torno dos olhos cor de avelã. O vento despenteava os seus cabelos castanho-claros. Ele ergueu os olhos para mim e sorrimos um para o outro.

Comecei então a gritar, e tudo era cor e som, tudo estava cheio de vida e era maravilhoso. Abracei Hassan com o braço que estava livre e começamos a pular, ambos rindo, ambos chorando.

— Você ganhou, Amir *agha*! Você ganhou!

— Nós ganhamos! Nós ganhamos! — foi tudo o que consegui dizer. Isso não estava acontecendo. Logo, logo estaria piscando os olhos e despertando desse sonho maravilhoso; saindo da cama, descendo até a cozinha para tomar o meu café da manhã sem ter ninguém com quem conversar a não ser Hassan. Me aprontar. Ficar esperando por *baba*. Desistir. De volta à minha velha vida. Foi então que o vi no telhado lá de casa. Estava de pé na mureta, agitando ambos os braços. Gritando e aplaudindo. E aquele ali foi o único momento importante dos meus doze anos de vida: ver *baba* notelhado, finalmente orgulhoso de mim.

Mas, agora, ele estava fazendo alguma coisa, fazendo um gesto com as mãos como quem indica urgência. Então, compreendi.

— Hassan, nós...

— Eu sei — disse ele se desvencilhando do meu abraço. — *Inshallah*, vamos festejar mais tarde. Agora, vou apanhar aquela pipa azul para você — acrescentou. Largou o carretel e saiu correndo, com a borda do *chapan* verde arrastando na neve atrás de si.

—Hassan! — gritei eu. — Volte com ela!

Ele já estava dobrando a esquina, com as botas de borracha levantando neve do chão. Parou e se virou. Pôs as mãos em concha junto da boca.

—Por você, faria isso mil vezes! — disse ele. E deu aquele sorriso de Hassan, desaparecendo então na esquina. Só voltei a vê-lo sorrir assim tão descontraído vinte e seis anos mais tarde, olhando uma foto Polaroid desbotada.

Comecei a recolher a minha pipa e as pessoas vinham correndo para me dar parabéns. Cumprimentei a todos, agradeci. As crianças menores me olhavam com um brilho de respeito nos olhos. Eu era um herói. Mãos vinham me dar tapinhas nas costas, afagar os meus cabelos. Fui puxando a linha, retribuindo os sorrisos de todos, mas só pensava mesmo naquela pipa azul.

Afinal, tinha a minha pipa nas mãos. Enrolei no carretel a linha solta que estava amontoada junto dos meus pés, cumprimentei mais algumas pessoas e corri para casa.

Quando cheguei ao portão de ferro, Ali estava esperando por mim do lado de dentro.

Passou as mãos pela grade.

— Meus parabéns! — disse.

Entreguei a ele a pipa e o carretel, apertei sua mão.

— *Tashakor*, Ali *jan*.

— Fiquei o tempo todo rezando por vocês — acrescentou ele.

— Pois então, continue rezando. Ainda não terminamos.

Voltei correndo para a rua. Nem perguntei a Ali onde estava meu pai. Ainda não queria vê-lo. Tinha tudo planejado na cabeça: faria uma entrada triunfal, como um herói, tendo nas mãos ensangüentadas o tão valioso troféu. Todas as cabeças iam se virar e os olhos ficariam pregados em mim. Rostam e Sohrab se avaliando mutuamente. Um dramático instante de silêncio. Então, o velho guerreiro ia se aproximar do mais jovem, abraçá-lo e reconhecer o seu valor. Legitimação. Salvação. Redenção. E depois? Bem...

Felizes para sempre, é claro. O que mais poderia ser?

As ruas de Wazir Akbar Khan eram numeradas e haviam sido traçadas formando ângulos retos, como se fosse uma grade. Naquela *época*, era um bairro novo, ainda em fase de formação, com lotes vazios e casas parcialmente construídas em todas as ruas, entre condomínios cercados por muros de uns três metros de altura. Corri para cima e para baixo, passando por todas as ruas, à procura de Hassan. Em todo canto, as pessoas estavam atarefadas dobrando cadeiras guardando comida e arrumando as coisas depois de um longo dia de festa. Algumas delas, ainda sentadas nos telhados, gritavam para me dar parabéns.

Quatro ruas ao sul da nossa, vi Omar, filho de um engenheiro amigo de *baba*.

Estava jogando futebol com o irmão no gramado em frente à sua casa. Omar era um sujeito bem legal. Tínhamos sido colegas na terceira série e, certa vez, ele me deu uma caneta-tinteiro, daquele tipo que a gente recarrega com um cartucho.

— Soube que você venceu, Amir — disse ele. — Parabéns!

— Obrigado. Você viu Hassan?

— O seu hazara?

Fiz que sim com a cabeça.

Omar atirou a bola para o irmão.

— Ouvi dizer que é fantástico apanhando pipas — acrescentou. O irmão jogou a bola de volta para ele. Omar a pegou, fazendo-a quicar para cima e para baixo.

— Se bem que sempre me perguntei como consegue isso. Quero dizer, com aqueles olhinhos apertados, como é que pode *ver* alguma coisa?

Seu irmão deu uma risada e pediu a bola. Omar o ignorou.

— Você o viu? — insisti eu.

Sem se virar, Omar apontou para o sudoeste com o polegar.

— Vi ele passar correndo rumo ao *bazaar* ainda agora mesmo — respondeu ele.

— Obrigado — disse eu, e saí em disparada.

Quando cheguei à praça do mercado, o sol já tinha desaparecido quase inteiramente atrás das colinas e o anoitecer tingiu o céu de rosa e arroxeados. Alguns quarteirões adiante, na mesquita Haji Yaghough, o mulá começou a entoar o *azan*, convocando os fiéis a estender o tapete, voltados para o oeste, e inclinar a cabeça para a oração. Hassan nunca deixava de fazer nenhuma das cinco orações diárias. Mesmo quando estávamos brincando no quintal, ele pedia desculpas, tirava água do poço, se lavava e desaparecia no seu casebre. Saía de lá poucos minutos depois, sorrindo, e vinha me encontrar recostado no muro ou trepado em uma árvore. No entanto, hoje à noite ele ia deixar de fazer as suas orações, e por minha causa.

O *bazaar* estava ficando vazio bem depressa, com os mercadores encerrando os negócios do dia. Fui correndo pela lama, em meio aos inúmeros cubículos colados uns aos outros, onde se podia comprar um faisão recém-abatido em uma das tendas e uma calculadora na do lado. Fui me espremendo por entre a multidão que ia se reduzindo:

os mendigos aleijados embrulhados em trapos esfarrapados, os vendedores carregando tapetes nos ombros, os mercadores de roupas e os açougueiros que já fechavam suas lojas. Não vi nem sinal de Hassan.

Parei em uma tenda que vendia frutas secas, descrevi Hassan para um velho mercador que estava pondo caixotes de pinhões e uvas passas no lombo de uma mula e usava um turbante azul-claro.

Ele parou o que fazia para me olhar por um bom momento e só depois me respondeu.

— É possível que o tenha visto...

— Para que lado ele foi? — indaguei.

Ele me olhou dos pés à cabeça.

— Por que um menino como você está andando por aqui, a essa hora do dia, procurando um hazara?

Os seus olhos se detiveram no meu casaco de couro e na minha calça *jeans* — "calças de *cowboy*", como as chamávamos. No Afeganistão, ter alguma coisa que viesse dos Estados Unidos, e, principalmente, que não fosse de segunda mão, era sinal de riqueza.

— Preciso encontrá-lo, *agha*.

— O que ele é para você? — perguntou o mercador. Não entendi o porquê daquela pergunta, mas disse com meus botões que a impaciência não ia fazer com que ele desse mais informações. — É o filho de nosso empregado — respondi. O velho ergueu as sobancelhas grisalhas.

— É? Que sorte a desse *hazara*, ter um patrão que se preocupa tanto assim com ele! O pai desse garoto devia se ajoelhar e varrer com as pestanas a poeira do chão em que você pisa.

— O senhor vai ou não vai me dizer para onde ele foi?

Ele apoiou o braço no lombo da mula e apontou para o sul.

— Acho que vi o garoto que você descreveu correndo naquela direção. Estava segurando uma pipa nas mãos. Uma pipa azul.

— Estava? — perguntei.

"Por você, faria isso mil vezes" era o que tinha prometido. Grande Hassan. O bom, velho e leal Hassan. Cumpriu a promessa e pegou aquela pipa para mim.

— E claro que, a essa hora, já devem tê-lo apanhado — acrescentou o velho mercador dando um grunhido e pondo mais um caixote no lombo da mula.

— Quem?

— Os outros garotos — disse ele. — Que estavam correndo atrás dele. Todos vestidos assim como você. — Ergueu os olhos para o céu e suspirou. — Agora vá embora, pois está me atrasando para a *namaz*.

A essa altura, porém, eu já tinha disparado ruela abaixo.

Por cerca de cinco minutos, rodei o *bazaar* inteiro, em vão. Talvez os olhos do velho mercador o houvessem traído. Acontece que ele tinha visto a pipa azul. Só de pensar em pôr as mãos nela... Metia a cabeça em cada ruela, em cada tenda. Nem sinal de Hassan.

Já estava ficando preocupado com a idéia de que anoitecesse antes de eu encontrar Hassan quando ouvi vozes um pouco mais adiante. Cheguei a uma rua deserta e lamacenta, perpendicular ao fim da avenida que passava bem no meio do *bazaar*. Dobrei a esquina da ruela esburacada e fui seguindo o som das vozes. As minhas botas chapinhavam na lama a cada passo, e a minha respiração ia se transformando em nuvens brancas à minha frente. De um dos lados da estreita passagem havia um barranco cheio de neve, onde, na primavera, talvez corresse um riacho. Do outro lado, fileiras de ciprestes cobertos de neve intercalados com casas de barro de teto achatado — em sua maioria, simples casebres de pau-a-pique —, separadas umas das outras por minúsculos becos.

Voltei a ouvir aquelas vozes, agora mais altas, vindo de um desses corredores. Fui me esgueirando até a entrada. Prendi a respiração. Escondido na quina da casa, espiei lá para dentro.

No final do beco sem saída, vi Hassan em uma pose desafiadora: punhos cerrados, pernas ligeiramente afastadas. Atrás dele, em cima de pilhas de entulho e lixo, estava a pipa azul. A minha chave para o coração de *baba*.

Impedindo Hassan de sair do beco, estavam três garotos, os mesmos daquela manhã lá na colina, no dia seguinte ao golpe de Estado de Daoud Khan, quando Hassan nos salvou com o estilingue. Wali estava parado de um lado, Kamal, do outro, e, no meio, Assef. Senti o corpo todo se contrair e alguma coisa gelada escorreu pelas minhas costas. Assef parecia relaxado, confiante. Estava girando o soco-inglês metálico nas mãos. Os dois outros, nervosos, trocavam constantemente o pé de apoio, olhando ora para Assef, ora para Hassan, como se houvessem acuado algum tipo de animal selvagem que só Assef fosse capaz de domar.

— Cadê o estilingue, *hazara*? — perguntou Assef sem parar de brincar com o soco-inglês. — O que foi mesmo que você disse? "Vão ter de chamar você de Assef, o Caolho." É, foi isso sim. Assef, o Caolho. Brilhante. Realmente brilhante. Mas, por outro lado, é fácil ser tão esperto quando se tem nas mãos uma arma carregada.

Percebi que ainda não tinha soltado o ar. Exalei bem devagarinho, sem fazer barulho. Estava me sentindo paralisado. Fiquei olhando enquanto eles se aproximavam do menino com quem eu tinha crescido, aquele menino cujo rosto com o lábio leporino era a minha lembrança mais remota.

— Mas hoje é o seu dia de sorte, *hazara* — prosseguiu Assef. Estava de costas

para mim, mas eu podia apostar que estava rindo. — Estou a fim de perdoar. O que acham disso, rapazes?

— É muita generosidade sua — exclamou Kamal. — Principalmente depois de toda a grosseria que ele fez conosco daquela vez.

Tentou falar no mesmo tom de deboche, mas a sua voz saiu um tanto trêmula.

Foi então que entendi tudo: na verdade, não era Hassan que metia medo nele. Estava com medo porque não tinha a menor idéia do que Assef pretendia fazer.

Assef fez um gesto com a mão, como que encerrando a questão.

— *Bakhshida*. Está perdoado. Pronto. — E acrescentou, baixando um pouco a voz:

— É claro que nada nesse mundo é assim, de graça. Por isso o meu perdão tem um preço bem razoável.

— É justo — disse Kamal.

— Nada é de graça — acrescentou Wali.

— Você é um hazara de sorte — disse Assef, dando um passo na direção de

Hassan. — Porque, hoje, isso só vai lhe custar essa pipa azul. Um negócio bem justo, não é, rapazes?

— Mais que justo — respondeu Kamal.

Mesmo do lugar em que estava, pude ver o medo se instalando nos olhos de Hassan, mas ele abanou a cabeça.

— Amir *agha* ganhou o campeonato e corri atrás dessa pipa para ele. E consegui apanhá-la jogando limpo. Essa pipa é dele.

— Que hazara mais leal... Leal como um cachorro — disse Assef.

O riso de Kamal soou estridente, nervoso.

— Mas, antes de se sacrificar por Amir, pense nisso: será que ele faria a mesma coisa por você? Já se perguntou por que ele nunca inclui você nas brincadeiras quando tem visita? Por que só brincam juntos quando não tem ninguém mais por lá?

Eu lhe digo por quê, hazara. Porque, para ele, você não passa de um bichinho de estimação feioso. Alguma coisa para brincar quando ele está aborrecido; alguma coisa que pode chutar quando está zangado. Não tente se enganar, e lembre que você é mais que isso.

— Amir *agha* e eu somos amigos — disse Hassan. E me pareceu que tinha ficado vermelho.

— Amigos? — exclamou Assef, rindo. — Seu idiota patético! Algum dia você vai acordar dessa sua fantasia e descobrir que ótimo amigo ele é. Agora, *bas!* Chega de lengalenga. Passe essa pipa para cá!

Hassan se abaixou e pegou uma pedra.

Assef vacilou. Já ia dando um passo atrás, mas parou.

— É a sua última chance, hazara!

A resposta de Hassan foi erguer a mão que segurava a pedra.

— Como quiser...

Assef desabotoou o casaco, tirou-o e, deliberadamente, dobrou-o com todo cuidado, pondo-o junto do muro.

Abri a boca e quase disse algo. Quase. O resto da minha vida poderia ter sido bem diferente se eu tivesse dito alguma coisa naquela hora. Mas não disse. Só fiquei olhando. Paralisado.

Assef acenou com a mão e os dois outros garotos se separaram para formar um semicírculo, encurralando Hassan naquele beco sem saída.

— Mudei de idéia — disse Assef. — Vou deixar que fique com a pipa, hazara.

Vou deixar que fique com ela para que nunca se esqueça do que vou fazer agora.

Então, atacou. Hassan atirou a pedra, atingindo Assef na testa. Ele gritou e partiu para cima de Hassan, derrubando-o no chão. Wali e Kamal o seguiram.

Mordi a mão. Fechei os olhos.

(supressão do trecho – recordação)

HAVIA UM MONTE DE LIXO E SUCATA espalhado pelo beco. Pneus de bicicleta velhos, garrafas com os rótulos arrancados, revistas rasgadas, jornais amarelados, tudo jogado em meio a uma pilha de tijolos e de placas de cimento. Um fogareiro de ferro enferrujado, com um enorme furo em um dos lados, estava apoiado no muro. Mas, no meio de todo aquele lixo, havia duas coisas de que eu não conseguia tirar os olhos.

Uma delas era a pipa azul encostada no muro, perto do tal fogareiro enferrujado; a outra era a calça de veludo cotelê marrom de Hassan jogada sobre uma pilha de tijolos danificados.

— Não sei não... — dizia Wali. — Meu pai diz que é pecado.

Ele parecia hesitante, excitado, assustado, tudo ao mesmo tempo. Hassan estava deitado, com o peito colado no chão. Kamal e Wali seguravam os seus dois braços virados para trás, e dobrados na altura do cotovelo, fazendo com que as suas mãos ficassem imobilizadas nas costas. Assef estava de pé, acima deles, pressionando, com o salto da bota de neve, a nuca de Hassan.

— O seu pai não vai ficar sabendo de nada — retrucou Assef.

— E não vejo que pecado pode haver em dar uma boa lição em um burro desrespeitoso.

— Não sei não... — murmurou Wali.

— Bom, como quiser — resmungou Assef. — E quanto a você? — perguntou virando-se para Kamal.

— Eu... bem...

— É só um hazara — disse Assef. Mas Kamal manteve os olhos voltados para o outro lado. — Tudo bem! — exclamou. — Só o que precisam fazer então, seus covardes, é segurar ele firme no chão. Será que disso vocês conseguem dar conta?

Wali e Kamal concordaram com um gesto de cabeça. Ambos pareciam aliviados.

Assef se ajoelhou por trás de Hassan, agarrou-o pelos quadris e ergueu um pouco o seu traseiro. Continuou segurando com uma das mãos e, com a outra, abriu a fivela do próprio cinto. Baixou o fecho ecle da calça *jeans*. Fez o mesmo com a cueca. Se ajeitou atrás de Hassan. Este não lutou. Nem mesmo se lamentou. Virou a cabeça lentamente e pude ver o seu rosto de relance. O que vi, ali, foi resignação. Era um olhar que eu já tinha visto antes. O olhar de um cordeiro.

(supressão)

PAREI DE OLHAR E ME AFASTEI DO BECO. Alguma coisa quente escorria pelo meu pulso. Olhei e me dei conta que ainda estava mordendo a mão. E com tanta força que cheguei a tirar sangue das juntas. Percebi outra coisa também. Estava chorando. Lá da esquina, podia ouvir os grunhidos rápidos e ritmados de Assef.

Era a minha última chance de tomar uma decisão. Uma última oportunidade para decidir quem eu ia ser. Poderia entrar no beco, ir defender Hassan — do mesmo jeito que ele me defendeu todas aquelas vezes no passado — e aceitar o que quer que viesse a acontecer comigo. Ou podia sair correndo.

E, afinal, saí correndo.

Saí correndo porque era um covarde. Tinha medo de Assef e do que ele pudesse fazer comigo. Tinha medo de me machucar. Foi o que disse a mim mesmo quando dei as costas para o beco e para Hassan. Foi disso que me convenci. Realmente *desejei* ser covarde, já que a outra alternativa, a verdadeira razão pela qual eu tinha saído correndo, era que Assef tinha razão: nada era de graça nesse mundo. Talvez Hassan fosse o preço que eu tinha que pagar, o cordeiro que tinha de sacrificar, para conquistar *baba*. Era um preço justo? A resposta ficou pairando na minha mente consciente até eu conseguir reprimi-la: ele era apenas um hazara, não era?

Voltei correndo por onde viera. Voltei correndo pelo *bazaar* quase deserto.

Titubeando, parei em uma daquelas tendas e me encostei na porta trancada. Fiquei ali ofegando, suando, desejando que as coisas tivessem tomado outro rumo.

Uns quinze minutos depois, ouvi vozes e tropel de passos. Fiquei agachado atrás da barraca e vi Assef e os dois outros passarem correndo e rindo ruela abaixo. Me obriguei a esperar mais uns dez minutos. Só então voltei para o caminho lamacento paralelo ao barranco cheio de neve. Naquela luz baça, apertei os olhos e avistei Hassan que vinha andando lentamente na minha direção. Nós nos encontramos diante de uma bétula desfolhada que ficava na margem do barranco.

Ele tinha nas mãos a pipa azul: foi a primeira coisa que vi. E não vou mentir agora, dizendo que os meus olhos não a percorreram de ponta a ponta, para ver se havia algum rasgão. O *chapan* de Hassan estava todo sujo de lama na frente, e a sua camisa, rasgada logo abaixo do colarinho. Ele parou. Cambaleou como se fosse desabar no chão. Depois, conseguiu recuperar o equilíbrio. E me entregou a pipa.

— Onde você estava? Procurei por toda parte — disse eu. E ao dizer essas

palavras, senti como se estivesse mastigando uma pedra.

Hassan enxugou o rosto com a manga da camisa, limpando catarro e lágrimas.

Esperei que dissesse alguma coisa, mas ficamos parados ali em silêncio, à luz do fim do dia. Benditas sombras do anoitecer, que encobriam o rosto de Hassan e escondiam o meu. Fiquei feliz por não ter que fitá-lo nos olhos. Será que ele sabia que eu sabia? E se soubesse, o que eu veria se *efetivamente* olhasse nos seus olhos? Acusação? Indignação? Ou, tomara que não, o que eu mais temia: devoção sincera? Porque, mais que qualquer outra coisa, isso era o que eu não poderia suportar.

Começou a dizer algo, mas sua voz falhou. Fechou a boca, voltou a abri-la e, depois, a fechou novamente. Deu um passo atrás. Enxugou o rosto. E isso foi o mais perto que Hassan e eu chegamos de uma conversa sobre o que tinha acontecido no beco. Pensei que ele fosse cair no choro, mas, para meu alívio, não foi o que aconteceu, e fingi que não tinha percebido que sua voz estava embargada. Assim como fingi não ver a mancha escura nos fundilhos de sua calça. Ou aquelas gotinhas que iam pingando por entre as suas pernas, deixando marcas escuras na neve.

— *Agha sahib* vai ficar preocupado — foi tudo o que ele disse.

Afastou-se de mim e saiu mancando.

ANEXO A5

Trecho do romance *O caçador de pipas* – (HOSSEINI, 2005) - Capítulo NOVE (páginas 106 a 112)

NA MANHÃ SEGUINTE, SENTADO no meio do quarto, fui abrindo os pacotes de presentes, um atrás do outro. Não sei por que me dei o trabalho de fazer isso, já que só passava os olhos em cada um deles, sem o menor entusiasmo, antes de empilhar tudo em um canto. A pilha ia aumentando: uma câmera Polaroid, um rádio transistor, um tremelétrico cheio de nove-horas — e muitos envelopes fechados contendo dinheiro. Sabia que nunca ia gastar aquele dinheiro ou ouvir aquele rádio, e o trem elétrico jamais circularia pelos trilhos no chão do meu quarto. Não queria nada daquilo — era tudo dinheiro sujo. *Baba* jamais teria feito uma festa daquelas para mim se eu não tivesse ganhado o campeonato.

Ele me deu dois presentes. Um deles certamente ia deixar todas as crianças do bairro morrendo de inveja: uma Schwinn Stingray novinha em folha, a rainha das bicicletas. Só uns poucos garotos em toda Cabul tinham uma Stingray nova e, agora, eu era um deles. Ela tinha o guidom bem alto, com punhos de borracha pretos, e o célebre selim em forma de banana. Os raios das rodas eram dourados e a estrutura metálica do quadro, vermelha, como uma maçã do amor. Ou como sangue. Qualquer outro garoto teria montado imediatamente naquela bicicleta e saído para dar uma volta no quarteirão. Eu teria feito a mesma coisa alguns meses atrás.

— E aí, gostou? — perguntou meu pai, recostado na porta do meu quarto.

Respondi com um sorriso acanhado e um rápido "Obrigado". Adoraria ter podido demonstrar um pouco mais de entusiasmo.

— Que tal sairmos para dar uma volta? — disse *baba*. Aquilo era um convite, mas não muito animado.

— Mais tarde, talvez. Agora estou um pouco cansado — respondi.

— Claro — disse ele.

— *Baba*?

— O que foi?

— Obrigado pelos fogos de artifício — disse eu. Era um agradecimento, mas não muito animado.

— Vá descansar um pouco — respondeu ele, dirigindo-se para o seu quarto.

O outro presente que meu pai me deu — e este, ele não ficou rondando para me ver abrir — foi um relógio de pulso. Tinha um mostrador azul com ponteiros de ouro em forma de relâmpagos. Esse aí eu nem experimentei. Botei lá na pilha de brinquedos no canto do quarto. Só o caderno de couro que Rahim Khan me deu não foi parar naquela pilha de presentes. Era o único que eu não sentia como sendo dinheiro sujo.

Sentei na beirada da cama, virei e revirei o caderno nas mãos, lembrei de Rahim

Khan falando de Homaira, dizendo que, afinal de contas, aquela história de seu pai ter mandado ela embora pode ter sido a melhor solução. "Ela teria sofrido", disse ele.

Como nas vezes em que o projetor de *kaka* Homayoun emperrava em um *slide*, a mesma imagem ficava aparecendo sem parar na minha mente: Hassan, cabisbaixo, servindo bebidas a Assef e Wali. Talvez fosse mesmo o melhor a fazer. Diminuir o seu sofrimento. E o meu também. Seja como for, uma coisa estava bem clara: um de nós dois tinha que ir embora.

No final daquela tarde, levei a Schwinn para a sua primeira e última saída. Dei umas duas voltas no quarteirão e voltei para casa. Fui até o quintal dos fundos, onde Hassan e Ali estavam limpando a sujeira da festa da noite anterior. Copos de papel, guardanapos amarrotados e garrafas de refrigerante vazias estavam espalhados por todo canto. Ali estava dobrando as cadeiras e botando todas elas encostadas no muro.

Quando me viu, acenou com a mão.

— *Salaam*, Ali — disse eu, acenando também.

Ele ergueu um dedo, fazendo sinal para eu esperar um pouco, e foi até a casinha onde morava. Logo depois saiu de lá com alguma coisa nas mãos.

— Ontem à noite, Hassan e eu não tivemos oportunidade de lhe dar isso — disse ele me entregando um embrulho. — É coisa simples e não é um presente digno de você, Amir *agha*. Mesmo assim, esperamos que goste. Feliz aniversário.

Comecei a sentir um nó na garganta.

— Obrigado, Ali — murmurei.

Adoraria que não tivessem comprado nada para mim. Abri o embrulho e vi um *Shahnamah* novinho em folha, encadernado, com ilustrações acetinadas abaixo das passagens. Em uma delas, Ferangis fitava o filho recém-nascido, Kai Khosrau. Noutra, via-se Afrasiyab montado em seu cavalo, espada em punho, à frente de seu exército. E, é claro, Rostam ferindo mortalmente seu filho, o guerreiro Sohrab.

— É lindo! — exclamei.

— Hassan disse que o seu está velho e meio rasgado, e que estão até faltando algumas páginas — prosseguiu Ali. — Neste aqui, todas as gravuras são feitas à mão, a bico-de-pena — acrescentou ele, todo orgulhoso, olhando para aquele livro que nem ele nem o filho eram capazes de ler.

— É maravilhoso! — disse eu.

Era mesmo. E desconfiava que não devia ter sido nada barato. Quis dizer a Ali que não era o livro que era indigno, mas *eu* mesmo. Montei outra vez na bicicleta.

— Agradeça a Hassan por mim — disse.

Acabei deixando o livro na pilha de presentes do canto do quarto. Mas não conseguia tirar os olhos dele. Decidi, então, escondê-lo debaixo de tudo. Naquela noite, antes de ir dormir, perguntei a *baba* se ele tinha visto o meu relógio novo em algum lugar.

NA MANHÃ SEGUINTE, FIQUEI ESPERANDO no quarto até que Ali tivesse acabado de tirar a mesa do café na cozinha. Esperei que terminasse de lavar a louça e secar a bancada.

Fiquei na janela para ver quando ele e Hassan saíam para fazer as compras no *bazaar*, empurrando o carrinho vazio.

Então, fui até a pilha de presentes e peguei alguns envelopes com dinheiro e o meu relógio de pulso. Saí do quarto pé ante pé. Parei diante da porta do escritório de meu pai e fiquei à escuta. Ele tinha passado a manhã toda ali dentro, dando uns telefonemas. Nesse momento, estava falando com alguém sobre um carregamento de tapetes que devia chegar na próxima semana. Desci a escada, atravessei o quintal e entrei na casa de Ali e Hassan, perto da nespereira. Levantei o colchão de Hassan e pus ali debaixo o meu relógio novo e um punhado de notas de afeganes.

Esperei mais uma meia hora. Depois, bati à porta do escritório e disse o que esperava que fosse a última de uma longa lista de mentiras vergonhosas.

PELA JANELA DO MEU QUARTO, vi Ali e Hassan empurrando o carrinho carregado de carne, *naan*, frutas e legumes pela alameda de entrada. Vi meu pai saindo de casa e caminhando para ir ao encontro deles. Vi suas bocas se mexendo, dizendo palavras que eu não conseguia ouvir. *Baba* apontou para a casa e Ali assentiu com um gesto de cabeça. Separaram-se. *Baba* entrou em casa novamente enquanto Ali seguia Hassan até a cabana do quintal.

Minutos depois, meu pai veio bater à porta do meu quarto.

— Venha até o meu escritório — disse ele. — Vamos sentar e resolver essa história de uma vez.

Fui para o escritório e sentei em um dos sofás de couro. Em meia hora, ou mais, Hassan e Ali vieram ao nosso encontro.

AMBOS TINHAM CHORADO; PODIA VER isso por causa dos seus olhos vermelhos e inchados. Pararam diante de *baba*, de mãos dadas e fiquei me perguntando como e quando eu tinha me tornado capaz de provocar tamanha dor.

Meu pai foi direto ao assunto:

— Você roubou esse dinheiro? Roubou o relógio de Amir, Hassan? — perguntou ele.

A resposta foi uma única palavra, dita em voz baixa e rouca:

— Roubei.

Tomei um susto. Foi como se tivessem me dado uma bofetada. Senti o coração apertado e quase deixei escapar a verdade. Depois compreendi: aquele era o sacrifício final que Hassan fazia por mim. Se ele tivesse dito não, *baba* teria acreditado, porque todos nós sabíamos que Hassan não mentia nunca. E, se *baba* acreditasse nele, eu é que seria acusado. Teria que dar explicações e todos ficariam sabendo quem eu realmente era.

Meu pai jamais poderia me perdoar. E, com isso, pude compreender outra coisa também: Hassan sabia. Sabia que eu tinha visto tudo o que aconteceu naquele beco; sabia que eu estava parado lá e não tinha feito nada. Sabia que tinha sido traído e estava me salvando mais uma vez; a última, quem sabe. Naquele momento, eu o amei; mais do que jamais amei qualquer outra pessoa, e quis dizer a todos que *eu* é que era a serpente oculta na grama, o monstro no fundo do lago. Não merecia aquele sacrifício; era um mentiroso, um impostor, e um ladrão. E teria feito isso mesmo, se não fosse o fato de uma parte de mim estar feliz. Feliz porque logo, logo tudo

aquilo estaria terminado. Meu pai os mandaria embora; haveria algum sofrimento, mas a vida poderia continuar. Era isso que eu queria: seguir em frente, esquecer, começar uma vida nova. Queria ter condições de respirar novamente.

Só que *baba* me deixou atônito ao dizer "Eu o perdôo".

Como, *perdoar*? Mas roubar não era o único pecado que não tinha perdão; o denominador comum entre todos os pecados? "Quando você mata um homem, está roubando uma vida. Está roubando da esposa o direito de ter um marido, roubando dos filhos um pai. Quando mente, está roubando de alguém o direito de saber a verdade. Quando trapaceia, está roubando o direito à justiça. Não há ato mais infame do que roubar." *Baba* não tinha me posto no colo e dito essas palavras? Como, então, podia simplesmente perdoar Hassan? E se podia perdoar isso, por que, então, não podia me perdoar por não ser o filho que ele sempre quis ter? Por que...

— Estamos indo embora, *agha sahib* — disse Ali.

— O quê? — exclamou *baba* empalidecendo.

— Não podemos continuar morando aqui — acrescentou Ali.

— Mas eu o perdoei, Ali. Você não ouviu?

— É impossível para nós continuar vivendo aqui, *agha sahib*. Estamos indo embora.

Ali chegou mais perto de Hassan, passando o braço nos ombros do filho. Era um gesto protetor e eu bem sabia de quem ele o estava protegendo. Olhou para mim e, por aquele olhar frio e que não podia perdoar, fiquei sabendo que Hassan tinha lhe contado tudo. Tinha lhe contado o que Assef e seus amigos fizeram com ele; tinha lhe contado sobre a pipa e sobre mim. Era esquisito, mas fiquei feliz vendo que alguém sabia exatamente quem eu era. Já estava cansado de fingir.

— Não me importo com o dinheiro, nem com o relógio — disse *baba*, com os braços abertos, as palmas das mãos voltadas para cima. — Não entendo por que você está fazendo isso... O que significa "impossível"?

— Lamento muito, *agha sahib*, mas já arrumamos as nossas coisas. Nossa decisão está tomada. Meu pai ficou parado e um lampejo de dor percorreu o seu rosto.

— Não cuidei para que nunca lhes faltasse nada, Ali? Não fui sempre bom com você e com Hassan? Você é o irmão que nunca tive, Ali, e sabe disso. Por favor, não faça isso comigo.

— Não torne as coisas ainda mais difíceis, *agha sahib* — disse Ali.

Sua boca se contorceu e, por um momento, achei que fosse uma careta. Foi então que compreendi todo o alcance da dor que eu estava causando, a profundidade da tristeza que estava fazendo todos eles sentirem, pois nem o rosto paralisado de Ali tinha sido capaz de esconder aquele sentimento. Fiz um esforço e olhei para Hassan, masele estava de cabeça baixa, ombros encurvados, torcendo e retorcendo um fio solto na bainha da sua camisa.

Baba agora pedia:

— Mas, pelo menos, me diga por quê. Preciso saber!

Ali não contou nada, como também não tinha protestado quando Hassan confessou ter roubado. Nunca saberei exatamente por quê, mas podia imaginar os dois chorando naquele casebre escuro, Hassan pedindo a ele que não me entregasse. Mas não era capaz de imaginar o esforço que Ali deve ter sido obrigado a fazer para cumprir uma promessa como essa.

— Pode nos levar até a rodoviária?

— Você está proibido de fazer isso! — gritou meu pai. — Proibido! Ouviu bem?

— Com todo respeito, *agha sahib*, o senhor não pode me proibir nada — retrucou

Ali. — Já não trabalhamos mais aqui.

— E para onde vão? — indagou *baba* com a voz embargada.

— Para Hazarajat.

— Para a casa do seu primo?

— Isso mesmo. Pode nos levar até a rodoviária, *agha sahib*? Então vi *baba* fazer uma coisa que nunca tinha visto antes: chorar.

Fiquei um pouco assustado vendo um adulto soluçar assim. Afinal, pais não choram...

— Por favor... — insistia ele, mas Ali já estava se encaminhando para a porta, com Hassan em seu encalço. Nunca vou me esquecer do jeito de *baba* ao dizer aquilo; da dor, do medo que havia em seu pedido.

ANEXO A6

Trecho do romance *O caçador de pipas* – (HOSSEINI, 2005) - Capítulo VINTE E CINCO (páginas 360 a 365)

— Sabe — disse Kabir —, seu pai era também um homem engraçado.

— Era mesmo, não era? — indaguei, sorrindo, lembrando de como *baba* reclamava das moscas logo que chegamos aos Estados Unidos. Ficava sentado na mesa da cozinha, com o mata-moscas na mão, de olho naqueles insetos que voavam de uma parede a outra, zumbindo aqui, zumbindo ali, irrequietos e apressados. "Neste país", resmungava ele, "até as moscas correm contra o tempo". Como eu tinha rido naquela ocasião... E, agora, sorria ao me lembrar disso.

Por volta das três da tarde, a chuva já tinha parado e o céu estava de um cinza gélido, coalhado de nuvens. Uma brisa fria soprava pelo parque. Apareceram mais famílias. Os afegãos se cumprimentam, se abraçam, se beijam, trocam comidas uns com os outros. Alguém acende o fogo em uma churrasqueira e logo o cheiro de alho e de *morgh kabob* me chega às narinas. Havia música, algum cantor novo que não conheço, e os risos das crianças. Vi Sohrab, ainda com a capa de chuva amarela, encostado em uma caçamba de lixo, olhando para o outro lado do parque onde ficava a quadra de beisebol vazia.

Pouco depois, eu estava conversando com o ex-cirurgião que me contou que ele e *baba* tinham sido colegas na oitava série, quando Soraya me puxou pela manga da camisa.

— Amir, olhe! — exclamou.

Ela estava apontando para o céu. Umas cinco ou seis pipas voavam bem alto, alguns retalhos de amarelo, vermelho e verde brilhante contra aquele fundo cinzento.

— Vá até lá. Veja quanto é — disse ela e, desta vez, estava apontando para um sujeito vendendo pipas em uma barraca perto dali.

— Tome, segure aqui — disse eu, deixando com ela a minha xícara de chá. Pedi desculpas e fui até a barraca, chapinhando pela grama molhada. Apontei para uma *seh-parcha* amarela.

— *Sawl-e-nau mubabrak* — disse o vendedor, pegando os vinte dólares e me entregando a pipa e também um carretel de madeira com *tar*. Agradei, retribuindo os seus votos de um feliz Ano-Novo. Testei a linha, daquele jeito mesmo que Hassan e eu fazíamos, segurando-a entre o polegar e o indicador, e dando um puxão. Ela se tingiu de sangue e o vendedor sorriu. Sorri para ele também.

Levei a pipa até onde Sohrab estava, ainda apoiado na caçamba de lixo, de braços cruzados, mas, agora, olhando para o céu.

— Você gosta das *seh-parcha*? — perguntei, segurando a pipa pelas pontas das varetas. Ele tirou os olhos do céu, olhou para mim, depois, para a pipa e voltou a fitar o céu. Algumas gotinhas de chuva pingaram do seu cabelo e rolaram pelo seu rosto.

— Uma vez, li que, na Malásia, eles usam pipas para apanhar peixes — disse eu.

— Aposto que não sabia disso. Amarram uma linha de pesca na pipa e põem ela para voar sobre a água rasa. Assim, ela não faz sombra e não assusta os peixes. E, na China antiga, os generais empinavam pipas nos campos de batalha para enviar mensagens aos seus homens. É verdade. Não estou de gozação não. — Mostrei a ele o meu polegar que sangrava. — *E o tar* também está legal.

Com o rabo do olho, vi Soraya nos observando lá da tenda, um tanto tensa com os braços cruzados e as mãos enfiadas nas axilas. Ao contrário de mim, ela foi aos poucos desistindo de tentar cativá-lo. As perguntas sem resposta, o olhar vago, o silêncio, tudo aquilo era doloroso demais. Entrou em compasso de espera, aguardando um sinal verde por parte de Sohrab. Só esperando.

Ergui o indicador, depois de lambê-lo.

— Lembro que seu pai verificava a direção do vento chutando o chão com a sandália, para levantar poeira e ver para que lado ele estava soprando. Hassan conhecia um montão de truques como esse — disse eu. Baixei a mão. — Acho que é para o oeste. Sohrab enxugou uma gota de chuva que pingava de sua orelha e passou o peso do corpo de um pé para o outro. Não disse nada. Lembrei de Soraya me perguntando, alguns meses atrás, como era a voz dele. Disse-lhe que não me lembrava mais.

— Já lhe contei que o seu pai era o melhor caçador de pipas de Wazir Akbar

Khan? Talvez até de toda Cabul? — perguntei, amarrando a ponta do *tar* no laço do cabresto. — Como os meninos da vizinhança tinham inveja dele... Saía correndo atrás das pipas e nunca olhava para o céu. As pessoas diziam que ele estava perseguindo a sombra da pipa. Mas é que elas não o conheciam como eu. Seu pai não perseguia sombras coisa nenhuma. Simplesmente... sabia.

Mais uma meia dúzia de pipas estava voando agora. As pessoas tinham começado a formar grupos, com as xícaras de chá na mão e os olhos pregados no céu.

— Quer me ajudar a empinar esta pipa? — perguntei.

Os olhos de Sohrab pularam da pipa para mim, e voltaram para o céu.

— Está certo — disse eu, dando de ombros. — Parece que vou ter que fazer isso *tanhaii*. Sozinho.

Sacudi o carretel com a mão esquerda, soltando cerca de um metro de *tar*. A pipa amarela oscilou na extremidade da linha, pouco acima da grama molhada.

— É a sua última chance — disse eu. Mas Sohrab estava olhando para um par de pipas que tinha se emaranhado lá no alto, acima das árvores.

— Tudo bem. Lá vou eu.

Saí correndo, com os meus tênis fazendo a água espirrar das poças e a mão segurando a ponta da linha acima da cabeça. Já fazia tanto tempo, tantos anos que não sabia o que era isso, que me perguntei se não estaria fazendo um papel ridículo.

Deixei o carretel ir girando na mão esquerda enquanto corria; senti que a mão direita tinha se cortado novamente enquanto eu ia dando mais linha. Agora, a pipa estava subindo às minhas costas, subindo, rodopiando, e corri mais depressa ainda. O carretel começou a girar mais rápido e o cerol deu outro talho na palma da minha mão direita.

Parei e me virei. Olhei para cima. Sorri. Lá no alto, a minha pipa estava balançando para um lado e para o outro, como um pêndulo, fazendo aquele velho som de pássaro de papel batendo as asas, som que sempre associei às manhãs de inverno em Cabul. Há vinte e cinco anos que não empinava pipas, mas, de repente, estava com doze anos outra vez e os velhos instintos vinham voltando rapidamente.

Senti uma presença ao meu lado e olhei para baixo. Era Sohrab, com as mãos enfiadas nos bolsos da capa de chuva. Ele tinha vindo atrás de mim.

— Quer experimentar? — perguntei. Ele não disse nada. Mas, quando lhe estendi a linha, a sua mão veio saindo do bolso. Ele hesitou. Depois, pegou a linha.

O meu coração começou a bater mais depressa e girei o carretel para recolher a linha solta. Ficamos ali, um ao lado do outro, em silêncio, com o pescoço espichado para cima.

À nossa volta, crianças corriam atrás umas das outras, escorregando na grama.

Agora, alguém estava tocando uma velha trilha sonora de filme indiano. Vários senhores mais idosos estavam fazendo a *namaz* da tarde, sobre um plástico estendido no chão. Havia um cheiro de grama molhada, de fumaça e de carne grelhada no ar. Desejei que o tempo parasse.

Então, percebi que tínhamos companhia. Uma pipa verde vinha se aproximando.

Segui a linha com os olhos e dei com um garoto parado a uns trinta metros de onde estávamos. Ele tinha o cabelo cortado à escovinha e usava uma camiseta onde se lia, em letras bem pretas: "*The Rock Rules*." Viu que eu estava olhando e sorriu. Acenou. Respondi, acenando também.

Sohrab estava me devolvendo a linha.

— Tem certeza? — perguntei, apanhando-a de volta.

Ele pegou o carretel da minha mão.

— Está bem — disse eu. — Vamos lhe dar um *sabagh*, vamos lhe dar uma lição, não é? — Arrisquei uma olhada. Aquele olhar baço e ausente tinha desaparecido.

Agora, os seus olhos se moviam rapidamente, saltando da pipa verde para a nossa. O seu rosto estava um tanto afogueado e o seu olhar tinha se tornado subitamente alerta. Esperto. Vivo. Perguntei a mim mesmo se não teria esquecido que, apesar de tudo, ele continuava a ser apenas uma criança.

A pipa verde estava fazendo as suas manobras.

— Vamos esperar — disse eu. — Vamos deixar que chegue um pouco mais perto. — Ela debicou duas vezes e veio vindo na nossa direção. — Pode vir. Pode vir — chamei.

A pipa verde chegou ainda mais perto, agora subindo um pouco acima da nossa, sem sequer desconfiar da armadilha que eu tinha preparado para ela.

— Veja, Sohrab. Vou lhe mostrar um dos truques favoritos do seu pai, o velho tentar e debicar.

Ao meu lado, Sohrab respirava acelerado, pelo nariz. O carretel ia rolando nas

suas mãos e os tendões nos seus pulsos, marcados de cicatrizes, pareciam até as cordas de um *rubab*. De repente, pisquei os olhos e, por um instante, as mãos que seguravam o carretel eram as mãos calejadas, de unhas lascadas do menino de lábio leporino.

Ouvi o grasnido de um corvo em algum lugar e olhei para cima. O parque reluzia com uma neve tão fresca, tão deslumbrantemente branca que os meus olhos chegaram a arder. E ela ia caindo em silêncio dos ramos das árvores vestidas de branco. Agora, havia um cheiro de *qurma* de nabo no ar. De amoras secas. De laranjas azedas. De serragem e de nozes. O barulhinho da neve silenciosa foi ficando mais abafado. E então, no meio daquela quietude, surgiu uma voz nos chamando de volta para casa, a voz de um homem que mancava da perna direita.

A pipa verde flutuava exatamente acima de nós.

— Ela já está vindo. Vai ser agora — disse eu, olhando rapidamente para Sohrab e para a nossa pipa.

A verde hesitou. Manteve a sua posição. Depois, se abateu sobre a nossa.

— Lá vem ela! — exclamei.

Fiz tudo com perfeição. Mesmo depois de todos esses anos. A velha armadilha do tentear e debicar. Soltei a pega e dei uns puxões na linha, debicando e me esquivando da pipa verde. Com uma série de sacudidas do meu braço, a nossa pipa disparou, fazendo um semicírculo em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio.

De repente, era eu que estava por cima. Agora, a pipa verde tentava desesperadamente subir, em pânico. Só que era tarde demais. Eu já tinha lhe pregado a peça de Hassan.

Puxei com força, e a nossa pipa mergulhou. Quase pude ouvir a nossa linha cortando a dela. Quase deu para ouvir o estalinho.

Então, como em um passe de mágica, a pipa verde estava girando e rodopiando no ar, fora de controle.

Às nossas costas, todos aplaudiam. Foi uma explosão de palmas e assobios. Eu estava ofegante. A última vez que experimentei uma sensação tão fantástica como essa foi naquele dia de inverno, em 1975, logo depois de ter cortado a última pipa, quando avistei *baba* no telhado lá de casa, batendo palmas, sorrindo radiante.

Baixei os olhos para Sohrab. Um dos cantos da sua boca tinha se curvado um tantinho para cima.

Um sorriso.

De um lado só.

Que mal se notava.

Mas que estava ali.

Atrás de nós, crianças saíam correndo em disparada e um monte daqueles caçadores perseguia aos gritos a pipa solta que continuava voando acima das árvores.

Foi só eu piscar os olhos e o sorriso tinha desaparecido. Mas existiu. Eu vi.

— Quer que tente apanhar essa pipa para você?

O seu pomo-de-adão subiu e desceu quando engoliu. O vento agitou o seu cabelo. Pensei ter visto ele fazer que sim com a cabeça.

— Por você, faria isso mil vezes! — me ouvi dizendo.

Virei, então, e saí correndo.

Tinha sido apenas um sorriso, e nada mais. As coisas não iam se ajeitar por causa disso. Aliás, *nada* ia se ajeitar por causa disso. Só um sorriso. Um sorriso minúsculo. Uma folhinha em um bosque, balançando com o movimento de um pássaro que alça vôo.

Mas me agarrei àquilo. Com os braços bem abertos. Porque, quando chega a primavera, a neve vai derretendo floco a floco, e talvez eu tivesse simplesmente testemunhado o primeiro floco que se derretia.

Saí correndo. Um adulto correndo em meio a um enxame de crianças que gritavam. Mas nem me importei. Saí correndo, com o vento batendo no rosto e um sorriso tão grande quanto o vale do Panjsher nos lábios.

Saí correndo.

ANEXO B - EXCERTOS DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Figura 35 - ANEXO B1 - Excerto da HQ - p. 5



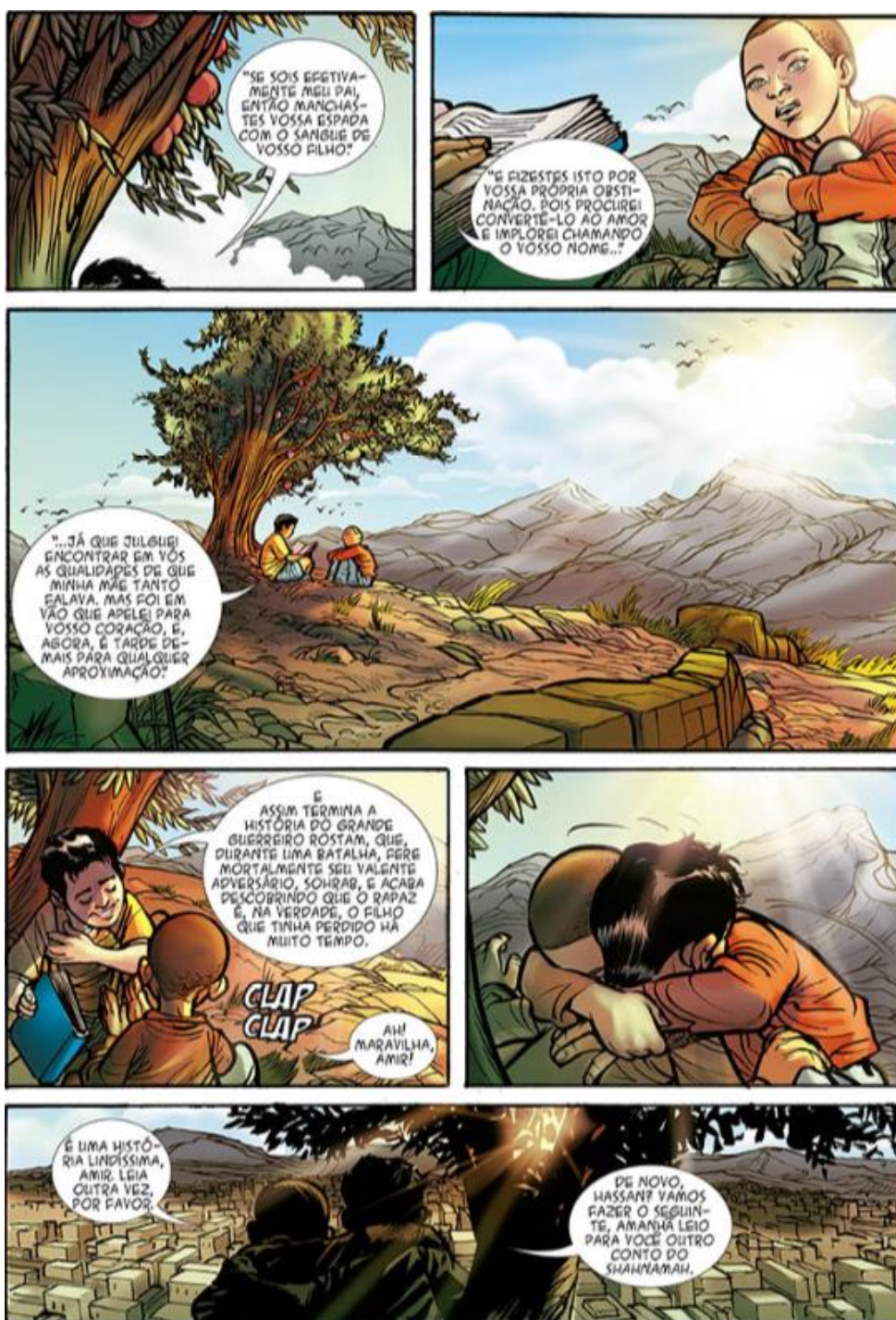
Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 36 - ANEXO B2 - Excerto da HQ - p. 6



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 37 - ANEXO B3 - Excerto da HQ - p. 23



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 38 - ANEXO B4 - Excerto da HQ - p. 24



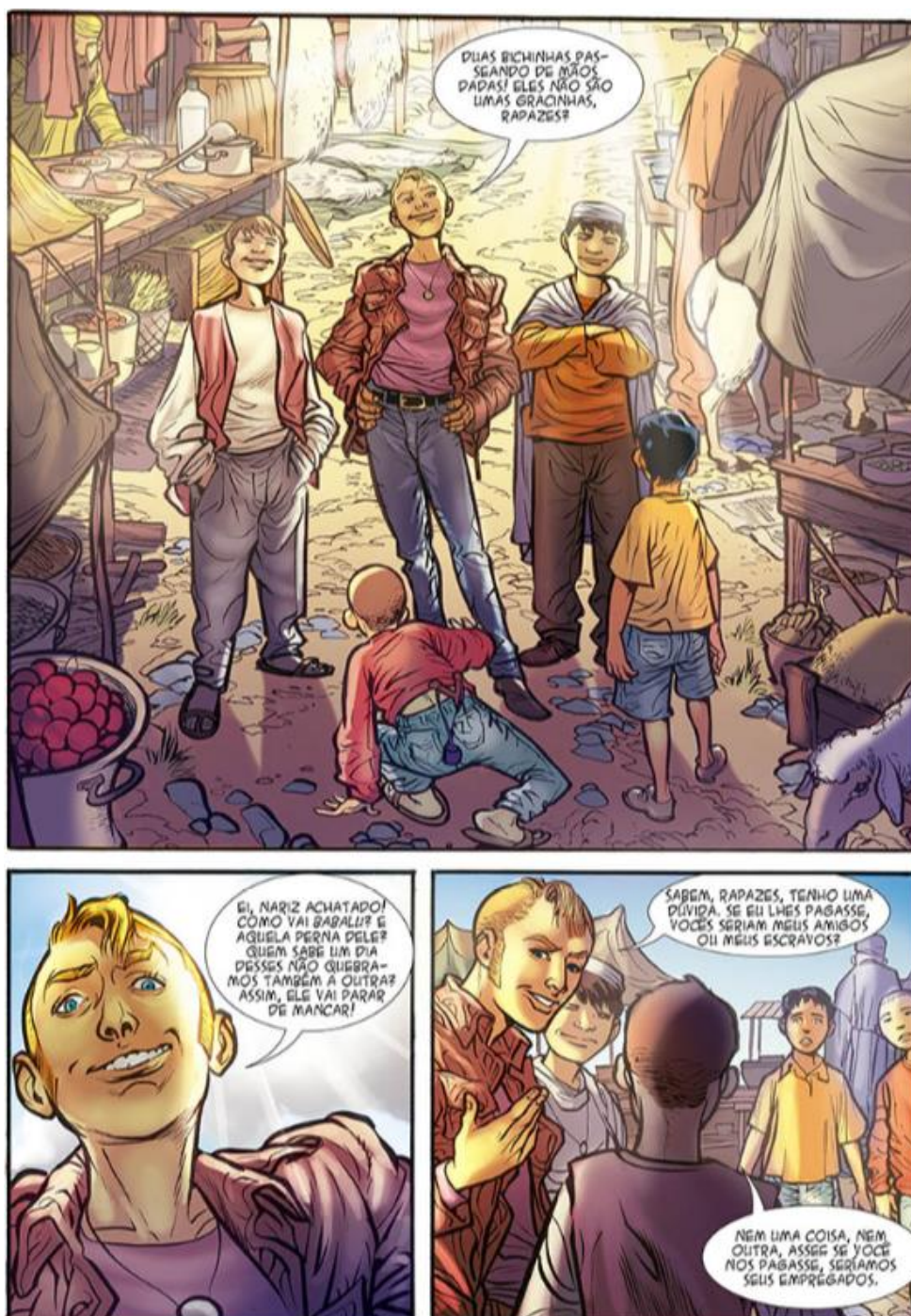
Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 39 - ANEXO B5 - Excerto da HQ - p. 26



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 40 - ANEXO B6 - Excerto da HQ - p. 27



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 41 - ANEXO B7 - Excerto da HQ - p. 28



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 42 - ANEXO B8 - Excerto da HQ - p. 29



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 43 - ANEXO B9 - Excerto da HQ - p. 30



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 44 - ANEXO B10 - Excerto da HQ - p. 36



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 45 - ANEXO B11 - Excerto da HQ - p. 37



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 46 - ANEXO B12 - Excerto da HQ - p. 38



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 47 - ANEXO B13 - Excerto da HQ - p. 39



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 48 - ANEXO B14 - Excerto da HQ - p. 40



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 49 - ANEXO B15 - Excerto da HQ - p. 41



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 50 - Anexo B16 - Excerto da HQ - p. 42



Fonte: O caçador de pipas (HOSSEINI, 2011)

Figura 51 - ANEXO B17 - Excerto da HQ - p. 43



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 52 - ANEXO B18 - Excerto da HQ - p. 44



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 53 - ANEXO B19 - Excerto da HQ - p. 45



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 54 - ANEXO B20 - Excerto da HQ - p. 58



Fonte: O caçador de pipas (HOSSEINI, 2011)

Figura 55 - ANEXO B21 - Excerto da HQ - p. 59



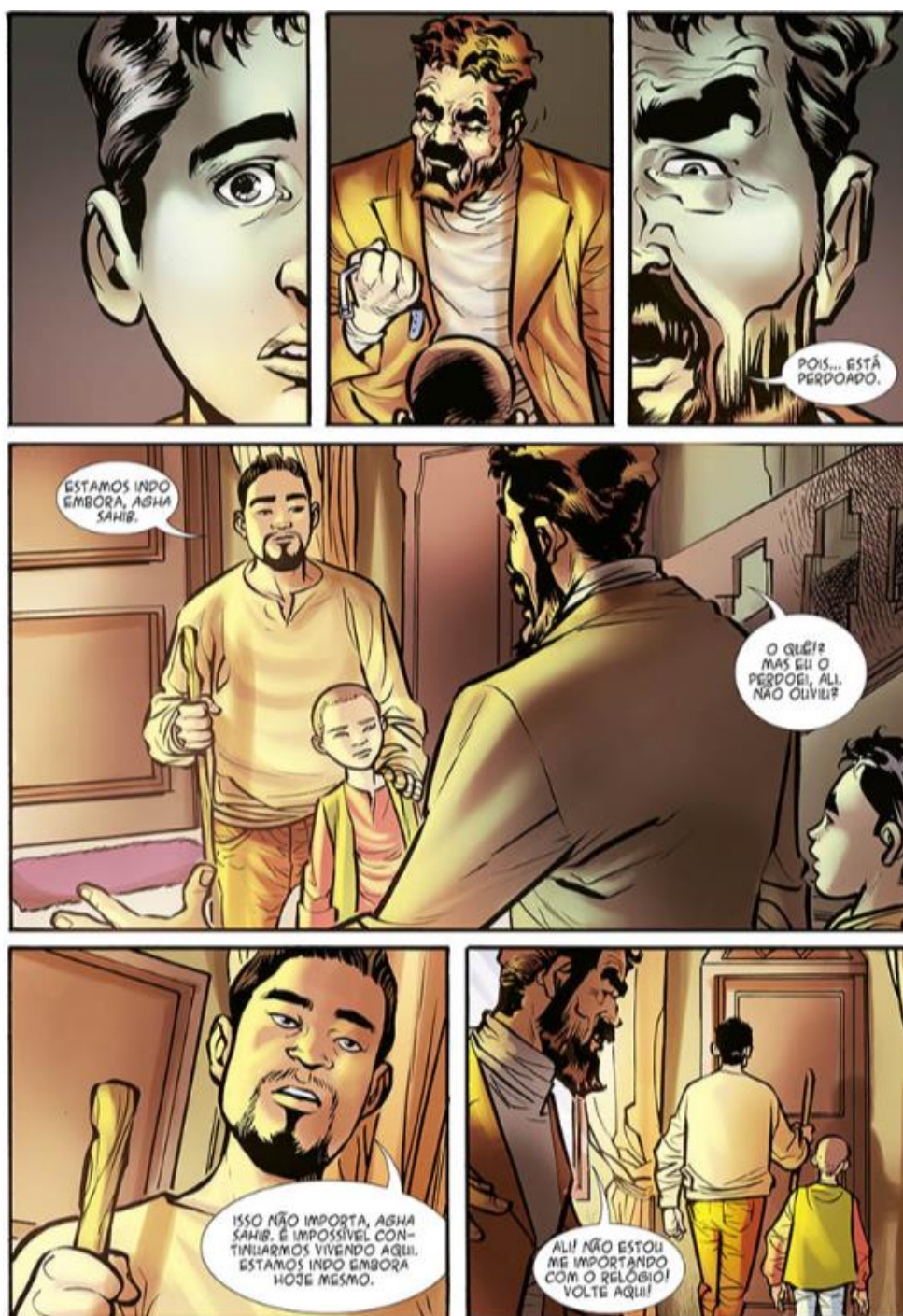
Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 56 - ANEXO B22 - Excerto da HQ - p. 60



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 57 - ANEXO B23 - Excerto da HQ - p. 61



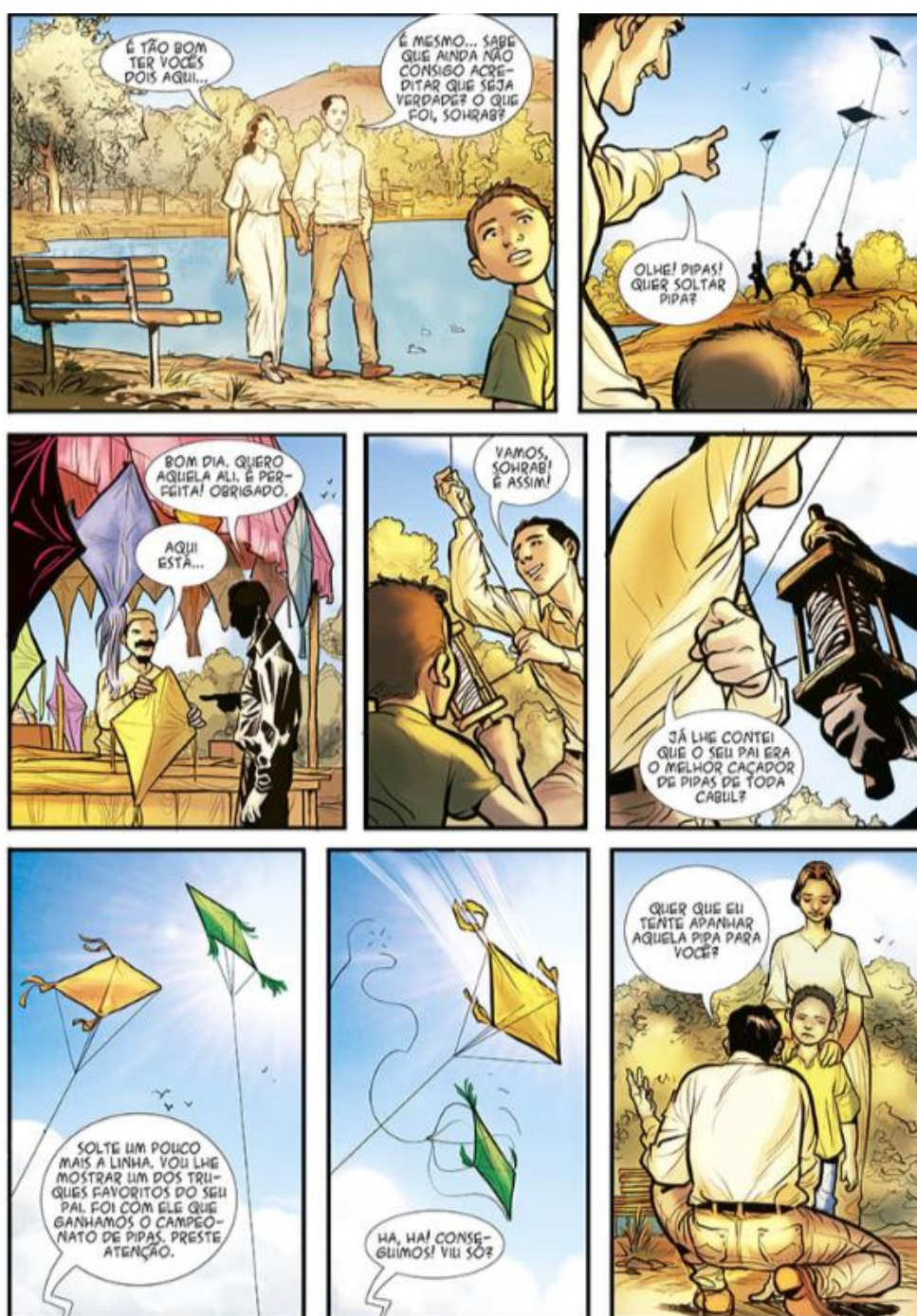
Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 58 - ANEXO B24 - Excerto da HQ - p. 62



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 59 - ANEXO B25 - Excerto da HQ - p. 131



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

Figura 60 - ANEXO B26 - Excerto da HQ - p. 132



Fonte: *O caçador de pipas* (HOSSEINI, 2011)

ANEXOS C - IMAGENS DE TRECHOS DO FILME

Figura 61 - ANEXO C1 - Trecho 1 do filme



Fonte: cena - 04'01" do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 62 - ANEXO C2 - Trecho 1 do filme



Fonte: cena - 04'11" do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 63 - ANEXO C3 - Trecho 1 do filme



Fonte: cena - 04'27" do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 64 - ANEXO C4 - Trecho 2 do filme



Fonte: cena - 14'10" do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 65 - ANEXO C5 - Trecho 2 do filme



Fonte: cena - 14'53" do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 66 - ANEXO C6 - Trecho 2 do filme



Fonte: cena - 15'11" do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 67 - ANEXO C7 - Trecho 3 do



Fonte: cena -18'37''do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 68- ANEXO C8 - Trecho 3 do filme



Fonte: cena - 18'53''do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007)'

Figura 69- ANEXO C9 - Trecho 3 do filme



Fonte: cena - 19'13''do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 70 - ANEXO C10 - Trecho 4 do filme



Fonte: cena -19'25''do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 71- ANEXO C11 - Trecho 4 do filme



Fonte: cena - 19'48''do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 72- ANEXO C12 - Trecho 4 do filme



Fonte: cena -19'55''do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 73- ANEXO C13 - Trecho 5 do filme



Fonte: cena - 24'26" do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 74 - ANEXO C14 - Trecho 5 do filme



Fonte: cena - 24'36" do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 75 - ANEXO C15 - Trecho 5 do filme



Fonte: cena - 26'19" do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007).

Figura 76 - ANEXO C16 - Trecho 6 do filme



Fonte: cena - 28'41" do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 77 - ANEXO C17 - Trecho 6 do filme



Fonte: cena - 28'46" do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 78 - ANEXO C18 - Trecho 6 do filme



Fonte: cena - 29'05" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007).

Figura 79 - ANEXO C19 - Trecho 7 do filme



Fonte: cena - 29'13" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007).

Figura 80 - ANEXO C20 - Trecho 7 do filme



Fonte: cena - 29'15" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007).

Figura 81 - ANEXO C21 - Trecho 7 do filme



Fonte: cena - 29'26" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007).

Figura 82 - ANEXO C22 - Trecho 8 do filme



Fonte: cena - 30'10" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007)

Figura 83 - ANEXO C23 - Trecho 8 do filme



Fonte: cena - 30'51" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007)

Figura 84 - ANEXO C24 - Trecho 8 do filme



Fonte: cena - 30'59" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007).

Figura 85 - ANEXO C25 - Trecho 9 do filme



Fonte: cena - 31'33" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007).

Figura 86 - ANEXO C26- Trecho 9 do filme



Fonte: cena - 31'40" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007).

Figura 87 - ANEXO C27 - Trecho 9 do filme



Fonte: cena - 32'55" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007).

Figura 88 - ANEXO C28 - Trecho 10 do filme



Fonte: cena - 32'59'' do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007).

Figura 89 - ANEXO C29 - Trecho 10 do filme



Fonte: cena - 33'58'' do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007) Figura 90 - ANEXO C30 - Trecho 10 do filme



Fonte: cena - 34'02'' do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 91 - ANEXO C31 - Trecho 11 do filme



Fonte: cena - 43'51" do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 92 - ANEXO C32 - Trecho 11 do filme



Fonte: cena - 43'52" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007)

Figura 93 - ANEXO C33 - Trecho 11 do filme



Fonte: cena - 44'10" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007)

Figura 94 - ANEXO C34 - Trecho 12 do filme



Fonte: cena - 44'17" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007)

Figura 95 - ANEXO C35 - Trecho 12 do filme



Fonte: cena - 45'02" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007)

Figura 96 - ANEXO C36 - Trecho 12 do filme



Fonte: cena - 44'11" do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 97 - ANEXO C37 - Trecho 13 do filme



Fonte: cena - 1°42'07" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007)

Figura 98 - ANEXO C38 - Trecho 13 do filme



Fonte: cena - 1°42'40" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007)

Figura 99 - ANEXO C39 - Trecho 13 do filme



Fonte: cena - 1°43'59" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007)

Figura 100 - ANEXO C40 - Trecho 14 do filme



Fonte : cena - 1°44'26"do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007)

Figura 101 - ANEXO C41 - Trecho 14 do filme



Fonte: cena - 1°46'29"do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007)

Figura 102 - ANEXO C34 - Trecho 14 do filme



Fonte: cena - 1°47'38"do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007)

Figura 103 - ANEXO C42 - Trecho 15 do filme



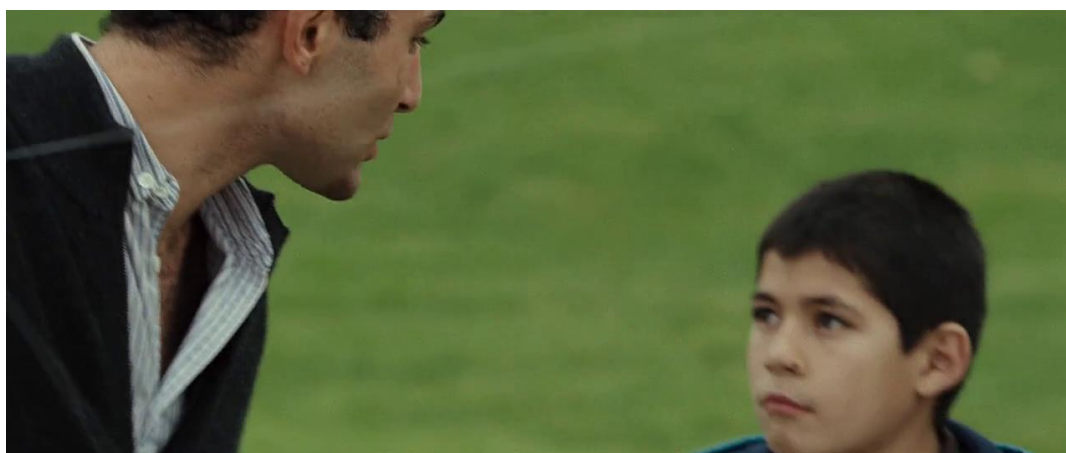
Fonte: cena - 1°57'37" do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 104 - ANEXO C43 - Trecho 15 do filme



Fonte: cena - 1°58'09" do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 105 - ANEXO C44 - Trecho 15 do filme



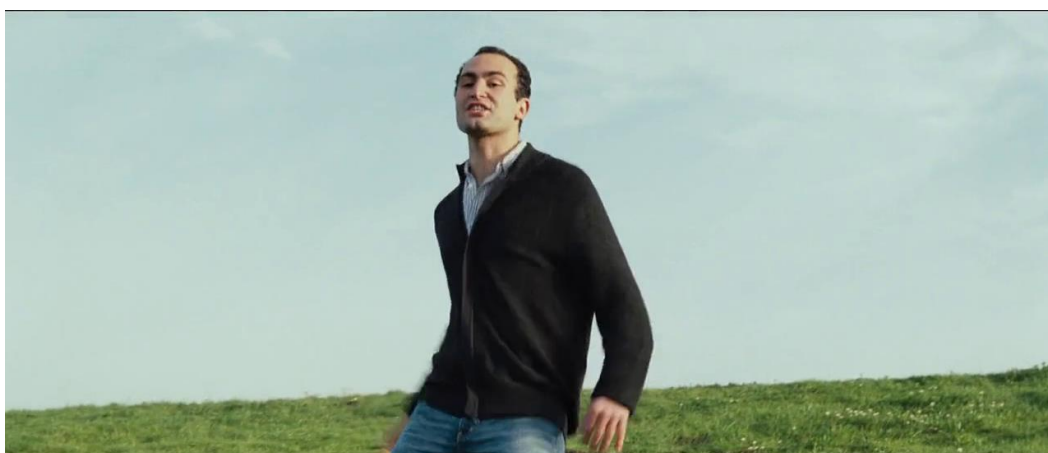
Fonte: cena - 2°01'03" do filme *O caçador de pipas* - (FORSTER, 2007)

Figura 106 - ANEXO C45 - Trecho 16 do filme



Fonte: cena - 2°01'43" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007)

Figura 107 - ANEXO C46 - Trecho 16 do filme





Fonte: cena - 2°01'54" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007)

Figura 108 - ANEXO C47 - Trecho 16 do filme



Fonte: cena - 2°02'03" do filme *O caçador de pipas* (FORSTER, 2007)

ANEXO D - Parecer Consubstanciado (folha 1/2)

	UNIFESP - HOSPITAL SÃO PAULO - HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA	
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP		
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA		
Título da Pesquisa: A recepção leitora nas diversas linguagens de <i>“O caçador de pipas”</i> : do romance a HQ e ao filme Pesquisador: MARINETE TAVARES CAPUTO SILVA Área Temática: Versão: 2 CAAE: 83260018.4.0000.5505 Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO Patrocinador Principal: Financiamento Próprio		
DADOS DA NOTIFICAÇÃO		
Tipo de Notificação: Envio de Relatório Parcial Detalhe: Justificativa: Reenvio, conforme solicitação, segue datado e assinado. Havia enviado o arquivo Data do Envio: 12/02/2019 Situação da Notificação: Parecer Consubstanciado Emitido		
DADOS DO PARECER		
Número do Parecer: 3.154.544 Apresentação da Notificação: Projeto CEP/UNIFESP: 0144/2018; Projeto original aprovado em 03 de Maio de 2018. Notificação (NZ): Envio de Relatório Parcial. Trata-se do envio de notificação para encaminhamento de Relatório Parcial do estudo em tela. Objetivo da Notificação: Envio de relatório parcial. Avaliação dos Riscos e Benefícios: Não se aplica. Comentários e Considerações sobre a Notificação: Notificação (NZ): envio de Relatório Parcial conforme determina a NO 001/13.		
Endereço: Rua Francisco de Castro, 55 Bairro: VILA CLEMENTINO UF: SP Município: SÃO PAULO CEP: 04.020-050 Telefone: (11)5571-1062 Fax: (11)5530-7162 E-mail: cep@unifesp.edu.br		

Página 01 de 02

Fonte: Plataforma Brasil

ANEXO D - Parecer Consubstanciado (folha 2/2)

	UNIFESP - HOSPITAL SÃO PAULO - HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA											
Continuação do Parecer 3.154.544												
Formulário de Relatório Parcial apresentado de forma adequada. Apresentado em 12/02/2019.												
Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: Documentos obrigatórios apresentados para a notificação: 1- Formulário de Relatório Parcial.												
Recomendações: Sem recomendações.												
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: Notificação aprovada.												
Considerações Finais a critério do CEP: Parecer acatado pelo colegiado.												
Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:												
<table border="1"> <thead> <tr> <th>Tipo Documento</th> <th>Arquivo</th> <th>Postagem</th> <th>Autor</th> <th>Situação</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Envio de Relatório Parcial</td> <td>RelatorioParcial1.pdf</td> <td>12/02/2019 14:47:36</td> <td>MARINETE TAVARES CAPUTO</td> <td>Postado</td> </tr> </tbody> </table>	Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação	Envio de Relatório Parcial	RelatorioParcial1.pdf	12/02/2019 14:47:36	MARINETE TAVARES CAPUTO	Postado		
Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação								
Envio de Relatório Parcial	RelatorioParcial1.pdf	12/02/2019 14:47:36	MARINETE TAVARES CAPUTO	Postado								
Situação do Parecer: Aprovado Necessita Apreciação da CONEP: Não												
SÃO PAULO, 22 de Fevereiro de 2019 Assinado por: Miguel Roberto Jorge (Coordenador(a))												
Endereço: Rua Francisco de Castro, 55 Bairro: VILA CLEMENTINO UF: SP Município: SÃO PAULO CEP: 04.020-050 Telefone: (11)5571-1062 Fax: (11)5530-7162 E-mail: cep@unifesp.edu.br												

Página 02 de 02

Fonte: Plataforma Brasil